



3 1761 07043297 6











Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto



AS MODERNAS IDEIAS

NA

LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

Com um Estudo sobre Theophilo Braga
e a sua Obra

POR

TEIXEIRA BASTOS

VOLUME II



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

CASA EDITORA

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1892

Todos os direitos reservados

PQ

9050

B1

1872

V. 2



LIVRO II

DISSOLUÇÃO DO ULTRA-ROMANTISMO

(Continuação)

CAPITULO II

**João de Deus, e a renovação do moderno
lyrismo**

No prefacio do *Prometheu libertado*, escrevia Shelley: «um grande poeta é uma obra prima da natureza, que deve impôr-se e se impõe necessariamente ao estudo de um outro poeta». Ao admirar as manifestações do genio poetico de João de Deus, ao seguir o influxo da sua idealisação na transformação do emphatico lyrismo ultra-romantico, presentia o pensamento de Shelley, porque me provocava o mais alto interesse o estudo d'aquella obra prima sob o aspecto da sua personalidade, do seu meio social, da elaboração esthetica dos seus sentimentos, emfim da synthese moral que lhe constitue o alto character. E, quanto mais o poeta se apoderava das minhas emoções pelas estrophes surprehendentes de uma nova idealisação, tanto mais me pertencia para o estudo critico e litterario. Quando se trata de individualidades supremas, todas as minucias tornam-se factos capitaes; porque ás vezes em um pequeno accidente da vida está

a determinação de um destino. E sobretudo, a comprehensão de um grande poeta excede as condições da critica litteraria; ha na psychologia complexa do seu sêr mais alguma cousa do que o temperamento impressionista e o poder de dar expressão eterna ao sentimento, ha a intuição synthetica de um philosopho, ha a missão organisadora ou edificadora de um instituidor, que constituem a essencia da sua obra. Anthero de Quental, que foi dos primeiros a proclamar o genio lyrico de João de Deus, avaliava superiormente esta obra prima da natureza: «Ha tres mestres supremos, tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Herculano e João de Deus». E aconselhando o estudo d'elles a um joven poeta, caracterisava-os assim: «Leia-os muito. N'aquella convivencia adquirirá, como artista, muitissimo: o segredo da linguagem simples, forte e naturalmente pittoresca. E ainda isso, com ser tanto, será o menos. Como os grandes poetas são necessariamente grandes espiritos, e sob a fórmula sentimental, profundos moralistas, a convivencia com elles alliviará os seus desgostos, transformará os seus soffrimentos em verdades humanas, e ajudal-o-ha a fazer-se homem, que é esse o fim soberano da vida; e arte, sciencia, philosophia seriam vãs, se não fossem meios e instrumentos para esse fim»¹.

O valor moral de Camões aprecia-se ante os conflictos do maior seculo da historia, quando faltava aos mais

¹ Apud *Nova Alvorada*, n.º 5.

esclarecidos espiritos o apoio de uma doutrina que substituísse as ficções da theologia; sem renegar a Graça elle sentiu-se apaixonado pela Natureza e foi uma das forças vivas da Renascença. Herculano reconheceu que as sciencias especializadas se desdobravam em um gongorismo concreto, sem contribuirem para a nova synthese mental, mas regressou do seu deismo vago a um christianismo tradicionalista, abandonando toda a actividade intellectual, depois de desilludido da solução politica da pedantocracia parlamentar, em que tinha tomado parte. João de Deus, pela simplicidade ingenua da sua intelligencia, quando a mocidade era attrahida para as aspirações revolucionarias, que renegava segundo ultteriores conveniencias, escapou a esse estado de insurreição mental propagado por um metaphysicismo dissolvente. Eis a rasão da superioridade das suas idealisações, espontaneas, naturaes, verdadeiras, bellas, porque não eram suggeridas pela exaltação romantica melancholica, satanica, revolucionaria, ou pessimista, das fórmias incoherentes da Arte moderna.

Como a synthese mental e a synthese social, para que a sociedade humana tende, ainda não estão definidas, tambem a Arte que ha de resultar d'esse novo estado, não se acha conscientemente esboçada. Comte formulou-o com justeza: «a Arte moderna, desde o fim da Edade-média procura vãmente uma direcção geral e um alto destino»¹. Essa direcção geral é a que resulta de uma

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 274.

concepção philosophica; e esse alto destino é o que copéra pela concordia dos espiritos para a realisação practica das concepções na collectividade politica. Desde a dissolução do regimen theologico no fim da Edade-média, ainda não tomou a direcção das consciencias uma philosophia em harmonia com a objectividade das sciencias; e desde a decadencia do regimen feudal e advento do proletariado, ainda a funcção politica não deixou de ser perturbada pelo empirismo conservantista incompativel com as vagas theorias do progresso independente dos costumes. Facilmente se comprehenderá como a Poesia não tem encontrado as condições para a sua plena expansão, como na sociedade hellenica. Como observou Comte: «a poesia tem a sua posição systematica entre a Philosophia e a Politica, como emanada de uma, e preparando a outra. — A poesia depende da Philosophia para a construcção dos seus typos, e influe na Politica, quanto ao seu destino» ¹.

Desde que se alteraram as bases da ordem catholico-feudal, as condições mentaes e sociaes deixaram de ser o elemento natural e suggestivo da idealisação artistica, e as creações estheticas ou se desnaturaram, ou ficaram abandonadas á propria espontaneidade. Exemplifiquemos: a *Epopêa medieval*, pela decadencia do poder feudal dissolve-se em prosa de novella cavalleiresca sem realidade perante os costumes burguezes, e os escriptores sem publico elaboram epopêas litterarias confundindo os mo-

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 284 e 285.

delos homericos e virgilianos de uma civilização polytheica. O *Drama medieval*, ante a dissolução catholica, trata os personagens do culto como typos comicos, submettendo a hierarchia religiosa á satyra, e desnudando os costumes burguezes. Á falta de caracteres positivos, o drama moderno ainda não está definido nas litteraturas, desenvolvendo-se apenas á custa do Romance. Sómente o *Lyrismo medieval*, idealizando nas canções dos trovadores o thema universal do Amor, é que escapa a essa degenerescencia da marcha das Litteraturas modernas; e em vez de decahir com a cavallaria e com os dogmas theologicos, transforma-se no *dolce stil nuoro* dos italianos do seculo XIV a XVI, e na pureza affectiva dos mysticos hespanhoes do seculo XVI e XVII, até que encontra nos costumes a elevação social da mulher, nas suas tres sublimes encarnações de *filha, esposa e mãe*. O Lyrismo amoroso achou uma das cordas mais vivas da sensibilidade humana; e desde que a idealisação da mulher vá além do egoismo do amante e da irisação sexual, o Lyrismo torna-se a voz da humanidade representada no seu mais bello symbolo. Foi com este superior aspecto que se manifestou o Lyrismo de João de Deus, conseguindo sem perda de nenhuma das suas qualidades de artista, conciliar a imaginação com a razão, e dirigir-se, sem plano na sua propria vida, por um elevado sentimento da sociabilidade. Assim como a sua obra, João de Deus exercia em volta de si o perstigio da sympathia; liberto de todos os negativismos, religioso, politico, philosophico ou social, não tinha antagonismos, odios ou incompatibilidades moraes com ninguem: o seu ideal era uma ex-

pressão d'esta serenidade moral, d'esta pacificação intima, a que foi levado, já pelo seu temperamento, já pelo meio domestico.

Temos contornado o vulto do grande poeta; o estudo da sua obra lyrica revela-nos tres phases, que se destacam: desde 1855 a 1868, com as *Flores do campo*; desde 1869 a 1876 com as *Folhas soltas*; e de 1877 a 1888 com as *Despedidas do Verão* (em parte ineditas ou não colleccionadas) e a *Cartilha maternal*. É uma orientação necessaria para acompanhar a evolução normal de um genio tão complexo, e tão despreocupado de si proprio, a ponto de carecerem as suas mais bellas poesias de serem collacionadas sobre todas as variantes, como se faz para a restituição de um texto da antiguidade classica.

Em um primeiro esboço biographico de João de Deus, formulámos: «A acção de João de Deus sobre a poesia moderna portugueza precedeu o movimento critico e philosophico dos *Dissidentes* de Coimbra; e sem conhecer a renovação das doutrinas metaphysicas, nem as theorias sociaes, nem o physicismo das sciencias naturaes, nem a indisciplina revolucionaria, sem ter em vista romper com o passado nem proclamar novas affirmações, como é que elle fecundou duplamente a poesia portugueza pela sua obra e pela sua influencia immediata? Isso que a todos arrebatava, isso que é bello porque não é exclusivamente individual, essa vibração que fascina e inspira, é uma orientação tradicional que depois de Camões os poetas portuguezes perderam, e que João de Deus por um tino genial soube tornar a achar. Entraram em Portugal as

correntes do satanismo byroniano, do pessimismo de Baudelaire, do scepticismo exaustivo de Musset e dos grandes gritos de justiça de Victor Hugo; os ruidos passam, esquecem-se, e os versos de João de Deus ouvem-se por cima dos céros tempestuosos na sua limpidez de melodia matinal, imperturbavel como uma voz da natureza. Nenhum d'entre os modernos poetas portuguezes tem, como elle, uma individualidade poetica tão sua e ao mesmo tempo tão nacional». É ao accentuar a renovação do lyrismo por João de Deus, que melhor se definem as phases da poesia portugueza moderna estabelecendo a sua genealogia desde os ultimos lampejos arcádicos transmittidos aos epigones do romantismo até aos parnasianos, que á falta de ideal se absorvem na cultura exclusiva da fôrma:

Canon da Poesia moderna portugueza

I

Epigones do Romantismo

- a) Restos da influencia da Arcadia.....
- | | |
|----------------|-----------|
| \ Filinto..... | GARRETT. |
| / Bocage..... | CASTILHO. |
- b) Romantismo religioso ou emanuelico.
- | | | |
|-----------------|---|------------|
| { Chateaubriand | } | HERCULANO. |
| { Lamartine | | |
| { Delavigne | | |
| { Klopstock | | |

II

Os Ultra-romanticos

- | | | |
|---|---|--|
| a) Persistencia do Romantismo religioso, sentimental e ossianesco..... | } | João de Lemos.
Augusto Lima.
Corrêa Caldeira.
Antonio de Serpa.
Xavier Cordeiro.
Pereira da Cunha.
Soares de Passos. |
| b) Romantismo liberal (phase das <i>Odes e Balladas e Orientaes</i> de Victor Hugo) e começo do pessimismo de Musset..... | } | Alexandre Braga.
Mendes Leal.
Palmeirim.
Bullhão Pato.
Camillo Castello Branco.
Ernesto Marecos.
Thomaz Ribeiro.
Eduardo Vidal.
Julio Diniz.
Ernesto Pinto. |

III

Dissidentes de Coimbra

- | | | |
|--|---|---------------|
| Apparecimento do genio espontaneo precursor da Eschola de Coimbra..... | } | JOÃO DE DEUS. |
|--|---|---------------|

- | | |
|--|--|
| a) Sob a influencia de Victor Hugo na phase dos <i>Chatiments</i> , e de Byron e Baudelaire..... | ANTHERO DO QUENTAL.
Guilherme Braga.
Gomes Leal.
Guilherme de Azevedo.
Guerra Junqueiro.
Alexandre da Conceição.
Fernando Leal, etc. |
| b) Sob a influencia de Victor Hugo na phase da <i>Lenda dos Seculos</i> , e da <i>Philosophia positiva</i> | THEOPHILO BRAGA.
Teixeira Bastos.
Luiz de Magalhães.
Antonio Feijó.
Freitas Costa. |
| c) Parnasianos, cultivando exclusivamente a fórma..... | GONÇALVES CRESPO.
Jayme Seguiet.
Cesario Verde.
José de Sousa Monteiro.
Joaquim de Araujo.
Conde de Sabugosa.
Sousa Viterbo.
João Penha.
Luiz Osorio.
Accacio Antunes, etc. |

Quando se manifestou o genio poetico de João de Deus, a poesia portugueza obedecia á mesma decadencia geral, que a situação europêa lhe creára; abundavam os metrificadores sem vocação, os versejadores politicos, as mediocridades habeis. A verdadeira regenerescencia só podia provir da aproximação do elemento popular, isto é, da grande classe do proletariado, livre das ambições do poder e das falsas ideias de uma metaphysica pedantocratica, dirigida pela realidade pratica da vida, pela es-

pontanea noção do dever, em que a necessidade do trabalho submete os impetos da personalidade á dependencia da sociabilidade. Com a mais profunda comprehensão da crise da civilisação moderna, Comte previu esta solidariedade entre a grande classe do proletariado e os pensadores positivistas para a organisação da nova synthese social. É d'ella que hão de surgir os grandes artistas, pela espontaneidade e contacto com o espirito popular. João de Deus, nascido em S. Bartholomeu de Messines em 8 de março de 1830, pertencia a uma honesta familia proletaria, onde se trabalhava para comer; seu pae era um pequeno commerciante, e sua mãe a providencia de quatro filhos creados sob um regimen de bondade absoluta. O poeta ainda falla com emoção d'esse vulto que se alevanta nas suas saudades da infancia:

É minha santa mãe, de olhar piedoso,
O mesmo santo olhar, em que inda penso. . .
O mesmo collo, onde andei suspenso,
Como avesinha em ninho o mais mimoso!

Na Carta em tercetos, intitulada *Maria*, descreve João de Deus com traços ingenuos os tempos da sua mocidade:

Que bello tempo aquelle emquanto pude
Levar como tu levas, todo o dia
N'essa vida chamada ingrata e rude.

Nunca soube o que foi melancholia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumiadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles, das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal, cortando o matto,
Pelas chapadas, fóra do caminlio; . . .

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente;
E assim fui eu na flôr da minha idade. . .

Um dos filhos seguiu a vida do commercio, dotado de uma intelligencia natural que contrastava com a falta de cultura systematica; outro, depois de uma adolescencia irrequieta seguiu os estudos para padre; ha ainda um outro irmão, que morreu victima da doença horrivel e prolongada que Xavier de Maistre idealizou no seu bello romance do *Leproso de Aoste*. Esse desgraçado com a consciencia da sua situação, e sem desespero tinha nas suas palavras um espirito de submissão ás leis naturaes que não comprehendia, e em vez de ser consolado era elle o consolador de todas as tristezas que o cercavam.

Alludimos a este facto, porque desde que o poeta nol-o revelou, ficámos comprehendendo a verdade d'essa melancholia da sua linguagem, a pureza do sentimento que lhe suscitam todas as desgraças, emfim esse realismo das suas descripções, e a indifferença por todas as doutrinas transitorias diante da synthese espontanea da moralidade. A philosophia, que tem por scopo disciplinar as intelligencias para vir a reconstituir os costumes, acha-se logicamente em harmonia com o estado

mental e moral do proletariado, liberto das entidades ficticias e nominaes das decahidas doutrinas, e das ambições egoistas das classes ricas e letradas que disputam o poder. Comte, reconhecendo esta relação, conclue : «A impulsão regeneradora depende sobretudo da intima alliança entre estes dois elementos extremos da ordem final. Apesar da sua diversidade natural, todavia mais aparente do que real, elles possuem na essencia muita affinidade intellectual e moral. Os dois generos de espirito apresentarão de cada vez mais o mesmo instincto da realidade, uma semelhante predilecção pela utilidade e uma egual tendencia para subordinar os pensamentos de detalhe ás vistas de conjuncto. — Quando estas sympathias fundamentaes pudérem accentuar-se bem, sentir-se-ha que todo o operario constitue, sob muitos aspectos, um philosopho espontaneo, como todo o philosopho representa, sob diversas maneiras, um proletario systematico» ¹. Foi este estado mental e moral em que se passou a mocidade de João de Deus, e que se reflectiu sempre em todas as suas manifestações artisticas, que libertaram aquella organização esthetica da deformação pedantocratica dos dois terriveis meios que atravessou na sua existencia: a Universidade e o Parlamento. Um positivista systematico não se defenderia melhor contra os destemperos da metaphysica doutoral dissolvente, nem da anarchia das ambições dirigentes que se alastram nos debates parlamentares. Aproveitando a lucidez natural

¹ *Politique positive*. t. 1, pag. 129.

revelada na primeira cultura, João de Deus foi mandado para Coimbra em março de 1849, para seguir uma formatura em direito, que lhe abria o caminho da vida pratica como advogado ou como magistrado. Coimbra ainda se resentia da agitação politica de 1847, em que a nação se insurgiu contra as prepotencias de D. Maria II, chegando a Junta revolucionaria d'ali, presidida pelo marquez de Loulé, a estabelecer uma regencia, a declarar destituida a rainha, e a ameaçal-a com a sorte de Luiz XVI; pela sua parte a rainha não comprehendendo a reclamação nacional chamou sobre Portugal a *intervenção armada* da Hespanha, Inglaterra e França, que a sustentou no throno. Assim ficou moralmente morto este povo, que nunca mais resistiu contra os sophismas e expoliações do constitucionalismo; a intelligencia portugueza atrophiou-se em uma profunda esterilidade, como o presentira Quinet no seu eloquente protesto historico. Na classe academica as aspirações intellectuaes estavam substituidas pela monomania anachronica da valentia; as praes da troça escholar estavam no seu rigor medieval, os lentes por uma boçalidade quasi geral forneciam as anedotas para o pabulo do cavaco, e o calão conimbriense da *cábula* e de *andar á lebre* era expressão da vida real. N'esta época de desalento profundo é que se produziu a apathia physica e moral que estragou as gerações academicas que vieram encher as secretarias, ou se deixaram annullar em uma imbecil inactividade provinciana. João de Deus resentiu-se d'este deploravel meio, contra o qual reagiu em alguns dos seus epigrammas e satyras; e como proletario, o bom senso natu-

ral é que inspira tambem essas outras satyras do dinheiro, da aristocracia e da realeza, que se destacam entre as suas inimitaveis canções amorosas. De 1849 a 1855, em que apparece a primeira composição de João de Deus, a sua vida academica passa-se na apathia e descuido completo da propria formatura, que veiu a terminar em 1859, ao fim de dez annos *como a guerra de Troya*, que elle proprio tomava para termo de comparação. Sómente depois de 1855 é que começou a ser o João de Deus, das successivas gerações academicas ¹.

Antes de João de Deus revelar a alta capacidade de *idealisação*, creára em volta de si um enthusiasmo suggestivo, provocado pelos extraordinarios poderes de *expressão*, de que era dotado. As suas faculdades de

¹ Sobre este periodo escreve o dr. José Affonso Botelho de Andrade: «Na relação dos estudantes matriculados na Universidade no anno lectivo de 1849-1850, a pag. 11, encontro João de Deus matriculado no 1.º anno de Direito, sob o n.º 64, com o nome de João de Deus de *Nogueira Ramos*. Morava no Seminario.

« Na relação do anno lectivo de 1851-1852, a pag. 14, apparece matriculado no 2.º anno de Direito, sob o n.º 67, com o nome de João de Deus do *Nascimento Ramos*, e dando-se como morador na rua de S. Jeronymo n.º 20.

« N'este anno o poeta, que ainda então ignorava que sabia fazer versos, não só foi meu condiscipulo, como o fôra no primeiro, mas ainda mercu commigo; deixou logo no começo do anno os seus companheiros da rua de S. Jeronymo e veiu habitar commigo, aos Grillos n.º 1, creio eu, logo a primeira casa sabindo do palacete do dr. Adrião Forjaz... assignava as dissertações com os appellidos *Nogueira Ramos*; sem *de*, que lhe dá a matricula do 1.º anno, e as-

expressão manifestavam-se espontaneamente pela linguagem pittoresca e eloquente de um conversador incomparavel; pela inspiração musical com que improvisava na banza os mais rendilhados caprichos sobre as melodias populares; pela graça do desenho, com que esboçava as imagens da sua phantasia sobre as margens dos livros da aula, nos albuns dos amigos, nas paredes do seu quarto. Foram estas manifestações que lhe crearam o primeiro circulo de amigos. A *expressão* poetica não lhe repugnava, mas o meio pervertido pelos solãos e xácaras ainda em moda, é que o não suscitava; contrapunha a esse arrebicado convencionalismo, a essa sentimentalidade banal as reminiscencias da poesia do povo com que fôra embalado na infancia, cheias de expressões simples e profundas que synthetisam a existen-

sim era conhecido de amigos e condiscipulos. — Estes mesmos appellidos continuavam a apparecer na relação de 1852-1853, na matricula do 3.º anno de Direito a pag. 18, sob o n.º 77, morando na rua do Cotovêlo n.º 5. O mesmo appellido, ultimamente adoptado pelo poeta, de *Nascimento*, ou que por equivoco lhe deram, foi passando de inscripção para inscripção, e apparece na relação de 1853-1854 a pag. 43, na matricula do 4.º anno de Direito, sob o n.º 86, morando então na rua da Trindade n.º 5.

« E finalmente encontro este mesmo ultimo nome na relação de 1854-1855 a pag. 15, na matricula outra vez do 4.º anno de Direito, com o n.º 63, e a pag. 28, sob o n.º 132 no 1.º anno de Philoſophia, para o curso de Direito administrativo.

« D'ahi por diante até á formatura do poeta, fallecem-me os elementos para continuar o estudo do nome que tomou ou que lhe deram ». (Da *Época*).

cia humana. Os devaneios melodicos despertaram-lhe este mundo de poesia, que o fortificava saudavelmente contra o exagero ultra-romantico, e o levaram a procurar o aspecto ideal da realidade. Em uma estrophe do poemeto digressivo *A Lata*, expõe esta concepção:

Oh! ha tres vistas com que as cousas vêmos;
 Ha tres razões que as cousas determinam;
 Uma a dos olhos; outra a que escondemos
 N'isso ante que os álamos se inclinam;
 Outra, a que dentro no coração temos,
 Que os limites do espaço só terminam;
 Coube a primeira em sorte á borboleta;
 Á outra ao homem; a terceira ao poeta ¹.

Espontaneamente achava-se João de Deus formulando uma clara systematisação psychologica: do estado de objectividade concreta do animal; da reacção subjectiva da consciencia do homem sobre a realidade; e da transformação da realidade em uma apparencia ideal pela emotividade do poeta.

Vê-se que elle comprehendia a missão synthetica do poeta; talvez por isso ainda em 1855 não revelára a altissima vocação. No emtanto, a sympathia com que o cereava a geração academica era um reconhecimento do seu poder artistico; o *João* era o typo lendario, de que se fallava com encanto, de quem se contava as excen- tricidades de contemplativo. E quando elle fazia retinir no largo da Feira em vespera de feriado a banza ge-

¹ *Flôres do campo*, pag. 130, 2.^a edição.

mente, acudiam os grupos, envolviam-no, e iam todos levados para o Penedo da Saudade, para a Fonte do Castanheiro, ao som das melodias populares do *Choradinho*, do *Ladrão, ladrão*, do *Fado da Severa* e *Agua leva o regadinho*, recordando as feições tradicionaes de cada provincia. A viola de arame, dominava-a tanto como o José Doria. Este medico, bella figura de peninsular, assombrava todos com as suas variações na viola sobre o *Fado de Coimbra*; o prestidigitador Hermann, que fôra a Coimbra em 1859, ficou maravilhado com o desconhecido instrumento e com o tocador. Joaquim de Vasconcellos, na enthusiastica biographia de José Doria, descreve esses extraordinarios effeitos: «A canção popular, tristemente monotona, transformava-se em queixa plangente, passava de repente á agitação febril, acalmanava, permanecia serena por algum tempo, continuava assim em languido abandono, recrudescia novamente, abrandava e subia ainda do *pianissimo* mais suave, de um suspirar imperceptivel até á furia desenfreada, desencadeando-se por corridas e arpejos phantasticos que iam terminar em um ultimo suspiro. — A canção popular apparecia simples, sem enfeite nem adorno; depois vinha a primeira variante, a segunda, a terceira, quarta, quinta, sexta, decima, vigesima; no fim, já sem numero, em jôrro continuo e inesgotavel» ¹. Depois de José Doria, para que João de Deus fosse ouvido na viola com encanto, é porque elle dispunha de pasmosas facul-

¹ *Os Musicos portuguezes*, t. 1, pag. 88.

dades de expressão musical; essas melodias eram sempre acompanhadas da letra tradicional ou improvisada. Assim se operava a iniciação espontanea do genio poetico, apoderando-se da belleza do verso octonario, tão desnaturado pelos ultra-romanticos da eschola de João de Lemos; e da phrase musical apropriava á estrophe as repetições de palavra com que restabelecia os retornellos das antigas fórmulas provençalescas. A leitura de Camões revelou-lhe toda a poetica da Renascença, derivada dos trovadores, e prolongando-se automaticamente até ás Arcadias do seculo XVIII. João de Deus caiu em uma apathia profunda, em um estado contemplativo, que o fazia inconsequentemente perder os annos do curso juridico; era a chrysalida na evolução mysteriosa da borboleta. O poder de *expressão*, que manifestára na eloquencia descriptiva familiar, no desenho á penna, e na musica, á medida que o seu espirito se desenvolvia syntheticamente, era substituido por um novo poder de *idealisação*, para a qual carecia de uma linguagem ampla para abranger todas as manifestações da existencia. Estudou então a poesia. Comte, collocando á frente da hierarchia esthetica a Poesia, acrescenta: «na essencia, ella é mais popular do que nenhuma outra fórmula da arte, primeiramente em virtude d'esta aptidão mais completa, e depois pela natureza dos seus meios de expressão, immediatamente tomados da linguagem usual, que a torna intelligivel a todos. A versificação é, sem duvida, indispensavel a toda a verdadeira poesia; porér ella não constitue de nenhum modo uma arte especial. Apesar da sua fórmula distincta, a linguagem poetic

nunca é mais do que um simples aperfeiçoamento do idioma vulgar, de que ella só differe por melhores fórmulas. A sua parte technica reduz-se á prosodia, que cada qual póde facilmente aprender em alguns dias de exercicio. Esta connexidade com a linguagem universal é por tal modo intima, que nunca o genio poetico pôde fallar com successo uma lingua morta ou estrangeira. Além de que a Poesia comporta mais generalidade, espontaneidade e popularidade, a arte por excellencia é tambem superior a todas as outras em quanto á sua commum função característica, a *idealisação*. É de todas a que idealisa mais, e ao mesmo tempo a que incita menos» ¹. O abandono da musica, do desenho e da eloquencia pela Poesia, explica-se em João de Deus pela luminosa phrase de Comte: «á medida que as predileções estheticas preponderam sobretudo para a *idealisação*, sem conceder muita importancia á *expressão*». Pelo estudo das composições de João de Deus no seu periodo de Coimbra, acha-se com frequencia o verso imperfeito ou mal rimado, sem comtudo essa negligencia technica da expressão empanar a belleza da idealisação; mas facil lhe foi adquirir a technica da metrificaçãõ endecasyllabica e surprehender todos os segredos do lyrismo ²,

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 291.

² Na poesia *A uns olhos azues* (*Flôres do campo*, pag. 119), vem correcto o verso: «Como o falso Dagon ante Jehovah», que na primeira redacção, com o titulo *Cae tudo*, vinha imperfeitamente: «Como a estatua de Dagon ante Jehovah!», e para o qual em nota pedia tolerancia.

sem comtudo se amesquinhar na cultura exclusiva da expressão, como os parnasianos. Elle, adquirindo a linguagem da poesia, deu-lhe toda a generalidade, espontaneidade e popularidade, que logo o destacaram de todos os seus contemporaneos, e lhe vulgarisaram os versos por todo o paiz. João de Deus não teve aprendizagem; a elaboração dos seus versos era submittida á idealisação: compunha mentalmente estrophe a estrophe sobre modismos populares, que lhe davam o effeito da espontaneidade, e recitava aos amigos que se apressavam a fixar a composição pela escripta. Ainda hoje João de Deus compõe mentalmente n'uma passividade contemplativa; é assim que se explica a variedade das lições dos seus versos, conforme o texto fixado pelo amigo que os eserevera. Quando mais tarde esses versos, assim apanhados e publicados nos jornaes do paiz, foram colligidos em volumes por iniciativa de outros amigos, aconteeu que a lição preferida não foi sempre a mais bella ou a mais completa, succedendo até incluirem um *amphiguri* que lhe não pertencee.

Os primeiros versos de João de Deus, que foram publicados, appareceram na *Revista academica*, com a data de 15 de junho de 1855; têm o titulo *Oração*, com a rubrica *Á excellentissima senhora D. R. C. N.* É um drama pungente o que inspira essas sentidas estrophes; *D. Rachel Candida Naxereth* era uma das mais formosas meninas de Coimbra, no esplendor da idade e da graça; João de Deus viu-a repentinamente declinar, empallidecer, minada pela tysica incipiente. A *Oração* nasceu d'este pezar da ruína que se passava aos olhos de

todos; é um grito de piedade, de amor desinteressado e humano:

Olha por ella, tu, dos céos que habitas,
Do mundo o creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a tenra flôr!

Do manto que te envolve e donde pendem
Sóes sem conto, dos céos,
Ella baixou á terra, estrella tua,
Anjo dos anjos teus.

.....

Não permittas que a dôr seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pae!
Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cae.

Ah, nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em sóes te firmas
Dos céos na immensidade.

A gentilissima Rachel pouco resistiu ante a tuberculose implacavel; mas poucos dias depois da sua morte fallecia tambem a desolada mãe; a emoção foi profunda entre a mocidade academica. João de Deus escreveu a sublime elegia intitulada *Rachel*, com a epigrapha *La-*

bitur ex oculis quoque gutta maris, de Ovidio ¹. Repetia-se em Coimbra com lagrimas; era dedicada a uma irmã que lhe sobrevivia :

Despe o lucto da tua soledade,
E vem junto de mim pomba esquecida
Do orvalho do céu !
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.

Na edição das *Flôres do campo*, a elegia termina na incomparavel estrophe em que allude á morte da mãe após a da filha :

... mãe e irmã, cinzas cobertas
De um só *lanço* de terra... oh desventura!
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe: Rachel! Rachel!

Na lição esparsa nos jornaes contemporaneos vem uma outra estrophe final, não menos bella, referente á irmã orphã, a quem se dirigira no começo, terminando logicamente :

¹ Na edição das *Flôres do campo* tem o titulo explicativo *A D. Candida Nazareth, por occasião da morte de sua irmã Rachel e poucos dias depois de sua mãe.*

Desde então á janella do occidente
Te vejo, como a bussola em seu norte,
Fita, pensando... em que?
Oh não vões tambem, pomba innocente,
É grande a eternidade, é certa a morte,
Espera, vive e crê!

O grande poeta tinha encontrado o seu caminho; sabia dar expressão aos mais delicados sentimentos e ás maiores dôres humanas. Póde-se-lhe applicar a eloquente phrase de Renan, descrevendo as relações do genio com a alma de um povo: «Elle deu uma linguagem e uma voz a estes instinctos mudos, que comprimidos na multidão, sêr essencialmente gago, aspiram a exprimir-se, e que se reconhecem nos seus cantos: — Oh poeta sublime, nós eramos mudos, e tu nos déste uma voz. Nós nos procuravamos, e tu nos revelaste a nós mesmos —» ¹. De 1855 a 1859, em que terminou a formatura de Direito, João de Deus nada publicou; a circumstancia de apparecer o prestidigitador Hermann em Coimbra, que dedicára um beneficio para a sociedade *Philantropica Academica*, n'esse anno, obrigou-o á gentileza de consagrar-lhe uma bella ode em nome d'aquella instituição. Na edição das *Flôres do campo* traz a epigraphie insignificativa: «*Por occasião de um beneficio a um asylo*», e variantes numerosas; falta-lhe porém a seguinte estrophe das edições avulsas:

¹ *L'Avenir de la Science*, pag. 195.

Onde ha ramo no mundo em que não pouse
Avesinha do céo? espinho, palma,
Sem um docel azul?
Um peito que n'um peito não repouse?
Dois olhos, entre os quaes não gire uma alma,
Como seu norte e sul?

Porque a omittiria o poeta? porque a esquecera. Factos d'esta ordem são frequentes nas collecções impressas, que o poeta no seu desprendimento não formou nem dirigiu; d'aqui a imprescindivel necessidade de estudar o seu texto para saber julgal-o.

Depois da formatura, João de Deus deixou-se ficar em Coimbra até 1862, d'onde saiu depois de lhe faltarem as gerações academicas por quem era adorado; durante esse tempo apenas publicou em 1860 uma poesia no *Atheneu* (n.º 4, pag. 124), e em 1861 uma traducção da pequena ode de Vietor Hugo *Puisque ici bas tout àme*, com o titulo *A ti*, nos jornaes contemporaneos ¹, reproduzindo-a da *Estrêa litteraria*, pequena revista encetada por estudantes para acudirem a um condiscipulo pobre; em 1862 ditou a celebre satyra do *Pires de Marmelada*, que um outro poeta, Guimarães Fonseca, que morreu vietima da imitação de Musset, ia escrevendo. O lente de theologia, D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, ex-frade cruzio, reprovára um estudante por se ter apresentado na mesa do exame sem ter rapado o buço; o estudante era companheiro de casa

¹ Sem titulo nas *Flôres do campo*, pag. 59, 2.ª ed.

com João de Deus, e o poeta consolou-o ridicularizando o lente boçal, que era conhecido em Coimbra pela alcunha do *Marmelada*. A satyra foi repetida por toda a Academia, e não é possível lê-la bem sem uma accesso de gargalhadas. A Universidade estava então em um dos seus periodos de maior rebaixamento intellectual; João de Deus, que passou desconhecido dos lentes, synthetisa n'um epigramma:

Toca a capello, vou vê-lo,
E vejo de toda a côr,
Não doutores de capello,
Mas capellos de doutor.

Os capellos vermelhos, verdes, amarellos, brancos, azues, distinguiam entre si as faculdades nos doutoraes, segundo as suas precedencias manuelinas; o poeta via-os de todas as côres, mas não via um sabio, uma notabilidade scientifica. Elle estava livre da perversão metaphysica d'esse velho reducto da Scholastica. Outros epigrammas do seu tempo de Coimbra, como o Soneto intitulado *Gaspar*, atacam o preconceito nobiliarchico incompativel com o desenvolvimento do proletariado moderno. Por um instincto natural volta por vezes ao mesmo assumpto, como no seguinte *Epitaphio*:

Aqui jaz um fidalgo portuguez,
Fidalgo d'uma vez.
Jaz? Não; vive na Historia;
E viverá, que ali não ha pretérito.
Teve este heroe a gloria. . .
Sim, o talento, o merito

De ser em mão de rédea em todo o mundo
Uns dizem que o segundo,
Eu digo que o primeiro.
Era um soberbo e optimo cocheiro !

Pouco depois da sahida de João de Deus de Coimbra começou a publicar-se *O Phosphoro*, e em seguida o *Tira-teimas*, onde appareciam as composições ineditas que João Vilhena e Rodrigo Velloso copiaram do ditado do incomparavel poeta; d'esses pequenos jornaes litterarios passaram para os jornaes de todo o paiz, e o seu nome tornava-se repentinamente glorioso. Essas poesias representam a elaboração que se passou na sua mente desde 1855 a 1862, e bem merecem ser estudadas nas variantes fundamentaes em relação ao deploravel texto das *Flôres do campo*, fallo de numerosas estrophes, e mais frio nas correccões do que na concepção inicial. Durante esses sete annos de efflorescencia poetica de Coimbra o lyrismo de João de Deus apresenta dois aspectos: o *satyrico* e o *amoroso*. Um é transitorio, provocado pelo meio, o outro é fundamental e o que prevalece na sua idealisação, e com tanto mais assombro, quanto a poesia amorosa estava desacreditada pelo personalismo de impertinentes anonymos que se lançavam á enxurrada ultra-romantica. A satyra, em João de Deus, era impessoal; era ainda uma fórmula da *troça* academica, como vimos pelo *Pires de Marmelada*. Quando os conflictos do meio politico o envolverem, veremos como elle se liberta pela satyra d'essa corrente deleteria, dando-lhe um novo character.

Pela sua indole verdadeiramente popular, que lhe revelava as fórmulas da canção, e ao mesmo tempo o valor dos themas poeticos tradicionaes, João de Deus tirou da situação angustiosa de pobreza uma manifestação nova de idealisação, na inimitavel satyra do *Dinheiro*. Serviu-se da cantiga do povo:

Coitado de quem não tem
Na bolsa *talim*, *talim* ¹.

Sobre esta neuma onomatopaica bordou as mais deliciosas estrophes, que se decoram espontaneamente. Reproduzimos duas d'ellas para se admirar a factura:

O dinheiro é tão bonito:
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça o maldito!
Tem tanto chiste o ladrão!
O fallar? falla de um modo!
Todo elle, aquelle todo...
Ellas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que o veja,
Por mais esquiva que seja,
Tlim!
Papo.

¹ Esta epigraphie foi supprimida na edição das *Flôres do campo*, pag. 147, prejudicando a belleza da neuma epigrammatica do estribillo. A ultima estrophe tem cinco versos inteiramente diferentes do texto usual. Intitulava-se *L'Argent*.

N'essas especies de exames
 Que a gente faz em rapaz,
 São milagres aos enxames
 O que aquelle diabo faz !
 Sem *pescar* nem patavina
 De *grammatica* latina,
 Quer-se um moço d'ali fóra ?
 Vae elle, com taes fallinhas,
 Taes gaifonas, taes coisinhas. . .
Tim !
 Ora. . .

Além da belleza da estructura estrophica, ha o extraordinario effeito pittoresco dos modismos e giria popular. em volta da personificação do *Dinheiro*. Foi assim que idealisaram o dinheiro os troveiros da Edade-média, e essa classe dos estudantes pobres das Universidades, os goliardos, que mantinham uma relação intermediaria do povo com os eruditos latinistas. Transcrevemos aqui uma *Satyra do Dinheiro*, da poesia latina da Edade-média em fórma dithyrambica, para a compararmos com outras satyras analogas do seculo XIV e XVII:

In terra summus Rex est hoc tempore nummus,
 Nummi mirantur, Regesque et ei famulantur.
 Nummo venalis favet ordo pontificialis.
 Nummus in Abbatum cameris retinet dominatum.
 Nummum egrorum veneratur turba Priorum.
 Nummus magnorum judex est consiliorum.
 Nummus bella gerit, et si vult, pax sibi erit.
 Nummus agit lites, quia vult deponere dites.
 Erigit ad plenum de stercore nummus egenum.
 Omnia nummus emit, venditque, dat, et data demit.

Nummus adulatur, nummus post blanda minatur.
Nummus mentitur, nummus verax reperitur.
Nummus perjuros miseros facit et perituros.
Nummus avarorum Deus est et spes cupidorum.
Nummus in errorem mulierum ducit amorem.
Nummus venales dominas facit imperiales.
Nummus raptores facit ipso nobiliores.
Nummus habet plures, quam cælum sidera, fures.
Nummus securus placitat quod vult habiturus.
Nummus iter cæli clausit, reseratque fideli.
Nummus emit villas, struit urbes, destruit illas.
Nummus donatus dat honorem pontificatus.
Nummus perverse secreta facit sua per se.
Nummus enim loquitur, pauper tacet ac bene scitur.
Nummus minores reprimit, relevatque labores.
Nummus corda necat, sapienti lumina cæcat.
Nummus nam est certum stultum facit esse disertum.
Nummus habet medicos, fictos acquirit amicos.
Nummus famosas vestes gerit et preciosas.
Nummus splendorem dant vestes exteriorem.
Nummus eos gestat lapides, quos India prestat.
Nummus dulce putat quod eum gens tota salutat.
Nummus ubique cadit et quæ vult, oppida traddit.
Nummus adoratur quia virtutes operatur.
Nummus ægros sanat, secat, urit, et aspera sanat.
Nummus laudatos pisces comedit piperatos.
In merita immensa sunt fereula splendida mensa.
Francorum vinum nummus bibit atque Martinum;
Vile facit clarum, quod dulce est reddit amarum.
Et facit audire surdum, claudunque salire.
De nummo quædam maiora prioribus edam.
Vidi cantantem nummum, missas celebrantem;
Nummus cantabat, nummus responsa parabat.
Vidi quod flebat dum sermonem faciebat,
Et subridebat, populam quia despiciebat.
Nullus honoratur, sine nummo nullus amatur.

Quæ genus infamat, nummus probus est homo clamat.
 Ecce patet enique quod nummus regnat ubique.
 Sed quia consummi poterit cito gloria nummi,
 Ex hac esse schola non vult sapientia sola ¹.

N'esta composição latina ha a notar a fórma do *hocolleuton*, considerada como uma das fontes da rima na poesia moderna. A personificação do Dinheiro continuou-a já no fim da Edade-média o Arcipreste de Hita, com aquelle espirito de revolta contra o poder espiritual, tão característico nas litteraturas occidentaes; eis os versos alexandrinos de Hita:

Mucho fas el Dinero, et mucho es de amar,
 Al torpe fase bueno, et omen de prestar,
 Fase correr al cojo, et al mudo fabrar,
 El que no tiene manos, dineros quiere tomar.

Sea un ome nescio, et rudo labrador,
 Los dineros le fassen fidalgo é sabidor,
 Quanto mas algo tiene, tanto es mas de valor,
 El que no ha dineros, non es de si señor.

Si tovieres dineros, habrás consolacion,
 Plaser, é alegria, del Papa racion,
 Comprarás paraiso, gañarás salvacion,
 Do son muchos dineros, es mucha bendicion.

Yõ vi en corte de Roma, do es la santidat,
 Que todos al dinero fassen grand humildat,
 Grand honra le fascian con grand solenidat,
 Todos á él se homillan como á la magestat.

¹ De um ms. da Bibl. toletana; ap. Amador de los Rios, *Hist. critica da litt. hespanhola*, t. II, pag. 355.

Fasie muchos Piores, Obispos et Abades,
Arzobispos, Doctores, Patriarcas, Potestades,
A muchos Clerigos nescios dábales dinidades,
Fasie de verdat mentiras, et de mentiras verdades.

Fasia muchos Clerigos é muchos ordenados,
Muchos monges é monjas, religiosos sagrados,
El dinero les daba por bien examinados,
A los pobres desian, que non eran letrados.

Daba muchos juisios, mucha mala sentencia,
Con muchos Abogados era su mantenencia,
En tener pleytos malos et faser avenencia,
En cabo por dineros habia penitencia.

El dinero quebranta las cadenas dañosas,
Tira cepos é grillos, et cadenas plagosas,
El que non tiene dinero, échanle las posas,
Por todo el mundo fase cosas maravillosas.

Yo vi fer maravilla do él mucho usaba,
Muchos meresciam muerte que la vida les daba,
Otros eran sin culpa, et luego los mataba,
Muchas almas perdia, et muchas salvaba.

Fasia perder al pobre su casa é su viña,
Sus muebles é raices todo los desaliña,
Por todo el mundo anda su sarna é su tiña,
Do el dinero juega, allí el ojo guiña.

El fase caballeros de necios aldeanos,
Condes é ricos omes de algunos villanos,
Con el dinero andan todos los omes lozanos,
Quantos son en el mundo, le besan hoy los manos.

Vi tener al dinero las mejores moradas,
 Altas é muy costosas, fermosas é pintadas,
 Castillos, eredades, é villas entorreadas,
 Todas al dinero sirven, et suyas son compladas.

Comia muchos manjares de diversas naturas,
 Vistia nobles paños, doradas vestiduras,
 Traia joyas preciosas en vicios é fulguras,
 Guarnimientos estraños, nobles cabalgaduras.

Yo vi á muchos Monges en sus predicaciones,
 Denostar el dinero, et á sus tentaciones,
 En cabo por dinero otorgan los perdones,
 Asuelven el ayuno, ansi fassen oraciones.

Pero que le denuestan los Monges por las plazas,
 Guárdanlo en covento en vasos et en tazas,
 Con el dinero enmplen sus menguas é sus razas,
 Mas con designos tienen que tordos nin picazas.

.....

Toda muger del mundo, et dueña de altesa,
 Págase del dinero et de mucha riqueza,
 Yo nunca vi fermosa, que quisiese poblesa,
 Do son muchos dineros y es mucha noblesa.

El dinero es Alcalde e Jues mucho loado,
 Este és Consejero, et sutil Abogado,
 Aiguacil et Merino bien ardit esforzado,
 De todos los oficios es muy apoderado.

En suma te lo digo, tómallo tu mejor,
 El dinero del mundo es grand revolver,
 Señor fase del siervo, de Señor servidor,
 Toda cosa del sigro se fase por su amor.

Por dinero se muda el mundo é su manera,
 Toda muger cobdiciosa de algo es falaguera,
 Por joyas et dineros salirá de carrera,
 El dar quebranta peñas, fiende dura madera.

Derrueca fuerte muro, et derriba grant torre,
 Acoyta et á grand priesa el mucho dar acorre,
 Non á siervo captivo, que el dinero non le aforre,
 El que non tiene que dar, su caballo non corre... ¹

Os versos monorrimos do Arcipreste de Hita são o ecco vivo dos tropeiros da Edade-média; mas esse ecco não se perdeu ainda depois das grandes descobertas da America e da India, que augmentaram phantasticamente a riqueza da Europa. Para os poetas satyricos o Dinheiro é o verdadeiro cavalleiro andante, como o pinta Quevedo na sua Letrilla graciosissima :

*Poderoso caballero
 Es Don dinero.*

Madre, yo al oro me humillo,
 El es el mi amante y mi amado ;
 Pues de puro enamorado
 De continuo anda amarillo :
 Que pues doblon ó sencillo,
 Hace todo quanto quiero,
*Poderoso caballero
 Es don dinero.*

¹ *Poesias del Arcipreste de Hita*, da collecção de Sanchez. Ed. Ochoa, pag. 453 e 454.

Nace en las Indias honrado
Donde el mundo le acompaña ;
Viene á morir en España,
Y es en Génova enterrado :
Y pues quien le trae al lado
Es hermoso aunque sea fiero :
Poderoso caballero
Es don dinero.

Es galan y es como un oro,
Tiene quebrado el color,
Persona de gran valor
Tan cristiano como moro :
Pues que da y quita el decoro
Y quebranta cualquier fuero,
Poderoso caballero
Es don dinero.

Son sus padres principales,
Y es de noble descendiente,
Porque en las venas de oriente
Todas las sangres son reales :
Y pues es quien hace iguales
Al duque y al ganadero,
Poderoso caballero
Es don dinero.

Mas ¿ á quien no maravilla
Ver en su gloria sin tasa
Que es lo ménos de su casa
Doña Blanca de Castilla ?
Pero pues da al bajo silla,
Y al cobarde hace guerrero,
Poderoso caballero
Es don dinero.

Sus escudos de armas nobles
Son siempre tan principales,
Que sin sus escudos reales
No hay escudos de armas dobles :
Y pues á los mismos robles
Da codicia su minero,
Poderoso caballero
Es don dinero.

Por importar en los tratos
Y dar tan buenos consejos,
En las casas de los viejos
Gatos le guardan de gatos :
Y pues él rompe recatos
Y ablauda al juez severo.
Poderoso caballero
Es don dinero.

Y es tanta su majestad
Aunque son sus duelos hartos,
Que con haberle hecho cuartos
No pierde su autoridad :
Pero, pues da calidad
Al noble y al pardiosero
Poderoso caballero
Es don dinero.

Nunca vi damas ingratas
A su gusto y afición,
Que á las caras de un doblon
Hacen sus caras baratas ;
Y pues las hace bravatas,
Desde una bolsa de cuero,
Poderoso caballero
Es don dinero.

Mas valen en qualquier tierra,
 Mirad si es harto sagaz,
 Sus escudos en la paz,
 Que rodela en la guerra;
 Y pues al poble le entierra
 Y hace propio al forastero,
Poderoso caballero
Es dou dinero.

Quevedo consagrava no seu estribilho o titulo de *Dom Dinheiro*, dos velhos fabliaux francezes ¹; em um dialogo entre a *Orelha e o Dinheiro*, este falla orgulhosamente dos seus poderes, satyrisando a sociedade:

Par moi fet l'en ehaucie et pont
 De fust, de pierres et de grès;
 Et de ces fols hommes engrès
 Faz-je souez et débonère
 Et tels com je vucil à moi plère;
 Et noires et blanches nonnains
 Faz-je saillir de mains pelains;
 Et moines blans et moines ners
 Faz-je sovent batre mal ters,
 Qui me donent à granz poingnies
 Dont il ont de beles brachies,
 De dames et de demoiseles
 Qui sovent s'en montent sor eles,
 Por l'amor de moi: qui me done,
 Son voloir à ce est la somme... ²

¹ Jubinal, *Jongleurs et Trouvères*, pag. 93: o fabliau intitulado *Dan Denier*.

² Jubinal, *Nouveau recueil de Contes, Dits, Fabliaux, etc.*, t. 11, pag. 265.

O thema do *Dinheiro* era um dos mais queridos da idealisação poetica da Edade-média, sendo elaborado em todas as fórmulas litterarias, como se vê pelo *Initium Evangelii secundum Marcum argenti*, com que se apodava a simonia ecclesiastica ¹. No desenvolvimento da historia das litteraturas, á critica pertence determinar os grandes themas estheticos sobre que os genios individuaes se exerceram universalmente. A intuição que levou João de Deus, na situação do *estudante pobre* da Edade-média, a compôr a bellissima canção satyrica do *Dinheiro*, e a encontrar-se com os veios tradicionaes da poesia franceza e hespanhola, é uma das comprovações mais evidentes da organização synthetica, que o fez reproduzir espontaneamente na evolução do seu lyrisimo todas as grandes correntes da lyrica moderna. desde Dante e Petrarca até Victor Hugo. É este um dos pontos de vista mais seguros para bem apreciar a sua obra.

Estamos ainda na época de Coimbra; a incerteza da vida levava-o para a satyra. A *Lata* começou a ser escripta n'esta situação moral; era uma série de oitavas endecasyllabas contra o celibato clerical, outro thema satyrico da Edade-média, em que as *agapetas* da egreja primitiva eram conservadas sob o nome de *focarius*, para corrigirem a solidão do celibato:

¹ Edelestand Duméril, *Poésies populaires latines antérieures au XII siècle*, pag. 407.

Ignoro a causa porque o sacerdocio
 Das mil e uma communhões (não trato
 Da verdadeira — que é a nossa) ao ocio
 Contemplativo ajunta o celibato!
 Não ter na vida carinhoso socio,
 Na mágua espelho, no prazer retrato...
 É triste! (excepto se em vez d'um ou d'uma...
 O frade a muitas o bordão arruma).

Foi esta, ao menos, a resposta dada
 A quem de padres entendia tanto —
 Que inda os fulgores d'essa luz sagrada
 A Brandões mettem pejo e espanto! —
 «Deixae que o padre tenha esposa amada!»
 Gritava em Trento o Arcebispo santo;
 Quando um finorio, que é já santo, ao ouvido
 Lhe disse: «Muitas... é melhor partido...»

O poemeto da *Lata* chegou a ter sessenta e duas estrophes, e circulou em Coimbra em folha volante. João de Deus, pela sua perfeita organização de artista não podia fixar-se na obra transitoria da satyra, e insensivelmente achou-se proclamando um hymno de amor. A *Lata* foi colleccionada nas *Flôres do campo* (pag. 129) como fragmento, desprezando o poeta as primeiras quatorze oitavas, e seguidamente a estancia dezenove, vinte e tres, e quarenta e nove; accrescentou-lhe porém mais seis oitavas, em Evora, proclamando em vez de sarcasmo o amor:

AMOR é a palavra, o brado eterno
 Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,
 Que fez tremer os carcereiros do inferno
 E o sol ficou da côr d'um moribundo:

A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, céo, alma pura, bicho immundo
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

João de Deus achou a nota fundamental do seu lyrisimo, o amor; o sentimento universal e eterno fez com que se achasse pela simplicidade da linguagem entre o povo e os grandes genios que synthetisam na sua palavra as emoções da humanidade. As poesias amorosas de Coimbra, as mais apaixonadas e repetidas em todos os pontos de Portugal, acham-se confundidas nas *Flôres do campo*, com outras já inspiradas por situações moraes angustiosas; pelos cadernos manuscriptos colligidos entre 1855 e 1865, conhece-se nitidamente o que pertence a esse periodo do mais puro lyrisimo, desde a definição nitida das tonadilhas populares até á mais alta transfiguração da surprehendente elegia *A Vida*. O poeta tinha pulsado toda a lyra humana; o que soltára ao vento já bastava para caracterisal-o conscienciosamente pelo maior conhecedor da poesia universal: «*il primo poeta d'amore non solo del Portogallo, ma di tutta Europa. . .*»¹. Basta-nos indicar os titulos das principaes poesias de João de Deus para se fixar esta idealisação ascencional: *Dê, Amo-te muito, No leito conjugal, Ella e Deus, Amores, amores, Heresta, Lagrima celeste, Apparição, Rachel, Folha cahida, Adeus, Maria, Adeus*

¹ Marco Antonio Canini, *Libro dell' Amore*, pag. xxxi.

tranças côr de oiro, Beatrix, a Hermann, E a lua desce, Aos seus olhos, Mãe e filho, Meu dôce lyrio, O ultimo adeus, A lua, O beijo (fragmento da Francesca di Rimini), *A Vida*.

Todas estas poesias vêm colligidas nas *Flôres do campo* com titulos differentes, e como já observámos com alterações fundamentaes. Ha porém outras poesias d'este periodo que João de Deus deixou de colligir, talvez por ter perdido a memoria d'ellas; e são: *Amo-te, flôr, A A. Jenny, No tumulo, Fique em silencio eterno a minha Lyra, Saudade, Deixa. N'um album, E a lua desce*. O estudo d'estas variantes capitaes, com omissão e ampliação de estrophes, prestava-se a um valioso estudo sobre a arte de João de Deus; mas a arte é uma das manifestações da sua vida, e esta explica-nos o porquê d'essas modificações. O poeta vivia no descuido de si proprio, meio temperamento, meio desalento; elaborava mentalmente as suas poesias e recitava-as já perfectas; o primeiro dos amigos que o cercavam escrevia-as, e outros que vinham pediam novo ditado, que se ia modificando segundo lhe occuriam as reminiscencias; d'ahi novos versos e novas estrophes. Se os editores das *Flôres do campo* tivessem recorrido aos cadernos manuscritos dos entusiastas, e não ao poeta no seu periodo de desalento, que se prolongou além de 1868, teriam fixado um texto mais expressivo. A poesia *Ella e Deus*, acha-se nas *Flôres do campo* (pag. 53) com a fórmula estrophica deturpada, fazendo-se de cada quadra uma parrelha de endecasyllabos. Nos manuscriptos anda tal como foi composta:

Thuribulo suspenso
Inda fluctúo,
Enquanto a alma em incenso
Restitúo.

Mas quando como fumo
Se esváe,
Minha alma, vae teu rumo,
Sobe e vae !

Vae d'estas densas trevas,
D'esta cruz
Levar-lhe... quanto levas
Pobre luz !

Amor, que em mim não cabe
Vae depôr
Em Deus, e Deus bem sabe
Se era amor.

D'uma outra flôr se o calix
Mais libei
Por esses quantos valles
Divaguei ;

Se um nome em igneo traço
Li no céo,
Nas ondas e no espaço
Mais que o seu...

Deus sabe se eu dos montes
Vi tambem
Nos vastos horisontes
Mais alguem.

Nos tristes e risonhos
Dias meus,
Se alguém vi mais em sonhos
Que ella e Deus.

Mas quem no mundo apanha
O aéreo véo,
Da nuvem da montanha
Se é do céo?

Se á terra a nuvem desce,
Quando vae
Tocar-se-lhe, desfez-se
Como um ai.

Outras vezes o texto das *Flôres do campo* offerece a superioridade de uma feliz reelaboração, como na cançoneta *O beijo* (pag. 44); na época de Coimbra constava apenas de quatro estrophes, a que o poeta, no Alemtejo, accrescentou mais oito estancias desenvolvendo a situação idyllica. *No leito conjugal* (*Flôres do campo*, pag. 90), que consta de dez estrophes, faltam-lhe as seguintes: Depois da 4.^a:

Cerea-te o leito aéreo
Delgado e raro véo,
E a extranhos... que mysterio
Eburnea flôr do céo!

É porém augmentada esta, depois da 5.^a:

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flôr!
E pois, porque te assombra
Meu insensato amor?

E depois da 7.^a faltam estas duas:

Seu labio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas
Dôce visão do céu!

E quando a estrella treme,
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguem.

Fóra do texto das *Flôres do campo*, e continuando a decima estrophe, vem estas quatro estancias não colligidas:

Em premio, intima gota
D'ambar do coração,
De Deus, se é digno, dou-t'a,
Em premio do perdão!

A mais não penso eu, triste,
Nunca aspirar nem pude...
Vergontea... que partiste
As cordas do alahude.

Mas se inda o mal que vasa
Teu labio, flôr! me ungisse,
Ou penna da tua aza
Em minhas mãos calhisse;

A ave harmoniosa
 No hombro pousar-me-hia
 E assomar-se-hia a rosa
 Ao nome de Maria !

Na *Heresta* (*Flôres do campo*, pag. 121) falta esta quadra final :

E agora se o desejo
 Te satisfiz em premio
 D'um canto, d'alma gmeo
 Um gmeo e dôce... beijo.

Não fazemos aqui um estudo critico exclusivo do texto poetico de João de Deus, mas simplesmente para observar como a elaboração *in mente* influuiu na instabilidade das composições colligidas em occasiões differentes: na poesia *A Vida* (*Flôres do campo*, pag. 160), uma das mais bellas idealisações da litteratura portugueza, falta a pag. 162, logo depois da terceira estrophe, a seguinte :

Quando o anel da bocca luzidia
 Vermelha como a rosa cheia d'agua,
 Em beijos a saudade abrindo a mágua
 Mil rosas pela face me esparzia.

E a pag. 164, falta depois da primeira estrophe :

Que é d'essa franja comprida
 D'aquelle chail mais leve
 Que a nuvem côr de neve,
 Margarida !

Depois da 3.^a estrophe da pag. 166 :

Levou, sim, como a folha que desprende
D'uma flôr delicada o vento sul,
Como a estrella que esplende
N'essa abobada azul.

Não consignamos aqui as poesias não colligidas da época de Coimbra, porque nos alterariam as proporções d'este estudo, e temos esperança de cooperar n'uma edição critica de toda a Lyrica de João de Deus. Para formar um juizo claro da influencia na geração moderna é preciso seguil-o nos accidentes da sua vida. Depois da sahida de Coimbra, em 1862, o poeta fixou a residencia em Beja durante alguns mezes; era sinceramente *un homme de rien*, um grande poeta incapaz de se submeter á advocacia provinciana; ali viveu com a rapaziada da terra que sustentava o jornal *O Bejense*, e para comprazer com esse acanhado meio entrou no pandemonium jornalístico sem queimar as azas. Nos diferentes numeros do *Bejense* encontram-se versos seus, alguns dos quaes não foram colligidos; indicamos o que ali está espalhado: *Crasso e Eu* (n.º 50, 1861, assignado Charles Mackay, Sines); *A uma velhinha* (n.º 108); *Ella e Deus* (n.º 139); *Os Lusíadas e a Conversação preambular* (n.º 150, III anno, 1863); *A uma Senha* (n.º 185, 1864); *O Verbo divino* (n.º 187, 1864); *Patria*; *Uma carta sem assignatura* (n.º 195, 1864); *A Folhinha* (n.º 197); *Deixa* (n.º 197); *As que não engeitam os filhos* (n.º 209); *Jasmins e Rosas* (ib.); *Cantiga* (n.º 201); *Margarida* (n.º 311); *Innocencia* (n.º 317); *Margarida*

— *A um amigo* — *Psalmo* (n.º 331); *Questões do tempo* (n.º 332); *No tumulto* (n.º 334); *A Amelia Jenny* (n.º 355); *Cançoneta* (n.º 353). O poeta achava-se na situação desesperada em que se viu Camões em Moçambique; elle bem sentia a identidade moral, quando, precedendo a dissidencia de Coimbra, se insurgiu em 1863 contra Castilho, que na sua infallibilidade papal declarára, que nenhum poeta moderno portuguez assignaria sem vergonha uma oitava dos *Lusiadas*.

João de Deus regressou a Messines, onde o bom senso paternal do activo proletario não se conformava com a indole contemplativa do bacharel. Saíu para Portimão, onde andou na vida desenfadada da caça, absorto n'aquella natureza esplendida; e veio parar a Evora, onde continuou a entregar-se á poesia, collaborando em 1865 e 1866 na *Folha do Sul*, redigida pelo seu amigo Manoel Vianna, que em Coimbra o forçara a escrever na *Estreia litteraria*, e pelo dr. Augusto Filippe Simões, que veio a suicidar-se depois de entrar como lente para a faculdade de medicina. Na *Folha do Sul* (2.º anno, n.º 85, 1865) publicou essa sentidissima poesia *Marina*, que veio a continuar ainda em 1866 (n.º 176) acompanhada de um commentario em prosa de uma construcção vacillante lembrando por vezes o estylo da *Menina e Moça*. No mesmo jornal publicou a poesia *Luz da Fé* (n.º 89), á qual Anthero de Quental respondeu no seu periodo de insurreição mental com a *Luz do Sol* (n.º 93); *Satisfação* (n.º 101); *Carta a Alberto Telles sobre as Rimas* (n.º 104). Vê-se que o poeta se ajudava na lucta pela existencia com esta mesquinha collaboração

jornalística, onde á sua superior organização moral se não corrompeu. Elle porém ia ser submettido a uma prova mais terrivel: em 1868 achou-se involuntariamente eleito deputado por Silves! Assim o quizeram dois amigos influentes que acreditavam na saude moral, e no poder extraordinario da sua eloquencia natural revelada na conversação! Um d'esses amigos José Antonio Garcia Blanco, é que fez colligir as poesias a que deu publicidade em 1869 sob o titulo despretencioso *Flores do campo*. A entrada no parlamento e o successo do livro coincidiram; o poeta era admirado, e esperava-se uma estreia assombrosa nas pugnas politicas. É natural mesmo que os amigos de João de Deus empurrando-o para o parlamento julgassem abrir-lhe caminho na vida por essa fórmula, para que elle sahisse da apathia e revelasse a sua pujança. Se João de Deus fosse uma mediocridade intellectual, ou um d'esses degenerados a quem falta o senso moral, e com a audacia do desvergonhamento se apresentam ao encontro de todas as veniagas e se prestam ás mais degradantes torpezas, — o parlamento levaria João de Deus ás culminancias de ministro, transformal-o-ia em capitalista, embaixador, tudo quanto se póde fazer do barro vil. João de Deus entrou no parlamento, na sua pureza de consciencia, e achou-se ali extranho, percebendo tanto da ordem do dia, das moções e propostas que se ventilavam como em uma feira perceberia os signaes que entre si trocam os ciganos, quando por entre os actos licitos do commercio vão realisando os seus *inconfessaveis interesses*. João de Deus abandonou de vez a vida publica; o seu valor mo-

ral era negativo n'esse conflicto, onde os mais audaciosos se despem da dignidade exercendo uma arte, que Vieira não previu, a *Arte de ser ministro*.

Em uma carta, datada de 1714, escripta por Lady Montague a seu marido, acha-se indicado um processo seguro para no caminho aventureiro da politica chegar a ser ministro. Transcreverêmos as palavras da espirituosa dama, para comproval-as com os factos da historia contemporanea do parlamentarismo em Portugal, e assim concluir que mesino nos actos de decomposição de uma nacionalidade existem leis sociologicas, que importa conhecer e pôr em relevo. Escrevia Lady Montague:

«Nunca o homem modesto fez nem fará fortuna. O vosso amigo lord Halifax, Robert Walpole, e todos os outros individuos notaveis pelo seu rapido engrandecimento, foram impudentes até ao extremo gráo. O ministerio é como uma representação dramatica na côrte. Ali não ha senão uma porta estreita para entrar, e uma grande multidão da parte de fóra, onde cada qual afasta os outros para chegar primeiro. Aquelle que dá cotovelão nos que o aceream, e não faz caso do pontapé que o impelle para diante, esse avança sempre, seguro de alcançar um logar bom. Porém o homem modesto fica para traz; todos o atropellam; rasgam-lhe o fato, abafam-no, e elle vê passarem-lhe adiante mil tratantes que não valem uma unha das suas...»

Este phenomeno, que Lady Montague notava no parlamentarismo inglez, no começo do seculo passado, repete-se no fim do presente seculo, que se debate no esgotamento e esterilidade politica, porque os ideologos da

Rezauração tentaram implantar a pedantocracia ingleza. Quem mais fallar nos parlamentos e mais desenfreadamente escrever nos jornaes, converte-se em uma potencia, que os governos procuram comprar, e por fim torna-se tambem governo pela força da propria impudencia. Onde a realza deixou de ser uma instituição normal e se converteu em uma transacção com a soberania nacional, a constante sophismação das garantias publicas torna necessario o conluio e os accordos com as vigorosas opposições.

Os espiritos ingenuos que lêssem os ataques treme-bundos de um antigo praticante de pharmacia, e do filho de um musico hespanhol da charanga de Bragança, contra o monarcha portuguez que tirou as mais profundas consequencias dos poderes da Carta outorgada, diriam com toda a sinceridade da alma: — Por aquelle caminho nem mesmo poderão ser almotacés de um bairro, como disse outr'ora o poeta. — Mas os factos sociaes, mesmo os mais caprichosos, obedecem a leis immutaveis.

Quando Marianno escrevia: «Foi em 1870, que o snr. D. Luiz I escreveu a Napoleão III offerecendo e pedindo allianças, com a condição de sua magestade vir a ser rei ou imperador de Hespanha unida com Portugal. . . Sua magestade tem por diversas vezes sonhado com uma corôa mais ampla, principalmente pela esperança de obter maior subsidio. . . A ambição do snr. D. Luiz I, nascida apenas. . . de uma questão de lista civil, não eleva quem a concebe, nem enthusiasma partidarios». (*Diario Popular*, n.º 4:090). Quando isto se escrevia, o notavel polemista aproximava-se da pasta de ministro.

E com esta intuição intima, suggerida pela tacita ambição, continúia a empregar o mesmo processo: «Em que assenta a politica portugueza? Na mais simples e mais mesquinha de todas as considerações. Para governar é preciso espreitar a vontade de el-rei para satisfazer-lh'a. É preciso seguir attentamente os caprichos de um animo por essencia voluvel. É preciso vigiar com cuidado as correntes da intriga palaciana para combatel-as ou dirigil-as conforme convier. A arte de governar acha-se entre nós reduzida a estas mesquinhas condições. *Para ser ministro não é necessario probidade, nem talento, nem estudo, nem patriotismo, nem conhecimento verdadeiro do estado e das necessidades do paiz, nem apoio da opinião.* — Saber as vontades de el-rei, descobrir os desejos de el-rei, obedecer áquellas, satisfazer estes, não tropeçar em qualquer intriga de camarilha, eis o grande arcano». (*Diario Popular*, n.º 4:044).

Esta pagina é uma eloquente synthese do constitucionalismo; aquelle que o conhecia tão bem, achou o caminho que o levava inevitavelmente a ser ministro d'aquelle mesmo rei de quem escrevia: «ladroeirias e escandalos não se mantêm de graça». (*Diario Popular*, n.º 4:084). «*O manto real, sob cujas prégas devia abrigar o paiz inteiro, desdoubrou-se para proteger a ladroagem...* e a mais vasta delapidação organizada ainda algures. O manto real tornou-se capa de malfetores e abrigo de maleficios». (*Id.*, *ibid.*).

Não era preciso mais para ser ministro. D. Luiz I, chamando o capeioso jornalista a compartilhar o poder executivo, obedecia a uma desconhecida lei sociolo-

gica, que importa pôr bem em evidencia. Vejamos como ella se repete fatalmente.

Falla um outro ambicioso com o intuito de apanhar a pasta de ministro: «Ahi tendes um rei que estende o seu manto por cima de todas as infamias que aos seus favoritos apraz praticar, e que affirma o seu poder pessoal por actos do mais revoltante favoritismo e da mais acintosa hostilidade». (*Progresso*, n.º 409).

Não desejamos transcrever trechos de rhetorica desbragada, nem para ferir o rei, nem para afocinhar os seus ministros, mas simplesmente para deduzir como pela expansão da mais alvar impudencia se chega a ministro.

Depois de Marianno, Navarro não é menos pittoresco no seu processo para alcançar a pasta. Diz elle no *Progresso*: «El-rei desce do throno para levantar os seus favoritos do lôdo da condemnação publica; emprega as prerogativas em galvanisar cadaveres politicos; resiste com a sua irresponsabilidade ás sentenças moraes; rasga a Carta para que passem pelos rasgões as mãos dos delapidadores da fazenda publica». (*Id.*, n.º 318).

E como os roncões da rhetorica atroavam o paço, elle prosegue atraz do seu sonho dourado, a pasta: «O soberano a campear pela corrupção! a purpura empregada em véo das pustulas de leprosos! O sceptro a ensarilhar para defender da policia a sua legitima preza!»

E, não contente com as comparações de effeito, synthetisa tambem o regimen constitucional portuguez, no reinado de D. Luiz: «N'estes ultimos annos, a politica portugueza tem sido principalmente caracterisada pela

falta de boa fé do chefe de estado». (*Progresso*, n.º 326). E seguindo n'esta afinação, chegou-lhe tambem o instante de ser ministro.

Vê-se que o processo é infallivel, dentro do regimen constitucional-parlamentar, como o previra Lady Montague, salvas as devidas distancias de um Lord Halifax e Roberto Walpole para Mariannos e Navarros.

Com certeza, não queremos tirar d'aqui uma lição de immoralidade, ensinando a *arte de ser ministro*: mas atingimos o nosso intuito, se fizermos sentir a imperfeição de um regimen politico que dá tão deleterios productos.

O meio politico definido pelos dois caudilhos do journalismo, com as côres do mais accentuado realismo, era uma atmospherá asphyxiante para uma organização moral como a de João de Deus; esteve no pateo dos leões sem ser devorado, como se conta do propheta Daniel, e preferiu emergir-se na sombra, na nullidade, na indigencia em vez de ataviar-se com os guisos da infamia politica. De 1869 a 1877, em que começa o apostolado da *Cartilha maternal*, João de Deus soffreu as mais dolorosas privações com aquelle sorriso dôce que transparece nos retratos de Ariosto: a submissão á realidade modificada pela imaginação, sempre animado pelo sentimento da sociabilidade. Possuimos um epigramma inedito de João de Deus em que pinta a sua situação desolada, mas para rir-se:

Vendo-me um amigo um dia
A cama feita no chão,
Por um milagre que não
Lhe deu uma apoplexia.

E, (o que é estar acostumado
 Aos regalos da riqueza)
 Disse-me elle: — Com franqueza,
 Tu és muito desleixado :

Um leito faz grande falta,
 Eu vou-t'o já arranjar...
 « Queres-me a cama mais alta
 Morando n'um quinto andar? »

Effectivamente o poeta morava em um quinto andar da travessa da Palha, d'onde descia ao anoitecer para dar algumas voltas em redor do Rocio; durante o dia trabalhava á machina de costura para a loja de roupas brancas dos irmãos Declas, suissos, estabelecidos no Chiado; e para cumulo de soffrimento, compunha quadras e disticos para papeis de rebuçados de uma confeitaria! É a agonia de Gethsemâni. O poeta voltou novamente á satyra; nem podia deixar de ser. *Semper ego auditor tantum, nunquam ne reponam*, dizia Juvenal, *rexatus toties?* D'esta vez vibrava a satyra politica. Ha um Soneto feito ás salvas funeraes da imperatriz, viuva de D. Pedro IV:

Ditosa d'uma augusta personagem!
 Que em exhalando o ultimo suspiro,
 De quarto em quarto d'hora ouve-se um tiro,
 O que é de uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
 Que é o pranto, o silencio e o retiro;
 Elles, tiros de peça! Não admiro!
 São pessoas de altissima linhagem.

São pessoas reaes; os mais, abortos,
Em que os cavallos do seu coche encalham;
E elles vão indo, extaticos, absortos. . .

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que, depois de mortos,
Quebrem o somno aos pobres que trabalham.

Um dos mais disvelados amigos de João de Deus, que o acompanhou n'este periodo de desolação, Fernando Leal, publicou no *Districto de Faro* (n.º 661, 10 de outubro de 1888) um folhetim com o titulo *Um Soneto de João de Deus*, em que descreve o modo como o poeta foi levado a empunhar o látigo do sarcasmo. Transcrevemos as suas proprias palavras:

«Era por 1870 e tantos, em Lisboa. Fallecera a «augusta personagem» de quem se trata n'aquelle soneto. Em consequencia d'esse passamento real, ou imperial, durante tres dias e tres noites o castello de S. Jorge, os fortes da barra e os navios surtos no Tejo atroavam os ares, de quarto em quarto de hora, com o estridor dos seus tiros. A cidade inteira estava sobresaltada, alvoroçada, com os frequentes estampidos da funebre artilheria; os predios tremiam, como se os abalasses successivas convulsões subterraneas; as crianças choravam de terror; os habitantes todos não socegavam; ninguém dormiu, em Lisboa, n'essas longas e afflictivas setenta horas. Quem escreve estas linhas dormiu algumas vezes, em pleno sertão africano, embalado pelos roneos do leão ou pelas casquinadas estridentes e sarcasticas das hyenas;

mas não foi capaz de adormecer durante essas tres noites e esses tres dias de supplicio neo-dantesco. . .

«Ora, na terceira d'aquellas noites de fragor, de insomnia e de pesadelos para a cidade do Tejo, eis o que se passava em um quinto andar da travessa da Palha, onde então morava, com sua familia, o segundo poeta lyrico de Portugal, — porque o primeiro é Camões; primeiro como lyrico, pois, como épico, já se sabe que é unico. Um irmão de João de Deus, o estimabilissimo padre Antonio Ramos, que passou aquella noite no escriptorio do poeta, foi quem me contou isto. João tinha pessoas de familia doentes; a insomnia forçada e o sobressalto continuo eram um desespero, cuja causa era soberanamente estúpida; pois outra coisa não se póde chamar ao facto de incommodar e affligir milhares de vivos por causa de vãs honrarias, prestadas a uma pessoa morta. Alta noite, padre Antonio sente no silencio da casa um lento arrastar de chinelos e uma voz de estremunhado aproximar-se, resmungando. Era o poeta, que do seu quarto de cama se encaminhava para o escriptorio, a fallar só. E o padre, na calada da hora, percebeu estas palavras:

«— Deixa estar, minha figurona, que já não vaes sem soneto ao rabo!

«É textual. E eu seria um franco imbecil, se por medo de ferir conveniencias, adulterasse a phrase, para lhe attenuar a pittoresca energia.

«Padre Antonio, contendo a custo uma gargalhada, fingiu que dormia, para não perturbar a *vis* poetica do irmão. Entrou o poeta no escriptorio, abancou-se e escre-

ven o soneto que se lê a paginas 94 das *Folhas saltas*.

«É essa composição terrível, em que perpassa não sei que sopro do *Magnificat* (*deposuit potentes de sede!*) quando, á ironia agudissima dos quartetos, succede a cólera, tanto mais explosiva quanto se vê que é represada, dos tercetos. O lyrico meiguissimo das *Flôres do Campo*, — *affettuoso e ténero*, — como lhe chamou um illustre escriptor italiano, transfigurára-se, como se transfigurou o manso Jesus, que se enternecia perante as mulheres e as crianças, para expulsar os vendilhões do templo, a golpes de azorrague. A indignação, como a Juvenal, ditava ao poeta aquelles versos, cujo tremendo remate mais parece bramido por um Isaias do seculo do Anarchismo e do Nihilismo. Com effeito, dir-se-hia que o poeta arrancou, essa noite, as cordas diamantinas da sua lyra, para as torcer em um latego de raios, com que fustigar os venerados lombos dos poderosos d'este mundo».

A phase da satyra politica não podia durar muito; João de Deus era suggerido pelas criticas acerbas dos que o cercavam. O soneto intitulado *A Monarchia*, é uma synthese:

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vêde
Commercio, industria, tudo floresente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrueção, toda essa gente
Faz riscos de carvão n'uma parede! ¹

¹ *Folhas saltas*, pag. 93.

A poesia *Theatro de Lisboa* é um quadro realista, em que o senso moral popular triumphou sobre o convencionalismo dos desnaturados costumes burguezes. A Aria da *Rainha Jacintha*, imitando a linguagem mascavada dos pretos, é a narrativa da peripecia tão explorada pela imprensa monarchica sobre o heroismo da rainha Maria Pia salvar os filhos de um pretendido perigo no poço do Mixilhoeiro, em Cascaes, e da gram cruz concedida por D. Luiz á esposa *sobre todas muito amada*. A fórma poetica condiz com o fetichismo dos louvaminheiros; o poeta nunca pensou que essa carga fosse publicada em seu nome, mas a avidez dos livreiros ou de quem formou o volume das *Folhas soltas* foi dirigida pelo criterio do interesse, a ponto de incluir n'esse livro *A Melopèa da Dorothea*, que lhe não pertence ¹. As poesias que estão comprehendidas das paginas 109 a 155 das *Folhas sol-*

¹ No *Novo Almanach de Lembranças*, de 1882, pag. xxiii, ha uma noticia do juiz do supremo tribunal A. M. Couto Monteiro, explicando como escrevera esse amphiguri:

« *A Melopèa da Dorothea*, brinquedo metrico que eu não destinára á publicidade, teve a fortuna de agradar a um amigo nosso, que o mandou para o *Jornal da Noite*, onde foi publicado em Follhetim na terça-feira de entrudo de 1873 sob a epigraphe: *Litteratura superior n'esta quadra*. Tres annos depois appareceu-me a Dorothea entre as *Folhas soltas* de João de Deus, toda soberba e dengosa, com a sua filiação adoptiva! Tive tambem um certo desvanecimento de a vêr tão nobilitada, mas Teixeira de Vasconcellos, que a conhecia desde o berço humilde, notou no seu jornal a apparição, João de Deus explicou-a no dia seguinte, e a infeliz Dorothea teve de conformar-se com a obscuridade da sua origem ».

tas, formaram o volume intitulado *Ramo de Flôres*, que os caixeiros do livreiro Chardron imprimiram para brinde das senhoras assignantes do *Journal des Dames et Demoiselles*, e que mais tarde, quando se estabeleceram, incorporaram no volume alludido. Na sua angustia economica, João de Deus era duramente explorado pelos livreiros, com prejuizo da vulgarisação dos seus versos. Na satyra *Theatro de Lisboa* vem a confissão ingenua :

Os versos não me dão bastantes meios
De me gosar das distrações que ha;
Por isso annuncios de theatros, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá. . .

Conhecida a pobreza do poeta forçavam-no a fazer versos que affrontavam a sua dignidade de artista; os festeiros de Almargem alcançaram de João de Deus as *Loas á Virgem* que haviam de deitar no cirio ou romaria do Cabo. O genio do poeta pairou por sobre o ridiculo da festança do cirio, e fez as sublimes estrophes á Virgem, em que excede a elevação de S. Bernardo, de Dante, de Petrarcha e dos mais apaixonados mysticos! Algumas d'essas *Loas*, que se imprimiram em 1877 na Imprensa nacional, acham-se incorporadas nas *Folhas soltas*.

Tocamos o periodo, em que João de Deus entrou no apostolado da *Cartilha maternal* em 1877; nasceu esta nova revelação do seu genio suscitado por um alto sentimento de sociabilidade, quando a Casa Roland e Semiond, então dirigida por Rovere, lhe encommendou uma *Cartilha*. Alludimos já a este facto por se prender á se-

rie dos trabalhos a que se via forçado pela exploração dos livreiros, e que elle transformava em uma maravilha genial. O apostolado da *Cartilha* absorveu-lhe todo o seu sêr, e deu-lhe uma actividade que não tinha; mas nem por isso deixou completamente a poesia. Muitos d'esses versos espalhados pelos jornaes começaram em 1880 a ser colligidos com o titulo *Despedidas de Verão*, que não passou da quinta folha e se reduziu a papel de embrulho. É natural que o poeta não possua cópia d'essas composições dispersas, que elle desejava reunir em um volume contendo todos os seus versos, com o titulo *Campo de Flôres*. Conhecemos a Lyrica completa de João de Deus, do periodo em que escapou ao pedantismo universitario, e do periodo em que passou incolume pela pedantocracia parlamentar; é possivel já formar um juizo claro sobre o grande poeta, que como Camões tem o poder de produzir a *sympathia social*.

Como nos organismos superiores se repetem no seu periodo fetal as phases rudimentares da serie animal de que elles são o ápice, tambem nas manifestações psychologicas ha um instincto synthetico em que o genio resume os caracteres essenciaes do sentimento ou do pensamento de uma época historica. Ao estabelecer-se a evolução da poesia moderna, desde a elaboração dos trovadores e transmissão das tradições populares até á crise philosophica moderna que procura conciliar a razão e o sentimento, immediatamente se acham reflectidas no Lyrismo de João de Deus todas essas características, de que elle teve uma intuição genial. Como um trovador, no seu lyrismo exclusivamente amoroso, elle conserva essa

emoção de timidez e segredo diante da mulher, essa adoração extatica e passiva que o eleva e fortifica. E pela identidade do sentimento d'onde emanou o lyrismo moderno, elle acha as mesmas fórmas estrophicas com os seus primitivos e ingenuos retornellos :

Passavas como rainha ;
 E eu, que andava como morto,
 Parece que me sustinha
 No ar, em extase, absorto. . .
 É ella, dizia eu ;
 A minha estrella do céo.

Passavas, lançando em torno,
 Como a lua em noite amena,
 Aquelle olhar doce e morno,
 Que me dava gosto e pena. . .
 Pena de não ser só meu
 Esse reflexo do céo. Etc. ¹

As fórmas estrophicas são uma invenção permanente, como acontecia nos complicados artificios da poesia provençalesca, mas com a mestria de sete seculos de cultura da expressão esthetica. E para definir de um modo completo o sentimento do *amor* em João de Deus, transcrevemos integralmente a *Adoração*, uma das odes mais bellas do lyrismo universal :

¹ *Folhas soltas*, pag. 9.

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par!
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta d'áspero degredo,
E vê, ao ár subindo,
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
D'um fluido sem igual!
Suave, como lampada sagrada,
Bemvindo, como a luz da madrugada,
Que rompe ao navegante
Depois do temporal.

Vi esse corpo d'ave!
Que parece que vae
Levado, como o sol ou como a lua,
Sem encontrar belleza igual á sua,
Magestoso e suave
Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me atrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta,
N'aquelle santo enlevo
D'um filho em sua mãe.

Tremo, apenas presinto
A tua apparição!
E, se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto!
É uma adoração!

Que as azas preidentes
 Do anjo tutelar
 Te abriguem sempre á sua sombra pura !
 A mim basta-me só esta ventura
 De vêr que me consentes
 Olhar de longe. . . olhar !

E n'esta idealisação ascendente, o poeta, como os lyricos italianos do seculo XIII e XIV, transforma a mulher no typo ineffavel da Virgem, e symbolisa n'ella a maternidade piedosa, a presidencia do sentimento ou a providencia affectiva na marcha da humanidade. Nem Dante, nem Petrarca comprehendem o ideal da Virgem de uma fórma mais bella, e o exprimiram com mais altura :

De luz se inundem os céos,
 Franjem-se as nuvens de ouro,
 Em honra da mãe de Deus.

Essa gloria, esse thesouro
 Que o Senhor tem a seu lado,
 E os anjos cantam em côro !

Aquella que o seu cuidado
 É a pobre mãe afflicta,
 O orfão desamparado !
 Virgem Maria bemdita !

*

Curvae árvores frondosas
 Até ao chão vossa rama !
 Encha-se a estrada de rosas !

Esta é quem o céo proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!

Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.

*

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca supplicante!

Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No manto da piedade!

Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga,
Condóe-se do peccador.

Oh joia primorosa
Da corôa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

*

A quem a flôr envia
O seu primeiro aroma,
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céo e terra encanta !
Por quem a rosa chora !
Por quem a ave canta !

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pinacaro da serra,
No valle o mais profundo,

Foi levantada egreja,
Foi levantado altar
Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar !

Ali se abriga a esperança
Na grande desventura,
Ali auxilio alcança
O triste que o procura !

Ali se quebra o encanto
Do mal fundado amor !
Ali se enxuga o pranto
De irreparavel dôr.

*

Virgem Mãe do mesmo Deus !
Virgem filha do teu Filho !
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos !

D'olhar fito n'esse olhar,
 D'olhos fitos n'esses olhos,
 Não ha baixos, não ha escolhos
 N'este mar !

Vem a onda, sobrevem
 Nova onda ; e nada teme
 Quem te vê guiando o leme,
 Virgem-Mãe !

.....

Por feroz que esteja o mar
 De repente fórma um lago !
 Basta um só reflexo vago
 D'esse olhar !

Esse olhar é quem a mim
 Me encaminha e me soccorre !
 O meu norte, e só a *Torre*
 De Marfim.

Meu pharol, refugio meu,
 Sol que dia e noite brilha !
 Mãe de Deus e de Deus Filha,
 Mãe do Céu ¹.

¹ Nem todas estas estrophes se acham colligidas nas *Folhas soltas*, pag. 59.

O poeta reproduz intuitivamente os tercetos da hymnologia latina da egreja, e encontra-se com o Dante no verso: *Vergine Madre, figlia del tuo Figlio...* Naturalmente João de Deus achou-se attrahido para a leitura do maior iniciador da poesia moderna, e a impressão que recebeu acha-se na imitação ou traducção paraphrastica do episodio de Francesca de Rimini, da *Divina Comedia*. Transcrevemos esses tercetos, completamente differentes da versão que o poeta incorporou nas *Flôres do campo* (pag. 207), taes como circulavam na sua época de Coimbra:

E avistando-os nas ondas do inferno,
— Fallae-me, disse, oh almas desgraçadas,
Se se vos não impoz silencio eterno! —

Duas pombas, que amor sustem ligadas
Não batem tão eguaes, em vôo tão certo
Para o seu ninho as azas compassadas;

Nem vôam tão subtis n'um céo aberto,
Que elles da nuvem da rainha Dido
Nos vêm reconhecidos vêr de perto.

« Ah benigno mortal, mortal querido,
Que ao halito de impura tempestade
Visita aos que de sangue se hão tingido.

Se fosse nossa amiga a Divindade,
Pediramos-lhe a paz de uma alma santa,
Para quem tem de nós tanta piedade!

Nós te diremos quanto ouvir te encanta ;
Nós te ouviremos quanto a dôr te inspira,
Emquanto o vento acorda e se levanta.

A terra em que nasci — por quem suspira
Minha alma ainda — junto ao mar se estende
Nas praias onde Pó deseança e expira :

Amor, que em peitos vis se não accende,
Predeu este infeliz, ai! mas que digo ?
Pensar no que elle fez... inda me offende!

Não nos ama de balde um gosto amigo :
En... aquelle abracei... que inda me abraça!
Dos braços lhe cali... vergou commigo!...

Eis d'um só ferro — a ambos, nos traspassa
Mão impia d'um Caím! mão fraticida! »
Calou-se. E eu, submerso em tal desgraça,

Tinha os olhos no chão, sem luz, sem vida,
Quando o Poeta, enfim : Que te amargura ?
Dizendo-me, ergue a face humedecida :

Que lindos sonhos de infantil ventura !
Que ineffavel amor! que intimo encanto
Os não levaram pois á desventura !

Mas dize-me, Francesca! se este pranto
Filho de como eu sinto equal martyrio
Me accitas tal qual nasce intimo e santo :

Como é que n'esse instante de delirio
 Vos segredou amor... de um peito amante
 Prazeres que inda ignora um casto lirio?

«*La bocca me baccio tutto tremante!*»¹

João de Deus não quiz comprehender o Dante pelo lado revolucionario como Anthero de Quental; como lyrico apropriou-se do segredo da expressão ideal da primeira Renascença, e poz em circulação a fórmula definitiva do terceto, com que desenha a realidade da vida contemporanea, como nas estrophes a *Maria*:

Vêr-te, Maria, á porta a fazer meia
 Olhando para mim de quando em quando,
 É o que n'esta vida me recreia.

E referindo-se á vida descuidada da mocidade, faz o mais bello retrato de mulher com a forte carnação dos pintores da Renascença do seculo XVI:

Já esse lindo pé que tens, Maria,
 Esse quadril redondo e cinta estreita
 Me não vinha á ideia noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
 Esse peito redondo e arqueado
 Como o de pomba farta e satisfeita...

¹ Não ha um terceto semelhante a estes nas *Flôres do campo*, onde se lê mais uma estrophe no começo e mais seis no fim; é porém inferior á versão que apresentamos e menos artistica.

Esse bello pescoço, não existe
 Outro assim torneado: o rosto é lindo,
 E a tão meiga expressão ninguém resiste.

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,
 Lembra-me uma romã aberta ao meio
 Quando já de madura está cabindo.

Esses olhos azues... que olhar! Receio
 E desejo estar sempre a contemplal-o;
 Não ha mais dôce e mais custoso enleio:

.....

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
 Não viverá o homem que algum dia
 Descançar a cabeça no teu peito ¹.

João de Deus, por este naturalismo espontaneo adivinhára a grande poesia da Renascença, de que o lyrismo de Camões é uma das expressões mais bellas. Não o seduziu tanto a oitava épica, como o Soneto idealista, que estava um pouco decahido depois dos improvisos elmanistas e dos continuadores das Arcadias. Apesar de toda a superioridade artistica, Soares de Passos não pôde restaurar o Soneto camoniano. Na extensa elegia *A Vida*, a mais bella criação do lyrismo moderno, João

¹ Na versão das *Flôres do campo*, pag. 83, vem por esta forma attenuada:

Sentir pular-te o coração no peito.

de Deus abre com um Soneto camoniano, que o proprio cantor da Nathercia poria ao lado da *Alma minha gentil* :

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenna e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam. . .)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Anthero de Quental publicando em 1861 em Coimbra a sua primeira collecção de vinte e um Sonetos, estabelecia no prologo a continuidade artistica entre Camões e João de Deus, quebrada desde tres seculos. O soneto camoniano ainda floresceu brilhantemente no seculo xvii em D. Francisco Manoel e Francisco Rodrigues Lobo; no emtanto Anthero mostra um entusiasmo por esta fórmula lyrica ainda mal dominada por elle, e proclama: «Esta é a fórmula superior do lyrismo do coração. N'ella tem vindo todos os grandes poetas vasar o que tinham de mais puro na alma... Recebeu-lhes, então, o balsamo mais puro de suas almas esta fórmula ge-

nerosa e profunda. Dante, Miguel Angelo, Shakespeare, Camões, admiram-se nas grandes, nas immensas manifestações de suas intelligencias, o *Inferno*, *S. Pedro*, *Othelo*, *Lusiadas*; mas conhecel-os, amal-os, só aonde esta fórma bella e pura lhes prestou molde aonde vassem os sentimentos mais intimos das suas almas. Ali admira-se o Artista, mas aqui ama-se o Poeta; ali arrebatam-nos o entusiasmo, mas aqui rebentam-nos as lagrimas». A obra de João de Deus começava a exercer a sua influencia, e Anthero em 1861 principiou a libertar-se do lyrismo ultra-romantico, modificando a expressão poetica gradativamente na *Beatrice*, até chegar á belleza suprema dos *Sonetos philosophicos*. A mesma influencia se estendeu á maioria dos poetas portuguezes; versejaram melhor e procuraram novos effeitos para a dicção poetica com as phrases da linguagem popular imaginosa e pittoresca. Muitas mediocridades chegaram a imitar bastante o estylo de João de Deus no verso endecasyllabo; mas não passaram d'isso.

O grande poeta tocava impensadamente todas as cordas da lyra humana; além do idealismo neo-platonico do seculo XVI, havia uma corrente de emoção mystica, representada pelo genio hespanhol, Santa Thereza de Jesus, S. João da Cruz e Frei Luiz de Leão. A sua poesia amorosa era mais vehemente e apaixonada do que a dos mysticos italianos; João de Deus achou essa vibração calorosa quando poz em octonarios os versiculos latinos do *Cantico dos Canticos*. Transcrevemos os versos do retrato da Sulamite, na sua expressão popular e no seu ardor mystico:

Que enlevo, que formosura!
A pomba não tem decerto
No olhar tanta doçura:
E fóra o que anda encoberto.

O cabelo, em quantidade
E tamanho, é singular;
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad,
Que lhes rola pelo chão
Em ellas indo a andar.

Os dentes, em tu abrindo
A tua bocca, que lindo!
Nem um rebanho de ovelhas
Todas brancas e parellias
Quando, em sendo tosquiadas,
Veem saíndo do banho
D'uma em uma, enfileiradas,
E atraz d'ellas, cada uma
Seus dois gemcos d'um tamanho,
Sem ser maninha nenhuma.

Pois a bocca é comparada
A uma fita encarnada.
A voz, ouvil-a é um gosto:
Parte a romã pelo meio
Verás as rosas do rosto;
E fóra no que eu receio
Fallar que me não é dado.

O pescoço, pensa a gente,
Em o vendo de collares,
Que é a torre exactamente
De David, n'esses áres,
De baluartes, e toda
Lá cima, escudos á roda.

Os peitos é um casal
De corsinhas, que o seu pasto
São açucenas do val:
Nada mais tímido e casto.
E deitam um cheiro á goma,
Da myrra mais do incenso,
A ponto que ás vezes penso
Que elles são duas collinas
Por onde aquellas resinas
Espalham aquelle aroma.

.....

A tua bocca é um favo
De doçura quando falla;
A tua lingua, uma sopa
De leite e mel; essa roupa
Cheira a incenso, regala.

Não ha nada comparado:
Agua a mais pura e suave
De fonte fechada á chave,
Não é mais suave e pura.
Esse rosto, essa figura. . .
E só o bem que tu cheiras!
Não me parece senão
Um jardim todo plantado
De romeiras e maceiras,
Canfora, nardo, assim como
Açafrão, canna de cheiro
Aloes, myrrha e cinamomo:
O que ha no Libano emfim;
Não ha fruta nem aroma,
Que se ali não cheire e coma.
És a fonte d'um jardim

Toda pureza e frescura :
Torno d'agua que rebenta
Inda mais viva e mais pura
Lá no Libano, e ninguem
Lhe tem mão nem aguenta
A força com que ella vem.

É inevitavel a hesitação tendo de escolher um trecho da paraphrase do *Cantico dos Canticos*. Como o poeta se compenetrou do sentir da alma primitiva! Como elle adivinhou a psychologia da humanidade. A intuição genial do poeta encontra-se na mesma comprehensão da verdade desvendada pela erudição historica. Michelet, na *Biblia da Humanidade*, falla do *Cantico dos Canticos* como se o tivesse lido não através do latim de S. Jeronymo, mas dos versos de João de Deus: « É visivelmente uma collecção, desconnexa, de cantos de amor, porém collocados em uma ordem que dá ao conjuneto um certo gráo de unidade. — Este livro em grande parte, não é de modo algum judaico. É de uma exaltação e de um encanto, de uma liberdade singular, que destôa e contrasta com a sombria Biblia dos Hebreos, geralmente secca e lirta. Aqui ha, pelo contrario, uma effusão, um abandono (não digo do coração, não digo de amor, mas de paixão e de desejo) sem limites. É um cantico da Syria. — A Sulamite é syriense. A Judia é mais reatada. O seu amante, com certeza, não a compararia « á egua arabe, indomavel, do Pharaó ». — A Judia, tão encantadora e tocante de humildade, não existe em direito: ella não é contada nos recenseamentos do povo. — A Sulamite do *Cantico* é antes uma filha da Syria, armada com os sete Espiritos,

para invadir, turbar, tentar, inebriar o homem, fazer d'elle uma criança fraca. Eis todo o sentido do *Cantico*, sentido que resalta fortemente desde que se afastem os retoques grosseiros com que o obscureceram. A historia não é obscura, como tratam de fazel-a. É muito clara em verdade. É na primavera, o momento em que na Syria (na Grecia, e em toda a banda) se faz uma festa ao abrir e provar os vinhos da ultima vindima. É o momento em que o sangue vermelho de Adonis corria em Biblos com as areias da torrente, torrente tambem de amor, de prazer desvairado, de prantos. Um formoso rapaz (filho de um emir, segundo julgo) muito joven, elle é ainda de marfim (*eburneus*) branco, delicado, veiu aos celleiros que estão cavados na montanha junto da cidade, para abrir e provar o vinho. Na sua passagem encontra uma bella moça, trigueira, ricamente dourada pelo sol do oriente, que perto d'ali guarda a sua vinha. Elle a convida para vir, entrar e provar. Ella é muito ignorante. O rapaz tem a voz tão dôce e parece-se com uma moça, uma joven irmã. Ella obedece e segue-o; eu não sei o que lhe faz beber, porém ella sae offegante. Ella diz: «Mais! e beija-me com um beijo da tua bocca!... Tocar-te, é mais dôce que o vinho que tu me fizeste beber... Que suave cheiro vem de ti. Eu te seguiria por esse perfume» ¹.

¹ *Bible de l'Humanité*, pag. 387.

Bem quizeramos transcrever todo o capitulo em que Michelet reduz ás condições naturaes as situações dramaticas do *Cantico dos Canticos*, explicadas pelos cultos orgiasticos dos Deuses-serpentes-peixes-pombas, nascidos do desejo e dominando pela fascinação morbida das mulheres da Syria e de Biblos, cujo amor é invencivel como a morte. Para avaliar a alta comprehensão esthetica de João de Deus desvendando a poesia do *Cantico dos Canticos*, sómente essas paginas de Michelet podem servir de commentario eloquente. João de Deus foi levado a essa intuição pelo profundo sentimento da poesia popular que transparece em toda a sua idealisação. É esse um dos aspectos mais bellos do seu lyrismo: em uma carta a um joven poeta, que lhe perguntava se os seus versos eram bons, respondia: em as raparigas lh'os cantando fique certo de que são bellos. E era verdade. É este aspecto do seu lyrismo que importa considerar depois da reflexão de todos os aspectos do lyrismo europeu. João de Deus achou tambem o typo da canção popular, a Serranilha, a Villanella, o Tonilho. tal como vem desde os Cancioneiros provençaes até Gil Vicente, Camões, Gonzaga. os Lyricos brazileiros e ainda corrente nas aldeias, como em Rebordaínhos. Transcrevemos a canção *Amores, amores*, com as variantes que não entraram nas *Flôres do campo*:

Não sou eu tão tola
Que queira casar;
Mulher não é rôla
Que tenha um só par.

Eu tenho um moreno
Tenho um d'outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo
Se apenas o dou,
Sumiu-se-me o pejo,
E o gosto ficou?

O mais baixo um dia
Deu-me um e depois
Achei-o fatia,
Paguei-lhe com dois ¹.

Abraços, abraços
Que mal me farão?
Se Deus me deu braços
Foi essa a razão.

Um dia que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe d'um salto
Suspensa no ár.

¹ Um d'elles por graça
Deu-me um e depois,
Gostei da chalaça,
Paguei-lhe com dois.

(*Flôres do campo*, pag. 72).

Meus lindos cabellos ¹
 Que lhe hei de fazer?
 Beijal-os e vêl-os
 Quem eu bem quizer.

Um dia por prenda
 Pediram-me alguns,
 Que bella encommenda,
 Fiquei sem nenhuns.

Gosando, gosando,
 Que a morte é fatal;
 E a rosa em murchando
 Não vale um real.

Eu sou muito amada,
 E ha muito que sei
 Que Deus não faz nada
 Sem ser para quê.

Se Deus nos deu flôres
 Foi para as colher;
 Amores, amores,
 Deixal-os dizer.

Eu tenho um moreno
 Tenho um d'outra côr,
 Tenho um mais pequeno,
 Tenho outro maior.

¹ As quatro estrophes seguintes faltam no texto das *Flôres do campo*; a penultima é transposta.

A cançoneta intitulada *Sympathia*, colligida no *Ramo de flôres* e incorporada nas *Folhas soltas*, é uma d'essas melodias ineffaveis com que João de Deus unifica o genio do povo com o sentimento individual; eguala o fragmento da ode de Sapho :

Olhas-me tu
Constantemente :
D'ahi concluo
Que essa alma sente !...
Que ama, não zomba,
Como é vulgar ;
Que é uma pomba
Que busca o pár !...

Pois ouve ; eu gemo
De te não vêr !
E, em vendo, tremo,
Mas de prazer !...
Foge-me a vista...
Falta-me o ár...
Vê quanto dista
D'aqui a amar !

João de Deus concentrou na poesia todo o talento de expressão revelado na musica e no desenho; o *Remoinho* é o que ha de mais pittoresco, como quadro descriptivo de um cyclone. A palavra pinta todos os effeitos do terrivel phenomeno meteorologico, com as mais audaciosas onomatopêas :

Vem de lá elle e topa
 N'uma arvore, o que faz?
 Enrola-se na cópa,
 E tronco e tudo, zás!

.....

Aquelle enorme tronco
 Quiz resistir, depois,
 Ouviu-se um grande ronco,
 Quando o eu vejo em dois.

Andava a rama toda,
 Emilia! assim, vês tu?
 Á roda, á roda, á roda
 Eis senão quando, rhuh!

O poeta, embora absorto em uma contemplação completa, corrige o estado de subjectividade com um profundo sentimento de sociabilidade; por elle escapou, apesar das suas decepções a esse estado de pessimismo que leva ao suicidio. Quando em 11 de janeiro de 1890 a alliada Inglaterra impoz a Portugal um *Ultimatum* brutal para lhe entregar a melhor parte da Africa, João de Deus sentiu o mesmo abalo da nação. E sob essa impressão do ultraje escreveu a fabula do *Leão moribundo*:

Achou-se um dia o Rei dos animaes,
 Por velhice ou doença, moribundo;
 E (ha casos n'este mundo
 Incriveis, mas reaes!)
 Quem d'antes mais solieito o servia,
 É que ás portas da morte o injuría!

Veiu o cavallo, e deu-lhe uma patada;
Veiu o lobo, ferrou-lhe uma dentada;
Veiu o boi, arrumou-lhe uma marrada!
Elle, comtudo, manso como um lago,
Apenas lhes lançou um olhar vago.

Mas, quando ouviu um zurro,
E, olhando então déveras,
Viu aos pinótes vir correndo o burro.
Ah! presentindo a injuria,
Com mais horror, que furia,
O forte de outras éras,
Rei dos bosques e féras,
Em summa, o grande, o generoso, — o forte,
Arranca das entranhas
Um gemido, um rugido, um uivo, um urro,
Que retumbou por valles e montanhas:
«Antes a morte! a morte!... a morte!... a morte!»

Foi este sentimento da sociabilidade, que constitue uma das qualidades superiores do character de João de Deus, que o levou a emprehender o apostolado da educação popular com a *Cartilha maternal*, que appareceu em 1877. Em uma carta sua publicada em folhetim do *Diario da Manhã*, narra singelamente a historia do seu methodo de leitura: «fui convidado, ha uns sete annos, pelo snr. Rovere a compôr uma cartilha. Não era justo aproveitar-me de trabalhos alheios para lhes fazer concorrência; e por isso o meu proposito foi logo não tomar conhecimento de publicações analogas, limitando-me ao estudo do assumpto.

«O proprio methodo do snr. Antonio Feliciano de

Castilho, que eu aliás tinha no conceito devido á obra mais fallada do auctor, esse mesmo não foi exceptuado da minha abstenção ou, antes, religioso respeito. Direi mais: não por descuido, mas desviado por outras obrigações, ainda hoje o conheço, como então, só por fama.

«Em nada, e o meu aproveitamento o attesta, me posso gabar de discipulo de tão insigne mestre. As suas obras, excepto *Ecco e Narciso*, que li na mocidade, e ultimamente *O medico á força*, são-me totalmente desconhecidas. Do *Methodo* apenas sei uma regra que um dia me recitou um fervoroso apostolo do celebre pedagogo:

A, e, i, o, u, vozeiam
Quando em cima o páo lhes vem;
Mas vão quasi caladinhas
Quando carapuça têm.

«Sem querer por esta particularidade, julgar da analyse que presidiu ao trabalho do snr. Antonio Feliciano de Castilho, é certo que *roxcando* as vogaes tanto com páo como sem páo em cima, (sem páo, mais vezes incomparavelmente) e não indo quasi caladinhas quando têm carapuça; nem a fórmula nem a ideia me convidavam a utilizar-me».

E definindo o seu methodo: «Assim reflectindo, achei que dos varios typos devia escolher o mais usual; que d'esse typo devia escolher o alphabeto minusculo que é, relativamente, muito mais usual; que d'esse alphabeto, devia escolher as vogaes que são as letras mais usuaes e até indispensaveis, porque sem vogal não ha syllaba;

que nos limites da linguagem usual, devia logo com essas vogaes formar palavras, para dar ao espirito do alumno ideias, assim como lhe dava á vista imagens; e depois de póstas por ordem as invogaes, segundo a natureza e simplicidade dos seus valores, il-as apresentando de uma em uma incorporando-as com as vogaes e invogaes já conhecidas, sempre em palavras de preferencia usuaes; por fim apresentar e empregar o alphabeto maiusculo, entremeando na marcha as regras prosodicas necessarias. — Este plano ainda hoje me parece ao alcance de todos; etc.» Nada mais racional e claro; porque a ordem alphabetica é arbitraria, e a soletração absurda. O conhecimento das vogaes presta-se a uma leitura ou applicação immediata de algumas palavras, por onde quem aprende penetra o systema da escripta. O conhecimento das consoantes faz-se segundo as relações de som e emprego na linguagem, tornando successivamente mais vasta a applicação dos signaes alphabeticos. João de Deus, com a doçura de um Fröbel e de um Pestalozzi, attrahiu a sympathia para o seu Methodo, que produziu effeitos surprehendentes na applicação. Na carta a que alludimos, o sincero pedagogista refuta os que procuravam no estrangeiro a origem do seu methodo: «quanto melhor fôra que alguns, em logar de se occuparem do que vae lá tão longe, fossem por exemplo ali ao Limoeiro, ou ali ao curso nocturno do Largo de Santa Clara vêr como em vinte e tantas lições curtas e amenas se acaba de lêr a *Cartilha*, e se lêem outras cousas, sempre com analyse e synthese, por principios, com conhecimento de causa, com consciencia». Um dos criticos

mais severos da *Cartilha maternal* diz: «vem demonstrar exuberantemente — que o poeta possui um talento privilegiado e uma propensão natural para o ensino, como raro se verá». E depois acrescenta sobre o effeito produzido em Portugal: «O snr. João de Deus tem feito um serviço inapreciavel. Com effeito a agitação causada pela *Cartilha maternal*, a venda espantosamente rapida da primeira e segunda edição, mostram como foi grande a impressão que o methodo exerceu no animo do publico»¹. O trabalho de João de Deus teve além de tudo o alto merito de interessar o governo, e todos os homens dirigentes para o problema da instrucção popular.

Em todos os actos da sua vida, João de Deus foi sempre dirigido por um alto sentimento de sociabilidade, que lhe serviu de apoio no meio da desorientação moral e da anarchia politica. De todos os lados o suscitavam os ruidos da agitação revolucionaria, que perturba a sociedade e a consciencia moderna; reconhecendo o conflicto das doutrinas e a falta de uma synthese definitiva, não se deixou arrastar ao estado de negação. As reformas politicas e sociaes não o allucinaram, entendendo comtudo dever cooperar para ellas; procedeu serenamente. Por duas fórmulas vemos tentada a aspiração das reformas sociaes, no fim do seculo XVIII; primeiramente a revolução é iniciada pelos altos espiritos, como Turgot, Necker e Malesherbes, partindo da acção governativa para as massas proletarias. Foi inefficaz esta iniciativa,

¹ *O Positivismo*, vol. I, pag. 462 e 463.

pelo grande principio que a sociedade não se transforma pelas leis, mas pelos costumes. E por isso que as utopias generosas do poder ministerial foram impotentes, a onda revolucionaria irrompeu de baixo para cima, como se viu no jacobinismo e no socialismo. Á facilidade das ruínas não correspondeu a obra da reconstrucção, porque as opiniões só por uma longa estabilidade é que se podem converter em costumes. É portanto a educação systematica e positiva, que tem de identificar a revolução com a evolução, isto é, fazer que o progresso derive como uma consequencia da ordem. João de Deus comprehendeu este novo aspecto do problema, consagrando-se ao apostolado da educação popular e infantil, em que a sua superioridade foi immediatamente reconhecida, pelo character affectivo da sua individualidade.

E quem mais do que eu poderá reconhecer a organização sympathica de João de Deus? Quando a morte me feriu no mais intimo do meu sêr levando-me os dois filhos que eram a rasão da minha existencia, elle veio dar-lhes a immortalidade subjectiva, vivificando-os pela poesia, nas emoções eternas da obra da Arte. Sob o titulo *A maior dôr humana*, reuniu um feixe de elegias, que elle pediu a todos os poetas da geração actual, para entretecer a grinalda depositada sobre a sepultura das duas crianças.

O expressivo titulo do livro é tomado do inimitavel soneto consagrado por Camillo Castello Branco á terrivel calamidade que o impressionou, a ponto de lhe apagar um antagonismo de vinte annos.

Outras composições de escriptores de longo tempo se-

parados de mim por dissidencias litterarias e criticas, aqui apparecem como o signal de uma piedosa pacificação diante da desgraça que deixou em trevas a pequena familia.

É esta a nota dominante em todo esse côro de vozes amigas, vozes sentidas, eloquentes, que impressionam profundamente, e com palavras que se não podem lêr sem chorar.

É incomparavel o conjuncto do livro; das quarenta e uma composições lyricas que encerra, nenhuma é banal, nenhuma se acha eivada de um deismo de convenção que torna mesquinha a impressão diante da morte.

A elegia de Gomes Leal, *A morta*, é um assombro de emoção tragica; a *Parabola da angustia*, de Sousa Monteiro, é de uma melancholia indefinivel; e as quadras de Alvaro Castellões e de Moraes Pinto tocam o sublime pela ingenuidade.

Depois de lidas todas essas composições, que se acham commentadas com os formosos trechos de prosa descriptiva dos jornaes que deram conta do enterro das duas crianças, vê-se que *A maior dôr humana* é um livro que ficará na litteratura portugueza. O livro não será esquecido, pelo menos enquanto sobreviverem na memoria dos que fallam e amam a lingua portugueza os nomes gloriosos de Camillo Castello Branco, João de Deus, Bulhão Pato, e de todos aquelles que cooperaram n'este monumento de piedade.

João de Deus conseguiu o seu intento, que era dar áquellas pobres crianças, arrancadas á vida aos treze e aos dezeseis annos de idade, uma nova existencia subjectiva no espirito de todos os que sentem e amam.

Bastava uma estrophe do poeta para que essa immortalidade fosse effectiva; elle quiz mais, e foi pedir a todos os poetas uma nota de sentimento para compôr esta melopêa, que tanto commove. As composições estão significativamente dispostas, desde a descripção da agonia e paroxismo até á ultima pá de terra, que fecha para sempre aquella sepultura que esconde duas crianças tão bem nascidas e tão amadas ¹.

Nenhum monumento seria mais expressivo e perduravel, do que esse livro. Falta apenas n'esse côro a voz de Anthero de Quental, que escrevera pouco antes para a sepultura de uma menina fallecida, como a Maria da Graça, com dezeseis annos, as inimitaveis estrophes:

Feliz de quem passou por entre a magoa
E as paixões da existencia tumultuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho indefinido
E tenue; mas suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

¹ E para que em tudo o livro seja um mimo de poesia e arte, acha-se impresso em caracteres aldinos na maxima perfeição, com cercadura vermelha em cada pagina, e com uma nitidez incomparavel.

Anselmo de Moraes, o antigo editor da *Historia da Litteratura portugueza*, quiz que esta consagração da dôr eterna do amigo recebesse a publicidade dos seus prelos, tornando-se generosamente solidario, como industrial, com as manifestações do senti-

Não se apagam os dezeseis annos definidos por uma emoção tão ideal e expressa por uma fórma tão bella. João de Deus pedira tambem a Anthero para collaborar em *A maior dôr humana*; em carta a Fernando Leal, datada de Villa do Conde, respondia: «Peço-lhe que diga ao João de Deus que não se tinha esquecido de mim; pois, haverá anno meio, estando na ilha de S. Miguel, ¹ o Henrique das Neves me convidou da parte d'elle. Mas eu é que já absolutamente não sei fazer versos, nem tenho que dizer em verso, de sorte que, sem me esquecer do convite do João, ainda não achei um d'aquelles momentos em que se é poeta. Vou morrendo aos bocados, meu caro amigo. De resto, a respeito dos que morrem moços, já a Grecia antiga tinha dito que são queridos dos Deuses, e eu acho que a Grecia antiga tinha razão. Mas isto não póde inspirar uma elegia ou nenia, e menos ainda consolar os tristes paes».

Para apreciar o effeito moral produzido pelo livro formado por João de Deus, transcrevemos aqui a carta do eminente positivista chileno Juan Enrique Lagarrigue: «Aunque tarde me asocio de corazón al duelo inmenso en que lo sumiera la perdida de sus amados hijos. No lo había hecho antes por ignorar esa cruel desgracia suya, la que solo acabo de saber ahora que ha llegado a mis manos la *Côroa de Saududes* ofrecida a u^d y su

mento da parte dos poetas. É *A maior dôr humana* um livro sob todos os aspectos sympathico; lê-se com lagrimas, e guarda-se como uma saudade que se ama.

¹ Em 1887.

digna esposa por el señor João de Deus y entretegida por un noble grupo de sus conciudadanos. Con íntima emoción he leído ese precioso libro dictado por los mas generosos y delicados sentimientos. No podian haberle puesto mejor epígrafe que el sublime trozo de Augusto Comte que lo encabeza y que se halla tan en consonancia con el doloroso estado del alma de u^d y con la afectuosa manera como sus amigos han tratado de aliviárselo. Me ha impresionado mucho sobre todo la participacion del señor Castello Branco en este acto público de condolencia. Su carta es mas bella y conmovedora que su admirable poesia. Aquello de que se le consulte a u^d sobre la aparicion en la *Corôa de Saudades* del soneto que le dedica, pues no fuera u^d a sentirse disgustado, porque él, su inveterado adversario, interviene en el dolor de u^d, es el testimonio mas expresivo de un gran corazón, verdaderamente digno de asociarse por la alteza de sus afectos con todos los hombres de buena voluntad que se encuentren ya en la Religion de la Humanidad, ó que caminen hacia élla, ó que acampados aun en distintas doctrinas merezian, sin embargo, aposentarse en élla. De alma tan levantada es tambien genuino reflejo ese inspirado pensamiento que cierra su hermosa poesia :

É coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

«Paso por la serie de tiernas y doloridas flôres en verso y prosa consagradas a sus hijos y que manifiestan cuanta era la simpatia que despertaban en los que po-

dieran conocerlos y el amistoso respeto que se profesa a sus padres, y me detengo en la carta de u^d. Allí he visto todo lo que u^d sentía por su Theophilo y su Maria da Graça, lo que esperaba de ellos y la insondable pena que le ha causado su prematura desaparicion. Lo que dice u^d particularmente sobre su hija muestra junto con el angelical de esa creatura, la grandeza moral de u^d. Maria da Graça era para u^d la encarnacion del Provenir. Anhelaba u^d que su hija aprobara mas tarde los servicios que hubiera u^d prestado a la Humanidad. Esa habría sido para u^d su mejor recompensa. Por Maria da Graça y para ella esforzabase u^d en su labor social. Tremendo golpe ha recibido u^d con su muerte. Pero pasada la desgarradora amargura del primer tiempo, sin que u^d se consuele nunca, tomará, no obstante, su dolor un caracter mas sereno que angustioso, y entonces su hija vivirá subjetivamente a su lado por el mas dulce recuerdo. En el alma de u^d revestirá cada vez Maria da Graça un aspeto mas ideal y será su mas puro aliento en la alta empresa regeneradora a que u^d ha consagrado su existencia. Dejando hablar a su propio corazón ha dicho u^d en la carta a que aludo, esta profunda verdad: *a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos*. Por los que seguirá u^d recibiendo de su santo angel filial hade concluir de llenar u^d su mision humana con el mas benéfico esplendor y Maria da Graça será inmortal en u^d y por u^d.

«Asociándome de nuevo a su gran duelo, me suscribo de u^d su amigo aff.^{mo} y servidor obsecuente *Juan Enrique Lagarrigue*: (30 marzo, 1890).»

O livro da *Maior dôr humana*, como expressão de sympathy é a sua obra mais bella, e ficará como um dos mais extraordinarios documentos da historia litteraria contemporanea, no meio da discordancia geral dos espiritos, e dos antagonismos sem fundamento. Todos os contemporaneos e amigos de João de Deus, que n'este paiz exerceram uma parcella de poder, deixavam-no em lucta com as exigencias da vida, em completo isolamento. O poeta tambem nada lhes pedia, na sua concentrada dignidade. N'um impeto de protesto, clamei: «que nos livrem da vergonha que macúla o seculo que deixou morrer Camões ao desamparo». Aquelle brado veio a achar ecco em uma consciencia ¹, por cuja iniciativa o parlamento portuguez approvou a lei que nomeou João de Deus commissario geral do methodo de leitura — *Cartilha maternal* — com um subsidio que o põe a coberto da incerteza de cada dia. E agora que a vida e a obra de João de Deus é conhecida, que occupe o seu logar; — *onorate l'altissimo poeta*.

¹ O deputado Augusto Ribeiro, açoriano.

CAPITULO III

Anthero de Quental

(Periodo de protesto da Eschola de Coimbra)

Nos fuimus simul in Garlandia! Tal era a phrase saudosa com que os antigos condiscipulos da Universidade de Paris, na Edade-média, avivavam a intimidade contrahida nos bancos das escholas, ao encontrarem-se ao fim de annos, em Roma, em Jerusalem, nos tribunaes como magistrados, nas côrtes, e até nos campos de batalha. Aquella recordação apagava todas as distancias, quer o companheiro da Universidade fosse um pontifice, um secretario de estado, um embaixador, um poeta coroadado, diante de um simples monge ou de um modesto advogado, que o acaso aproximára. Era um parentesco espiritual. Eu fui contemporaneo de Anthero de Quental em Coimbra, no periodo mais intenso da revolução intellectual, que o revelou como poeta e pensador (1861 a 1865): posso dizer como o estudante medieval: *Nos fuimus simul in Garlandia*. E por essa intimidade adquiri o conhecimento da sua vida e do meio em que se desenvolveu um talento que tocava ora as fronteiras do genio, ora o desequilibrio, prenuncio da loucura. Vivemos algum tempo debaixo das mesmas telhas, fizemos digressões a pé á mata do Bussaco, conversando, devaneando; mas as suas determinações repentistas, e o es-

pirito de disciplina com que eu me fortalecia, contrastavam por fórma que nos achámos insensivelmente separados. Não consignamos aqui memorias pessoas, á sombra d'aquelle nome glorioso; indicamos apenas as condições especiaes em que nos encontrámos para conhecer uma individualidade complexa e poderosa, que não chegou a manifestar-se em toda a sua pujança, emfim uma superior intelligencia submettida a um desgraçado temperamento. Entraremos em um grande numero de particularidades biographicas, para recompôr o ente moral, o poeta, o pensador, o homem de lucta, o politico. e o mystico desalentado, que ficou depois de apaziguada a anarchia mental em que dispendeu a mocidade. N'aquelle soneto que se intitula *Emquanto outros combatem*, faz o julgamento de uma existencia sem plano :

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inuteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
D'esta pallida e esteril mocidade ¹.

Anthero de Quental em uma Carta autobiographica dirigida ao dr. Storck, traductor allemão dos seus *Sonetos*, dá-se como tendo nascido na ilha de S. Miguel, em

¹ *Sonetos*, pag. 45. Ed. 1886.

abril de 1842 ¹. A elle proprio lhe ouvimos dizer que nascera no mar em viagem de sua mãe da ilha da Madeira para a ilha de S. Miguel. Era filho segundo do morgado Fernando de Quental, homem dotado de uma extraordinaria habilidade de encadernador; elle promovera o desenvolvimento da industria da encadernação na cidade de Ponta Delgada, tendo ido aperfeiçoar-se a Paris, d'onde trouxe a mais completa ferramenta, com que montou uma officina onde se distrahia. Encadernava livros para brindar os amigos, e educou alguns bons artistas que o ajudavam como aprendizes. Os outros morgados da terra julgavam aquillo uma mania de Fernando de Quental; e não era. O herdeiro do morgado, irmão mais velho de Anthero, tinha o nome do avô, André da Ponte de Quental e Camara, o companheiro e amigo de Boeage, que andava com elle na vida airada de Lisboa, e sendo com elle preso por ordem do Intendente da Policia, o terrivel Manique, em 10 de agosto de 1797 por causa das *ideias francezas*, e por se lhe acharem em casa *papeis impios e sediciosos*. É evidente a corrente atávica revelada na crise de insurreição mental de Anthero em 1857. André da Ponte recolheu-se á ilha de S. Miguel, onde passou uma existencia reconcentrada e insociavel, queimando pouco tempo antes de morrer todos

¹ Publicada em allemão com a versão dos *Sonctos* de pag. 11 a 36; foi depois traduzida em portuguez e publicada no jornal politico portuense *A Provincia*, e incorporada por Joaquim de Araujo nos *Annacs de Bibliographia portugueza*, de pag. 28 a 34. Tere-mos por vezes de nos referirmos a este importante documento.

os versos elmanistas, nos quaes por certo se encontrariam importantes esclarecimentos litterarios do fim do nosso seculo XVIII ¹. A mãe de Anthero era extremamente religiosa, e submettia os filhos á forte disciplina catholica; vimol-a em muitos domingos atravessar o Campo de S. Francisco (onde se suicidou Anthero) acompanhada por tres filhas á missa conventual. No espirito de Anthero ficou essa préga da influencia materna, a que allude ao referir-se á phase da sua revolta mental: «Varrida n'um instante toda a minha *educação catholica* e tradicional, cahi n'um estado de duvida e incerteza, tanto mais pungentes, quanto, *espirito naturalmente religioso tinha nascido para crêr placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida*» ². Anthero saiu da companhia materna aos dez annos, vindo em 1852 para Lisboa, como alumno interno para casa do poeta Antonio Feliciano de Castilho, que acabára de fundar o Collegio do Portico. Castilho, por effeito do movimento revolucionario de 1847, entendeu acceitar a protecção do visconde da

¹ Recebemos esta tradição do nosso professor de latim Caetano Antonio de Mello.

² A regressão mystica de Anthero de Quental era determinada tambem por condições atávicas; um dos seus antepassados é o celebre padre Bartholomeu de Quental, nascido na ilha de S. Miguel (Fenaes) em 26 de agosto de 1626, e fallecido em 20 de dezembro de 1698. Fundador da Congregação do Oratorio em Portugal, era prégador da côrte e escreveu diversas obras mysticas, como as *Meditações da Infancia de Jesus*, e *Sermões*. Anthero de Quental foi o ultimo possuidor das cartas manuscriptas autographas do seu antepassado asceta, doadas á Academia das Sciencias.

Praia, e refugiou-se em 1848 na cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel; ali recebeu os mais extremados favores da familia dos Quentaes, e nas suas iniciativas de associações, como a *Auxiliadora dos Amigos das Lettras*, de escholas onde inventou o methodo repentino, e de publicações litterarias e saráos poeticos, foi Castilho sempre acompanhado por Philippe de Quental, irmão do morgado, e tambem poeta. Castilho, apesar das divergencias politicas em que se achou envolvido, e em dissidencia com o visconde da Praia, exerceu em volta de si um grande perstigio litterario. Por effeito da sua convivencia, Philippe de Quental resolveu-se a estudar, e partiu para Coimbra, onde se formou na faculdade de philosophia, terminando a sua formatura de medicina em 1861. Castilho, ao regressar a Lisboa em 1850, vinha preocupado com o *Methodo repentino*, procurando exercer uma suprema missão pedagogica. Fundado o *Collegio do Portico*, Anthero de Quental foi um dos primeiros alumnos, um quasi parente, um filho espiritual do poeta, compadre de Philippe de Quental; Julio de Castilho allude em um folheto á sua união infantil na ilha de S. Miguel, e ao rasgamento que lhe produzira a critica a seu antigo mestre. No *Collegio do Portico* não perdeu Anthero a educação catholica da placida obediencia materna. Quiz a fatalidade atiral-o quasi repentinamente «*para o meio da irrespeitosa agitação intellectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercentir-se as encontradas correntes do espirito moderno*». Em 1854 Castilho abandonou Portugal para ir ao Brazil apostolar o seu *Methodo repentino*; desfez o Collegio, e Anthero

foi mandado para Coimbra, levando apenas conhecimento da lingua franceza e grammatica latina ¹. Tinha naturalmente de frequentar os preparatorios sob a protecção do tio, já matriculado na Universidade; a necessidade de submettel-o a regimen ou de lhe garantir os exames no Pateo, fez com que o mettessem como interno (*formigão*) no Collegio de S. Bento, aos arcos do Jardim botanico. Ahi viveu até matricular-se no primeiro anno de direito, de 1856 para 1857; mas n'esse periodo de internato contrahiu elle o primeiro abalo nervoso, que viera a tomar a intensidade de uma nevrose que lhe perturbou toda a sua vida. Fechado no Collegio durante as ferias escholares com outros alumnos de provincias distantes, entregava-se deploravelmente á perversão sexual. A saida do Collegio foi uma salvação para elle. Apanhando-se com liberdade, o *novato* nada estudou; andava desvairado, ficando reprovado no fim do anno. Os rapazes do curso, com quem contrahira amisade, e que seguiram para o segundo anno, nunca deixaram mais de conviver com o seu ex-condiscipulo; Anthero não apparecia em casa do tio, vivendo por casa de um e de outro amigo, *á lebre*, como se dizia no calão academico, sempre em discussões metaphysicas *de omni re scibile*. A reprovação no primeiro anno juridico desmoralisou-o: «Nunca estudou para as aulas, nem se dignava discorrer *a razione* sobre

¹ Allude a esta diminuta instrucção na Carta *Bom senso e bom gosto*.

a materia das lições» ¹. Pertencia á grande caravana dos *cábulas*, dos que não abrem compendio, apesar de terem talento; mostrava um grande desprezo pelos *ursos* ou estudantes premiados, saídos quasi sempre da categoria dos *capachos*, isto é, d'aquelles individuos cortejadores e bajuladores dos lentes para lhes caírem nas boas graças. Anthero era menos do que *musico*, da classe dos que decoram e impingem a *cebenta*; perdia-se na multidão indistincta da *coelheira*, que chega ao fim da formatura sem ter trocado nunca uma palavra com os seus lentes. Durante a repetição do primeiro anno, Anthero de Quental não se revelára como poeta; era apenas conhecido pela sua figura rosada, e pela grande cabelleira ruiva e crêspa que fluctuava ao vento e quasi lhe cobria a testa. Era então chamado entre os intimos o *Marrafa*. Transcrevemos as linhas do seu retrato por um condiscipulo: «Alto, delgado, muito alvo, rosado e olhos azues claros. Barba intensa, enerespada e loura. Basta e emmaranhada trunfa de cabellos tambem louros, que lhe rompiam logo acima dos supercilios, deixando apenas a descoberto um dedo de testa, e indo voejar ao longe sobre os hombros e espaduas. De capa e batina sempre ennodoadas e rota, á maneira classica, meias pretas esgarçadas e uns sapatos que eram o pasmo de todos nós pelo tamanho disforme e pela côr *terrena e pallida*» ². Anthero con-

¹ Do seu condiscipulo Raymundo Capella, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

² R. Capella, citado fragmento.

servou esta figura até ao sair de Coimbra; os companheiros riam-se e apodavam-no por elle *rapar a testa á navalha*. Evidentemente parecia um typo francez ou allemão; nas genealogias dos *Quentaes das Ilhas*, dá-se a esta familia uma origem franceza, figurando já na côrte de D. Affonso v. Anthero, na crise anarchica em que entrou, juntamente com a dissolução da crença catholica, abandonou a preocupação heraldica dos pergaminhos feudaes, vindo a encarnar em si a idéa revolucionaria na geração academica. Diz elle na sua Carta autobiographica: «Achei-me sem direcção, estado terrivel de espirito, partilhado mais ou menos por quasi todos os da minha geração, a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição. — Se a isto se juntar a imaginação ardente com que em excesso me dotára a natureza, o acordar das paixões amorosas proprias da primeira mocidade, a turbulencia e a petulancia, os fogachos e os abatimentos d'um temperamento meridional, muito boa fé e boa vontade, mas muita falta de paciencia e methodo, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos com que, aos 18 annos, penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia». Anthero localisa em 1860 esta crise intellectual e moral; fôra a ferias á ilha de S. Miguel em 1859, e é datada de julho d'esse anno a poesia religiosa intitulada *A senda do Calvario*, que publicou no *Academico* de Coimbra. Sente-se n'ella a influencia da leitura da *Harpa do Cren-te*, de Alexandre Herculano; transcrevemos algumas estrophes, como o ultimo lampejo do seu espirito religioso:

Deixae, deixae passar o homem forte
O unguido do Senhor!
Se a Cruz que arrasta agora é cruz de morte
Tambem é cruz de amor.

Deixae! na praça o povo agglomerado
Vomita a injuria ali;
E elle, sereno o rosto e resignado
Olha a cruz e sorri.

Sorri... não fero riso de desprezo
Que ao passar pelo labio perde o encanto,
Mas riso que transluz por entre o pranto
Ao que da cruz de amor arrasta o peso...

A influencia do romantismo *emanuelico* de Herculano, e de Lamartine, suggeriu em Anthero a ideia de um poema subjectivo intitulado *Vasco*, formado sobre as impressões do romance historico *Eurico, o Presbytero*, e do *Jocelyn*. Anthero no meio do desvairamento da sua vida emocionista de estudante nunca fez o plano geral do poema; escrevia episodios, que ia ajuntando para urdir com elles o futuro poema, que mais tarde veiu a denominar *O Monge*. Nas transformações por que ia passando o seu talento, aquelle Vasco solitario e crente tornava-se uma especie de Manfredo desesperado, um Hamlet submerso pela duvida, um Fausto, e quebrava a immobildade da graça extatica para arrojarse ao turbilhão dos phenomenos da natureza e do conflicto pela existencia. Os fragmentos ineditos que possuímos do *Vasco* têm a data de 1861; Anthero rasgou-os com todas as outras suas composições ultra-romanticas. Passados mais de vinte annos fez-se a lenda entre os admiradores do poeta

que elle tinha queimado o grandioso poema *O Monge*, de que apenas ficára uma vaga reminiscencia do seu entreccho. Em uma analyse á *Autobiographia*, escrevia Abel Acacio, esboçando um pretendido systema philosophico de Anthero: «Que venha breve esse livro tão anciosamente esperado; sim, que lhe não aconteça como ao *Monge*, o divino, o incomparavel poema que vossa emnencia queimou, quando já quasi concluido, segundo lamuriou a lenda desgrenhada ao Martinho (sc. os frequentadores do botequim assim denominado) inconsolavel». Na collecção inedita que possuímos vem uma poesia em verso solto, *N'uma noite de primavera*, contendo um 1.º e 2.º fragmentos com a indicação *Vasco*. Transcrevemos alguns versos para se fazer ideia da sua estructura :

Esta quadra d'amor quanto nos punge,
Com tão dôce pungir! Como sorrindo
Nos mata de desejos; nos esmaga
Sob o peso infinito dos anhelos
Que esta vida e mil outras não fartaram!
Esta quadra d'amor, com seus sorrisos
Quanto nos punge o peito, ai, quanto mata!

Tal é a essencia do Amor; tal Deus ha posto
Um veneno no mal, na flôr um áspide!
Prazer e dôr, sereis talvez um unico
Unico sêr, que nos penetra e abraza
N'um fogo que nos dóe, mas que é tão dôce?
Punhal, que ferindo o peito nos consola,
Mão, que a afagar nos vae roubando a vida,
Antegosto do que é o céo e o inferno?
Será isto o amor? será?... quem sabe?

E proseguindo n'estas interrogações á Obermann, responde no segundo fragmento :

Será! será! Que importa, se é tão dôce,
 Se mata com um somno entre caricias!
 Vae, rasão fria! vae... isto ou aquillo
 Que importa seja o Amor?... É sempre bello
 — Um momento sequer — gozar a vida.

É bello o amor; é bella a vida; é bello
 Tudo aonde o Senhor a mão ha posto...
 E o Senhor fez o mundo! e a ti, oh noute,
 Noute de primavera, deu-te estrellas,
 Que são almas no espaço a procurar-se;
 A ti, mulher, a ti deu-te o mysterio
 De matar ou dar vida... e a mim, sim! creio —
 Inda ha de dar-me uma hora de ventura!

.....

Oh! dae-me a taça do veneno dôce,
 Que mata embriagando! Dae-me prestes
 Uma taça d'amor aonde libe.

Abril, 1861.

Anthero de Quental realisára n'este anno de 1861 uma nova maneira poetica, representada no grupo dos vinte e um *Sonetos* dedicados a João de Deus. Antes porém de accentuarmos esta sua nova phase poetica, vêmos pelas composições de 1860, em grande parte escriptas nas ferias passadas na Figueira, que a sua imaginação era fecundada pela leitura de Soares de Passos. A bella ode *As Estrellas*, que elle intercalou em 1863 na segunda parte da *Beatrice* (pag. 27 a 31), vem independente no meu manuscrito, com leves variantes,

com a data: «*Figueira, Setembro — 1860*». Evidentemente é uma imitação do *Firmamento* de Soares de Passos, em que vibra ainda a ultima resonancia da sua emoção religiosa.

Basta transcrever uma simples estrophe, para se vêr a analogia entre as duas esplendidas Odes :

E esses sóes, são quaes fachos accendidos
 Á voz do Omnipotente
 Que os revoçou, no cahos diffundidos !
 Mas, ai d'elles ! se, um dia, a voz ingente,
 Ao troar nos espaços,
 Irada lhes disser, disser : *Sumi-vos !*
 Ao seu mando supremo,
 Com fragor rolarão dos eixos lassos,
 E extinctos n'um momento os fogos vivos
 Do firmamento eterno,
 Bastarão para encher a immensidade
 A gloria do Senhor e a Eternidade !

Antes mesmo de ser incorporada esta ode *As Estrellas* no poemeto lyrico *Beatrice*, escreveu-a Anthero no album do seu condiscipulo Santos Valente, acompanhando-a de uma Epistola *Laço d'Amor*, com a rubrica: *Ao amigo A. L. dos Santos Valente enviando-lhe para o seu Album a poesia preccedente*. Transcreveremos alguns versos d'essa epistola, que tem a data: *Maió, 61*; por ella se vê, que o poeta christão da *Senda do Calvario*, entrára n'uma phase deista, que não estava longe da negação atheista :

Que hei de dar de melhor ? Ai, n'estes tempos
De pobres affeições, de tibias crenças,
— Fonte que os sóes do estio tem seccado —
Aonde ha fé tão viva, que trasborde
Enchendo um peito n'outro peito amigo ?
Que esperanças cá da terra ha hi tão firmes,
Tão ricas de futuro, que dous sêres
Possam firmar-se n'ellas sem receio
E abandonar-se todo ao seu arrimo,
Qual braço de mulher em braço d'homem ?

E depois de longas declamações, de quem não dominava o endecasyllabo solto, termina com a effusão deista :

Comtudo Deus existe ! e nós, seus filhos,
— Ingratos — se n'uma hora o olvidamos,
Dentro temos a voz de eterno brado !
Quem póde renegar seu pae ? nós somos
Como esse Adão occulto no arvoreda
Que não quer responder a *quem* o chama.
Porém, se a voz do pae chamou tres vezes
Não póde resistir : « Eis-me presente ».

Dissidentes no mais, Deus nos reúne ;
No impio, e crente, em todos Deus existe,
E todos chama a si, e a todos ama.
Nós somos como rios que descendem
De varia serra, e em vario leito correm :
Mas, que importa ? essas serpes tortuosas
Após rodeios mil, após mil voltas
Vão todas dar ao mar ; some-as o Oceano.

Que importa a crença varia e o vario affecto?

Este laço d'amor a todos une:

— Existe um Deus, que é Pae; somos seus filhos.

Aproximamos d'estes versos, as estrophes da negação absoluta, em que o poeta entrára depois de 1862:

Está deserta a estrada do Infinito:

É apenas o céu do nada espelho:

A eternidade é fossil; Deus é velho,

E o homem olha o céu de fito em fito.

A Cruz de Christo está feita um palito;

Embrulham-se cominhos no Evangelho;

Cada qual dá a Deus o seu conselho,

Nem já o Verbo é Verbo... é só um *Dito!*

Depois d'este contraste comprehende-se que o poeta ao fixar o seu ideal na phase revolucionaria, representada nas *Odes modernas*, sentisse a necessidade de rasgar todos os seus versos ultra-romanticos e emanuéllicos, para apagar a profunda antinomia do seu passado ideal. A publicação, em dezembro de 1861, da pequena collecção de *Sonetos*, dedicados a João de Deus, e em que o proclama o primeiro poeta depois de Camões ao fim de tres seculos, accusa uma nova influencia que ia actuar no aperfeiçoamento da sua fórma poetica. João de Deus fascinára as gerações academicas com a magia de um novo lyrismo, desde 1856 a 1862, em que saíu de Coimbra; eram lidas e decoradas as bellas composi-

ções *Heresta*, *Amores, amores*, *Beijo na face*, *Rachel*, *O dinheiro*, *Maria*, a imitação do episodio da *Francesca di Rimini*, e sobretudo a extraordinaria elegia a *Vida*, que começava por um soneto verdadeiramente camoniano. Anthero comprehendeu a superioridade genial de João de Deus e impôl-o á admiração. Em uns versos ineditos intitulados *Força — Amor*, datados de : *Dezembro, 60*, apparece-nos uma imitação de Anthero de Quental da fôrma estrophica mais caracteristica de João de Deus, a quadra em verso de seis syllabas :

O que destroe os mundos
E dá que os mar's frementes
Em volta aos continentes
Cavem abysmos fundos;

A mão que faz que a noute
Sem luz, amor, encanto,
Se envolva em negro manto
Aonde o mal se acoute;

E disse á nuvem branca
— Em densas trevas morre, —
E disse ao vento — Corre,
Assola, espalha, arranca;

Quem faz da vida morte,
De puro incenso, fumo;
E deixa em mar sem rumo
O homem luctar co' a sorte;

Se é Deus... oh! não, não pôde
Do amor o fóco immenso,
Que abraza em fogo intenso,
Se á mente nos acode;

.....

Não pôde o sôpro d'elle
Mandar a morte e o pranto,
Em vez do dôce encanto
Que immenso amor revele!

Algun genio das trevas
— Espirito infecundo —
Espalha sobre o mundo
Estas vinganças sévas. Etc.

A intimidade entre João de Deus e Anthero de Quental tornou-se mais viva em 1861; aproximava-os a ingenuidade e o enthusiasmo. Possuimos uma poesia inédita de Anthero, em versos alexandrinos, datada de março de 1861, com a rubrica «*A João de Deus, depois de lèr a sua poesia:*

Fique em silencio eterno a minha lyra;
Pomba do céo, tu vae! Deus te bem fade:
N'esta alma em teu logar guardo a saudade
Se a essencia sobrevive á flôr que expira ».

.....

Esta estrophe servia-lhe de epigraphe; debalde procurámos a poesia de João de Deus nas *Flôres do cam-*

po e Folhas soltas. Vê-se que o poeta se esqueceu d'ella, e não foi colleccionada. Transcrevemol-a aqui, além d'este motivo, pela sua belleza e *variantes*, e para intelligencia dos alexandrinos, tambem ineditos de Anthero :

ADEUS

Fique em silencio eterno a minha lyra,
Vae, effluvio de Deus! Deus te bem fade;
 N'esta alma, em teu logar, *fica* a saudade,
 Se a essencia sobrevive á flôr que expira.

Dizer-te adeus! não pude; quando occorre
 Tal voz ao labio, o labio empallidece,
 Como a nota da lyra nos fallece
 Ante a lua que cáe, e o sol que morre;

Ante o sópro que varre o cedro e o vime,
 Ante o sublime aspecto do oceano,
 Ante a esposa do martyr sobrehumano,
 Ante tudo o que é grande, e que é sublime.

Embora!... quando a lampada crepita
 Já falta de oleo, languida esvoaça;
 A nuvem estala; ruge a onda e passa,
 Guarda silencio a abobada infinita.

Sob a impressão d'esta eloquente elegia de João de Deus, escreveu Anthero os alexandrinos, que foram porventura a sua primeira tentativa n'essa fórma metrica.

Não foram colligidos nas *Odes modernas* de Anthero, e pertencem ao numero d'aquellas composições destruidas pelo poeta em 1865, de que adiante fallaremos. É natural que João de Deus guarde alguma cópia; a nossa é de outra proveniencia :

Foi o canto do cysne, o canto derradeiro
 D'aquella augusta voz que se esvaiu no ar;
 Adeus da terna amante ao seu amor primeiro,
 Que eterno ella julgou, mas cedo viu findar;
 Ultimo adeus de quem, ha pouco ainda crente
 N'uma hora apenas vê, qual sombra na corrente
 Morrer-lhe as illusões co' a morte d'esse amor,
 E triste se envolveu no véo d'uma erma dôr.

Soffreu da soledade... E onde ha hi um peito
 Que não soffra tambem, ainda ao mal affeito?
 Soffreu da soledade em que a alma lhe ficou,
 Depois que ao longe e triste o ecco se finou
 D'aquella voz, bem como á tarde em fim do dia,
 A nuvem que passou reflecte um raio ao sol
 Que mesmo occulto a tinge aos fogos do arrebol.

.....

Não transcrevemos todas as estrophes da composição, que termina por insufflar alento no poeta, lembrando-lhe a sua alta missão :

Poeta! essa não é tua missão. Curvar-se
 Um momento é do homem; porém não prostrar-se
 Gemendo em desalento, a face contra o chão,
 Como quem acceitou da dôr a escravidão.

Poeta é quem tem fé, quem busca no futuro
A crença que lhe nega este presente impuro:
Não quem deixa cair a lyra, não quem vae
Pedir ao desalento abrigo e amor de pae.
É virtude soffrer, nunca perder a crença;
É ter esp'rança tal que a dôr mais erúa vença;
É não pelir seu premio aos homens, mas a Deus,
E passar n'este valle, olhar fito nos céos.

Tal é tua missão: — Luctar! O soffrimento,
Ao pé do eterno Bem, o que é mais que um momento.

Passados trinta annos a situação dos dois poetas tinha-se fundamentalmente invertido: apoiado sobre o sentimento da sociabilidade, João de Deus fortificára-se na família e dedicava-se ao apostolado da instrucção popular; Anthero de Quental conhece a sua impotencia para a lucta e suicida-se! Era a consequencia final da anarchia de espirito, a que allude na sua Autobiographia, que aggravou a nevrose hereditaria e veio a reagir sobre a propria intelligencia pela concepção pessimista.

A saída de João de Deus de Coimbra em 1862 porventura influiu na nova phase do espirito de Anthero, que se entrega desesperadamente ás leituras da metaphysica revolucionaria. Escreve elle na sua Autobiographia:

«No meio das cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com egual voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas, e até theologos, a leitura do *Fausto* de Goëthe (na traducção franceza de Blaze de Bury) e o livro de Remusat sobre a nova philosophia allemã exerceram todavia sobre o meu espirito uma impressão profunda e duradoura; fi-

quei definitivamente conquistado para o *germanismo*; e se entre os francezes, preferi a todos Proudhon e Michelet, foi sem duvida por serem estes dois os que mais se resentem do espirito de Além-Rheno. Li depois muito Hegel, nas traducções francezas de Vera... não sei se o entendi bem, nem a independencia do meu espirito me consentia ser discipulo; mas é certo que me seduziam as tendencias grandiosas d'aquella estupenda synthese. Em todo o caso, o Hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações philosophicas, e posso dizer que foi dentro d'elle que se deu a minha evolução intellectual. — Como accommodava eu este culto pelas doutrinas do apologista do Estado prussiano, com o radicalismo e o socialismo de Michelet, Quinet e Proudhon? Mystérios da incoherencia da mocidade! O que é certo é que com esta armadura, mais brilhante que solida, desci confiado para a arena: queria reformar tudo, eu, que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo».

Em volta de Anthero agrupára-se uma pleiade de condiscipulos, animados do mesmo espirito revolucionario e das mesmas sympathias doutrinarias; viviam em perpetua discussão e em tiroteio de sarcasmos. Anthero excedia a todos na excentricidade, na indisciplina contra todos os deveres e convenções; contavam-se d'elle os rasgos de petulancia e de originalidade. É interessante este escorso traçado pelo fallecido poeta Gonçalves Crespo ácerca de Anthero: «Quem passasse á noite na rua onde elle morava, era quasi sempre interpellado pelo poeta, que posto a cavallo no peitoril da janella, as per-

nas bambaleantes, o gesto largo e prophético, os seus revoltos cabellos de scandinavo palpitando á viração nocturna, perguntava estas e outras cousas cabalísticas:

« — Sabes quem era Manú?

« — Tens alguma ideia do Immanente?

« — Deus será de facto o immenso mar da Substancia?

« Os transeuntes ouviam aquellas vozes, e pasmados faziam o signal da cruz » ¹.

De outras vezes, no meio de uma trovoadá, subia ás aguas furtadas da casa onde morou á Sé Velha, e em altos berros commandava a manobra de um navio no alto mar, ou increpava o raio para que se revelasse o personalismo divino no universo. Pela homogeneidade de pensar e sentir, os companheiros das polemicas religiosas e politicas acharam-se naturalmente agrupados em uma sociedade intitulada *O Raio*, que produziu por vezes uma certa agitação academica. Reagiam contra as velhas praxes da Universidade, immobilisada em um deploravel byzantinismo, formulado na maxima corrente entre as gerações escolares: *In rebus Universitatis quod est, est*. As questões da politica ácerca da liberdade italiana e das campanhas de Garibaldi eram tambem um dos assumptos inexgotaveis do cavaco. Apareceu em Coimbra um artista italiano Gennaro Perrelli, violinista, a dar um concerto no Theatro academico; foram-lhe lan-

¹ Na revista *A Renascença*, pag. 57.

çados dos camarotes os seguintes versos de Anthero (nunca colligidos):

A arte é como a luz: brilha do alto,
 Mas quer livre brilhar: do Deus do bello
 Ella é religião: seu templo immenso
 Quer sacerdotes, mas regeita o bonzo.
 E o artista é como o astro gravitando
 Em céo e espaço livre: acaso o servo
 Póde entoar um canto de ventura?

Só a mão que não aperta
 Grilhão de escravo, desperta
 Na arte tal magestade,
 Tal sentir e tal verdade —
 Vêde essa fronte inspirada
 Do artista, alumuada
 Ao clarão da liberdade.

Anthero era já conhecido na academia pelos seus sentimentos revolucionarios; mas o seu perstigio pessoal foi formado por occasião da visita do principe Humberto a Coimbra. Transerevemos essa anecdota dos fragmentos publicados pelo condiscipulo Raymundo Capella: «No entretanto chega a Coimbra o principe Humberto, actual rei de Italia. A academia nomeia Anthero presidente da commissão que tem de ir comprimentar o augusto visitante. — Deu um trabalho para o vestir e escovar, e ensaial-o nos modos e nas cortezias. Anthero temia de apavorar-se na presença do principe, dos camaristas e officiaes ás ordens, do reitor e dos lentes de capello e borla, e das damas em decote, e dos archeiros em armas, e das sanefas de damaseo vermelho, e dos retra-

tos dos senhores reis!... Tres annos de gloria democratica contemplavam-no... do meio da rua! Era preciso reagir contra a superstição herdada de paes monarchistas; contra a fascinação dos vãos apparatus, contra o escaerneo dos aulicos imbecis. E reagiu tanto, tanto, que excedeu toda a confiança academica na afouteza do seu protagonista. Disse ao principe: — Senhor! nós não vimos saudar aqui o filho do rei Victor Manuel, o herdeiro da corôa de Italia, mas sim o amigo de Garibaldi! — Humberto não respondeu, não sabia o que responder. Córou, balbuciou, cochichou com os cortezãos que lhe faziam lados, e acabou por apertar affectuosamente a mão de Anthero e dos seus companheiros; os quaes, com a graça a mais familiar do mundo, lhe entregaram a traducção italiana da allocução, afim que sua alteza ficasse bem certo de que a academia de Coimbra o respeitava sómente por constar ser elle amigo particular do heroico demagogo, ferido em Aspromonte pelas balas dos soldados de seu real papá. Isto fez um effectarrão, e Anthero de Quental foi logo aclamado generalissimo da academia revolucionaria». Na recita de gala celebrada no theatro academico na noute de 22 de outubro de 1862, o estudante Fialho Machado recitou uma poesia de Anthero *Á Italia*, que foi atirada dos camarotes. Conservamos um exemplar, talvez unico; começava:

Italia e Portugal! que duas patrias!
Ambas tão bellas, tão amadas ambas!
Uma, a patria do berço; outra a das almas;
Uma, a das artes; outra a dos combates!

Oh! deixae que hoje, aqui, sobre o meu peito
 As estreite afinal! Ha quanto tempo
 Eu quizera juntar-vos, bellas frontes,
 Beijar-vos, bem unidas, soluçan do
 Como quem, tendo pae, mãe encontrasse.

Terminava, além de outras estrophes em octanarios rimados, com a seguinte, em fórma de vaticinio:

Tudo tem allivio á magoa:
 A flôr murcha — a gota d'agua,
 Cruz — o moribundo exangue,
 Um filho a féra mais seva;
 Amor — o martyr; a tréva
 Um raio de claridade;
 E o povo, que é vida e sangue,
 Não ha de ter liberdade?

Mal suspeitava Anthero de Quental que pelo poder da metaphysica dos politicos ideologos do constitucionalismo a liberdade da Italia, tão laboriosamente conquistada, tinha de converter-se em pedestal da dynastia de Saboya. Nunca lhe occorreu esta decepção. A sympathia politica levára Anthero para a leitura da *Divina Comedia* de Dante. Entre os ineditos dilacerados encontramos:

NA PRIMEIRA PAGINA DO INFERNO DE DANTE

Este é o livro das vinganças nobres,
 O inferno dos que tem o céo na terra.
 Nem vingança; justiça. Oh vós que as lagrimas
 Trazeis sempre nos olhos, sem que sequeem,

Lazaros no banquete da existencia,
 Oh filhos do dever! lêde este livro,
 Porque através de um mundo de miserias
 Do largo peregrinar chegando ao termo,
 Heis de ouvir lá das bandas do futuro
 A grande voz de Christo, a voz eterna
 Erguer-se sobre os filhos da verdade:

« Felizes dos que soffrem — terão premio :
 Feliz do pobre e triste, orfão d' affectos,
 Será rico; no céo seu pae o espera ».

E em seguida com o titulo: *Dante — Divina Comedia — Purgatorio — Canto VI*, vem estes versos datados de julho de 1862:

Oh Italia aviltada! Oh não sem rumo,
 No meio da tormenta!
 E era esta a rainha das provincias?
 Hoje... cloáca informe!
 Outr'ora, mal bradasse: « Patria, Patria! »
 Um cidadão, um filho
 Alma nobre — acolhial-o no seio,
 No seio que lhe abrias!
 Agora espreita cada um o peito
 Do visinho e olha o gladio:
 E os que estreita no cinto o mesmo muro
 E o mesmo fosso... comem-se!
 Alonga, alonga, oh triste, pelas praias
 Teus olhos macerados;
 Desce-os, desce infeliz ao proprio seio...
 A paz! onde a encontraste?

Depois d'estas leituras dantescas, Anthero compoz uma outra physionomia; já não era o rosto alegre e im-

previdente do estudante audacioso — conservava os traços immoveis e uma expressão magoada como sob o peso de uma dura missão. Tornava-se mesmo desdenhoso; ia sózinho em excursão á matta do Bussaco, e não tinha paradeiro certo, dormindo pelas casas dos amigos. Era uma especie de Fausto; junto d'este Goëthe fazia as vezes de Merck um estudante de Penafiel, chamado Germano Meyrelles, «um aleijadinho mephistophelico, que foi empregado de fazenda em uma comarca do Minho e jornalista», como o retrata Raymundo Capella. No seu orgulho sem base, Germano definia-se: «Eu sou um raio do sol encarnado n'uma alma de mulher». Anthero supportava-o com piedade, e chegou a ligar-lhe a importancia de lhe dedicar a primeira edição das *Odes modernas*. Era um dos seus lados fracos, o ser influenciado pelos individuos com quem convivia; e uma das influencias de Germano foi esse lado pessimista, que antes da doença nervosa o deixou em estado de não encetar uma carreira na vida, não escolher uma occupação, não definir o seu destino. De 1861 para 1862. Anthero de Quental, foi reprovado no quarto anno de direito, perdendo outra vez a companhia dos amigos do seu curso; teve ideia de dar uma prova publica de capacidade, escrevendo um trabalho sobre *Codificação*. Era impossivel submeter-se a um esforço systematico. Na repetição do quarto anno, em 8 de dezembro de 1862 deu-se o facto da *evacuação da Sala dos Capellos*, em que toda a academia desfeiteou o reitor Basilio Alberto de Sousa Pinto, voltando-lhe as costas e saindo para o largo da Universidade no momento em que elle ia lêr a

allocução antes de conferir os premios. A sociedade do *Raio*, indignada contra a severidade do reitor, que impuzera por um edital, que as batinas fossem cosidas pela frente e se vestissem pela cabeça, riscando a torto e direito os estudantes por qualquer infração disciplinar, preparou-lhe esta affronta, que o levou a ser demittido, com a compensação do titulo de visconde de S. Jeronymo. Anthero de Quental fôra um dos promotores da evacuação; no dia seguinte ao da manifestação, estando suspensos os trabalhos escholares appareceu em casa do tio, queixando-se de que a imprensa accusava os estudantes de instrumentos de vinganças pessoases, de discursos e de terem dado alguns gritos sanguinarios. Foi então, que eu lhe disse: Escreva um Manifesto ao paiz. No dia seguinte appareceu o *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra á opinião illustrada do Paiz*, = 1862-1863 = em que Anthero revelou pela primeira vez os seus dotes de pamphletario. Essa folha, assignada por trezentos e dezeseis nomes de academicos, teve o poder de lhes dar rasão, sendo demittido o reitor. Transcrevemos alguns trechos d'esse Manifesto, extremamente raro: «Ao governo, aos homens desinteressados e liberaes d'esta terra, vamos dar rasão do nosso procedimento. Ouçam-nos. — Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o paiz: — Que querem os estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da sala dos Capellos no dia 8 de dezembro de 1862? Que protesto é esse contra o seu chefe?

«Os estudantes não são meia duzia de crianças turbulentas que, n'uma hora de galhofa, se combinem para

pregar uma peça engraçada. . . Os estudantes não são, tão pouco, instrumentos cegos de vinganças pessoais, trabalhando á luz do dia, mas movidos por um braço occulto na sombra. — A evacuação da sala dos Capellos no dia 8 de dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. — Gememos sob o peso de uma legislação iniqua, porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa. Cumpre ao Reitor adoçar-lhe o rigor, e no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com o ideal do seculo, que é a Justiça. — Mas quando trata de a cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ella, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as ultimas consequencias. . . A manifestação contra o Reitor da Universidade é tambem protesto contra a iniquidade de uma legislação atrazada de tres seculos, porque este Reitor symbolisa todo o rigor d'essa lei, porque consubstancia em si tudo quanto ha de máo na instituição». É em volta d'esta ideia e contra o systema inquisitorial da *informação de costumes*, que se desenvolve o Manifesto. Anthero exercia então uma grande auctoridade moral no corpo escholar, e quando na reunião do theatro academico se discutiu em 1864 o *perdão d'acto* e o conflicto com a auctoridade militar, Anthero foi um dos que propoz o exodo para o Porto; sentia-se com o temperamento do revolucionario, sem ter em que o empregar. N'esse anno de 1863 publicou o poemeto *Beatrice*, que incorporou mais tarde nas *Primaveras romanticas*; é um feixe de composições lyricas

em que se sente o influxo do *Firmamento*, de Soares de Passos, e da *Cruz mutilada*, de Herculano, e já uma notavel perfeição de fórma. Não sustentou essa execução no poemeto *Fiat lux*, em que descreve a formação da terra como resultando dos residuos do barro com que Deus creou os sóes e estrellas, que lhe sujava as mãos, e que elle ao esfregal-as deixou cair nos espaços «*como um sapo em seio de virgem*». Procurava a originalidade á custa da extravagancia; quando Pio ix se proclamou com a infallibilidade, Anthero escreveu um pequeno opusculo sobre *A Encyclica do Papa*, querendo provar que elle estava na logica do systema catholico, e que obrára coherente e dignamente. Mostrava a mais completa inintelligencia do que é um poder espirital. Terminou a formatura em direito em 1864 já em uma grande solidão moral; os companheiros, que se formaram, um anno mais cedo, já tinham partido para os seus lares. Anthero começou a soffrer uma certa nostalgia; a formatura vinha pôr termo áquella existencia aéria, irresponsavel, e deixava-lhe um fundo de melancholia. Conta Raymundo Capella, referindo o seu desdem sobre as disciplinas do curso: «No acto da formatura perguntado: — quantas eram as fórmas usuaes do processo civil? respondeu com soberbo entono — são infinitas». Estava terminada a formatura, e Anthero achava-se com uma aversão invencivel ao tratamento de *senhor Doutor*. Passou ainda um anno em Coimbra, de 1864 a 1865, já vestido á *fulrica*, e incerto no seu destino; para distrahir-se fez um balanço geral dos seus versos em casa de uns illheos no largo da Trindade, e apurou as compo-

sições que appareceram em 1865 com o titulo *Odes modernas*, inspiradas pelo ideal revolucionario e livre-pensador. As outras composições poeticas do seu periodo romantico religioso e sentimental, que não estavam accordes com o seu estado moral, rasgou-as uma a uma, em pequenos bocadinhos e lançou-as á rua, onde andaram revolteando com o vento de outubro até se empastarem na lama das primeiras chuvas. Mal suspeitavamos que este grupo de poesias fôra copiado pelo seu companheiro das troças, Eduardo Xavier, e que viria um dia cair em meu poder, para reconstruir o periodo romantico da sua elaboração artistica. As *Odes modernas* não fizeram ruido na imprensa jornalística, mas foram lidas e admiradas; provocaram uns leves remosques de Castilho contra a nebulosidade do ideal, o que deu logar a uma replica eloquente da parte de Anthero. Na Carta autobiographica, diz elle das *Odes modernas*: « Não sei bem como caracterisar este livro; não é certamente mediocre; ha n'elle paixão sincera e elevação de pensamento; mas além de declamatoria e abstracta, por vezes aquella poesia é indistincta, e não define bem e typicamente o estado de espirito que a produziu. O que ella representa perfeitamente é a singular alliança, a que atraz me referi já, do naturalismo hegeliano e do humanitarismo radical francez. Acima de tudo é, como dizem os francezes, *poesia de combate*; o pamphletario divisa-se muitas vezes por detraz do poeta, e a egreja, a monarchia, os grandes do mundo são o alvo das suas apostrophes de nivelador idealista. N'outras composições, é verdade, o tom é mais calmo e patenteia-se n'ellas a intenção phi-

losophica do livro, vaga sim, mas humana e elevada. A novidade, o arrojo, talvez a mesma indeterminação do pensamento, apenas vagamente idealista e humanitaria, fizeram a fortuna do livro junto da geração nova, o que prova pelo menos que *veiu no seu momento...*»¹. Anthero não falla das suas poesias romanticas e crentes, que rasgou ao fazer a escolha das *Odes modernas*; a corrente revolucionaria foi provocada pelos *Chatiments* de Victor Hugo, verdadeira poesia de combate, com destino patrio e humanitario, e directamente imitada por Guilherme Braga, Guilherme Azevedo, Guerra Junquei-

¹ Eis como Alexandre da Conceição, um dos vigorosos representantes d'essa geração nova, escreve ácerca das *Odes modernas*: « Pelo mesmo tempo, Anthero de Quental editava o seu volume das *Odes modernas*, nas quaes a critica official achou apenas como dignas de reparo algumas expressões menos felizes, e não aferidas pelos moldes consagrados. Este livro porém, apesar dos seus altos merecimentos, estava impregnado de metaphysica pantheista, e decididamente o espirito publico cedeu a favor de inventario esta velha herança da nebulosa Allemanha. Sonhos por sonhos, é preferivel o espiritualismo como mais consolador; metaphysica por metaphysica, não vale a pena sahir de Aristoteles. *Odes modernas* é um livro de subido valor como manifestação individual de um talento e mesmo como symptoma de correntes de ideias que precedeu immediatamente a systematização positiva, mas livre sem condições de propaganda e sobretudo de disciplina. Melhor orientado na direcção das novas ideias é o livro que appareceu mais tarde, de Guilherme de Azevedo, *Alma Nova*, no qual o ideal moderno da Justiça e o profundo sentimento da anarchia contemporanea dos espiritos e das instituições se revela já com uma intensidade e uma precisão notaveis ». *Commercio de Portugal* n.º 121 (1879).

ro e Gomes Leal, com mais brilhantismo de fôrma e mais recursos artisticos de expressão pittoresca. Da ultima maneira de Victor Hugo, *A Lenda dos Seculos*, tambem tomámos o primeiro impulso para as nossas tentativas de idealisação da Humanidade na *Visão dos Tempos e Tempestades sonoras*, (1864) onde o hegelianismo nos levava mais longe do que o simples quadro episodico e nos preparava o caminho para o advento normal ao positivismo. Anthero exaltou exageradamente a *Visão dos Tempos*, em um jornalsinho de Penafiel; foi em 1865 que nos aproximámos, quanto bastou para lhe fazer lêr as insidias de Castilho, que produziram no seu espirito um effeito muito além do estímulo contido nas palavras. E no fundo, os nomes de Anthero de Quental e de Vieira de Castro vinham ali para encobrirem um odio concentrado e directo contra um desamparado espirito que abria caminho na vida sem pedir protecção aos fortes ¹.

Em 1864 fez Camillo Castello Branco uma viagem a Coimbra; um sobrinho do romancista, que era intimo de Anthero, fez a aproximação dos dois escriptores. Eis os traços das impressões recebidas por Camillo Castello

¹ Herculano tambem sentiu uma egual má vontade, revelada a Oliveira Martins, em uma carta em 1869, quando já formado e reprovado em um concurso luctava com a miseria silenciosa: «Theophilo é uma intelligencia completa e uma grande vocação litteraria, mas uma fraea vontade: gosta de fazer ruido; deseja adquirir reputação; não possui porém o querer robusto, que vae até ao sacrificio, (!) que vae até ao martyrio, e que é preciso para tornar um homem verdadeiramente superior. Achou a porta do abstruso synthe-

Branco, nos quaes se acha o presentimento de que Anthero acabaria pelo suicidio: «Ha menos de um anno que o conheci em Coimbra, graças á medeação do meu sobrinho Antonio de Azevedo Castello Branco. Não me occorrem termos com que muito em sombra dê a sentir a brandura, a suave melancholia e insinuantissimo entranhar-se d'aquelle moço no mais affectivo da alma. Nenhum pensamento sem cunho do sentir alto do coração. Nem palavra que rebuçasse malevolencia ou satyra. Modestia, que era depoimento de muito saber, e muito lêr, não tanto em livros de philosophos enredadores do animo, quanto nas biblias da natureza... Compreendi o prendimento de Anthero de Quental aos silenciosos oliveiraes do Penedo da Saudade. Vi a casinha onde erma o visitava o alvor da manhã, e o conversavam os murmúrios da tarde. Versos lhe ouvi, que deviam ser o seu monologo nos silencios d'aquellas noites estivas. Contemplei-o com amorável admiração; fizeram-me extranheza aquelles vinte e quatro annos absorvidos em qualquer ponto luminoso, no centro de um disco negro d'aquella negridão, que, a cada hora, escorenta a luzinha e sub-

tico e symbolico engrinaldada de maravilhas francezas: metten-se por elle, e o resultadoahi temos. Dir-me-ha porque não o dou (sc. o conselho de trabalho analytico) a Theophilo? Porque não o acccita. Aquelle ou já não se cura, ou ha de curar-se a si mesmo. É o que sem lh'o dizer, eu de coração desejo». (No jornal *O Reporter*, de 28 de junho de 1888, completadas as reticencias pelo extracto que vem no *Jornal do Commercio*, folhetim de 1870 sobre os *Estudos da Edadé-média*, de Oliveira Martins).

merge em tristeza abafadora o espirito irreconciliavel com o Impossivel... Prezei-o por isso mesmo, e disse entre mim: — Se as paixões d'este mundo o não apegarem depressa ao seu lodo, este moço não será mais feliz que Hegesyppe Moreau, e comprehenderá melhor que eu as febres e o trespasse de Gerard Nerval». — Camillo comprehendeu a physionomia do allucinado. Continúa, esboçando-lhe a feição litteraria:

«Alguns dias volvidos, recebi as *Odes modernas*... Li e reli os seus poemas: uns parecem-me despregar azas de ouro ás regiões serenas da meditação, por aquelle rasgo luminoso dos Hugo; outros, denunciavam a inspição captiva da terra e atirada aos sarçaes ardentes em que dolorosamente se contorcem os Musset e Espronceda; outros, e os mais d'elles refinavam em phrenesis de impiedade, que destoavam asperrimamente d'aquelle dizer moderado e controversia reflexiva com que o auctor da *Beatrice* impugnava as minhas chãs e fradescas razões em cousas pertinentes á poesia divina do Calvario»¹.

A revolta de Anthero de Quental contra a auctoridade de Castilho era uma consequencia remota da indisciplina do antigo collegial do Portico (titulo de um estabelecimento de educação explorado por Castilho, onde Anthero conheceu o espirito de infantilidade do poeta). Existiam relações intimas entre a familia de Anthero de Quental e a de Castilho, desde a época em que este se refugiára na ilha de S. Miguel. No folheto de Julio de

¹ *Vaidades irritadas e irritantes*, pag. 8 e 9.

Castilho, defendendo a reputação litteraria de seu pae, ha allusões sentidas a essa intimidade: «É Anthero de Quental um nome, que obscuro ainda para muitos (fallemos franco) em mim desperta lembranças, e até saudades, e muitas;... nome que enlaçado com o meu em tempos que já lá vão e não tornam, me acostumei a amar como o de um quasi irmão, lá desde quando o destino unira as nossas sortes n'aquella ilha, terra d'elle e meus primeiros amores, n'aquella ilha abençoada, que Paulo e Virginia invejariam para berço e para sepultura. É Anthero de Quental (coincidencia notavel e dolorosa) o meu mais antigo amigo, o companheiro dos meus folgedos de innocente; dobrada pena me fez vêr que tão improvocada como acrememente menoscabava elle o nosso antigo mestre commum, o esforçador, o homem de conselho, que é meu Pae, que é o Pae do seu amigo» ¹. Depois de avivar estas recordações da infancia, Julio de Castilho lembra a Anthero de Quental a sua genealogia litteraria: «Houve no seculo xvii um homem grave e douto, um amigo de reis e povos, um apostolo; chamava-se elle Bartholomeu de Quental; antiga vergontea da grande arvore cujo derradeiro fructo foi o nosso esperançoso Luthero, — (equivoco de rima com o nome de Anthero). Aquelle santo congregado teve o bom ou mau juizo de escrever livros, de estudar, e muito, de meditar os modelos antigos eternamente juvenis, de ser um lati-

¹ O snr. Antonio Feliciano de Castilho e o snr. Anthero de Quental, pag. 5.

nista e um horaciano, de ser purista e de não *innovar*, como quasi dois seculos depois um seu collateral descendente havia de fazer, n'essa mesma Coimbra, que o velho prégador da Capella real afamára por seu estudo e diligencia. . .

« Lembre-se tambem o mesmo ornamento da Academia, que seu avô paterno, o snr. André da Ponte de Quental (para não ir mais longe ou não fallar em vivos) foi tambem homem de boas lettras, amigo de um certo *traductor*, de um certo *imitador*, e de um certo *enfeitador de ninherias*, que se chamava Bocage; que foi poeta como Bocage, e que tudo quanto escreveu me consta que se entende, e se entendia já ha sessenta annos » ¹.

D'este companheiro de Elmano já fallamos na *Vida de Bocage e sua Época litteraria*; depois de ter sido preso com Bocage, voltou para a ilha de S. Miguel, onde viveu administrando o seu morgado, e concentrado em um fundo retrahimento destruiu todos os seus escriptos antes de morrer. D'elle vem esse temperamento vesanico, que no irmão mais velho de Anthero terminou pela loucura, e no poeta tomou o character phantastico, vaporoso e descontente, sublimemente revelado nos seus *Sonetos* pessimistas, e nos planos vagos de regeneração do pensamento humano pela remodelação do inconsciente com os dogmas buddhicos.

Quando Castilho esteve na ilha de S. Miguel (1848-

¹ *Ibid.*, pag. 23 e 24.

1849) um tio de Anthero de Quental, como já notamos, acompanhou-o em todas as suas iniciativas para a fundação do *Agricultor michaelense*, e da *Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em Ponta Delgada*; a esta convivencia deveu o desejo de completar a sua educação litteraria, vindo para Coimbra, onde se formou na faculdade de philosophia, doutorando-se em medicina, em cujas disciplinas é lente cathedratico na Universidade. Referimo-nos ao dr. Philippe de Quental; Julio de Castilho não se esquece d'esta circumstancia, para fazer sentir o attentado de Anthero: « Pois, apesar do snr. Luthero, houve entre os do seu sangue uma bella alma, que se não correu de dedicar ao snr. Castilho estas duas estrophes, que por motivos de bem entendida ufanía e eterno agradecimento memoramos n'este logar:

Tua magica lyra encanta e prende
 Aos que te ouvem pulsal-a, inclyto vate;
 Vês chorar, se ella geme; e quando canta
 As almas arrebatá.

És, Castilho, maior que cem monarchas;
 Mais que mil sceptros vale a tua lyra;
 És monarcha que rege entendimentos,
 E corações captiva. »

Em nota accrescenta: « Estes versos foram dirigidos a meu pae em Ponta Delgada, a 29 de novembro de 1848, pelo exc.^{mo} snr. dr. Filippe de Quental, tio paterno do snr. Anthero de Quental » ¹. Estas circumstancias es-

¹ *Ibid.*, pag. 30.

clarecem-nos muitos dados biographicos. Anthero de Quental foi mandado ainda criança para casa de Castilho, como alumno interno do Collegio do Portico; na Carta *Bom senso e bom gosto* confirma-o: «V. Exc.^a aturou-me em tempo no seu Collegio do Portico, tinha eu ainda dez annos, e confesso que devo á sua muita paciencia o pouco francez que ainda hoje sei. Lembra-se pois da minha docilidade, e adivinha quanto eu desejaria agora podel-o seguir humildemente nos seus preceitos e nos seus exemplos, em poesia e philosophia, como outr'ora em grammatica franceza, na comprehensão das verdades eternas, como em outro tempo no entendimento das Fabulas de Lafontaine» ¹.

Em 1865, Anthero de Quental, já formado em direito, achava-se em Coimbra sem destino; os companheiros tinham regressado para a provincia, a entrarem na vida pratica. Elle, nem já lia, nem fazia versos; na Carta *Bom senso e bom gosto*, retrata esta situação mental desviada de todo o intuito ou plano de iniciativa: «a minha despreocupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte (da censura de Castilho ao estylo coimbrão) que me resta, tão indifferente, que é como se a nada a reduzissemos». E escreve a Carta, para exercer a liberdade «que a minha posição independentissima de homem sem pretensões litterarias me dá para julgar desassombradamente» e proclamando, que «não preten-

¹ *Bom senso e bom gosto*, pag. 15 (3.^a ed.).

do logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange das reputações contemporaneas...» Quando ao fim de vinte e dois annos a nova direcção dos espiritos se impunha á observação como uma imponente realidade, Anthero de Quental, que viveu callado, apathico e alheio a toda a cooperação doutrinaria, apresenta-se na sua carta ou Autobiographia dizendo: «D'esta especie de revolução fui eu o porta-estandarte, com o que me não desvanço sobremaneira, mas tambem não me arrependo». A outra phrase: «Seguiu-se Theophilo Braga, seguiram-se depois muitos outros, *la melée devint générale*», está em contradicção com os factos; o autobiographo pintou-se sob as suas impressões subjectivas ¹. Mas não antecipemos os

¹ Em uma analyse espirituosa d'esta Autobiographia, com o titulo de *Blasphemias de um erente*, o snr. Abel Acacio refuta esta passagem: «Affirma vossa eminencia que foi quem *rompeu o fogo* na ruidosa *Questão coimbrã*, com o folheto *Bom senso e bom gosto*. Diz mais, que esta questão foi o ponto de partida da actual evolução litteraria portugueza. Ser-me-ha licito duvidar... Vamos a vêr.

«É verdade que a vossa Carta, em resposta ao repto imprudente lançado por Castilho no prologo ao *Poema da Mocidade* foi a primeira descarga cerrada, n'essa cruenta polemica litteraria, analogá aquella outra allemã do *Sturn und Drang*, e que deixou a perder de vista as antigas questões suscitadas pela apparição do *Verdadeiro Methodo* de Verney, da *Grammatica latina* dos Padres do Oratorio, do *Philosopho solitario*, ou mais modernamente, pelos *Sebastianistas* de José Agostinho, e pelo *Eu e o Clero* de Alexandre Hereulano.

«É verdade tambem que, durante mais de seis mezes, no inverno de 1865 a 1866, houve batalha tesa nas paginas da nossa litteratura. Todos os jornaes do tempo inseriram artigos sobre este

sucessos. Qual era o estado mental de Anthero de Quental, quando traçou a Carta *Bom senso e bom gosto*? Escreve elle mesmo, na citada Autobiographia:

«No meio de cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com equal voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas e até theologos, o que é certo é que, revestido com esta armadura mais brilhante do que solida, descí confiado para a arena: queria reformar tudo, eu que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo». Estas leituras cifravam-se em bem pouco, porque n'este tempo Anthero agitava-se inquieto em divagações em volta de Coimbra, e primava em não ter livros, como já

duello irritante. Publicaram-se quarenta e tantos folhetos, firmados por nomes de todo o quilate, desde o de Camillo, Theophilo, Ramalho, até aos dos snrs. Cunha Belem, Brito Aranha e Eduardo Vidal.

«Mas o escaramuçar vinha de longe. A Carta de Castilho fôra provocada pelos prologos da *Visão dos tempos* e das *Tempestades sonoras*, livros em que o auctor, apartando-se do lyrismo vulgar inspirado só no vê e sentir da actualidade, evitára a poesia individual e piégas, e fôra pedir á historia da civilisação universal, philosophica e sentimentalmente vivida, o veio das suas inspirações. Ora estes dois livros singularissimos, que relampejaram uma influencia enorme na educação e na orientação dos novos, appareceram á venda em 1864; e a nova carta *Bom senso e bom gosto* e as vossas *Odes modernas* são de 1865. Vieram um anno depois.

«A que vem portanto vossa eminencia dizer-nos que o snr. Theophilo Braga *ros seguiu*, n'essa desordenada mas fecunda campanha de rebellião contra a chefatura do derradeiro árcade portuguez?... Em face dos documentos não é verdade.

«O snr. Theophilo Braga não só antecedeu vossa eminencia

o notára Camillo. As leituras de Hegel eram feitas por um patricio Francisco Machado de Faria e Maia, que applicava a theoria hegeliana á concepção do Direito, e que discutia á mesa com Anthero; o Proudhon, limitava-se á *Justiça na Revolução e na Igreja*, em cujas notas apanhou a ideia de protesto contra as litteraturas femininas, e que lhe serviu para o *Bom senso e Dignidade das Lettras*; Michelet apenas foi lido no *Peuple, Prêtre et la Femme, Sorcière e l'Oiseau*, e n'um volume truncado da *Histoire romaine*; os publicistas foram Julio Simon no *Devoir e Religion naturelle*; e os naturalistas resumem-se em Quatrefages, *Souvenirs d'un Na-*

n'esta bella arremettida d'uma geração ardente contra a inercia de uma autocracia idiota, mas tem desde então continuado sempre indefectivel, na brecha, na evidencia, na vanguarda: *exercendo de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu proprio prazer supremo, o prazer de espalhar ideias*, — segundo o testemunho do snr. Ramalho Ortigão; apostolando, nortendo, dirigindo com uma amplitude de efficacia, de que nem ainda hoje damos bem conta, a mentalidade dos contemporaneos.

« Mas posso ainda dizer mais. Essa confusa fermentação intellectual vinha-a denunciando adoravelmente, com a inconsciencia sublime do genio, no campo da poesia pura, o snr. João de Deus, em todas as poesias que, antes de 1860, elle já publicava no *Academico*, no *Phosphoro* e nos *Preludios litterarios* — exactamente os mesmos periodicos em que vossa eminencia tambem, mas só depois de 1860, vinha queimar a sua primeira escorva litteraria.

« Vê portanto vossa eminencia, que em face do documento escripto, — e mais valioso para a Historia — ha rasões para duvidar da acção primacial do vosso fogo na campanha da nossa renovação litteraria ».

turaliste, como os romances em *Madame de Borary*, de Flaubert, e na *Salambó*. Eis a bagagem litteraria tão pomposamente assoalhada na Autobiographia, e d'onde infere ideias theoricas, que nem mesmo soube definir. Como é que Hegel o conquistou para o *Germanismo*? E caracterisando o triumpho da Eschola de Coimbra, diz tambem: «os dez ou doze primeiros nomes da Litteratura de hoje, sahiram todos (salvo dois ou tres) da Eschola de Coimbra ou da influencia d'ella. O *Germanismo* tomára pé em Portugal. Abrira-se uma nova éra para o pensamento portuguez». O que é pois o *Germanismo* recebido em Hegel? Anthero não o diz, mas sabe-se que na *Philosophia da Historia*, o metaphysico attribuia á civilisação germanica a direcção e o futuro da humanidade tendo-a salvado da corrupção e auctoritarismo de Roma. Quem era *germanista* era a monarchia, era D. Pedro v, dizendo ao embaixador hespanhol, que os povos do occidente latino estavam esgotados, que nada mais tinham que dar á civilisação, e que o vigor de iniciativa e de pensamento pertencia no mundo moderno á Allemanha! Na época em que Anthero não sonhava em *germanismos*, determinavamos nós um elemento germanico nos symbolos juridicos dos nossos Foraes, e no Romanceiro popular da peninsula. O proprio Anthero n'um estudo, que elle considerou o seu melhor trabalho, *Considerações sobre a Philosophia da Historia litteraria portugueza*, combateu-nos, por causa d'esse nosso germanismo de então: «Que significa pois essa pseudo-eschola, que em nome de não sei que sonhada decadencia das raças latinas, deprime systematicamente quanto tem o nome de

portuguez, e nos aponta o ideal de um messianico *germanismo*, que nem talvez saiba definir, de uma absurda supremacia das raças germanicas, como a unica salvação possivel»¹. Anthero escrevia isto em 1872, quando a Eschola de Coimbra triumphava em Lisboa: «Estranha salvação, com effeito, para a qual é necessario começarmos por deixar de ser quem somos! Aconselham-nos que imitemos pacientemente, sem critica e sem protesto, os exemplos dos nossos mestres e senhores, os allemães, unicos pensadores e sabios, ao que parece, sem verem que *imitação* importa *abdicação*, e que um povo que abdica do seu pensamento, é um povo que se suicida». E adiante confessa os seus instinctos de *latino*: «Sejamos nós mesmos... Foi isto que fez essa Allemanha, que nos impõem como modelo os que talvez menos a conhecem, que eu admiro, a quem devo muito, mas a quem quero seguir livremente, com um plenissimo direito de critica, e consultando sempre os *meus intimos instinctos de latino, que sou e não me envergonho de ser*. — Sejamos, pois, nós todos francezes, hespanhoes, italianos, portuguezes, *mais que nunca LATINOS*. Ha um *genio latino*, como ha um genio germanico. A historia o revela: e, quando a historia fosse muda, a nossa consciencia bradaria sempre, dando-lhe o seu nome. É a Revolução.

«É este o pensamento secular das raças latinas: a revolução moral, politica e social. Concentremo-nos n'elle. Só a elle peçamos inspirações. — Os germanos, cuidan-

¹ Op. cit., pag. 36.

do-se originaes, fazem imperios; nós, latinos, desfaçamol-os. Reformam velhas religiões: prescindamos nós d'ellas» ¹. D'este escripto diz na sua Autobiographia: «Creio que é, ainda assim, o que fiz de melhor, ou pelo menos de mais rasoavel em prosa». E é n'este mesmo escripto que se dá como definitivamente conquistado para o *germanismo*, e que elle como porta-estandarte da revolução litteraria do *Bom senso e bom gosto*, fizera com que «o germanismo tomára pé em Portugal» ². É pasmosa esta incoherencia doutrinaria. Chama genio latino, ao que é simples e historicamente a grande Civilisação occidental, de que Roma foi um factor e de que as nacionalidades modernas são herdeiras e continuadoras; caracteriza o genio latino, como realisando a revolução moral, politica e social, quando a revolução é apenas a separação entre o poder temporal e o espirital, a decadencia crescente do regimen catholico-feudal, pelo desenvolvimento do proletariado que affirma a sua existencia social de terceiro estado, e se torna povo pela extincção das classes na Revolução franceza. A Revolução foi sem-

¹ *Considerações*, pag. 37.

² Ainda no final da Autobiographia, Anthero de Quental insiste sobre a importancia do *germanismo* sob o aspecto pessoal: «Os criticos allemães acharão talvez interessante observar as reacções provocadas pela inoculação do *germanismo* no espirito não preparado de um meridional, descendente dos navegadores catholicos do seculo XVI. Poderá essa ser mais uma pagina, embora tenue, na historia do *germanismo* na Europa, e porventura parecerá curiosa aos que se occupam da psychologia comparada dos povos». Tudo isto é importante, mas em psychologia morbida.

pre uma phase transitoria, para um trabalho positivo de organisação e progresso; torna-a um fim ultimo, um caracter definitivo de uma Civilisação é um absurdo, proveniente da falta de noções philosophicas e historicas. Querendo definir o estado de espirito da geração que se revelou depois da *Questão coimbrã*, Anthero de Quental cita nomes de auctores, sem formar uma ideia clara da sua influencia mental: «todo o inverno de 1865 a 1866 se passou n'este batalhar. Quando o fumo se dissipou, o que se viu mais claramente foi que havia em Portugal um grupo de quinze a vinte rapazes, que não queriam saber da Academia, nem dos academicos, que já não eram catholicos nem monarchicos, que fallavam de Goëthe e Hegel, como os velhos tinham fallado de Chateaubriand e Cousin; e de Michelet e Proudhon, como os outros de Guizot e Bastiat; que citavam nomes barbaros e sciencias desconhecidas, como Glottica, Philologia, etc.» É injusto este desdem com que falla de Chateaubriand, quando elle iniciou Agustin Thierry nos estudos historicos; injusto em relação a Cousin, que historiou superiormente a Eschola escosseza, fonte do pensamento moderno; mais injusto para com Guizot, que fundou o conhecimento das instituições da Edade-média e que hade occupar sempre um lugar proeminente na renovação da sciencia da historia, merecendo a admiração de Comte; e cegamente injusto com Bastiat, o genio que antecedeu em França Carey e a eschola americanista dos economistas que applicam aos phenomenos da produção as leis da physica dynamica. Em rigor, esta incerteza na apreciação de escriptores de primeira ordem, não é injustiça,

mas a inconsciencia do *improvisatore*, e a reminiscencia do ecco de discussões estudantescas e irresponsaveis, em que a falta de comprehensão se acobertava com a *blague*. Anthero de Quental não escapou a essa tendencia, e foi por *blague*, que fez a *Defeza da Carta encyclica* de Pio IX ou o *Syllabus*, dando-se por livre-pensador. Foi ainda o espirito de *blague*, que o levou a replicar a Castilho com a carta *Bom senso e bom gosto*. Eis como elle characterisa a Questão coimbrã, de que se diz porta-estandarte da renovação do pensamento portuguez: «Entre estes dois extremos, colloca-se a famosa *Questão litteraria*, ou a *Questão de Coimbra*, que durante mais de seis mezes agitou o nosso pequeno mundo litterario e foi o ponto de partida da actual evolução da litteratura portugueza. Os *novos* datam de então. O Hegelianismo dos coimbrões fez explosão.

«O velho Castilho, o Arcade posthumo, como então lhe chamaram, viu a geração nova insurgir-se contra a sua chefatura anachronica. Houve em tudo isto muita irreverencia e muito excesso; mas é certo que Castilho, artista primoroso, mas totalmente destituído de ideia, não podia presidir, como pretendia, a uma geração ardente, que surgia, e antes de tudo aspirava a uma nova direcção, a *orientar-se*, como depois se disse, nas correntes do espirito da época. Havia na mocidade uma grande fermentação intellectual, confusa, desordenada, mas fecunda; Castilho, que a não comprehendia, julgou poder supprimil-a com processos de velho pedagogo. *Inde ira*. Rompi eu o fogo com o folheto *Bom senso e bom gosto*. . . » Herculano, na sua Carta a José Fontana, e em uma ou-

tra carta a Andrade Ferreira, fallou com mais desdem da geração moderna, e comtudo Anthero de Quental procurou sempre o solitario, cercando-o de todas as consagrações. A carta *Bom senso e bom gosto* foi uma *blague* do antigo alumno do Collegio do Portico, como se vê pela indiferença com que abandonou a lucta litteraria, e a comprometteu com um duello desconchavado com Ramalho Ortigão.

Eça de Queiroz, que se revelou mais tarde, escrevia em 1878, na Biographia de Ramalho Ortigão, ácerca d'esse movimento litterario, mas Anthero não appareceu aos seus olhos como porta-estandarte da revolução :

« Ha quasi doze annos appareceu, vinda parte de Coimbra, parte d'aqui, parte d'acólá, uma extraordinaria geração : educada fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado d'elles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução. Que tem feito ella? *A não ser Theophilo Braga, constantemente, Oliveira Martins nos intervallos das empresas industriaes, e Guerra Junqueiro, o grande poeta moderno da Peninsula — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspecto de ter falhado* » ¹.

Como Anthero considera o movimento de Coimbra como uma explosão do hegelianismo e o germanismo to-

¹ *Renascença*, pag. 20. Este phenomeno da geração *falha* explica-se por factos analogos em outras sociedades, em que a mocidade renega as suas aspirações revolucionarias attrahida pelas commodidades do conservantismo.

mando pé em Portugal, já nós vimos; procuremos a comprehensão d'este phenomeno mental nos numerosos folhetos dos que tomaram parte n'essa polemica. A incoherencia doutrinaria revelou uma triste depressão intellectual nas classes cultas; mas através d'essas linhas escriptas sem luz critica ou philosophica, n'um desvairamento de palavras sem sentido, apparecem inconscientemente indicadas as causas immediatas da lucta litteraria. É bastante curioso seguir as particularidades d'essa polemica, que uns chamaram Guerras do alecrim e manga-rona, e que no fundo era o fim do Romantismo emocional e a iniciação da disciplina scientifica, phenomeno analogo que se deu em toda a Europa pela *dissolução do ultra-romantismo*.

Depois da morte de Garrett, e do isolamento completo de Herculano da vida publica, entendeu Castilho dever exercer sobre a mocidade portugueza um certo poder espiritual sob a fórma do perstigio de purismo classico. Depois das reuniões litterarias em sua casa, e de recitações poeticas em publico, encetou o systema de cartas de felicitação aos noveis escriptores, e de preambulos e prologos nos livros que precisavam d'essa consagração da auctoridade moral para que os editores os impingissem á burguezia, que sem tempo para formar opiniões, quer que lh'as formulem cathegoricamente. Por esta fórma Castilho exerceu uma influencia deleteria na litteratura, pela desorientação mental, e elle mesmo chegou a um certo gráo de intolerancia deprimindo ironicamente todos aquelles escriptores que se apresentavam á publicidade sem o seu patrocínio academico. Este defeito, contra o

qual se insurgiram os dissidentes de Coimbra, acha-se claramente exposto pelo testemunho de um dos admiradores de Castilho, dando-o como o fomentador do *Elogio mutuo*. Lê-se no folheto *Horaciós e Curiaciós*: «A facilidade com que entre nós se fabricam as reputações litterarias, a impunidade com que se adormece á sombra dos colhidos loiros, o deleite com que tanto os grandes como os pequenos ouvem reciprocamente o canto da sereia denominado *elogio mutuo*, a má fé ou nimia condescendencia na critica litteraria, são decerto a principal origem da asthenia que apresenta a nossa boa litteratura. Desde o vulto mais eminente até ao mais modesto critiqueiro, quem é que se atreve a dizer desassombradamente a verdade na apreciação de uma obra litteraria, que dimane de algum dos nomes que já tem enfeudados os direitos ao louvor publico? Os magnates empunham o *thuribulo*, alguns maldizentes anonymos zumbem insolencias desentoadas, que desperstigiam o valor da censura ainda que justiceira, e n'estes extremos a critica, ou convertida em blandicia de cortezão, ou em descompostura de soalheiro, apresenta-se sempre ou de manto de sêda e com a mascara da hypocrisia, ou de mangas arregaçadas e chinelo no pé, falseando em ambos os casos a sua missão. O snr. Antonio Feliciano de Castilho, o venerando decano dos nossos escriptores, a quem as lettras patrias devem tão bons modelos de elegancia de linguagem, e tantos primores artisticos de metrificacão, é tambem um dos primeiros, senão o principal cumplice do máo caminho por onde a critica anda transviada! Occupando o logar mais eminente da nossa republica litteraria, s. exc.^a compraz-se

em escutar os elogios e louvores até dos seus mais infimos cidadãos, retribuindo em moeda que de maior valor seria, se não fosse pela maior parte falsa; e o deleite de escutar lisonjas a quem podia (e devia) ter as severidades de mestre, de tal modo prende a independencia da boa critica dos outros, que todos insensivelmente se deixam ir levados na placida corrente d'estes mentirosos louvores; louvores que offerecem de mais a mais a commodidade de ninguem precisar esforçar-se por avançar na senda da perfeição. Foi assim que nasceu o *Elogio mutuo*, e o *elogio mutuo* é o tuberculo que entisica a nossa litteratura. Todos conhecem isto, mas sem valor para romper com as falsas conveniencias estabelecidas pela sociabilidade litteraria!»¹

Na *Carta mui respeitosa* por Amaro Mendes Gaveta, (pseudonymo) allude-se á eschola do *Elogio mutuo*:

Da Litt'ratura moderna
 (Que tem no *Elogio mutuo*
 Uma especie de instituto
 Como o da maçonaria)
 Empunhaste o grão malhete,
 E ninguem te foi á mão!
 E da louvaminha eterna,
 Que a gloria a todos promette
 Em reciproco tributo,
 Arremataste a quantia
 Que os outros todos te dão.

¹ Cunha Belem, *Horacios e Curiacios*, pag. 7 e 8.

O Anthero então cac-te á perna,
 Brada contra a corrupção,
 Que do teu nome hoje em dia
 Faz uma chancellaria!

Isto é verdade! que o diga
 O *D. Jayme* e a *Mocidade!*
 Em pouca sinceridade
 Ai, Deus, o que vae ali! (Pag. 9).

Anthero percebeu a causa da malevolencia de Castilho: «Mas a guerra faz-se á independencia irreverente de escriptores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito de uma litteratura desaforada, que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos-mestres officiaes»¹.

Quando Castilho se lembrou de atacar com a sua auctoridade de estylista vernaculo a nova manifestação litteraria revelada na *Visão dos Tempos* e nas *Odes modernas*, entendeu que o mais seguro era confundir esses esforços para a transformação da Poesia com o acervo de

¹ *Bom senso*, pag. 5. Elmano da Cunha, no seu opusculo, allude á visita de Castilho a Coimbra, em 1861, e ao symptoma de dissidencia, que já se manifestava nos espirites: «affirmaria que o snr. Antonio Feliciano de Castilho na sua ultima visita a Coimbra azedou com a suprema injuria da nenhuma pratica que teve com academicos á sombra da cópa da sua olaia, porque nem um só devoto, ao que me disseram, queimou um só grão de incenso e myrra ao idolo dos que, por modestia, por bondade, por terror, por imitação, vão mendigar á sua porta um obolo da graça das multidões que

disparates e cambalhotas de linguagem, que em tempos não remotos usavam alguns laureados academicos de Coimbra. Esse phenomeno morbido da litteratura era muito conhecido, e designava-se geralmente pelo titulo de *estyllo coimbrão*; usaram-no o dr. Mexia nos seus *Principios de Direito politico* (monumento de insensatez cathedratica), Martens Ferrão, Vieira de Meyrelles na sua *Osteogenia*, Ayres de Gouveia no livro *Das Cadeias*, e Vieira de Castro na *Biographia de Camillo Castello Branco*. Com um requinte de má fé é que veio Castilho ligar a esta insanía mental os esforços dos dois noveis escriptores, associando-os com Vieira de Castro. Comtudo alguns criticos conheceram o disparate da confusão capciosa. Assim, escreveu o dr. Cunha Belem, tomando parte na polemica da *Eschola de Coimbra*: « Não confundamos porém as tendencias que tem a philosophia a invadir os dominios da Litteratura, com uma outra pecha, que em máo gosto corre parellhas com esta, e á qual se não tem eximido talentos muito provados e circumpectos: qual é a de substituir á phrase chã e comesi-

com rasão o admiram nas suas inimitaveis traducções, nos seus poemas, nas suas imitações, e até mesmo nas inimitaveis contrafacções do seu character ». (*Carta d'Elmano*, pag. 12).

No folheto de Urbano Loureiro *Antonio Feliciano e Anthero de Quental*, lê-se um factu digno de aproximar do antecedente, n'este inquerito sobre as origens da Questão coimbrã: « O incendio ha muito que lavrava, mas assolapado. A Carta ao Editor Pereira, ou antes a Carta do snr. Anthero, foi o respiradouro, que nos mostrou as labaredas occultas até ali ». (Pag. 6).

nha o acervo de palavrões campanudos, retumbantes, prolixos e nauseabundos, encobrando a ideia, que nada tem de philosophica nem de transcendente, com uma obscuridade artificial. só filha da escolha de vocabulos obsoletos ou extravagantes e da envezada collocação das palavras no architectar da phrase. Este vicio, que Deus louvado! vae passando de moda, não é de hoje, nem da eschola de Coimbra; grassou já muito mais intenso e assustador em tempos que não vão longe, sacrificaram-se a elle, em annos já passados, alguns escriptores aliás muito notaveis, e que abjurando a tempo as falsas doutrinas, seguem actualmente o rito orthodoxo da grammatica e do senso commum » ¹.

Em um outro opusculo intitulado *Os Coimbrões*, accentua-se com mais clareza esse phenomeno morbido do estylo, sob cujo ridiculo Castilho queria esmagar os dois noveis escriptores; lê-se no referido opusculo: « Os snrs. Braga e Quental não querem que lhes fallem na *Eschola coimbrã*; negam a sua existencia e asseguram que o que ha em Coimbra são homens que sabem pensar e escrever com independencia.

« Nós é que não sabemos o que lá ha: sabemos que desde os tempos do snr. Vieira de Castro, ou talvez de tempos anteriores, existe em Coimbra uma cousa hybrida, descabellada, que não é exotica porque não foi para ali de parte nenhuma, ali nasceu, ali vive e ali ha de

¹ *Horacios e Curiaeios, ou mais um ponto e virgula na actual Questão litteraria*, pag. 6.

morrer. Essa cousa manifesta-se arripiada, abstrusa, apocalypticamente, em folhetins, em artigos de periodicos litterarios, em declamações de folhas politicas, em folhetos, em livros, em prosa, em verso, e mórmente em fórmulas que não são nem de prosa nem de verso. Acha-se um pouco d'essa cousa em *Uma pagina da Historia da Universidade*, e na *Biographia* do snr. C. Castello Branco, traçada pelo snr. Vieira de Castro: mas ha muito mais em centenaes de escriptos de outros alumnos da Universidade. O que é essa cousa? Não é Eschola? Não será. O modo como se manifesta são *ancias* de trepar ao Ideal? Serão. Não questionamos sobre este ponto.

« Para os que não têm noticia da cousa, daremos ao menos duas amostras da sua maneira de manifestar-se. Ora vejam :

« — *A Suzana transparece, rennustada myrificamente de mil pudores sob a nebola d'aquelle Thabor de prodigios.*

« *N'aquella celsitude de Cherub, a mulher distilla escandalo. O asceta não poisa lí a mão, porque refoge a brasa da gehenna; mas, ao divino, cera no amôjo o ardor do olho espremido Mundo.*

« *O mundano, esse de mente pudica, coração casto, corpo limpo, mão impolluta, na pòma pregusta o grumo de leite e o fvaro de mel.*

A palavra e a vida. Mysterosa encarnação onde está unido hypostaticamente o astro e o sapo. Baptismo prodigioso que magnificou a lubrica Venus. O beijo é uma unção divina que dilue a pòma para que se consagre o amor. Sanctificando-a, infunde-lhe a graça.

N'aquella amphora de infernos espaneja-se o glauco Tritão e toma pé o iris de serena claridade. Ali abraça-se o ibis e o reptil.

«Essas linhas e outras no mesmo gosto escreveu-as um que já era doutor. Chegára ao Ideal.

«Veja-se mais :

« — *As côres crepusculares cintavam o fundo ceruleo dos espaços. Descem os pannos : saltam alfin na arenosa praia. As azas da noite pairando sobre as sete collinas, toldaram-nas do lusco-fusco. Entretanto, nos páramos da vastidão aérea apinharam-se tremeluzindo regimentos estelíferos, e a lua discoide, franjando as cumiadas das serranias, assomava a medo na penumbra do horizonte romano. Tepido cicio de faronio embatia nas alforras alipedes que se conglobaram de fructos por entre as virúdes alfombras das orlas do Tibre.*

« *O eucuruto dos montes era então coroado de argentos fulgores que se espalhavam em baixo, na lympha transparente das bacias dos convalles, que petrificada no dar de chofre com paredes de cadaveres, parecia despertar de sombrio incubo.*

« *Em Roma, nos éstos da catalepsia a respeito do Verbo novo — dissera folha a folha o testamento.*

« *Um momento depois, passando a parte digital da dextra por entre as intonsas barbas em desalinho, descobriu-se para deixar fluctuar á mercê das anras nocturnas a catalupa de seus cabellos esparcidos em nuéis sobre os humeros».*

«Estas e outras linhas traçou-as um homem que crêmos não ser ainda doutor. Aspira ao Ideal.

«Se sairmos do dominio do folhetim e do periodico litterario, encontramos a mesma cousa, como já disse-mos, em periodicos politicos, em folhetos e em livros. A folha politica coimbricense — *O Minho* — é uma mina de riquezas d'esta ordem.

«O que é esta cousa? Não é eschola? Não será. Serão materiaes que se vão accumulando para se lançarem os alicerces da regeneração social? Serão. A nós, parece-nos que são a quinta essencia da parvoice, a supereminencia no disparate, apuradissimo requinte de contra-senso e de máo gosto. . .

«Não se pense, porém, que vêmos o estylo dos snrs. Braga e Quental na *altura* do d'aquelles que o arreiam com tão chocalhantas lantejoulas. . . Ha nos seus escriptos uma linguagem menos esdruxula, menos arrevezada, menos amphigurica. Muito menos. Rastejam quasi pela vulgaridade da maioria dos que infelizmente escrevem n'este paiz para o publico» ¹.

Não sabemos quem seja o auctor dos *Coimbrões*; quem quer que é, soube distinguir os elementos da imputação capciosamente confundidos por Castilho, ligando os dois escriptores ao typo de Vieira de Castro, um dos mais audaciosos representantes do estylo cultivado em Coimbra. Esse critico, alludindo aos dois escriptores, declara com franqueza: «O seu defeito capital não está no palavreado; está nas ideias». (*Ib.*, pag. 7).

Ramalho Ortigão, tomando parte na polemica com o

¹ *Os Coimbrões*, pag. 5 a 7.

opuseulo *Litteratura de hoje*, destaca o mesmo defeito, caracterizado no seu legitimo representante: « *A linguagem do snr. Vieira de Castro, posto que por vezes paraphrastica e algum tanto tumida, é correcta e clara, e em partes vivissima e deslumbrante, ostentando essa copiosa facilidade de que são norma as dissertações classicas de Mendes Leal e Rebello da Silva* »¹. Ramalho Ortigão conheceu que esta perversão do estylo coimbrão, sustentada por Vieira de Castro, nada tinha com os outros dois escriptores: « Depois, poz o snr. Castilho de parte o nome do snr. Vieira de Castro, e disse dos snrs. Theophilo Braga e Anthero de Quental: = Pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que muito pouco enxergo nem atino para onde vão, nem assento o que será d'elles a final = ». A separação de Vieira de Castro fez-se espontaneamente no espirito dos que tomaram parte na polemica; as aecusações do estylo foram postas de parte, como imputação sem base, e incidiram sobre as *ideias*, na fórma de *nebulosidades* e de *germanismos*. No seu folheto *Vaidades irritadas e irritantes*, Camillo Castello Branco perdôa os desconcertos do estylo coimbrão, e ataca sem dó as ideias philosophicas: « Não entendi qual analogia de pensar e eserever entre os snrs. Vieira de Castro, Anthero de Quental e Theophilo Braga, induziu o snr. Castilho a irmanal-os no seu tal qual modo de aquilatar-lhes os meritos. Vieira de Castro, quando saíu a lume, com as suas estreias lit-

¹ *Litteratura de hoje*, pag. 34.

terarias, remontava-se por demais em altíssimas phantasias de linguagem, requintava as fórmas philintianas, nublava o pensamento por querer ir aquecel-o á lux das rejões superiores; todavia, aquellas imagens carregadas de adereços, se uma habil mão as desataviava das demasias, ficavam bellas, donosas ainda, gentilísimas e estimaveis ao entendimento e ao coração.

« Porém, entre o estylo sem soro e sem polpa de algum philosopho transmontado e tresnoitado, que se anda ás cabeçadas ás portas do Infinito, e entre a linguagem meramente acoimada por nebulosa, que ha ahi que vêr? Uma cousa é descompôr com superabundancia de galanices e posturas o rosto e configuração usual dos pensamentos, — e isto fazia Vieira de Castro; e outra cousa é cobrir uns arcaboços de tunicas de retalhinhos, encher-lhes de vento o bojo, inflar-lhes os bocios, implumal-os de caudas de pavão, atiral-os de encontrão contra a gente, e dizerem-nos a gritos estridulos: = Ahi vai o Ideal; isso é a Germania; é o filho mais novo de Vico, apadrinhado por Michelet! É o que ahi vae. = Ora isto não fez Vieira de Castro. Lá está o snr. Theophilo Braga, o parafusador de infinitos, o artifice por excellencia d'estas cousas, que fazem cair a gente a estocadas de sabedoria.

« E pelo conseguinte, o snr. Vieira de Castro, bem que lhe não damne a camaradagem, foi intruso descabidamente n'uma especie de escriptores muitos avêssos á sua indole litteraria » ¹.

¹ *Vaidades irritadas*, pag. 5 a 7.

«Nunca ninguem, a meu vêr, fallou com sisudo proposito da eschola de Coimbra, como quem diz eschola de Epicuro, eschola de Alexandria ou Eschola de Kant. De Coimbra o que notavelmente se recommendava, na ultima decada, era os geitos aleijados da syntaxe e as farfalharias da ideia. Alguns noticiaristas, pasmados d'aquelles dizeres, deram em chamar *eschola coimbrã* á prerogativa que os academicos fruiam de escrever singularmente, e como se houvessem entre si pactado de crearem uma prosodia entre a Ponte de Agua de Maias e Santo Antonio dos Olivae». (Pag. 11 das *Vaidades irritadas*).

No seu folheto, *Guelfos e Gibelinos*, Eduardo Vidal escreve, entrando na questão: «Digamos antes de tudo, e sobretudo, uma verdade. A Eschola de Coimbra existia ha muito, a de Lisboa sabia-o, e nem esta nem aquella se provocavam. Ainda mais. Aparecera entre nós um livro, digno de menção pelos rasgos de talento que ostentava, e ao mesmo tempo digno de censura pelos seus não poucos dislates. Este livro era a *Visão dos Tempos*. A tal apparecimento reuniram-se os magnates, perfilaram-se os admiradores, a critica desbarreteou-se, os minoristas da imprensa vieram assaralhoados, e de naveta em punho, botar incenso nos thuribulos, os cirios arderam profusamente em volta d'este Genesis sacrosanto. A devoção dos fieis crescia de ponto; o moço poeta repotreado na sua curul olympica deixava cair sobre as multidões boquiabertas um raio de luz da sua graça. Desde as camaras douradas até ás mansardas obscuras, desde o academico até o noticiarista, desde o rico ho-

mem até o pobre diabo, ninguém via, ninguém pensava, ninguém fallava n'outro livro. Lisboa teve de abrir as suas valvulas de salvação para não voar em hastilhãs n'uma explosão de enthusiasmo. Esta é que é a verdade. Tempos depois Theophilo Braga dava a lume outro poema. Apesar do supremo desprezo que a eschola de Coimbra parece votar ás frandulagens latinas, esse livro, seja dito entre parenthesis, chama-se *Tempestades sonoras*. Os triumphos da vespera cresceram e dilataram-se; os desgraçados trovadores ulyssiponenses metteram as lyras debaixo do braço e recolheram-se aos limbos da sua insufficiencia microscopica.

«De que veiu, pois, todo este reviramento? porque se ateou de repente a guerra? porque é que Troya se esbrazea em chammas? porque se gladium os que d'antes se abraçavam? porque se entorna o fel sobre esses louros entretecidos com tanto amor para coroar frontes que hoje se conspurcam? A Carta do snr. Castilho foi a faúlta caída sobre o barril de polvora. A má vontade latente irrompeu furiosa; as labaredas do incendio lamberam todos os diademas:

Como farpadas linguas de serpentes

para me servir de um bello verso do snr. Theophilo Braga. Começou a lide. Trocaram-se os primeiros tiros...»¹

¹ *Guelfos e Gibelinos*, pag. 4.

Castilho tinha caracterisado com vigor esta indole litteraria, que era um symptoma morbido dos espiritos sem ideias: «Se a affectação e a enfatuação, se a falsa grandeza, que não é senão tumidez ventosa, se a ambição e incongruencia dos ornatos, se as palavras em lugar de consas, as argucias em vez de pensamentos, a sobejidão nauseabunda anteposta á parcimonia que sustenta e robustece, e o relampaguear havido por alumiar, se tudo isto combinado em diversas proporções, segundo variam as indoles, as horas ou o gráo de doença dos escriptores, constitue em geral a desgraça de muitissima da nossa poesia actual...»

Contra esta doença protestára Anthero de Quental, pondo em contraste o estado decadente do espirito nacional e as futilidades do estylo rhetorico que tornavam applaudida a litteratura official, e de que o estylo coimbrão dos Tavora, Meyrelles (Germano e Antonio), Vieira de Castro, Ayres de Gouvêa, Ferrão, Cerqueira Lobo, e outros eram uma imitação exagerada: «Nunca litteratura alguma teve de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a litteratura d'este povo decadente, cujas ultimas miserias ali estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasphemia, o amor ou o insulto, tudo, menos os pequenos sentimentos do interesse pessoal e da vaidade. Oh! quem se póde lembrar de especular com os ultimos alento de um moribundo? quem póde folgar com a ruina de um grande e formoso edificio que desaba, só porque n'esta queda aproveite algumas pedras para fazer um muro á sua horta? quem se consola de vêr retalhado o manto nobre de um gran-

de rei só porque uma nesga lhe pôde servir para os seus usos domesticos?

«É isto, todavia, o que tem feito e o que faz ainda a nossa litteratura official. Ri, graceja, seisma, murmura, phantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obsoletas e construcções exoticas de phrase, diverte-se e cuida divertir-nos, no meio de um grande lucto nacional, n'uma hora das mais solemnes d'este povo... Quando no meio da triste dissolução do passado, a alma portugueza incêrta e vaga procura um caminho novo, hesita e está em perigo de se assentar cheia de dôr n'algun marco isolado e deixar-se ahi ficar de desgosto, é n'esta hora que a nossa litteratura, que se diz nacional, não acha, para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta ideia, ao menos uma lagrima bem triste, nada... só phrases, rimas, estylos, palavras — *Words, words, words...*»¹

Os individuos que assim pensavam e escreviam eram os que mais fundadamente se insurgiam contra a preocupação da palavra ou a phraseologia. E comtudo os ultra-romanticos ainda procuravam manter o equívoco imputando-nos os dislates dos estylistas coimbrões; n'este sentido replicou Pinheiro Chagas em um Folhetim: «eu, que fui um dos primeiros a accusar de falso, de affectado, de absurdo, de gongorico o estylo da es-

¹ *A dignidade das Lettras e as Litteraturas officiaes*, pag. 21.

chola de Coimbra, hoje que uma das pythonizas desce da tripode, e vem *em linguagem accessivel aos mortaes*, explicar os oraculos, e lançar a luva aos que zombaram dos livros sybillinos, não desamparo o meu posto, e apresso-me a descer á liça, onde encontro afinal um adversario ». E explicando o sentido da phrase *linguagem accessivel aos mortaes*, conclue pela naturalidade do estylo de Anthero de Quental: « quando o seu espirito, excitado pela critica justa ou injusta, que lhe foi feita, se levantou de um impeto para defender-se, quando a palavra lhe brotou espontanea dos labios, não procurou phraseado nebuloso, não adoptou fórmas arrevezadas, deixou-a irromper envenenada mas vehemente, resvalar pelo declive natural, reflectir na torrente espumosa o esplendor do sol claro e limpido, o desanuviado azul do nosso firmamento. Apanhámol-o em flagrante delicto de naturalidade » ¹. Por fim, como Ramalho e Camillo, Chagas tambem separa o legitimo representante da estylistica coimbrã: « a grande virtude, que nos obrigou a crucificarmos o snr. Anthero de Quental entre o snr. Theophilo Braga e o snr. Vieira de Castro. Que este ultimo já provavelmente é repellido como traidor, porque o snr. Vieira de Castro actualmente falla com eloquencia ou sem eloquencia, não é essa a questã, mas pelo menos com linguagem terrestre. Esse renegou; etc. » ² A accusação do estylismo deixou de ter seriedade, e caíu na chacota, como

¹ *Folhetim a proposito da Carta*, etc., pag. 3.

² *Ibid.*, pag. 7.

se vê pela *Carta mui respeitosa* por Amaro Mendes Gaveta :

Surgiu nas margens amenas
Do Mondego de crystal
A Eschola, que bebe apenas
Do puro. . . do ideal !
— Se n'isto ninguem se offende
Mas ou dizem muita asneira,
Ou então. . . ninguem entende !

Cá a gente pequenina
Que de tal dóse não usa,
Entre phrase tão confusa
Não percebe patavina
Costumada a phrase chã.

É papa d'aquella egreja
O tal Theophilo Braga,
Que, comquanto esperto seja,
E em verso suave e fluente,
Parece mesmo uma praga
Co' a philosophia allemã ;
E na phrase envezada,
É qual velha arrebicada,
Sem carnim e sem crescente
Em toilette de manhã.

Junto d'elle está o Anthero,
Cujo talento venéro. . .
E os disparates tambem !
Do *infinito veste a estola*,
E sobre o mundo patóla
Lança então a *bençam-vida*
Ou qualquer cousa par'cida
Que não percebe ninguem !

Formava a trilogia
D'esta triade hominal
(Isto ou é philosophia,
Ou tollice sem igual !)

Membro da theocracia
 Co' Theophilo e Quental,
 Um tal *Vieira de Castro*,
A quem lux hoje outro astro,
E lhes foi passando o pé!
Transfuga já d'essa eschola
 Que de bom senso era offensa
 Um guindado estylo engrola,
 Se inda hoje tem par'ença
 P'ró que foi, já nada é! ¹

As excentricidades de Anthero, que já vimos descritas por Gonçalves Crespo e Raymundo Capella, fizeram com que se considerasse a Eschola de Coimbra um desvairado Ultra-romantismo! Merece ser lido o seguinte soneto de Manuel Roussado:

AOS VATES TRANSCENDENTAES DA ESCHOLA COIMBRÃ

Cabello em desalinho, hirsuto e farto,
 A face macilenta, o olhar incerto,
 Distingue uns vates d'estrangeiro enxerto
 Que ao mundo impingem transcendente parto.

Gemem nas Lyras os bordões d'esparto,
 Do mystico aranzel rompe o concerto;
 Um diz que o sol é ostia; um mais esperto
 Diz que o céo é quintal, e o Deus lagarto.

Outro de ventas no ár, immovel, hirto,
 Clama que o Padre Eterno é semi-morto;
 Aquelle aos astros chama ethereo myrtho.

¹ *O máo Senso e o máo Gosto*, pag. 3.

Deixam com seu cantar o vulgo absorto,
Que esse grupo fatal, com magoa advirto
Das hortas do IDEAL regressa torto.

O pobre Roussado confundia o movimento da critica com o ultra-romantismo que ella vinha dissolver, substituindo-o por trabalhos scientificos; e atacava os dissidentes com a giria lisboeta dos vadios das *hortas*, que se não percebia em Coimbra. Biester combatia no theatro, no drama *Os Sabichões*, a nova pleiada que elle personificava no que então já tinha publicado alguns volumes.

Pela primeira vez se tocou n'esta polemica o fio da inextricavel meada de libellos litterarios. Da velha eschola de Coimbra do estylo *concettista*, já ninguem fallava; Castilho, porém, vendo essa corrente admirativa de phrases que consagrava os livros da *Visão dos Tempos* e *Tempestades sonoras*, que eram apresentados ao publico sem a chancella de uma Carta-prologo como no *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro ou no *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, julgou amesquinhar o merecimento do auctor d'esses dois livros, confundindo-o na pleiada grotesca do conhecido estylo coimbrão. Por isso ligou-o com Vieira de Castro e com Anthero de Quental, de um modo inexplicavel para muitos dos criticos da polemica. Vieira de Castro era já conhecido por algumas paginas de estylo coimbrão, que circulavam no publico; Anthero de Quental só tinha publicado o pequeno poema *Fiat lux*, contra o qual deblaterava Herculano por causa das imagens disparatadas, e no qual se comparava

a terra entre os astros a um «sapo em seio de virgem». Convinha propagar o equívoco; procuraram em alguns versos de Anthero fundamento para o incorporarem no conhecido grupo; facil foi encontrar algumas imagens arrojadas. Escrevia Pinheiro Chagas no seu folheto polemico: «Tambem Victor Hugo foi chamado a proteger as locuções do snr. Anthero e as suas *estolas do infinito*. Se julgam encontrar nos livros de Victor Hugo autorisação para o emprego d'essas imagens absurdas, mostram mais uma vez que nem entendem os modelos que tomam. As imagens do poeta exilado por mais arrojadas que sejam, despertam sempre uma ideia no espirito dos leitores. A imagem (deixem-me fallar a sua linguagem, e até citar, se me não engano, o snr. Theophilo Braga) é a expressão visivel do sentimento... que ideia nos desperta a *estola do infinito*? quando encontrou o snr. Anthero de Quental, em Victor Hugo uma imagem tão ôca de sentido como esta?»¹ Manoel Roussado e José Feliciano de Castilho insistiram sempre nos disparates das imagens poeticas de Anthero de Quental, para restabelecerem a tradição do antigo *estyllo ridiculo coimbrão*, ainda conservado entre alguns estudantes da Universidade. Por esta fórmula insidiosa se atacava o rebelde, que apparecera sem se inserever no Elogio mutuo, e sem trazer a chancellia de um Prefacio laudatorio de Castilho. Anthero de Quental leu a Carta de Castilho ao editor Pereira, para a qual chamei a sua attenção na livraria

¹ *Bom senso e bom gosto*, folhetim, pag. 8.

franceza do Posselius, e vendo aquellas referencias pessoas, resolveu dar-lhe uma replica — pelo fundamento de não ter publicado trabalhos litterarios que fossem pretexto de qualquer resentimento pessoal. A sua replica desviou o ataque para um campo differente — a questão do Ideal — em que ninguem se entendeu e onde todos disparataram.

Levantou tambem outra questão prematura, a da criação original, quando nada tinha ainda concebido nem realisado, servindo as proprias referencias doutrina-rias para refutarem quaesquer pretenções:

«Innovam, o que? Inventam, o que? A philosophia de Hegel? Os systemas historicos de Vico? A symbolica pagã de Creuzer? O esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? A critica de Schlegel, de Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Taine? Mas tudo isso já lá fóra desceu das mysteriosas alturas do saber de poucos para a erudição com-esinha dos Dictionarios de Conversação. *Applicaram pelo menos ao estudo das cousas patrias* os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não, nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo além dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabalhos dos eruditos francezes e allemães!»¹

¹ *A proposito da carta, que o sr. Anthero de Quental, etc., por Pinheiro Chagas, pag. 5.*

Todas estas perguntas eram prematuras. porque esses trabalhos seriam mais tarde a prova e a consequencia de uma nova corrente doutrinaria que existia nos espiritos. Ramalho Ortigão, na *Litteratura de hoje*, faz tambem uma serie de perguntas aos escriptores dissidentes de Coimbra: «Que magoas abrandaram os senhores na terra? Que balsamo verteram nos corações enfermos? Que alentos levaram ao trabalho e ao estudo? Que nobre convicção, que hombridade heroica, que santo enthusiasmo incutiram nos espiritos da sociedade? Que palavras puras ensinaram ás mulheres, ás amantes, ás esposas, as mães?» ¹ Era com trabalhos que Ramalho Ortigão queria que definissem o Ideal, e esses trabalhos seriam as respostas a estas perguntas. Anthero não tinha plano litterario na sua vida de bohemio universitario; como estudante medieval, foi desafiar Ramalho Ortigão, batendo-se com elle em um duello na Arca de Agua ou em S. Mamede de Infesta, e nunca mais pensou em antagonismos doutrinarios nem na implantação do espirito moderno. Soltou o grito de alarme e calou-se; fez como Vieira de Castro, que se mostrou indifferente e alheio entre a pedantoeracia dos ultra-romanticos, e viveu de promessas vagas ácerca de um pretendido trabalho intitulado *Programma para os trabalhos da Geração futura*, que se effectivamente fosse escripto, não passaria de uma suggestão saintsimoniana.

As accusações contra o estylo, fundamentadas em

¹ *Litteratura de hoje*, pag. 40.

Vieira de Castro e Anthero de Quental, não tinham relação alguma com o que se lia na *Visão dos Tempos* e *Tempestades sonoras*; no fragor da polemica escapava aos criticos essa ingenua confissão: «sejamos todavia justos; a eschola de Coimbra desce algumas vezes insensivelmente da sua peanha transcendental e põe-se ao nivel dos assumptos comesinhos. O seu melhor poeta, ou para nos expressarmos com verdade, o seu unico poeta, não deixou de banda a musa que lhe segredava estes versos:

Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado,
Podesses, como eu, vel-a
Detraz do cortinado!

.....

E se á janella, triste
Vem pôr sua gaiola,
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rola?

Ai, rola, quem pudesse
Gosar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos.

«Nada mais infantil, nem mais gracioso, nada mais simples, nem mais bello. Sente-se uma pessoa desafogar interiormente quando recita estes versos. Uma criança que deita alpiste a uma avesinha querida, enche de aroma um idyllio; Jupiter franzindo o sobr'olho enche de magestade uma epopêa. Um gesto, um sorriso colhido

entre os labios, um volver de olhos triste, a vermelhidão do pejo afogando um semblante, eis a simplicidade e ao mesmo tempo a poesia»¹. Para contrariar a opinião favoravel a favor da poesia d'esses dois livros *Visão dos Tempos e Tempestades sonoras*, mudou-se a tactica da intriga; fallou-se contra a metaphysica hegeliana e contra as nebulosidades dos prologos d'esses livros, e contra as theorias de Vico. Mais tarde tambem Herculano fallava contra as doutrinas ethnicas do mosarabismo, referindo-se ás bases da Historia da Litteratura portugueza, e augurava a nossa ruina mental em uma Carta a Oliveira Martins. No emtanto Anthero não trabalhava; frequentava a companhia de Camillo Castello Branco, reconciliava-se pessoalmente com Castilho, adorava Herculano a quem visitava, e eu tinha a lenda geral de *um máo homem*.

O proprio José Gomes Monteiro, a quem fôra dedicada a *Visão dos Tempos*, pagou a edição das *Vaidades irritadas e irritantes* a Camillo Castello Branco, que me feria profundamente acoimando-me de ebrio: «Conta Goethe, na 1.^a parte da Tragedia *Fausto*, que este individuo, como quer que estivesse scismando no seu gabinete, abriu o livro de Nostradamus, viu o signal do *Espirito da terra*, e entrou a berrar que se sentia arder como se estivesse embriagado de vinho novo. E depois, taes cousas disse, que é um pasmar-se a gente!

«A mim me quer parecer, que o snr. Theophilo Bra-

¹ *Guelfos e Gibelinos*, pag. 10.

ga antes de escrever as *Theocracias litterarias* viu o Espirito da terra»¹. No folheto *Garrett, Herculano e Castilho, e a Eschola coimbrã*, de um anonymo Ermita do Chiado, insiste-se sobre o mesmo ponto: «Passei a lêr os versos. Cheguei á *Bacchante* e gostei. Aquillo era *piteira* de tremer. Bom! bradei eu. Se o mundo reformado, correcto e augmentado pela philosophia é assim, fica um mundo de borrachões. Passei em seguida ás *Ceias de Nero*. Mais piteira! Este senhor Theophilo é pelos modos proprietario de vinhedos, pensei ingenuamente. Não falla senão em bebedeiras e orgias. Nada. Isto não presta. Não gosto d'esta philosophia»². Camillo accentuava o seu primeiro traço: «A *Bacchante* do snr. Theophilo Braga, ou o *Savanarola*? Aquillo tem muitissima cousa galante; mas o elogio dos frades regicidas e das bacchanaes impudicas não me quer parecer que seja cataplasma bastante emolliente para esvurmar a postema dos abcessos mortaes da patria»³. Correu a lenda da embriaguez e corrupção de costumes, que só ao fim de bastante tempo foi apagada pelo conhecimento de uma existencia de sacrificio e austero dever. A este tempo já tinhamos publicado os *Coutos phantasticos* (primeiramente no *Jornal do Commercio*) e o estudo de ethno-psychologia *A poesia do Direito*; d'esses livros nenhum trecho foi tirado para exemplificar o estylo coimbrão, com

¹ *Vaidades irritadas*, pag. 29.

² Ermita do Chiado, *op. cit.*, pag. 4.

³ *Vaidades*, pag. 36.

que Castilho procurou inutilisal-o, e contra a obscuridade nenhum facto indicaram, acoimando-o apenas de *nebulosidades germanicas*.

Escrevia Alvaro de Carvalho, no seu opusculo *Anthero de Quental e Ramalho Ortigão*: «Alcunha-se geralmente de abstrusa, por esse douto paiz, a fórma adoptada na escriptura pelos poucos mancebos, que tiveram o máo sestro de se fazerem litteratos em Coimbra.

«O snr. Theophilo Braga, que, pelos dons do seu brilhante e vigorosissimo talento, obteria hoje, com os seus vinte annos, um dos mais nobres logares nos proprios paizes, como França e Allemanha, em que as artes e as sciencias constituem uma verdadeira religião. tem sido dos mais teimosamente mordidos. Tem sido alcunhado de abstruso e arrevezado por quasi todos os que sabem emporcalhar com ferretes de tinta qualquer branca mortalha de cigarro. — A nebulosidade, quanto a mim, só é reprehensivel na prosa em geral; tolera-se todavia n'aquella que, á laia de certas concepções de Edgar Quinet, reveste grandes pensamentos. E em certo genero de poesia, quer-me parecer que até se torna necessaria». (Pag. 14).

No emtanto continuou-se a propagar a lenda de *máo homem*. Qual a causa d'esta imputação? Uma phrase dura que nos escapou da penna nas *Theocracias litterarias*. Tendo-nos visto privados do unico recurso de subsistencia, a collaboração do *Jornal do Commercio*, por effeito das palavras de Castilho, luctando com a miseria ignorada de todos, em vez de succumbirmos de desalento, gritámos uma crua imprecação: «O snr. Castilho deve

a sua celebridade á infelicidade de ser cego. O que se espera de um cego? Apenas habilidade. E uma celebridade triste, porque tem origem na compaixão, e a compaixão fatiga-se» ¹. Melhor fôra não ter escripto estas palavras; no profundo isolamento em que me achava na lucta pela vida, alienaram-me a corrente sympathica que me teria fortalecido. As replicas da Questão coimbrã aproveitaram esse excesso de linguagem. Na *Litteratura de hoje*, escreve Ramalho Ortigão: «Á indelicada allusão feita á cegueira do snr. Castilho não me proponho responder. Dá-se uma circumstancia horrivel, que o snr. Theophilo Braga certamente ignorava quando escreveu aquillo: é que o snr. Castilho effectivamente não vê» ². Na Carta de Amaro Mendes Gaveta vem:

O Braga foi mais ávante
Na censura que te fez,
E diz-nos com tom pedante
Que o teu merito é ser cego!
Isto então é de gallego,
E um insulto revoltante
Para o Milton portuguez (pag. 11).

A crua referencia não era original minha; corria em varios ditos de personagens celebres. Contava-se que Herkulano, em desavença com Castilho, ás palavras «Gallego do chafariz da Ajuda», replicára chamando-lhe: «Ce-

¹ *Theoeracias litterarias*, pag. 12.

² *Litteratura de hoje*, pag. 61.

go de corpo e de alma». Repetia-se isto, e riam-se. Contava-se que no enterro de Garrett, Castilho dissera algumas palavras impertinentes á beira da sepultura, e que Rebello da Silva incommodado exclamára: «Dêem dez reis a esse cego para se calar!» Mais se repetia, que Rodrigo da Fonseca, em desaccordo com a numerosa familia Castilho, repetia com a sua proverbial malicia: «Familia de ciganos; até para em tudo ser completa tem um cego!» A infelicidade impõe-se naturalmente ao respeito, e nós tomámos sempre essa desgraça pessoal de Castilho como uma importante caracteristica para explicar a sua evolução psychologica e em especial as fórmas do seu talento litterario. Em todo o caso depois das *Theocracias litterarias* ficámos como um *out law* na litteratura, e para romper a conspiração do silencio que nos cercára, tivemos de dar gratuitamente os livros que escreviamos aos livreiros que por obsequio os queriam acceitar. Vida de profunda miseria, e em que os ataques litterarios se iam reflectindo no julgamento do meu curso na Universidade, deixando de ser distincto desde o segundo anno até ao fim da formatura, e sendo duas vezes reprovado no concurso da Academia polytechnica do Porto, em 1868, e no concurso da faculdade de Direito, em 1871. Anthero de Quental, depois dos dois folhetos polemicos, nunca mais pensou em theorias litterarias ou philosophicas, divagou por Paris, pela America, pelos Açores, emquanto outros obreiros vieram engrossando a corrente das ideias modernas; o proprio Ramalho Ortigão, nas *Farpas*, glorificou essa pleiada com o titulo de *Dissidentes*, e só depois da affirmação da sua

existencia e acção moral é que Anthero de Quental em uma phantasista autobiographia, se arrogou o alto poder de iniciação das ideias modernas em Portugal ¹.

A Carta *Bom senso e bom gosto*, é uma declamação emphatica de um espirito arrebatado por ideias mal definidas, que tomam o aspecto pittoresco de entidades nominaes. Um pensamento luminoso ali apparece, porventura reminiscencia de José de Maistre, e vagamente formulado: «Mas, se já alguma hora da historia impoz aos que fallam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrificio do *eu* ás tristezas e miserias da humanidade, de trabalho e silencioso pensamento; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros, crentes, é certamente esta do dia de hoje, da idade de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso seculo. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas ideias. Desmoronam-se as velhas religiões. O futuro não apparece ainda. E entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa» ². José de Maistre, o

¹ Esta preocupação de iniciativas foi a causa de uns artigos contra a *Historia da Litteratura portugueza*, feitos por Anthero de Quental no *Primeiro de Janeiro*.

² *Bom senso*, pag. 10.

ultimo sustentaculo do catholicismo agonisante, dizia com mais clareza: «Tudo nol-o manifesta, *caminhamos para uma grande synthese*». Essa synthese esclareceu-a Augusto Comte organisando a hierarchia theorica, pela qual foi levado á descoberta da Sociologia, e estabelecendo a successão dos estados mentaes theologico, metaphysico e positivo, comprehendeu a continuidade historica rehabilitando a Edade-média e apontando o destino normal a que tende a longa revolução occidental. Essa synthese era a necessidade de formação de dois novos Poderes, temporal e espiritual, que libertassem a sociedade e os individuos do regimen da ficção e da destruição.

Pedir a Castilho, ou a qualquer litterato, intelligencia incompleta, a solução da grande synthese, era uma exigencia absurda; condemnal-o por traduzir «*os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma*», era continuar a antiga negação da antiguidade classica, como fez o catholicismo medieval e o romanticismo emanuelico, e impossibilitar-se de adquirir a comprehensão da continuidade historica, que nos leva a definir essa synthese fundamental no advento da Sociocracia.

Citando os obreiros da futura synthese, Anthero de Quental confunde os criticos negativistas e os espiritos systematisadores: «O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande creação original, immensa da nossa idade... Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolf, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerback, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o natura-

lismo, a historia. a metaphysica...» ¹ Se o joven revolucionario de então tivesse algum intuito na aproximação do nome dos dois philosophos com alguns outros de eruditos e criticos, por certo não chamaria ao fim de vinte annos á concepção genial de Augusto Comte «*uma banalidade franceza*».

Pinheiro Chagas, no seu *Folhetim a proposito da Carta*, sem comprehender a grande synthese, nem o estado de transição, diz que todos esses auctores já eram cá muito conhecidos, e pergunta aos innovadores coimbrões, com lucidez, embora prematuramente: «*Applicaram, pelo menos, ao estudo das cousas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros?...*» ²

Eram estas *aplicações* verdadeiramente o intuito de uma renovação mental em um paiz tão esquecido do seu passado historico, e tão alheio á marcha geral da civilização da Europa. Eram um comprommisso de trabalho; Ramalho Ortigão fizera perguntas analogas, e não era em um *germanismo* vago que residia a nova crise dos espiritos. O polemista atirou-se á preconisação do «Ideal! palavra mystica, etc.»

Ainda no mesmo anno de 1865, José Fontana tendo-se aproximado de Anthero de Quental, imprimiu-lhe um outro opusculo *A dignidade das Lettras e as Litteraturas officiaes*.

N'este trabalho polemico procurou definir melhor o

¹ *Bom senso e bom gosto*, pag. 12.

² *Folhetim a proposito*, pag. 6.

objectivo da dissidencia de espirito, mas na inspiração do momento lembrou-se de que sustentava a *liberdade de pensamento*, e faz largas amplificações para mostrar que o pensamento sem liberdade cria as litteraturas de convenção ou rhetoricas: «Foi só defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada Eschola de Coimbra, no trabalho de alguns homens (bom ou máo, não curei de o saber), mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito» ¹. O fundamento da questão, que tomava proporções enormes no paiz e no Brazil, era mais intimo, e o proprio porta-estandarte da revolta não o conhecia; procurou outra causa para o seu protesto, aproximando-se por instincto da verdade, mas invertendo-a por falta do conhecimento da realidade historica. E tanto ignorava o character do momento historico em que fallava, que glorifica Herculano como o modelo do amigo sincero do povo e *independente, que lhe dizia as verdades em toda a sua dolorosa mas salutar crueza*» ². Em 1842, quando a nação resistia ás tropelias dos caprichos despoticos de D. Maria II, Herculano era a favor do paço contra a nação, e como deputado votava uma suspensão de garantias; em 1847 assistiu á intervenção armada da Hespanha e Inglaterra em Portugal, chamada pela mesma rainha D. Maria, que era estimulada pelo marido allemão, para resistir contra a vontade nacional.

¹ *Dignidade das Lettras*, pag. 6.

² *Ibid.*, pag. 10.

Herculano não só continuou a ser cartista, como ficou empregado da Bibliotheca do Paço, pago pelo bolsinho do conspirador D. Fernando, e quando escrevia o prologo da 4.^a edição da *Historia de Portugal* dizia a severa verdade que não escrevera a Historia para a nação, escrevera-a como serviço pessoal para D. Pedro v, e que a nação não lhe devia nada! Foi justamente esta terrivel crise, que, como já o tinha observado Edgar Quinet, fez a decadencia do espirito e da litteratura portugueza. Anthero de Quental falho de uma instrucção regular attribuia a decadencia nacional á litteratura convencional e artificiosa. Importa lêr as suas proprias palavras, para se vêr como apostrophava na inconsciencia:

«Ah! n'esta terra, em tempo fecunda e santa, e agora fria e esteril, e esta gente outr'ora nobre e altiva, e hoje baixa e envilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras de esperança, de coragem, de fé! Levantar esses animos incertos e cahidos, animar esses corações descrentes, aquecer com um fogo vivo de amor, de sentido e ardente amor, esse sangue meio regelado, esses peitos que esfriam de desalento, alumiar esses olhos que o desgosto embacia e essas almas ainda mais baças pelos crepusculos d'um espantoso abaixamento de luz moral! Aqui é que era fazer triumphar o espirito, pondo-o tão alto que fosse como um sol a aquecer, a alumiar uma terra e uma gente que, ao sentir faltar-lhe o mundo, soubesse tirar d'aquelle só astro o calor e a luz para a vida, e no isolamento da decadencia, fizesse nova patria, mais rica e formosa, da virtude e da nobreza!

«Nunca litteratura alguma teve obrigação de ser elevada, grave, séria, desambiciosa, como a Litteratura d'este povo decadente, cujas ultimas misérias ahi estão para inspirar a compaixão ou o desespero, a dedicação ou a blasphemia, o amor ou o insulto, tudo, menos os pequenos sentimentos de interesse pessoal e da vaidade. Oh! quem se póde lembrar de especular com os ultimos alentos de um moribundo?..»

«É isto todavia o que tem feito e o que faz ainda a nossa litteratura official. Ri, graceja, seisma, murmura, phantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obsoletas e construcções exóticas de phrase, diverte-se e cuida divertir-nos no meio de um grande luto nacional, n'uma hora das mais solemnes d'este povo... Quando, no meio da triste dissolução do passado, a alma portugueza incerta e vaga procura um caminho novo, hesita e está em perigo de se assentar cheia de dôr n'algum marco isolado e deixar-se ahi finar de desgosto, é n'essa hora que a nossa litteratura, que se diz nacional, não acha para a confortar, esclarecer, animar, conduzir, uma só palavra viva, um só sentimento profundo, uma alta ideia, ao menos uma lagrima bem triste, nada... só phrases, rimas, estylos, palavras — *words, words, words*»¹.

Não era pela litteratura que devia começar o esforço de revivescencia da nacionalidade portugueza; comprehendeu-o superiormente o eminente publicista Henriques Nogueira, quando, discutindo a organização politica de

¹ *Dignidade*, etc., pag. 21.

Portugal depois da cobarde infamia da intervenção armada de 1847, concluiu que a sua salvação, independência e dignidade estava na fórmula de uma Republica federal. Anthero de Quental, no folheto *Portugal perante a Revolução de Hespanha*, concluia em 1868, que devíamos abdicar da Patria! Na sua *Autobiographia* repete: «Advogava ahi a *União ibérica* por meio da Republica federal, então representada em Hespanha por Castellar, Pi y Margall e a maioria das côrtes constituintes. Era uma grande illusão da qual porém só desisti (como de muitas outras d'esse tempo) á força de golpes brutaes e repetidos da experiencia». *União ibérica e Republica federal* são dois termos politicos e duas soluções que se repugnam; mas deixando o seu «falso idealismo nas cousas da sociedade», Anthero entendeu que as questões politicas eram uma agitação esteril da burguezia, e que o problema economico do proletariado é que era o campo para a sua missão iniciadora e humanitarista. Foi por este lado que José Fontana o attrahiu ao Socialismo e á organização *internacionalista*. Já não era a litteratura que devia regenerar a nação portugueza; Anthero entregou-se á idealisação do nirvana buddhico, e se era, «traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma», que Castilho arruinava Portugal, não era com sonetos pessimistas, dando fórmula a emoções doentias, que a geração nova se orientava.

Em uma d'aquellas suas *hegiras* mysteriosas á mata do Bussaco, ao espectáculo do oceano na Figueira e á Batalha, Anthero de Quental desapareceu de Coimbra. Para onde iria? Os Machados, cuja casa frequenta-

va, disseram mysteriosamente, que partira para o Porto, para se bater em duello com Ramalho Ortigão, por umas phrases insultuosas que lhe dirigira no folheto *Litteratura de hoje*. Pareceu legitimo e dignissimo o desforço; mas foi terrivel a minha decepção, quando o vi ir comprimentar no Porto a Camillo Castello Branco, que então morava na rua do Almada, e almoçar com elle e rir-se das tremendas injurias que o caustico romancista lhe vibrára no folheto das *Vaidades irritadas e irritantes*. Depois do duello, que se effectuou n'uma madrugada em uns campos, na estrada da Arca de Agua, Anthero de Quental voltou a casa de Camillo a despedir-se. Foi quando conheci o desequilibrio moral. As phrases de Ramalho Ortigão merecem consignar-se para intelligencia do facto:

«Causou-me profunda mágoa vêr essas phrases desabridamente insultuosas e provocadoras, escriptas, assignadas e directamente dirigidas por um moço de vinte e cinco annos a um varão respeitavel pelos seus cabellos brancos, respeitavel pela enfermidade horrivel que o privou da vista, respeitavel pela sua profissão, respeitavel pelo seu talento, respeitavel pelo seu trabalho.

«Ao homem que se não admira, que se não respeita, que nem sequer se estima, e a quem temos por futil, por *deshonesto* e por *tonto*, não se escreve na boa sociedade uma carta a reprégar a desconsideração e o desprezo em que o temos, senão quando o nosso fim é chamar a pessoa a quem nos dirigimos a uma explicação pessoal mais decisiva que a palavra.

«Se o snr. Quental já de ante-mão sabia, como af-

firma abrindo ahí margem a novo insulto, que o snr. Castilho é velho e cego, levará a bem dizer-se-lhe que maculou o snr. Quental os seus vinte e cinco annos com a mais torpe das nodoas que um mancebo póde lançar no seu character: a covardia» ¹.

Do confronto entre Garrett e Herculano com Castilho escrevia Camillo: «A injuria de par com a bajulação abjecta não é a somenos quebra da indiscrição do juiz. Negamos-lhe a competencia, porque subiu cheio de paixões ruins á judicatura» ². D'aqui não resultou duello; mas novos folhetos vieram explorar o incidente comico da questão coimbrã, como *A penna e a espada*, *Anthero de Quental e Ramalho Ortigão*, e *O tyrannete Quental e Ortigão*, (em verso). Os disparates choviam de todos os lados em mais folhetos polemicos provocados pela exploração dos livreiros. Foi como acabou a questão; na inanidade. Era preciso estudo e trabalho, e não *roncos de soberbia* ³.

Depois da ruidosa *Questão coimbrã*, Anthero cahiu

¹ *Litteratura de hoje*, pag. 36.

² *Vaidades*, pag. 40.

³ Catalogo chronologico dos opuseculos publicados sobre a referida questão litteraria:

1. A. F. de Castilho — *Carta ao editor A. M. Pereira sobre o Poema da Moeidade*, impressa no fim do poema. (Esta deploravel carta de critica litteraria é que suscitou a famosa questão que tanto se debateu). 1 vol.
2. Anthero de Quental — *Bom senso e bom gosto*, carta ao exc.^{mo} snr. A. F. de Castilho. 3.^a edição. 1865.
3. M. Pinheiro Chagas — *Bom senso e bom gosto*, folhetim a pro-

n'um profundo estado de melancholia nostalgica: custava-lhe a deixar Coimbra, mas faltavam-lhe ali os seus melhores amigos. Deixou Coimbra em 1866, e foi viver alguns mezes em Penafiel, junto de Germano Meyrelles; no seu desalento foi para Guimarães para conviver com Alberto Sampaio, e n'esta hesitação de espirito embarcou para a ilha de S. Miguel. Alguns jornaes, onde resoavam os ultimos eccos malevolos da pugna litteraria, espalharam que Anthero de Quental endoudecera. De amigos intimos soubemos que ainda em Coimbra tentára suicidar-se. É certo porém, que pouco se demorou na ilha

posito da carta que o snr. Anthero de Quental dirigiu ao snr. A. F. de Castilho.

4. Manoel Roussado — *Bom senso e bom gosto*, resposta á carta que o snr. Anthero de Quental dirigiu ao exc.^{mo} snr. A. F. de Castilho. 1865.
5. Elmano da Cunha — *Carta* em resposta a outra, *Bom senso e bom gosto*, dirigida por Anthero de Quental ao exc.^{mo} snr. A. F. de Castilho, o incomparavel traductor dos *Fastos* de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus Christo, offerecida ao incomparavel duque de Saldanha.
6. Julio de Castilho — *O snr. Antonio Feliciano de Castilho e o snr. Anthero de Quental*. 2.^a edição.
7. Theophilo Braga — *As theocraeias litterarias*. 1865.
8. Anthero de Quental — *A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes*. 1865.
9. Ruy de Porto Carrero — *Lisboa, Coimbra e Porto, e a questão litteraria*. — A carta do snr. Anthero de Quental ante os snrs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho. 2.^a edição.
10. A. Ferreira de Freitas — *Os litteratos em Lisboa*, poemeto illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito.

de S. Miguel, emprehendendo uma viagem pela Europa e America, de 1867 para 1868. Cumpre lembrar, que Anthero era filho segundo de uma casa vincular, e que só tinha uma pequena mezada que era obrigado a dar-lhe o senhor da casa ou o morgado. Seu irmão primogenito, André da Ponte, não quiz registrar o morgado, e dividiu a casa igualmente por todos os irmãos. A situação economica de Anthero melhorou; partiu para Paris com Alberto Sampaio. Visitou Michelet e Renan; notou que o grande historiador tinha trem, e que o philologo, como a maior parte dos escriptores, vivia isolado,

11. Amaro Mendes Gaveta — *O mau senso e o mau gosto*, carta mui respeitosa ao exc.^{mo} snr. A. F. de Castilho, em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro. (Cunha Belem).
12. S. de A. — *Bom gosto e bom senso*, carta de boas festas a Manoel Roussado. 1866.
13. J. D. Ramalho Ortigão — *Litteratura de hoje*. 1866.
14. Camillo Castello Branco — *Vaidades irritadas e irritantes*, opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria. 1866.
15. Augusto Malheiro Dias — *Castilho e Quental*, reflexões sobre a actual questão litteraria.
16. Urbano Loureiro — *Questão de palheiro; Coimbra e lisboetas*.
17. Eremita do Chialo — *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola coimbrã*, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea.
18. G. F. — *A litteratura ramalhuda*, a proposito dos snrs. Castilho e Ramalho Ortigão.
19. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira — *A Questão litteraria*, a proposito do jazigo de José Estevão.

sentindo a falta de uma Bohemia litteraria. Por ultimo, não podendo supportar o barulho de Paris, regressou a Lisboa, e aceitou o convite do seu amigo Negrão, do Algarve, que ia no seu *yatch* fazer uma viagem de recreio aos Estados-Unidos. Na Autobiographia escreve: «Durante o anno de 1867 e parte de 1868, viajei em França e Hespanha, e visitei os Estados-Unidos da America». Offereceram-lhe em um dos estados um logar de professor, que elle não aceitou, regressando á Europa mais confuso e desalentado. Demorando-se em Lisboa, reatou a convivencia com antigos companheiros de Coim-

-
20. José Francisco — *Os Coimbrões*, questão em que tambem entra pelos cem reis, José Francisco, caeador da rainha do Congo; com uma dedicatoria por Diogo Bernardes.
 21. José Feliciano de Castilho — *A Escóla coimbrã*, carta ao redactor do *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro. 1.^a serie.
 22. Idem, idem. 2.^a serie.
 23. Eduardo A. Vidal — *Guelfos e Gibelinos*, tentativa critica sobre a actual polemica litteraria.
 24. P. W. de Brito Aranha — *Bom senso e bom gosto*, humilde parecer com uma carta do exe.^{mo} snr. A. F. de Castilho.
 25. Eduardo Salgado — *Litteratura de ámanhã*, duas palavras ao snr. Anthero de Quental.
 26. Carlos Borges — *Penna e espada*, duas palavras ácerca da *Litteratura de hoje*, de Ramalho Ortigão.
 27. Anonymo — *Anthero de Quental e Ramalho Ortigão*.
 28. Anonymo — *O tyrannete Quental e Ortigão*, verso.
 29. Sachristão — *Analyse critica*, rapida, despretenciosa, feita ao folheto intitulado *Garrett, Castilho, Herculano e a Escóla coimbrã*, pelo Eremita do Chiado.

bra, entre elles Batalha Reis, Fuschini e Eça de Queiroz, criticos dissolventes, *blagueurs*, capazes de desvairarem o mais equilibrado espirito. Teve tambem occasião de relacionar-se com Oliveira Martins, que veio substituir o influxo que sobre Anthero exercera Germano Meyrelles, determinando especialmente a paixão pela metaphysica revolucionaria e pela acção politica. Em fins de 1868 de-ra-se a revolução de Hespanha que desthronára a dynastia dos Bourbons; passados dois mezes escreveu Anthero o opusculo *Portugal perante a Revolução de Hespanha, considerações sobre o futuro da politica por-*

-
30. A. A. Teixeira de Vasconcellos, A. F. de Castilho, A. Osorio de Vasconcellos — *Sobre a questão coimbrã*.
 31. Sombra de Cicero — *Verdadeira luz derramada na Questão litteraria*, e supremo remate a ella.
 32. *Carta ao eminentissimo senhor Manoel Pinheiro Chagas*, pelo seu estapafurdio admirador Costa Goodolphim. Lisboa, 1866. Folheto.
 33. *Antonio Feliciano e Anthero de Quental*, por Urbano Loureiro. Porto, 1866. Folheto.
 34. *Litteratura de hontem*, ou breves reflexões sobre a Questão litteraria, por Antonio Peixoto do Amaral. Porto, 1866. Folheto.
 35. *Segunda Carta de Boas Festas a Manoel Roussado*, por S. d'A. (Severino d'Azevedo). Coimbra, 1867. Folheto.
 36. *Litteratura portugueza — A. F. de Castilho e a Carta que acompanha o Poema da Moicidade*, por Archi-Zero. Rio de Janeiro, 1866. Folheto.
 37. *Horacios e Curiaeios*, ou mais um ponto e virgula na actual Questão litteraria, por M. A. da Cunha Belem. Lisboa, 1866. Folheto.
 38. *Folhetim de João de Deus*, a proposito do prologo de Castilho ao poema *D. Jayme*.

tuguesa no ponto de vista da Democracia iberica. Estes considerandos vagos só tinham de cathorico um principio que veiu difficultar o desenvolvimento da democracia em Portugal: a affirmação de que a democracia era iberica, e que era preciso renegar a nacionalidade portugueza! Transcrevemos alguns trechos d'esses considerandos: «Portugal é uma nação enferma, e do peor genero de enfermidade, o languor, o enfraquecimento gradual que, sem febre, sem delirio, consomme tanto mais seguramente quanto se não vê orgão especialmente atacado, nem se atina com o nome da myste-

-
39. *A aguiã no ovo e nos astros, sive a Escóla de Coimbra na sua aurora e em seu zenith*, por J. Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, 1866.
 40. *A Casca da Canelleira*. Maranhão, 1866. (Com trechos relativos á questão).
 41. *A Imprensa na gaiola*. Poemeto. 1866.
 42. *Delenda Tibur!* Primeira aos homens da cigarra e do ermo. 1866.
 43. *Aventuras de um Poeta nebuloso*, de Ricardo Guimarães. (Cartas no *Jornal do Commercio*).
 44. *A Litteratura em barulho*. (29 folhetins no *Portuguez*, por Sattan (Tanas, aleunha de João Felix Rodrigues).
 45. *Intelligencia cometa, ou talento meteoro*. (Na *Semana illustrada* do Rio de Janeiro).
 46. *Carta congratulatoria, ou felicitação dos Litteratos de Pernambuco* ao sr. A. F. de Castilho.
 47. *Carta dos Litteratos da Bahia*, ao mesmo.
 48. *Parodia do Poema da Mocidade*. (Em folhetins da *Liberdade*, de Coimbra). Sobre a bibliographia d'esta Questão, vid. Innocencio, *Dicc. bibl.*, Supp., vb.º *Bom Senso e Bom Gosto*.

riosa doença. A doença existe, todavia. O mundo portuguez agonisa, affectado da *atonía*, tanto na constituição intima da sociedade, como no movimento, na circulação da vida politica». (Pag. 24).

E estabelecendo uma distincção casuistica entre patria e nacionalidade, conclue pelo seguinte remedio ao nosso estado decadente: «Se não é possivel sermos justos, fortes, nobres, intelligentes, senão deixando cair nos abysmos da historia essa coisa a que se chamou *nação portugueza*, cáia a nação portugueza, mas sejamos aquillo para que nos creou a natureza, sejamos intelligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens muito embora deixemos de ser portuguezes. Uma nação moribunda é uma cousa poetica: infelizmente a melhor poesia, em politica, não passa de uma politica mediocre. Chorar, recordar-se, ou ameaçar em sonoros versos, póde ser extremamente sentimental; mas não adianta uma polegada os nossos negocios... Eu por mim, pondo de parte toda a poesia e toda a sentimentalidade, contentar-me-hei de afirmar aos patriotas portuguezes esta verdade de simples bom senso: que, nas nossas actuaes circumstancias, o unico acto possivel e logico de verdadeiro patriotismo consiste em *renegar a nacionalidade*». (Pag. 39). Depois d'isto Anthero tinha de abandonar a democracia portugueza, que não pensava como elle um tal absurdo, e pelas relações que contrahira com José Fontana achou-se envolvido na corrente socialista.

Em relação a estes planos phantasticos de conspiração a favor da União iberica, com que se ufana Anthero de Quental, convém aproximar o julgamento serio do

publicista hespanhol D. Rafael Labra, na sua Conferencia *Lisboa y los Portuguezes*, ácerca d'essa agitação: «Sucede que en estos últimos años (hacia 1870 por ejemplo) se desenvolvió la propaganda iberista, quizá con poca prudencia, hiriendo las susceptibilidades á que antes me he referido, y que este error, asi como los sentimientos naturales de independencia, propios de los pueblos que han tenido personalidad en la historia, y las inquietudes características de todas las colectividades pequeñas, fueron habilmente explotados por algunos partidos políticos, y sobre todo por los interesados en la conservacion de instituciones y formas y organismos que habían de sucumbir (tarde ó temprano) en la gran obra de la concentracion iberica. En Portugal, respecto de este punto se ha hecho el mismo consumo que en España de la *integridad nacional* para contener el progreso de las ideas y la ruina de intereses sostenidos por la injusticia é el error en nuestras Antillas». (Pag. 48). Visto que tocamos n'esta questão azeda, que Anthero no folheto sobre a Revolução hespanhola resolvia aconsejando a que renegassemos o sentimento de patria, D. Rafael Labra manifesta-se partidario da *concentração iberica*, isto é, das relações crescentes de interesses, fazendo: «la protesta más energica contra toda idea ó toda tendencia atentatoria á la dignidad del pueblo luzitano; y qué digo, á su dignidad!; contra todo lo que de cerca ó de lejos pueda significar un proposito de violencia quanto más una tentativa orgullosa y contraproducente, de encomendar la obra fecunda de la aproximación y unificacion de los pueblos portugués y espa-

ñol á procedimientos que impliquen cierta precipitacion y cierta arrogancia ó que oculten el desatentado pensamiento de restaurar bajo cualesquiera forma y con cualquier pretexto aquel periodo verdaderamente ominoso de la superioridad y del dominio de España sobre Portugal, que comprende los años de 1580 á 1640, y en que bajo la agostadora dinastia de la Casa de Austria se sembraron en todo el país vecino gérmes de odio, determinando la iniciacion de la decadencia del reino engrandecido por Alfonso III, el rey Dionisio, y el rey Don Manoel». (*Ibid.*, pag. 11).

Como Anthero de Quental se apresentára como democrata, e advogava a união iberica, mais tarde quando elle se tornou socialista e se desenvolveu o partido republicano, os decadentes elementos conservadores não se cansavam de tornar odiosa a Republica por ser iberica, e proclamavam os Braganças egoistas como penhores da independencia nacional! Na sua Autobiographia Anthero renega a incorporação iberica que elle confundia com federação, e diz: «Era uma grande illusão, da qual porém só desisti (como de muitas outras d'esse tempo) á força de golpes brutaes e repetidos da experiencia. Tanto custa a corrigir um certo falso idealismo nas cousas da sociedade». Eram-lhe muito frequentes estas retratações.

As ideias pessimistas sobre a nacionalidade, desenvolvidas entre os companheiros a que acima alludimos, suggeriram o plano de umas Conferencias publicas ás segundas-feiras, ás 9 horas da noite, entrada a 100 reis, no salão do Casino, largo da Abegoaria. Anthero redigiu

o seguinte prospecto ou annuncio das *Conferencias democraticas*:

«Ninguem desconhece que se está dando em volta de nós uma transformação politica, e todos presentem que se agita, mais forte que nunca, a questão de saber como deve regenerar-se a organização social.

«Sob cada um dos partidos que luctam na Europa, como em cada um dos grupos que constituem a sociedade de hoje, ha uma ideia, ha um interesse, que são a causa e o porquê dos movimentos.

«Pareceu que cumpria, enquanto os povos luctam nas revoluções, e antes que nós mesmos tomemos n'ellas o nosso lugar, estudar serenamente a significação d'essas ideias e a legitimidade d'esses interesses; investigar como a sociedade é, e como ella deve ser; como as Nações têm sido, e como as póde fazer hoje a liberdade; e, por serem ellas as formadoras do homem, estudar todas as ideias e todas as correntes do seculo.

«Não póde viver e desenvolver-se um povo isolado das grandes preocupações intellectuaes do seu tempo; o que todos os dias a humanidade vae trabalhando, deve tambem ser o assumpto das nossas constantes meditações.

«Abrir uma tribuna, aonde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este momento do seculo, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e politica dos povos;

«Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitaes de que vive a humanidade civilisada;

«Procurar adquirir a consciencia dos factos que nos rodeiam, na Europa;

«Agitar na opinião publica as grandes questões da philosophia e da sciencia moderna;

«Estudar as condições da transformação politica, economica e religiosa da sociedade portugueza;

«Tal é o fim das *Conferencias democraticas*.

«Tem ainda ellas uma immensa vantagem, que nos cumpre especialmente notar: preoccupar a opinião com o estudo das ideias que devem presidir a uma revolução, de modo que para ella a consciencia publica se prepare e illumine, é dar não só uma segura base á constituição futura, mas tambem, em todas as occasiões, uma solida garantia á ordem.

«Posto isto, pedimos o concurso de todos os partidos, de todas as escholas, de todas aquellas pessoas, que, ainda que não partilhem as nossas opiniões, não recusam a sua attenção aos que pretendem ter uma acção — embora minima — nos destinos do seu paiz, expondo publica mas serenamente as suas convicções, e o resultado dos seus estudos e trabalhos.

«Lisboa, 16 de maio de 1871».

Assignavam este prospecto doze nomes. Na sua Autobiographia escreve: «As *Conferencias democraticas* tinham sido fundadas por mim com o concurso de homens moços (que quasi todos têm hoje nome na politica) e eram muito frequentadas pelo escol da classe operaria. Pareceram perigosas ao governo, que arbitrariamente as mandou fechar».

As Conferencias foram inauguradas em 27 de maio

de 1871, com a exposição feita por Anthero de Quental sobre as *Causas da decadencia dos Povos peninsulares nos ultimos tres seculos*. Passados dias Fontana publicou em folheto o discurso reconstruido «sobre os apontamentos que serviram para recitar, os extractos publicados por varios jornaes e as notas de alguns amigos». Antes de emittirmos opinião sobre este discurso, consignaremos a serie dos acontecimentos: fizeram-se mais tres conferencias sobre o Realismo na Arte, sobre Chateaubriand, e sobre a Questão do Ensino, por outros prelectores, e quando já se annunciava uma conferencia sobre a divindade de Jesus, o Marquez d'Avila, ministro do reino, mandou prohibir por uma portaria insensata as Conferencias democraticas do Casino. Anthero publicou uma scintillante *Carta ao exc.^{mo} sr. Antonio José d'Avila, Marquez d'Avila, presidente do Conselho de ministros*, censurando-o por esse acto discricionario: «a portaria com que v. exc.^a mandou fechar a sala das Conferencias democraticas, é um acto não só contrario á lei e até ao espirito da época, mas sobretudo é attentatorio da liberdade do pensamento, da liberdade da palavra e da liberdade de reunião, isto é, d'aquelles sagrados direitos sem os quaes não ha sociedade humana, verdadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo, eterno da palavra. Póde haver sem elles agglomeração de corpos inertes, que a força da gravidade social sustenta juxtapostos: não ha associação de consciencias livres.— Além d'isso é um acto tolo». A carta é repassada dos mais acerados sarcasmos; e comtudo Anthero de Quental ainda observou em sua vida os talentos novos, filhos

da educação metaphysica da Universidade, uma vez elevados a ministros, commetterem mais desaforados assaltos á liberdade e á dignidade nacional.

O discurso sobre as *Causas da decadencia dos Povos peninsulares* é um quadro de historia, vago e incoherente, porque lhe faltava a base essencial, a comprehensão da marcha geral da Civilisação da Europa desde o fim da Edade-média até á Revolução franceza. Anthero de Quental via em Hespanha e Portugal um phenomeno particular que era commum a todas as outras nacionalidades modernas, e localisava esse phenomeno no seculo XVI, quando elle se manifestára desde o seculo XIII por uma fórma espontanea, que só no seculo XVI é que veio a tornar-se systematica. Faltava-lhe tambem uma clara comprehensão da Edade-média, quando fazia o contraste das antigas instituições populares e religiosas com o absolutismo e intolerantismo colligados no seculo XVI contra a corrente da dissolução do regimen catholico-feudal. O pensador theocratico Menendez Pelayo considera a ruina da grandeza da Hespanha, porque o regimen catholico-feudal se enfraqueceu com a extincção da dynastia da Casa de Austria; Anthero de Quental, pensador revolucionario, aceita como explicação da decadencia dos povos peninsulares a mesma causa apparente: «Ora esses phenomenos capitaes são tres, e de tres especies: um moral, outro politico, outro economico. O primeiro é a transformação do *Catholicismo* pelo Concilio de Trento. O segundo o estabelecimento do *Absolutismo*, pela ruina das liberdades locaes. O terceiro o desenvolvimento das *Conquistas* longiquas. Estes phenomenos as-

sim agrupados, comprehendendo os tres grandes aspectos da vida social, o *pensamento*, a *politica* e o *trabalho*, indicam-nos claramente que uma profunda e universal revolução se operou durante o seculo XVI, nas sociedades peninsulares. Essa revolução foi funesta, funestissima»¹. Ha evidentemente aqui uma vista incompleta da marcha historica; a revolução prolongada, commum a todos os estados da Europa, era essencialmente *social* e *mental*; n'uns paizes, como na Inglaterra e em França, onde existira uma forte organização feudal, a revolução teve um effeito temporal e incidiu sobre as fórmas politicas; n'outros, como na Allemanha, manifestou-se na ordem espiritual, pelo Protestantismo. Porém, em Portugal e Hespanha, cujas forças se dispersaram nas descobertas maritimas e colonisação, era onde mais facilmente os decadentes poderes do Catholicismo e do Feudalismo melhor se colligavam na sua reacção, porque ali encontravam menor resistencia. O Queimadeiro e Philippe II separaram para muito tempo a peninsula hispanica do concurso europeu; mas a solidariedade da civilisação exercceu-se, e social e mentalmente os povos peninsulares acceitaram os elementos da nova ordem que se esboça ainda um tanto empiricamente. Anthero de Quental não viu no seu quadro este evidente progresso, e aconselha-lhes «a *Revolução como o Christianismo do*

¹ *Causas da decadencia dos Povos peninsulares*, pag. 19. Vid. no vol. I d'esta obra, pag. 417 até 443, a exposiçào d'esta phase revolucionaria.

mundo moderno». Saír da Revolução e entrar em um regimen normal é o de que mais carece a sociedade europêa. Na brochura do seu discurso annunciava Anthero de Quental, em 1871, a entrar no prélo o *Programma para os trabalhos da Geração nova*. Pela incoherencia das suas ideias historicas e philosophicas, vê-se que era apenas um comprommisso, que o obrigaría a estudar; estava longe de conhecer como as sociedades se transformam e de que disciplina carecia a geração moderna ¹. Para a transformação das sociedades humanas aproximando-as do seu destino normal, tornando consciente as manifestações da sua actividade dirigidas pela intelligencia sob a direcção da affectividade, estabeleceu Augusto Comte os seguintes meios:

1.º Uma doutrina commum e universal para a disciplina das intelligencias, isto é, uma Philosophia;

2.º Uma educação systematica, tendendo a conformar os costumes com as ideias;

3.º Uma politica fundada sobre a observação, tendo em vista a acção do conjuncto social sobre as capacidades individuaes, e em que as leis não se antepõem aos costumes.

¹ Passados quatro annos, lia-se no jornal *A Republica*, de 12 de maio de 1875: «Vae entrar em via de publicação o novo livro do nosso eloquente escriptor e illustre amigo o sr. Anthero de Quental. Este trabalho tem por titulo: *Programma de estudos para a Geração moderna*. É um livro desejado, um livro precioso, e será um livro utilissimo». Apesar do annuncio, não chegou a ser escripto.

Infelizmente, n'esse anno de 1871, em que Anthero ia empregar o *Programma para o trabalho da Geração nova*, foi attrahido para a acção politica, por José Fontana, o organisador do partido socialista em Portugal. Diz o poeta na sua Autobiographia: «N'esse anno e no seguinte, tomei parte activa no movimento socialista, que se iniciava em Lisboa, e tanto n'essa cidade como no Porto escrevi bastante nos jornaes politicos». E em outra passagem do mesmo documento: «ao mesmo tempo que conspirava a favor da União iberica, fundava com a outra mão sociedades operarias e introduzia, adepto do Marx e de Engels, em Portugal a Associação Internacional dos Trabalhadores. Fui, durante uns sete ou oito annos, uma especie de pequeno Lassalle, e tive a minha hora de vã popularidade». É admiravel esta preocupação subjectiva de uma missão genial! Tudo isto se resume em prestar o seu nome a um rapaz suiso, José Fontana, caixeiro da livraria dos Bertrands, que não podia na sua qualidade de estrangeiro intrometer-se em associações com character politico, chegando apesar de todas as cautelas a ser ameaçado pelo ministro Sampaio com a expulsão de Portugal ¹. A imaginação exaltada de Anthero comprazia-se com o drama mysterioso da conspi-

¹ Na obra de Costa Goodolphim, *A Associação, historia e desenvolvimento das Associações portuguezas*, pag. 138 e seguintes, fallando das Sociedades cooperativas de consummo, lê-se: «São de recente data estas sociedades em Portugal; soffreram larga discussão no *Centro promotor dos melhoramentos das Classes laboriosas*, onde tiveram por principal apostolo a JOSÉ FONTANA, que mais

ração internacionalista; elle e José Fontana tiveram uma conferencia dentro de um barco no Tejo, de noite, com os delegados socialistas hespanhoes. Por esta occasião escreveu Anthero o pequeno opusculo *O que é a Internacional: — O Socialismo contemporaneo — O Programma da Internacional — A Organização da Internacional — Conclusões*. Resume-se no equívoco economico do conflicto entre o Capital e o Trabalho, méras entidades nominaes, que se prestam a phrases perturbadoras das intelligencias rudes, despertando-lhes a avidez egoista. E estas

tarde convocava para uma reunião as classes populares, que se effectuou n'uma velha casa na rua hoje denominada do Instituto Industrial — ... e aquelle moço, a quem a associação deve relevantes serviços, explicava então a organização das *Sociedades cooperativas*, as suas vantagens, distribuindo ao mesmo tempo exemplares dos estatutos que serviam de base e norma para a sua constituição». Depois de fundadas numerosas Cooperativas de consumimo, de trabalho e de credito, José Fontana fundou as Associações de resistencia, constituindo-se a *Associação protectora do trabalho nacional*, e a *Fraternidade operaria*, inaugurada em 1872 com perto de duzentos socios, e elevando-se a perto de 10:000 individuos filiados. Anthero sabia d'este trabalho de organização, mas não era elle o pequeno Lassalle. Estes associados contribuiam com 20 reis semanaes para o cofre de resistencia, achando-se em pouco tempo com um poderoso capital com que sustentaram grèves importantes, gastando sómente na grève contra os serões, na lueta com a Companhia Perseverança, 8:000\$000 reis. Seguiram-se outras grèves, como a dos calafates, em 1872, reclamando a diminuição das horas de trabalho; a dos Fragateiros, para relhaverem os salarios em divida, que se elevavam a 23:000\$000 reis; a dos typographos da imprensa Lallemaut; dos tanoeiros do Beato; dos tecelões; dos operarios do tabaco; a gran-

phrases são tanto mais perigosas, quanto são formula-das por litteratos, que nada têm com o regimen do proletariado, que vive pelo trabalho quotidiano e subordina as suas paixões á sociabilidade, e por metaphysicos revolucionarios que imaginam que as sociedades se reformam por leis independentes dos costumes ¹. Não existia uma relação natural, nem mesmo moral, entre Anthero e o partido socialista; o poeta era um fidalgo antigo, conscio da sua linhagem, e tanto que n'uma visita a Michelet se apresentou como *um dos descendentes dos reis das Canarias*; vivia no ocio contemplativo dos bens herdados, sem a preocupação angustiosa do pão

de grève de 1873, dos operarios do caminho de ferro; da classe dos fabricantes de massas; e a dos colchoeiros. Fontana fundou *O Pensamento social*, como órgão das associações de resistencia, e ainda em 1873 fundiram-se todas as associações d'esta indole na *Associação dos trabalhadores da região portugueza*, representando a Internacional ou a lucta economica.

Emquanto tudo isto se passava, Anthero preocupava-se em colligir as *Primaveras romanticas*, divagando pelo Porto, Algarve, America, e em 1874 era atacado gravemente pela sua nevrose, caindo em uma forçada inação. Por isto vemos o valor d'essas palavras da Autobiographia: «N'esse anno (1871) e no seguinte tomei parte no movimento socialista, que se iniciava em Lisboa, e tanto n'essa cidade, como no Porto, escrevi bastante nos jornaes politicos». Como a imaginação o levou a crêr-se durante sete ou oito annos e mesmo até á Autobiographia um pequeno Lassalle!

¹ No *Protesto operario*, de 27 de septembro, Nobre França relata este facto: «Tres operarios Iglezias, Morago e Mora vieram de Hespanha em busca de evangelistas. Acharam um, Fontana; depois outro, Anthero. As princiras conferencias d'elles realisaram-se no Tejo, a bordo, remando e vogando».

quotidiano para mulher e filhos, que impéra no proletariado. O partido socialista só o considerava um dos seus, pela amotinação da linguagem com que lhe fallava no gosto rousseauiano. A situação dirigente de Anthero de Quental, aconselhando ao partido socialista a abstenção *politica*, e esquecendo-se do comprommisso do programma de estudos para a geração moderna, acha-se nitidamente explicada n'estas palavras de Comte :

«Incapazes de nada conceber além do seu vão deísmo, os revolucionarios incuraveis scindiram a questão occidental e esforçaram-se com muito successo, de absorver os proletarios por soluções metaphysicas, ao mesmo tempo anarchicas e retrogradas, em que as leis regulamentavam o que depende propriamente dos costumes. Desenvolvendo o programma indicado sob a sangrenta dominação dos rousseauianos, fizeram consistir a systematisação industrial em destruir a unica base derivada do passado para organizar o trabalho, conforme a divisão geral entre os patrões e os trabalhadores. Mas o deploravel credito com que o povo honrou estas theorias subversivas, deve d'ora avante ser imputado sobretudo á mania e á incapacidade que dirigiu a politica dos conservadores, em toda a parte investidos da preponderancia temporal, salvo em curtas oscillações. Invocando sempre a conciliação geral entre a ordem e o progresso, elles deixaram surgir desaperebidamente a doutrina que a institue plenamente. O seu empirismo não soube lutar contra o communismo senão por medidas oppressivas, duplamente nocivas á verdadeira solução, quer relevando os anarchistas perseguidos, quer fazendo suppôr que

as instituições fundamentaes da sociedade moderna não comportavam uma digna defeza. Sem uma tal assistencia, a historia não poderia explicar como o partido do progresso se achou collocado, em todo o Occidente, sob a presidencia passageira dos revolucionarios, cuja metaphysica, de accordo com a ignorancia, consagrava necessariamente a immobildade. A fraternidade christã tendo-se tornado incapaz de sancionar os votos legitimos dos proletarios, elles se acharam provisoriamente forçados a recorrer á egualdade rousseauniana que lhes degradou os sentimentos, desenvolvendo n'elles a inveja contra uma elevação qualquer e a desconfiança para com toda a auctoridade» ¹.

Apesar dos bellos sentimentos da alma de Anthero, a metaphysica revolucionaria obrigava-o á explosão estylistica, insufflando a inveja e a desconfiança no proletariado, quer no opusculo *O que é a Internacional?* como no Manifesto eleitoral do partido socialista, em 1880, quando candidato pelo circulo 98. A consciencia revoltava-se no meio d'esta illusão, e no alludido manifesto expõe: «Para exprimir o pensamento do Proletariado, só o Proletariado é competente. Só elle é competente para reivindicar o seu direito». O fidalgo, o metaphysico acharam-se deslocados; Anthero abandonou a acção revolucionaria, e deixou os socialistas, a pretexto de uma doença nervosa, a que allude na sua Autobiographia, e que o levou a consultar o celebre Charcot. Perdendo a espe-

¹ *Politique positive*, t. 1, pag. 611.

rança de restabelecer-se completamente, entrou em uma phase de inacção e de isolamento total, occupando-se em exprimir os seus estados de espirito em alguns Sonetos delicados, em que se foram accentuando as tendencias de uma philosophia pessimista. A primeira crise nervosa de Anthero manifestou-se em 1864, terminada a sua vida de estudante; o desalento moral e a nostalgia vieram a reagir sobre o organismo, pela doença de 1875, em que abandonou todas as fórmas da existencia activa. A evolução successiva das suas emoções está consignada na serie dos Sonetos de 1864 a 1874 (*Sonetos completos*, pag. 55 a 71). «N'esta época, diz Oliveira Martins, Anthero de Quental é nihilista como philosopho, anarchista como politico; é tudo o que fôr negativo, é tudo o que fôr excessivo; e é-o de um modo tão terminante, tão dogmatico e tão affirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crêr na consciencia com que o é»¹. Oliveira Martins allude a outra tentativa de suicidio; quanto mais o poeta se isolasse, mais aggravava o desequilibrio da sua subjectividade. Emquanto viveu excitado no meio universitario, entre uma geração turbulenta, e que elle tambem agitava pela sua influencia, as qualidades vesanicas eram admiradas como talento. Mas veiu a depressão moral e a doença:

«N'esse mesmo anno de 1875 adoeeci gravemente, com uma doença nervosa de que nunca mais pude restabelecer-me completamente. A forçada inacção, a per-

¹ *Sonetos completos*, pag. 19.

spectiva da morte visinha, a ruina de muitos projectos ambiciosos e uma certa acuidade de sentimentos, propria da nevrose, puzeram-me novamente e mais imperiosamente do que nunca, em face do grande problema da existencia. Da lucta que então combati durante cinco ou seis annos, com o meu proprio pensamento e o meu proprio sentimento que me arrastavam para um pessimismo vacuo e para o desespero, dão testemunha além de *muitas poesias, que então destrui*, as composições etc.» ¹ Podiamos transcrever em seguida como prova d'esta terrivel manifestação da vesania raciocinante os fragmentos de systemas philosophicos em que Anthero de Quental assentava perante o seu traductor dos *Sonetos* a superioridade de que estava convencido; importa antes esclarecer esses traços descriptivos da sua doença com as palavras de Maudsley, na *Pathologia do Espirito*:

«Quando a melancholia toma uma fôrma hypochondriaca, como acontece de um modo notavel ás vezes, segundo creio, nas pessoas que cáem doentes depois de terem tido excessos venereos na sua mocidade, a sensi-

¹ Era a segunda vez que Anthero destruiu versos por ter passado o estado de espirito em que os compuzera; no fim do seu prologo aos *Sonetos completos*, Oliveira Martins traz as bellas poesias *Os Captivos*, *Os Vencidos*, *Entre sombras*, *Hymno da manhã*, e *A Fada negra*, dizendo: «salvei-as porque as possuia entre os originaes remettidos em cartas, e mais de uma vez como texto de noticias do estado do seu espirito, ou cartas rimadas». (Pag. 23).

bilidade pôde ser exaggerada por quasi toda a impressão feita sobre os sentidos, até determinar uma especie de hyperesthesia mental dolorosa. Elles têm por tal fórma cultivado a sua sensibilidade, que ficam escravos d'ella. O individuo não pôde entrar em um quarto que não seja bem arejado, e ao mesmo tempo teme a menor corrente de ár, e tem medo de se expôr aos raios do sol; não pôde lêr, diz elle, porque doem-lhe os olhos immediatamente; não pôde supportar uma longa conversação, por que esta conversação pôde determinar dôr de cabeça ou confusão nas ideias; teme fazer um verdadeiro exercicio, por causa das dôres e do esgotamento em que diz cahir quando o faz; ás vezes caminha como se o corpo fosse um vidro em risco de quebrar-se com uma pancada; perturbam-no as sensações que experimenta quando come, com o receio de que lhe pôde fazer mal; queixa-se de ter o espirito completamente vasio, de não ter memoria alguma, e de não poder entregar-se ao menor exercicio intellectual. A sua sensibilidade e as suas faculdades sexuaes esgotadas tiraram-lhe á existencia o que era o seu principal fim e a sua satisfação, e a raiz do seu interesse»¹.

Antes d'este periodo de depressão moral, existiu o da vivacidade e turbulencia, tomado como originalidades de character, e como manifestações de um talento genial ou de uma superioridade consagrada pela admiração. Anthero de Quental confessa o lado pathologico d'essa ori-

¹ *Pathologia do Espirito*, pag. 391. (Trad. Germont).

ginalidade: «*Fazer versos foi sempre em mim cousa perfeitamente involuntaria; pelo menos ganhei com isso fazel-os sempre perfeitamente sinceros*». Muitas das concepções que Anthero de Quental faz de si, como iniciador do pensamento moderno em Portugal, como organisador do movimento socialista, como creador de um systema philosophico fundamental, são miragens subjectivas d'este estado atávico, que Maudsley tão rigorosamente descreve, e que tão magistralmente sabe separar da confusão com o verdadeiro e saudavel genio:

«Este temperamento, (da nevrose vesanica) caracteriza-se por singularidades ou excentricidades de pensamentos, de sentimentos e de maneiras. Não se póde dizer de um homem que arrasta este temperamento, que seja positivamente um louco, mas é certamente extravagante ou *original*, ou, como se diz, não é inteiramente equilibrado. O que elle faz, as mais das vezes não o faz como a outra gente. Se exprime uma opinião, a sua opinião tem uma tendencia a apresentar-se sob um ponto de vista novo e estranho, que não occorreria a uma pessoa ordinaria; a sua apreciação de um acontecimento differe da apreciação da outra gente; seus pensamentos podem seguir as ideias mais caprichosas, e tem a tendencia a fazer effectos de palavra. De tempos a tempos pratica actos estapafurdios, e completamente sem intuito. Na sua constituição ha uma tendencia innata que o impelle a obrar de uma maneira independente no meio dos elementos do systema social; e tem uma satisfação pessoal em entregar-se a este temperamento, que aos olhos dos espectadores é um signal de um gran-

de egoismo e de uma grande vaidade; e é tomado de uma maneira tão exclusiva pela affeição de si proprio, que elle se entrega a impulsos excentricos, sem se preoccupar se os actos perturbam as outras pessoas. Um individuo assim, é olhado pelos que cumprem regularmente os seus deveres no systema social, que sentem e pensam sempre como os outros sentem e pensam, como um sêr extravagante, phantastico, estapafurdio, caprichoso e mal equilibrado.

«Esta particularidade de temperamento, que é o signal, e porventura o derivativo de uma predisposição para a loucura, ladeia de perto o genio, em alguns casos; ella é a condição de talento ou de espirito, que são alliados á loucura, e que d'esta são separados por mui tenues divisorias»¹. Maudsley reconhece estes talentos subordinados á vesania, como em Edgar Pöe, mas rejeita fundamentalmente a these de Moreau de Tours, que considerava o genio como uma resultante do estado morbido dos elementos nervosos; ao contrario, sustenta que o verdadeiro genio é a capacidade saudavel e poderosa de um Shakespeare, de um Göethe, a mais alta floração da especie humana.

Accrescenta Maudsley: «É incontestavel que, quando ha uma *tare héréditaire* em uma familia, póde dar-se o caso que um dos membros d'essa familia dê provas de um genio consideravel, enquanto que um outro membro é doudo ou epileptico. Este facto prova simplesmen-

¹ Maudsley, *Pathologie de l'Esprit*, pag. 317.

te que nos dois casos existia uma grande sensibilidade natural, que em condições de vida exterior differentes, em condições corporaes differentes, seguiu uma via differente nos dois casos; um foi melhor dotado pela natureza ou mais favorecido pela fortuna do que o outro»¹. A situação do irmão de Anthero de Quental, como primogenito e herdeiro de um *morgado* desligou-o de toda a disciplina mental, e entregue aos seus proprios impulsos, succumbiu victima da loucura; Anthero como *filho segundo* foi submettido ao regimen de cultura intellectual em um activo meio litterario, em Coimbra. Resistiu a provocações emergentes, mas nada ha que mais desequilibre uma intelligencia e uma existencia, do que esse meio academico de Coimbra, que desejamos descrever. Entre as causas que tendiam a converter as manifestações superiores do talento de Anthero de Quental em actos de vesania, que o arrastavam para a corrente da fatalidade hereditaria, as companhias dos seus exaltados admiradores, - que no meio academico o seguiam como um apostolo, e pasmavam com as suas sentenças negativistas ou revolucionarias, acabaram de desequilibrar-o, desde que elle se sentiu o objecto de uma lenda gloriosa². A lenda pessoal embriagou Anthero de Quental, não para o fortificar, mas enfraquecel-o,

¹ *Ibid.*, pag. 321.

² Na sua *Autobiographia*, fallando dos escriptos em prosa, allude a isto: «E todavia era applaudido! Porque? Em primeiro lugar, creio eu, porque os que me applaudiam não pensavam, ainda assim, nem mais nem melhor do que eu ».

excitando o temperamento que uma vez afastado da realidade ia esgotar-se na nevrose.

Anthero de Quental fixou a residencia no Porto, porventura para eximir-se ás exigencias da propaganda socialista, a que o forçava José Fontana. No Porto tinha o seu amigo Germano, com quem viveu por algum tempo, frequentando á noite o botequim da Aguiã de Ouro, á Batalha. Germano actuava sobre o seu espirito como um corrosivo; adquirira na verrina jornalística uma intemperança de palavra irresponsavel por causa da sua deformidade physica; Germano tinha duas filhas de uma antiga amasia do seu fallecido irmão, que Anthero adoptou quando elle morreu repentinamente em uma casa suspeita da rua do Laranjal. N'esse periodo em que esteve no Porto, arranjàmos-lhe a publicação das *Primaveras romanticas*, em que entrava o poemeto *Beatrice*. Pela construcção do caminho de ferro do Porto á Povoã de Varzim, Oliveira Martins como director da linha fixou a sua residencia no Porto; foi quando Anthero viveu mais intimamente com elle: «a viva amisade, a estreita communhão de sentimentos, o affecto quasi fraterno que ha perto de vinte annos nos une, ao poeta e ao seu critico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma unica alma... Discutindo em permanencia, discordando frequentemente, ralhando a miudo, zangando-nos ás vezes e abraçando-nos sempre: assim tem decorrido para nós perto de vinte annos». A esta amisade deveu Anthero o vêr impressa toda a série dos seus *Sonetos*. Anthero e Oliveira Martins tinham trabalhado conjunctamente na propaganda socialista; ligava-os um mesmo ideal politi-

co. Um dia porém, Oliveira Martins entendeu renegar o seu passado e vir enfileirar-se em um exausto partido monarchico para exercer os seus talentos de acção; Anthero não o applaudiu, nem o increpou. Reconcentrou-se mais, vivendo isolado em Villa do Conde, longe de todo o contacto social. O isolamento do poeta tornava-o mais pathologicamente sensível, e pessoalmente lendario. Não trabalhava; ainda escreveu uns artigos philosophicos das reminiscencias do seu antigo hegelianismo, e na sua Autobiographia allude á elaboração de um systema philosophico em que andava pensando.

Emquanto o poeta não dava a fórma abstracta ao seu pensamento philosophico, ia burilando pittorescamente em Sonetos os elementos de um futuro buddhismo occidental, para onde tende, segundo acreditava, a philosophia moderna. O estado de pacificação moral em que julgava entrar, acha-se expresso na ultima parte dos Sonetos, dos quaes esereve na Autobiographia: «Os ultimos vinte e dous sonetos do meu livrinho dão um reflexo d'esta phase final do meu espirito e representam symbolica e sentimentalmente as minhas actuaes ideias sobre o mundo e a vida humana. — Estimo este livrinho dos *Sonetos* por acompanhar, como a notação de um diario intimo e sem mais preoccupações do que a exactidão das notas de um diario, as phases successivas da minha vida intellectual e sentimental. . . Elle fórma uma especie de autobiographia d'um pensamento e como que as memorias de uma consciencia». O poeta é o primeiro a reconhecer, que as particularidades da sua vida são o commentario da sua obra; foi o que seguimos n'este

processo critico, segundo a phrase da sua Autobiographia: «Se entrei em tão largos desenvolvimentos biographicos, foi por entender que, sem elles, se havia de perder a maior parte do interesse que a leitura dos meus Sonetos pôde inspirar». Ha entre esses sonetos uns inteiramente abstractos, fóra das condições da arte; outros por tal fórma bellos, que o sentimento e a expressão se completam e harmonisam produzindo a mais profunda emoção ideal. Transcrevemos apenas dois sonetos, entre si contradictorios, como a variabilidade das vibrações de um espirito doente, mas sublimes entre as cousas mais sublimes da linguagem humana:

Chamei em volta do meu frio leito
As memorias melhores de outra idade,
Fórmias vagas, que ás noites, com piedade,
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes: — No mundo immenso e estreito
Valia a pena, acaso, em anciedade
Ter nascido? dissei-m'o com verdade,
Pobres memorias que eu ao seio estreito...

Mas, ellas perturbaram-se — coitadas!
E empallideceram, contristadas,
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma d'ellas, lentamente,
Com um sorriso morbido, pungente,
Me respondeu: — Não, não valia a pena.

Porém, alguma cousa existe no mundo, que mesmo através de todas as desgraças e desalentos define o des-

tino do nosso sêr moral, é o amor. Nenhum hymno dos mais eloquentes poetas o formulou com mais belleza do que o philosopho: «On se lasse de penser, et même d'agir; jamais on ne se lasse d'aimer, ni de le dire. — Au milieu des plus graves tourments qui puissent jamais résulter de l'affection, je n'ai cessé de sentir que l'essentiel pour le bonheur c'est toujours d'avoir le cœur dignement rempli... même de douleur, oui, même de douleur, de la plus amère douleur»¹. Anthero no soneto *Solemnia Verba* teve a intuição d'esta verdade, que teria fortificado a sua vida, se se tivesse dirigido por ella:

Disse ao meu coração: — Olha por quantos
Caminhos vãos andamos! Considera
Agora, d'esta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flôr e encantos!
E nonte, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera,
Semeador de sombras e quebrantos! —

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso de penar tornado crente,

Respondeu: — D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se isto é a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dôr. —

¹ Comte, *Testament*, pag. 82. É a epigraphe da *A maior dôr humana*, com que João de Deus deu a immortalidade aos filhos que perdi.

Foi este vacuo da existencia que levou Anthero ao desequilibrio de todo o seu organismo, á falta de destino, á negação, ao desespero e ao suicidio. A tristeza da sua physionomia, a amargura desalentada dos seus versos, a agitação angustiada das suas horas solitarias, parecem expressas n'aquella canção sobre que Hoffmann compoz o conto phantastico de *Marino Faliero* :

Ah, senza amare
Andare sul mare. . .

Citando as causas por que era applaudido pelos seus leitores, Anthero de Quental, segundo aquelle diagnostico acima citado, julgou-se um grande estylista portuguez. Era applaudido «*porque me concedeu a naturexa o dom da prosa portugueza*, não da prosa de convenção, arremedando o estylo dos seculos XVI e XVII, mas de uma prosa que tem o seu typo na lingua viva e fallada hoje, analytica já nos movimentos da phrase, mas na linguagem ainda sempre portugueza. Isso agradou, porque era o que convinha, e em summa, acabei por ser citado como modelo da prosa moderna!» A preocupação do estylo foi sempre um vicio do meio coimbrão; comprehende-se que em uma Universidade theologico-metaphysica, em que a palavra é um poderoso instrumento de dialectica e de vaidade, o *estylo*, é uma consequencia forçada para encobrir a incoherencia ou a ausencia das ideias. Anthero ficou com essa préga no espirito: mas ninguem sabia que elle tinha o *dom da prosa portugueza*. Fez-se em 1884 em Coimbra um Plebiscito litterario, em que se re-

correu ao suffragio dos leitores de Portugal e Brazil para acclamarem os tres melhores escriptores portuguezes; nem pela maioria, nem pela minoria o nome de Anthero de Quental foi proclamado. Vimos como Maudsley nota em certos temperamentos como «na expressão dos eaprichosos rodeios do pensamento ha uma tendencia para *produzir effeitos de palavra*». Eis aqui o segredo do estylo de Anthero, a que chama *o dom da prosa portugueza*. Um rapido exemplo: «Livre das vaidades, das ambições, das miserias d'uma posição que não pretendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sabindo puro, limpo, innocente» ¹. Os parallelismos, as gradações, os continuados, as interrogações, as prosopopêas poeticas, as definições instantaneas, as affirmações absolutas, dão um certo movimento ao estylo enfeitado, como estorcendo-se para revelar todos os cambiantes de uma ideia. Mas onde a ideia? Lê-se na Autobiographia: «Ha muito tempo que sei escrever, mas foi-me necessario chegar aos quarenta e cinco annos para ter que escrever». Exerceu a faculdade da *expressão* sem se preocupar da *concepção*; e verdadeiramente um estylo só é admiravel quando se alliam estas duas capacidades, como vemos em Tyndal, em Huxley, em Claude Bernard, em Trousseau, ou como em Littré que dava ás ideias a clareza da synthese positiva. Os *estylistas* da prosa e os *parnasianos* da poesia são acrobatas.

¹ *Bom senso*, pag. 4.

que procuram o effeito das palavras, dispendendo-se esterilmente, quando precisamos de todos os esforços para exprimir os estados de consciencia hodiernos. Depois de ter-se elevado ao supremo dom da prosa portugueza, continúa a *Autobiographia*: «É certo porém, que tudo aquillo são escriptinhos de occasião, e que em prosa, não produzi ainda o que se chama *uma obra*, isto é, uma cousa original, pessoal e aprofundada». As preoccupações da originalidade, de um personalismo peculiarissimo, de uma profundidade não presentida, como caracteriza Maudsley o talento vesânico, fizeram com que só aos quarenta e cinco annos *tivesse que escrever*, ou melhor, concepções a expôr. Foi pois, em 1886, que Anthero de Quental chegou a possuir uma concepção; vejamos os seus contornos, os lineamentos da grande *obra*, que elle, temendo a morte ¹ e receiando não realisal-a, esboça nitidamente:

«A forçada inacção, a perspectiva da morte visinha, a ruina de muitos projectos ambiciosos e uma certa

¹ Diz na *Autobiographia*: «Não sei se poderei realisar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas ideias philosophicas. Quizera concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Deseonfio porém, que não o conseguirei; a doença que me ataca os centros nervosos, não me permite esforço tão grande e tão aturado como fôra indispensavel para levar a cabo tão grande empreza. Morrerei porém com a satisfação de ter entrevisto a direcção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bussola do espirito humano». Estas palavras são caracteristicas; ainda acreditava na fabricação de systemas philosophicos.

acuidade de sentimentos, propria da nevrose, puzeram-me novamente e mais imperiosamente que nunca, em face do grande problema da existencia. A minha antiga vida pareceu-me vã, e a existencia em geral incomprehensivel. Da lucta que então combati, durante cinco ou seis annos, com o meu proprio pensamento e o meu sentimento, que me arrastavam para um pessimismo vacuo e para o desespero, dão testemunha, além de muitas poesias... Direi sómente que esta evolução de sentimento correspondia a uma evolução de pensamento.

«O Naturalismo, ainda o mais elevado e mais harmonico, ainda o de um Goëthe ou de um Hegel, não tem soluções verdadeiras, deixa a consciencia suspensa, o sentimento, no que elle tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa, e só apparente; no fundo não é mais do que um paganismo intellectual e requintado. Ora eu debatia-me desesperadamente, sem poder sair do Naturalismo, dentro do qual nascera para a intelligencia e me desenvolvera. Era a minha atmosphera, e todavia sentia-me asphyxiar dentro d'ella. O Naturalismo, na sua fórmula empirica e scientifica é o *struggle for life*, o horror de uma lucta universal no meio da cegueira universal; na sua fórmula transcendental é uma dialectica gelada e inerte, ou um epicurismo egoistamente contemplativo. Eram estas as consequencias que eu via sair da doutrina com que me creára, da minha *alma mater*, agora que a interrogava com a seriedade e a energia de quem, antes de morrer, quer ao menos saber para que veio ao mundo.

«A reacção das forças moraes e um novo esforço do

pensamento salvaram-me do desespero. Ao mesmo tempo que percebia que a voz da consciencia moral não póde ser a unica voz sem significação no meio das vozes innumeradas do Universo, refundindo a minha educação philosophica, achava, quer nas doutrinas, quer na historia, a confirmação d'este ponto de vista. Voltei a lêr muito os philosophos, Hartman, Lange, Du Bois Reymond, e indo ás origens do pensamento allemão, Leibnitz e Kant. Li ainda mais os moralistas e mysticos antigos e modernos, entre todos a *Theologia Germanica* e os livros buddhistas. Achei que o mysticismo, sendo a ultima palavra do desenvolvimento psychologico, deve corresponder, a não ser a consciencia humana uma extravagancia no meio do universo, á essencia mais funda das cousas.

« O Naturalismo appareceu-me, não já como a explicação ultima das cousas, mas apenas como o systema exterior, a lei das apparencias e a phenomenologia do Sêr. No *Psychismo*, isto é, no Bem e na Liberdade moral, é que encontrei a explicação ultima e verdadeira de tudo, não só do homem moral, mas de toda a natureza, ainda nos seus momentos physicos elementares. A *monadologia* de Leibnitz, convenientemente reformada, presta-se perfeitamente a esta interpretação do mundo, ao mesmo tempo naturalista e espiritualista. O espirito é que é o typo da realidade: a natureza não é mais do que uma longiqua imitação, um vago arremedo, um symbolo obscuro e imperfeito do espirito. O Universo tem pois como lei suprema o bem, essencia do espirito. A liberdade, em despeito do determinismo inflexivel da natureza, não é uma palavra vã: ella é possivel e reali-

sa-se na santidade. Para o santo, o mundo cessou de ser um carcere; elle é pelo contrario o senhor do mundo, porque é o seu supremo interprete. Já por elle é que o Universo sabe para que existe: só elle realisa o fim do Universo.

«Estes pensamentos e muitos outros, mas concatenados systematicamente, formam o que eu chamarei, embora ambiciosamente, a minha philosophia. O meu amigo Oliveira Martins apresentou-me como um buddhista. Ha com effeito, muita coisa commum entre as minhas doutrinas e o Buddhismo, mas creio que ha n'ellas mais alguma cousa do que isso. Parece-me que é esta a tendencia do espirito moderno que, dada a sua direcção e os seus pontos de partida, não pôde sahir do Naturalismo, cada vez em maior estado de banca-rota, senão por esta porta do *Psychodynamismo* ou *Pan-psychismo*. Creio que é este o ponto nodal e o centro de attracção da grande nebulose do pensamento moderno, em via de condensação. Por toda a parte, mas sobretudo na Allemanha, encontram-se claros symptomas d'esta tendencia. O Occidente produzirá pois, por seu turno, o seu Buddhismo, a sua doutrina mystica definitiva, mas com mais solidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o Oriente».

Eis a exposição das *ideias philosophicas* de Anthero de Quental, que fórma a pagina mais retumbante da sua Autobiographia ¹. Como isto é um reflexo de variadas

¹ Este importante documento psychologico redigido em fórma de Carta ao dr. Storck, foi publicado pelo autographo emprestado pelo sabio traductor allemão.

leituras e de reminiscencias incoherentes de systemas philosophicos, é facil destrinçar esta meada, recorrendo ás fontes doutrinarias que não cita, ou de que se esqueceu, acreditando elle proprio na sua originalidade.

Naturalismo e *Mysticismo*, eis os dois polos dentro dos quaes se passou a sua crise mental, definindo o primeiro como o *systema exterior, a lei das apparencias e a phenomenologia do sêr*, e o segundo *a ultima palavra do desenvolvimento psychologico* correspondendo á *essencia mais funda das cousas*. A esta interpretação espiritualista do Universo chama *Psychodynamismo* ou *Pan-psychismo*, que será a doutrina mystica definitiva do Occidente! Vistas estas cousas assim descarnadamente, e que o laconismo da autobiographia agrava, como prova de uma allucinação, é que podem ser reduzidas aos systemas fundamentaes ou syntheses d'onde derivam.

Dois grandes principios serviram de apoio á razão humana no meio da complexidade dos phenomenos do universo: o Causalismo, em que Aristoteles estabelecendo a immutabilidade das leis naturaes, synthetisa n'esta palavra ou entidade *Natureza* o encadeamento ininterrupto das causas e effeitos no universo, e o Finalismo, em que tudo se manifesta segundo a necessidade de um Destino ou plano teleologico que tem de realisar-se como manifestação de uma vontade immanente, e que se revela ao homem pela elevação *mystica*. S. Paulo, organisando o Christianismo, deu a esta concepção synthetica o nome de *Graça*, e dentro da igreja sempre estes dois principios, a *Natureza* e a *Graça*, andaram em conflicto,

e actuaram diversamente na civilisação. O *Naturalismo* é a serie das observações inductivas dos phenomenos cosmologicos, que se foram systematisando em leis, cujas deducções constituem Sciencias fundamentaes ou abstractas. Organisar a relação mutua entre todas essas sciencias formando a verdadeira *hierarchia theorica*, foi um trabalho tentado primeiramente por Aristoteles, por S. Boaventura, por Bacon, por Lullo, por Ampère, mas sómente Augusto Comte achou o principio logico da coordenação — a generalidade decrescente e a complicação crescente — e separando os dois estados subjectivos espontaneos, ficticio e abstracto, do estado objectivo e verificavel ou melhor positivo. Muitas intelligencias entenderam constituir uma synthese integral com os conhecimentos positivos da Natureza, (cosmica, biologica e sociologica) como se tem tentado com o Monismo ou Dynamismo, com o Evolucionismo, e com o Positivismo especulativo, formulado por Comte antes de ter completado a *Philosophia moderna* com a unidade synergica, com a unidade sympathica e com a unidade synthetica. Comte lamentava ter publicado o *Curso de Philosophia positiva* antes de um *Systema de Moral* e de um *Systema de Industria*, porque essa obra fez estacionar muitos espiritos no campo objectivista, abdicando da acção final e preponderante do criterio subjectivo, já devidamente ratificado. Eis aqui está representada a situação mental, a que Anthero chama *Naturalismo*, empirico e scientifico, querendo-a subordinar ao sentimento ou unidade affectiva, a que chama *Mystica definitiva*, para que a Consciencia se manifeste como realidade no universo, pela liberdade e pelo

bem. Com certeza Anthero de Quental não conheceu o *Systema de Politica positiva*, em que Augusto Comte restabelece o criterio subjectivo depois da disciplina das sciencias, e considera a ordem no universo como a grande hypothese subjectiva que a humanidade, apropriando-se das forças da natureza, vae tornando uma realidade. Anthero de Quental conservou a palavra *Mysticismo*, das primeiras impressões de Cousin no livro *Du Vrai, du Beau e du Bien*, sem notar que o *Mysticismo* exprime a quietude, o extasis inerte, ao passo que o *Sentimento* não póde harmonisar-se com a *razão* e vice-versa, senão estimulando ou dirigindo a *actividade*. Toda esta doutrina, e toda essa santidade do nosso sêr moral perfeito, já Comte a definira no altruismo, largamente e systematicamente, de modo que não é uma nebulose do pensamento moderno em via de formação. Anthero de Quental dava-se por iniciador, desconhecendo a concepção integral de Comte, mas fallando d'ella com o seguinte desplante :

« O Positivismo, como quasi todas as cousas banaes e particularmente as banalidades francezas, parece claro, simples e capaz de explicar tudo ; não pede além d'isso esforço algum de intelligencia para ser comprehendido ; é finalmente commodo, como todos os dogmatismos ; estes defeitos são a causa do momentaneo favor que encontra em espiritos por um lado frouxos e sem a menor preparação philosophica, por outro lado impacientes de quebrarem o jugo das doutrinas puramente convencionaes. O Positivismo será, como n'outra esphera o Jacobinismo, simplesmente uma phase preparatoria, para todos

aqueles que, no meio da turba dos declamadores, que os arrasta, são capazes de pensar » ¹. Pela data d'estas palavras vê-se que Anthero estava no periodo desesperado da nevrose, e fallava tão estolidamente da obra de Comte, irritado « *ao contemplar a epidemia positivista que por ahi lavra*: mas devemos considerar que, com a nossa total inexperiencia philosophica e a nossa educação franceza e superficial, aquelle resultado era inevitavel » ². Como o homem, que em 1872 escrevia proclamando o *genio latino*: « Sejam, pois, nós todos, francezes, hespanhoes, italianos, portuguezes, mais que nunca latinos », renegava em 1881 o centro coordenador da Civilização occidental. Tristes incoherencias. E anteriormente, no Instituto de Coimbra, n'um artigo *O futuro da musica*, esboçava a Philosophia das gerações modernas pela fusão de Vacherot, Renan, Taine e Mill com Augusto Comte alargado por Hegel.

Completando o exame do pretendido systema philosophico Pan-psychico ou Psycho-dynamismo, vejamos o lado ou aspecto contraposto ao *Naturalismo*. Na *Biblia da Humanidade*, Michelet expõe lucidamente como a *Graça*, ou o arbitrio divino, passa do Oriente para o

¹ *Carta a Domingos Tarro:ro* (3 de junho de 1881) na *Philosophia da Existencia*, pag. XII.

² Este processo de atacar uma doutrina para ir ferir o individuo que a abraça, foi tambem seguido pelo glottologo Adolpho Coelho, egualmente vesanico, mas com o character aggravado pelo especialismo insufficiente em que se atrophiou; bateu o Positivismo chamando-lhe « pedantismo pansophico », porque assim se lhe afigurou a educação encyclopedica.

Occidente como uma iniciação orgiastica, produzindo a abdicação da vontade humana, e preparando o advento dos Salvadores, os Alexandres, e os homens providenciaes. Na introdução á *Historia da Revolução franceza*, Michelet explica a grande crise occidental como o restabelecimento e o triumpho da Justiça sobre a Graça, da Justiça como criação do homem e para o homem na civilização da Grecia, que idealizou a acção do heroe, e na civilização de Roma que se formulou na palavra do Jurisconsulto. Foi n'esta leitura que o Panpsychista se elevou á doutrina mystica definitiva, annunciando que o Occidente terá o seu Buddismo ¹.

A evolução intellectual que Anthero de Quental li-

¹ A importancia doutrinaria de Michelet foi na *Questão de Coimbra* tratada por Camillo Castello Branco, como Anthero tratára Comte, de banalão francez. Importa sempre consignar os documentos. Sobre Michelet, que tanta influencia exercen na geração litteraria de Coimbra, escreve Camillo desdenhosamente: «O que assombra e entristece é ouvir os moços da sua parçaria jurarem nas palavras de um velho treslido, chamado Michelet, o qual casou aos sessenta annos, e desde então legisla para os casados e para os amores e para a humanidade, denominando *Biblias* os seus livros a 3 fr. e 50 cent. Este philanthropo, que derime as cousas antigas e inveteradas do coração humano em meia pagina, escreve trezentas para nos contar em estylo apoplectico os tramites e as tramoias da feitiçaria.

«Que velhice tão pueril!

«E ha muitos annos que o tonto se assentou na ponte de Coimbra a conversar com aquelles corações de meninos, e a ensinal-os a rir das credices de Chateaubriand, que viveu e morreu dignamente». *Vaidades irritadas e irritantes*, pag. 10.

Nada fica a dever ao juizo de Hereulano ácerca do genio portentoso de Balzac.

gava á construcção do seu pretendido systema philosophico, formado das reminiscencias universitarias de Krause, era pelo seu *humanitarismo* incompativel com o seu *pessimismo* poetico ou emocional. O poeta procurou conciliar esta antinomia, dando ao seu ideal a apparencia de uma profunda pacificação de espirito. Em uma carta a um joven poeta, confessa este estado de apaziguamento: « Quanto aos meus Sonetos, que tanta impressão lhe produziram, quero dizer-lhe que considere n'elles, sobretudo, a evolução psychologica, comparando o ponto da chegada, a inquietação e a duvida, a paixão e o desespero de uma mocidade indomita e sem lei certa, com o socego interior e a placidez de quem encontra na liberdade moral e no Bem a lei da existencia, a chave dos seus mais tenebrosos enigmas e aquella consolação mystica, que não só socega o coração e acalma os desvarios da imaginação, mas ainda fortalece o animo e enrijece a vontade para as luctas da vida, que, para quem entra n'ellas tendo o lemma do Bem no seu estandarte, são uma cruzada santa ». Esse socego interior e consolação mystica, a que o poeta chegára, dando ao Nirvâna um character activo, era uma das suas ultimas illusões. Estava-lhe reservada uma crúa decepção; quando em 11 de janeiro de 1890 se deu esse abalo nacional pelo brutal *Ultimatum* do governo inglez, organisou-se no Porto a *Liga patriótica do Norte*, e para lhe dar um forte perstigió moral foram arrancar o poeta ao seu isolamento de Villa do Conde. Anthero não soube resistir; fizeram-lhe no Porto uma ovação triumphal; ao começarem as discussões sobre a organização da Liga, surgiram de

todos os lados os interesses das facções, e Anthero achou-se envolvido no meio de todos os sophismas da intriga parlamentarista. A Liga patriótica organisou trabalhos, formou commissões, mas caiu na impotencia. Anthero retirou-se alquebrado para o seu mundo subjectivo. É natural que o suicidio de Camillo Castello Branco lhe suscitasse a determinação das suas anteriores tentativas. Anthero, ao demorar-se em Lisboa, na sua viagem para a ilha de S. Miguel, em julho de 1891, já pensava em matar-se. Não o disse aos seus mais intimos amigos; mas entregou a Oliveira Martins um thesouro de familia, a collecção das Cartas autographas do Padre Bartholomeu de Quental, para que as offerecesse em seu nome á Academia das Sciencias. Ao chegar á ilha de S. Miguel pensou em fixar ali a residencia, alugando e mobilando casa junto a S. Gonçalo para viver com sua irmã e as duas erianças que adoptára; mas a agitação aggravava-se, e o israelita José Bensaude conseguiu que elle fosse hospedar-se para sua casa até ao regresso para Lisboa em 18 de setembro como tencionava. Antes de chegar o dia da partida, Anthero comprou um revólver e pediu ao proprio lojista que lh'o carregasse; e na noite de 11 de setembro de 1891, no campo de S. Francisco, junto ao convento da Esperança, disparou dois tiros em si: «O primeiro, destinado ao céo da boeca, levou-lhe — detalhe horrivel! — os dentes e o nariz; e o segundo, destinado ao ouvido, penetrou-lhe na boeca, indo sair á nuca»¹. Foi transportado para o

¹ De uma carta da inspirada poetisa Alice Moderno.

Hospital de S. José a alguns passos do sitio da catastrophe, expirando ao fim de uma hora de agonia por um derramamento cerebral. A placidez mystica tinha sido uma illusão passageira, e o esforço moral nada pôde contra a fatalidade das leis physiologicas. Anthero de Quental ficára n'aquelle periodo da effervescencia revolucionaria da metaphysica universitaria; a geração que se lhe seguiu passou rapidamente d'essa crise para a deploravel regressão conservantista, que tanto tem rebaixado a nossa patria e enriquecido as suas pessoas. É um phenomeno sociologico, que se repete; sobre elle lemos na obra da M.^{ms} Barbe Gendre: «Outr'ora, no tempo que a mocidade allemã era liberal, tinha-se observado um curioso phenomeno. Todo o allemão passava durante o seu curso universitario por um periodo de effervescencia revolucionaria, regada de canecas de cerveja e afogada em turbilhões de fumo de tabaco allemão, o mais detestavel do mundo, seja dito entre parenthesis. Mas, uma vez paga esta divida á febre da mocidade, o fogoso novador não tardava em accommodar-se. Transformava-se rapidamente n'este burguez prosaico, n'este defensor tacanho da ordem representada pelos saccos de escudos, n'este philisteu para o qual o estudante é inescotavel em apódos sangrentos. Era a transformação da mariposa brilhante e altivola, no estado de feia e arrastada barata»¹. Quasi todas as chrysalidas brilhantes da geração de Coimbra tornaram-se lagartas nojas ao serviço dos Bra-

¹ *Études sociales, philosophiques et morales*, pag. 327.

ganças na falsificação das liberdades constitucionaes. Para resolverem o conflicto diplomatico com a Inglaterra, e sendo insufficiente a sua facilidade dialectica, attentaram do modo mais affrontoso contra a liberdade de imprensa, contra o direito de associação, contra o direito de reunião e contra as franquias municipaes, depois de terem levado á mais profunda abjecção a dignidade do parlamento pela votação de tratados sem discussão, e de emprestimos sem apresentação das condições. Anthero, que vira tudo isto, considerava estas cousas « como um dos symptomas mais patentes da morte da consciencia nacional, do somno moral em que se afunda, sem esperanza de estímulo que o acorde, este povo ». Succumbindo ao seu desalento, refugiou-se na morte. Podia applicar a si a phrase com que Diderot se julgou: *Je n'ai pas donné ma mesure.*



LIVRO III

PROGRAMMA DOS TRABALHOS PARA A GERAÇÃO MODERNA

(Periodo de disciplina da Eschola de Coimbra)

CAPITULO I

Renovação esthetica

No fragor da polemica litteraria, em 1865, perguntaram alguns criticos aos dissidentes de Coimbra: «*Aplicaram pelo menos ao estudo das cousas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros?...*» E, antecipando já sobre o effeito das doutrinas: «*Que nobre convicção, que hombridade heroica, que santo entusiasmo incutiram nos espiritos da sociedade?*» Por extemporaneas e prematuras, nem por isso estas perguntas deixaram de ser verdadeiras, e eram-no cada vez mais, quanto o tempo passava sobre o periodo de revolta da Eschola de Coimbra. Tinham implicitas as bases de um plano de trabalho mental, formuladas pelo simples bom senso, e como um comprommisso inilludivel para os novos luctadores. Anthero de Quental só muito tarde veiu a comprehender a necessidade de entrar-se em um periodo de disciplina, quando em 1871 se achava já envolvido na agitação politica; foi n'esse anno, que elle consen-

tiu que se annunciasse o livro ou opusculo que tencionava escrever com o titulo *Programma para os trabalhos da Geração futura*. Não se pôde saber se esse programma se referia a doutrinas se a actos, ou se formularia theorias politicas ou sociaes para outros levarem á pratica. Em toda a propaganda de doutrinas não ha resumos, vulgarisações, exposições compendiarias que cheguem á evidencia de uma *aplicação*; é como a experiencia na explicação das leis naturaes. Os grandes principios philosophicos, litterarios e artisticos, politicos e economicos estavam já formulados; o que mais se carecia era a sua *aplicação* ás cousas portuguezas. Era uma renovação do criterio, com a qual o espirito se tornava creador. E quanto mais claro era o estado de decadencia nacional, tanto mais urgia estimular as intelligencias e fortificar as consciencias, acordando esse profundo sentimento de Patria, que foi o assombroso motor d'aquelles que levantaram esta pequena nacionalidade á altura de um dos grandes factores da Civilisação humana. Não podia seguir este caminho quem apenas cultivasse vagas idéas geraes para condição de estylo litterario, ou, deixando-se cahir em um pessimismo doentio, considerasse como uma necessidade prévia para a federação dos estados peninsulares o renegar o sentimento de patria.

O programma para uma geração que tem de tomar os destinos de uma época, em relação á sua patria, embora complexo, condensa-se em um breve enunciado: *Estabelecimento de uma Doutrina philosophica commum, dirigindo uma Educação geral*.

É indispensavel uma Philosophia, que seja a synthe-

se suprema do estado actual da humanidade, deduzida do seu percurso historico e da normalidade psychologica ou gráo de consciencia a que se chegou; emfim uma doutrina que abandonando o preconceito das *causas*, se funda sobre a verificabilidade das *leis*.

A cultura ou Educação derivada de uma tal doutrina, ha de abranger todas as manifestações do sêr moral, *affectivas*, *especulativas* e *praticas*; seguindo uma ordem natural ou organica: Começará pela cultura *esthetica*, como suggestão do sentimento para vencer a apathia da intelligencia, e dar pela fórma artistica universalidade ás ideias. Chegará á cultura *scientificã*, vencendo o escolho da especialidade por um saudavel regimen encyclopedico, e tendo sempre em vista o fim social e humano; por ultimo, attingirá a cultura *philosophica*, como necessidade de uma synthese em que se apoie a propria existencia, e por isso actuando sobre a direcção *politica*.

Este programma systematico, embora formulado tarde, ainda assim foi realisado isoladamente e por impulsos individuaes sob uma fórma espontanea. É isto mesmo uma prova da sua verdade; exporemos essas differentes tentativas de renovação *esthetica*, *scientificã*, *philosophica* e *politica*, que constituem o periodo de disciplina da Eschola de Coimbra.

Os dissidentes comprehenderam que as duas fórmas de idealisação da *vida publica* e da *vida domestica*, a Epopêa e o Romance, eram os principaes objectivos da renovação esthetica em todas as Litteraturas modernas.

1. Synthese poetica do seculo XIX : A Epopêa da Humanidade

Porque compete ao seculo XIX a renovação da Synthese poetica? Porque se chegou a comprehender que se entrava em um novo estado de consciencia. E esse estado apresenta-se sob dois aspectos: um objectivo, que resulta da comprehensão scientifica dos phenomenos do universo, que nos liberta da necessidade do sobrenaturalismo; outro subjectivo, que deriva da revelação da Humanidade, comprehendida na sua existencia propria através dos esforços progressivos de cada geração e de cada individualidade. Sob este aspecto moral a Historia deixou de ser uma narrativa de curiosidades fragmentarias em que a humanidade se agitava sem plano. Existe effectivamente uma marcha ascensional da Humanidade. Tal é, como diz Renan: «A primeira palavra do symbolo do seculo XIX, o immenso resultado que a sciencia da Humanidade conquistou ha já um seculo. Acima dos individuos, ha a Humanidade, que vive e se desenvolve, como todo o sêr organico, e que como todo o sêr organico tende ao perfeito, isto é, á plenitude do seu sêr. Depois de ter marchado longos seculos na noite da infancia, sem consciencia de si propria, e pela unica força do seu impulso, chegou o grande momento em que ella tomou, como o individuo, posse de si propria, em que se reconheceu a si mesmo, em que se sentiu como uma unidade viva; momento para sempre memoravel, que nós não vêmos, porque está muito proximo de nós, mas que constituirá, ao que me parece, aos olhos do futuro uma revolução comparavel á que tem demarcado uma

nova éra na historia de todos os povos. — A Revolução franceza foi o primeiro ensaio da Humanidade para tomar o governo de si mesma e dirigir-se. É o advento da reflexão no governo da humanidade»¹. Aqui temos o facto, que determina uma nova idealisação da Humanidade na sua existencia collectiva; a vista *systematica* da Historia, reconstruindo esta continuidade humana em um concurso successivo para attingir o progresso, é já por si uma grande Epopêa humana, salvo os elementos pittorescos indispensaveis a toda a poesia. Comte identifica as phases da *Philosophia* da Historia com os cantos da nova *Synthese* poetica. E portanto essa Epopêa humana, como um *systema* da existencia collectiva, é susceptivel de receber tantas fórmas quantos os genios de cada povo e mesmo de cada individualidade artistica preponderante. Sobre este ponto, diz Renan: «Uma epopêa é tanto mais perfeita quanto ella corresponde melhor a toda a humanidade, e portanto, depois da mais perfeita Epopêa, o thema é ainda novo, e pôde prestar-se a infinitas variações, segundo o character individual do poeta, do seu seculo, ou da nação a que elle pertence»². É esta inextinguivel variedade de elementos do mesmo thema, e dos aspectos diversos que toma no prisma da sensibilidade individual, que faz com que a Epopêa humana seja um assumpto commum a todas as novas Literaturas e o caracteristico do estado esthetico a que ellas se elevaram.

¹ *L'Acenir de la Science*, pag. 24.

² *Ibid.*, pag. 57.

O eminente historiador das Linguas semitas, observando o facto glottologico das variedades dialecticas se extinguirem conforme se vae estabelecendo a unidade nacional na linguagem, formúla o seguinte principio que conduz a importantes dedueções philosophicas: «O espirito humano não começa nem pela *synthese*, nem pela *analyse*, mas pelo *syncretismo*»¹. A este estado mental, que caracteriza a actividade do homem primitivo, chamam os psychologistas *syncretismo*, pela confusão irreflectida dos elementos objectivos do conhecimento com as impressões subjectivas que sobre elles reagem; os antigos chamaram-lhe *poesia* (de *poesis*, criação), por isso que o elemento ideal prevalecia sobre a realidade e a transformava caprichosamente. As creações que restam das Civilizações primitivas, taes como Mythos cosmogonicos, theogonicos e heroicos, os Symbolos religiosos, juridicos e dramaticos ou cerimoniaes, encerram confusamente todos os elementos de uma Synthese espontanea, mas são effectivamente *Poesia*, muito embora as *imagens* e os *signaes* sejam independentes da *palavra rythmica*. Acontece porém que a palavra, nos seus multimodos sentidos simples e translatos, se presta a exprimir com facilidade as idéas mal definidas, e tornando-se ella propria em *imagens*, como na expressão metaphorica, converte-se em meio de vulgarisação dos grandes mythos religiosos, das Epopêas nacionaes, dos aphorismos da Moral e do Direito, e das emoções cultuaes. Póde-se affirmar que

¹ *Hist. générale des Langues sémitiques*, pag. 103.

as linguas escriptas se fixaram pela primeira vez na fórma de Poesia, do mesmo modo que os dogmas, que as leis, que as narrativas historicas e as primeiras noções do saber popular, se universalisaram por meio do *carmen*.

D'este *syncretismo* destaca-se, com a evolução do espirito humano, o esboço de uma *synthese*, que toma as duas fórmas fundamentaes da actividade mental. Todas as cousas do universo são investigadas ou sob o ponto de vista da *lei* que as produz, ou sob o aspecto da *causa*, em que essa lei está implicita. É isto já uma enorme transformação da mentalidade humana. mas preponderando sempre o caracter poetico inicial, que primeiro arrancou os cerebros da apathia animal. Na comprehensão dos phenomenos subordinados ás causas, organisaram-se as *Theologias*; na investigação da natureza dos phenomenos pela sua finalidade architectaram-se as *Metaphysicas*, e assim os dois processos especulativos de *Causalismo* e *Finalismo* são os pólos entre os quaes se elaboraram todos os Systemas de Philosophia.

É tambem com este mesmo caracter de *synthese* que a Sciencia, ou o conhecimento concreto dos factos, procede nas primitivas investigações. Os phenomenos manifestam-se em virtude de uma vontade transcendente, e a Sciencia que os collige é um puro *Theurgismo*, e explica o modo da intervenção de um Deus; ou attribue esses phenomenos a vontades immanentes, ou causas occultas, e reduz as observações ao *Empirismo*, que tende a immobilisar-se na pratica sacramental.

Em toda esta evolução psychologica vê-se que não

existe uma necessaria unidade cerebral, isto é, as impressões subjectivas vão além da realidade objectiva, e não é possível estabelecer a indispensavel concordancia entre a *Imaginação* e a *Ração*. Todos os esforços do espirito humano para a sua cultura e dominio definitivo consistem em achar os meios de fundar essa concordancia. O longo trabalho das Sciencias experimentaes, na sua parte negativa resume-se na emancipação crescente da imaginação, e subordinação incondicional á observação; e na sua parte positiva, em preparar series de inducções susceptiveis de revelarem factos implicitos em deducções, sobre as quaes começa a conceber-se uma synthese geral, então verdadeiramente digna do nome de *Philosophia*. Comte resumiu a marcha d'este novo gráo da mentalidade no aphorismo: *Induire pour deduire, à fin de construire*. Os iniciadores d'este estado mental da Humanidade, são, na Antiguidade, Aristoteles; na Edade-média, Rogerio Bacon, S. Thomáz de Aquino e Dante; no mundo moderno, o chancellor Bacon, Descartes, Leibnitz, Diderot, Hume, Kant e Comte.

E assim como as Sciencias, terminada a sua phase negativista, se agrupam hierarchicamente sob a dependencia da *Philosophia*, que lhes dá destino e as relaciona augmentando-lhes o seu poder inductivo (como se vê nos esboços da synthese dinamica ou monistica, e da synthese organica ou evolucionista), a Poesia entra tambem em uma transformação organica, por isso que acha na intelligencia do homem novos aspectos para a contemplação do universo, aspectos mais esplendidos do que as figurações do anthropomorphismo ou redução do uni-

verso ao ideal da fôrma humana. Sob a presidencia da Philosophia a Poesia torna-se uma verdadeira synthese subjectiva, tendente a estabelecer o accordo das emoções individuaes, e servindo de expressão ao sentimento implicito da solidariedade humana realisa superiormente o destino social levando á multidão a unidade affectiva. O delicado senso critico de Edgar Quinet partiu tambem d'esta nova phase psychologica do homem para determinar a nova Poesia: «Aquelle que em um pensamento descobre todos os pensamentos, em um sêr todos os sêres, comprehende o real pelo ideal e contempla a natureza pela Humanidade»¹. E desenvolve: «O que no homem se chama *sensação, espontaneidade, reflexão*, apparece no seio de Deus (isto é, na synthese religiosa) sob o nome de *natureza, de mythologia, de historia*. Estes termos formam entre si as phases da psychologia universal»². Na idade da reflexão a que chegou a humanidade, é de facto a Historia a grande realidade apresentada á idealisação digna de quem se emancipar do regimen mental ficticio. Á Poesia tradicional do mundo antigo, em que desaparece a individualidade dos Homero, Vyasa, Valmiki, contrapõe-se a Poesia philosophica, que se universalisa pelo poder esthetico do individuo. Apparecem tentativas na civilisação greco-romana.

A personificação do genio progressivo da Humanidade foi tentada em um poema grego com o titulo de

¹ *Génie des Religions*. (Œuvres, I, 416).

² *Ibid.*, pag. 418.

Hermes, por Eratosthenes, de que existem apenas fragmentos. André Chénier, no seculo XVIII esboçou novamente este poema, que se encontra nos fragmentos da sua obra, e com o caracter didactico, então usado na sua época. Egger (*Hist. da Critica*, pag. 376) compara as duas tentativas. *Hermes* representa o espirito especulativo, como *Psyche* representa a affectividade na Humanidade.

O poema de Lucrecio *De Natura rerum* é, como dissera Alexandre Humboldt, a primeira obra de arte em que a Poesia e a Philosophia unificam os seus recursos. É verdadeiramente uma assombrosa tentativa de Epopêa universal, com um caracter humano quando descreve o homem primitivo sahindo das cavernas, como o authentica hoje a Archeologia pre-historica, creando o trabalho agricola e industrial, e fundando a harmonia civil. Se Lucrecio vivesse no seculo XIX, tendo diante de si o quadro das grandes Civilizações isoladas, cosmopolitas e progressivas, com certeza exerceria o seu poder de idealisação sobre estes elementos, fazendo sentir a concepção universalista da Humanidade, concepção precedida e deturpada pelo universalismo religioso.

Emquanto a Edade-média, sob a disciplina do sentimento reorganisava a Europa em novas Nacionalidades, espontaneamente se ia creando uma Arte correspondente á solidariedade dos espiritos, mas em que preponderava o caracter de hostilidade das diversas raças que se fusionavam. A poesia amorosa da Provença degenerava nas sirventes aceradas; as lendas bretãs serviam de estímulo de resistencia contra a incorporação saxonia; as lendas

frankas eram o meio de protesto dos grandes vassallos contra o poder unitario da realza dynastica; a unidade catholica, que estabelecia a synthese affectiva dos diversos elementos sociaes, era atacada pela critica nos fabliaux e nas peças dramaticas das Moralidades e Soties. A criação esthetica medieval era fecunda, mas não definitiva, porque vinha suscitada por um instincto anarchico, que tornava insurrecto o sentimento. Foi por isso que a Poesia e Arte da Edade-média, embora coadjuvassem o desenvolvimento do espirito e das linguas nacionaes, facilmente foram abandonadas pela admiração das obras-primas das Litteraturas greco-romanas, resultando d'esta crise da Renascença uma deploravel imitação, a substituição de regras technicas pela espontaneidade da inspiração, e uma ausencia completa de intuitos sociaes nos escriptores, que converteram a missão litteraria em uma pedantocracia.

Desde o fim da Edade-média que se procura constituir a fórmula normal da Arte moderna, como se viu pelos esforços da Allemanha, inspirando-se do sentimento e das tradições nacionaes, e pelos esforços das nações occidentaes ou romanicas idealizando o seu passado medieval no Romantismo. Os melhores genios estheticos do mundo moderno malbarataram as suas altas qualidades de idealisação ou servindo o retrocesso humano, como Chateaubriand (nos *Martyres*), ou activando os impetos revolucionarios e a anarchia moral, como Goethe e Byron (no *Fausto* e *D. João*). Porém a fórmula digna da Arte moderna dependia da comprehensão do seu destino social, e este é a consequencia da nova synthese da Hu-

manidade libertando-se da phase provisoria e negativista do prolongado estado revolucionario caracterizado pelas ficções religiosas e pelo regimen do privilegio pessoal, que vem desde o fim da Edade-média até ao expirar do seculo XIX, perturbando o advento d'essa nova synthese.

O combate da democracia contra a velha fórma politica da realza inspirou uma poesia social, mas anarchica, idealizando a Revolução como se fosse um estado definitivo da humanidade. A emancipação dos espiritos da ficção theologica pelo regimen da educação scientifica, fez prevalecer as capacidades criticas, antipathicas a todas as emoções e idealisações poeticas. Enquanto os conhecimentos scientificos constarem de especialidades dispersivas, nenhuma fórma poetica póde surgir d'esses elementos concretos; nada menos poetico do que a Sciencia em verso, como nos poemas didacticos da época alexandrina ou do pseudo-classicismo francez.

É n'este ponto que têm estacado as tentativas de criação de uma Arte correspondente á situação moderna dos espiritos. Porém, desde que essas sciencias, que nos dão novas vistas do universo, se coordenem subordinando-se a uma vista de conjuncto, então está esboçada a Philosophia, como synthese de um novo estado de consciencia. É d'este estado, actuando no meio moral, e fortificando-se n'elle que resultam novas idealisações sobre o destino humano, como o thema mais fecundo da poesia. A Philosophia positiva, sendo a obra da correlação dogmatica das Sciencias geraes constituindo uma synthese theorica, coadjuva um novo estado de consciencia pelo predominio do criterio da relatividade, e elimi-

nação das ficções theologicas e das entidades metaphysicas; esse character relativista dá aos sentimentos uma subordinação á humanidade, e funda uma moral no fim social, como objectivo de todas as nossas obrigações. O Positivismo, descrevendo este profundo estado de transição da Edade-média para o mundo moderno, e apoiando-se no sentimento como impulso da intellectualidade e da actividade, não podia deixar de systematisar uma Arte correspondente ao espirito, ao coração e ao character moderno, e coadjuvar pela Arte as gerações novas a fixarem uma edade de normalidade. Existe a Philosophia moderna; deve consequentemente existir uma Poesia que, como ella, se manifeste pela idealisação da realidade. Comte accentua esta dependencia da Poesia para com a Philosophia como emoções unanimes em relação a concepções unanimes: « Como não podemos idealisar e pintar senão o que se nos torna familiar, a poesia tem sempre assentado sobre qualquer philosophia, capaz de imprimir uma direcção fixa ao conjuncto dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos »¹.

A poesia tradicional e inconsciente manifestou-se nas éras primitivas da humanidade na fórma de mytho. E que é na realidade o mytho senão um modo de conceber a natureza physica ou moral, segúndo a synthese espontanea, em que as forças do universo são representadas em personificações? Conforme o espirito humano avança das impressões irreflectidas para as noções criticas, assim

¹ *Système de Politique positive*, I, 306.

tambem se vão modificando as syntheses ou concepções geraes do universo que elle fórma. A synthese *fetichista* amplia-se racionalmente na synthese *polytheista*, e torna-se de concreta em abstracta na synthese *monotheista*. Por seu turno, quando o homem dissolve pela observação e pela experiencia a unidade das suas concepções ácerca do universo, a synthese superior systematisada nas suas *theologias*, adquire uma mais livre intensidade de contemplação activa nos systemas *metaphysicos*. Ainda n'este elevado gráo da mentalidade, em que se elaboram já as concepções philosophicas, com os elementos do saber adquirido, ainda aqui as noções abstractas se representam por entidades immanentes ou transcendentés, que são na sua essencia verdadeiros Mythos reflectidos.

D'onde vem esta dependencia da actividade racional dos modos da expressão mythica? Em primeiro logar, da fatalidade da origem: a razão é sempre suscitada no seu exercicio pelo estimulo do sentimento, e é pelo sentimento que as ideias se universalisam. As syntheses philosophicas acham na expressão synthetica dos mythos analogias intimas, que coadjuvam a sua vulgarisação, a adhesão popular, e dão relevo ao seu destino social. Todas as vezes que a humanidade se elevar a novas syntheses philosophicas, esse estado de consciencia revela-se tambem por outras emoções collectivas, por outros modos de sentir as cousas, emfim por uma differente idealisação do mundo objectivo. Esta relação da Poesia com a Philosophia é evidente na esthetica das principaes civilisações. Da philosophia atomistica de Epicuro nasceu

a idealisação poetica de Lucrecio no seu poema *De Natura rerum*, e da renovação d'essa mesma doutrina abstracta por Gassendi, surgiram novos poetas modernos, como Du Bartas e Molière, Lafontaine e Bernier no seculo xvii. Na synthese objectiva da philosophia de Aristoteles fecundaram-se os eminentes poetas dramaticos Euripides e Menandro. Do idealismo da philosophia de Plató é que Dante, Petrarca, Ronsard e os principaes lyricos da Renascença tiraram o poder de expressão emocional que transformou a poesia moderna. De Montaigne vem as concepções geraes de Shakespeare. E á medida que se avança na marcha da civilisação da Europa, sempre esta relação entre a Philosophia e a Poesia se faz sentir nos principaes genios: Goethe inspira-se da philosophia de Descartes na phase spinosista, como o poeta o confessa; e essa mesma influencia se accentua em Shelley e M.^{mo} Ackermann; Schiller deveu á adheção á Philosophia critica de Kant as manifestações da sua profundidade artistica. Mesmo as concepções especiaes não se separam da sua relação esthetica, como se vê no lyrismo de Leopardi universalizando as concepções do Pessimismo de Schopenhauer, continuadas no idealismo de Anthero de Quental e Gomes Leal. A Philosophia positiva, que na historia da intelligencia humana corresponde ao accordo e mutua dependencia das noções objectivas e subjectivas na concepção geral do universo, dando-nos a verdadeira comprehensão da solidariedade da especie e do nosso destino individual, esta Philosophia definindo um novo estado de consciencia e a melhor previsão do futuro humano, não podia deixar de in-

fluir na criação de uma nova Poesia. Tal é a razão por que á poesia pessoal se substitue a poesia social na fórma superior de Patria, e a esta, e como o mais elevado gráo de idealisação, a poesia da Humanidade.

A comprehensão e transformação da Poesia moderna acham-se tambem esboçadas por Guilherme Humboldt nas considerações sobre a Relação entre a poesia e a abstracção philosophica nos poemas didacticos da antiguidade: «Parecerá absurdo, visto que a Poesia se compraz principalmente da fórma, do colorido e da verdade, querer unil-a com as idéas mais simples e mais abstractas; e comtudo esta alliança não deixa de ser legitima. Em si mesmas, e conforme a sua natureza, a *Poesia*, a *Sciencia*, a *Philosophia*, a *Historia*, não podem andar separadas. Ellas constituem um todo, n'esta época da civilisação em que todas as faculdades do homem estão ainda confundidas. e quando, por effeito de uma disposição verdadeiramente poetica, elle se reporta a esta primeira unidade»¹.

Ha duas phases psychologicas n'esta unidade de concepções: na primeira as contemplações poeticas dão fórma ás concepções tradicionaes, scientificas e philosophicas, constituindo propriamente um syncretismo; na segunda, depois de um longo desenvolvimento critico da razão, as sciencias fornecendo as bases verificaveis para uma nova synthese philosophica, por seu turno esta syn-

¹ *Gesammelte Werke*, tom. I, pag. 98-102; ap. *Cosmos*, tom. II, pag. 443, trad. Galuski.

these vae alargar o ideal da *Poesia*, vindo a Historia a constituir o elemento objectivo e dramatico para essa nova contemplação do universo.

É a idade da consciencia e de uma longa previsão sobre o futuro da especie, exercendo-se a faculdade da idealisação em definir os contornos da idade normal da Humanidade.

A ideia de Guilherme Humboldt sobre a relação da Poesia e da Philosophia, leva-nos a comprehender melhor qual será a fórmula da Poesia moderna, e o seu destino social. Em primeiro logar, pela relação intima entre a contemplação poetica e a contemplação philosophica é que no homem moderno se ha de estabelecer a unidade cerebral, isto é, o accordo entre a Imaginação e a Razão. Depois sobre a base de uma especulação philosophica da continuidade historica, é que ha de dar-se a sublime idealisação da solidariedade humana, considerando os mais altos progressos attingidos pela especie como a somma dos esforços de todas as edades. Se o criterio subjectivo se ratifica na razão, o sentimento humano desenvolve-se pela imaginação até converter-se em uma sanção moral. Para melhor se comprehender o desenvolvimento d'estas doutrinas, que dirigem a nova synthese intellectual, e que procuram a sua verificação esthetica, organisamol-as em schema, para que graphicamente se destaquem todos os seus elementos :

<p>I</p> <p>Poesia</p> <p>Periodo inconsciente ou espontaneo da Synthese baseada sobre a idealisação das apparencias.</p>	}	<p>1.º Philosophia, nas fórmãs de Causalismo e Finalismo: Theologias e Metaphysicas.</p> <p>2.º Sciencia, nas fórmãs de Theurgismo e Empirismo tradicional.</p>
<p>II</p> <p>Philosophia</p> <p>Periodo consciente ou systematico da Synthese baseada sobre a contemplação da realidade.</p>	}	<p>1.º Sciencia, na base: <i>Induire pour deduire, à fin de construire.</i></p> <p>2.º Poesia, como idealisação da realidade, tendo por fim a vulgarisação da solidariedade humana e a creação da ordem no universo.</p>

Em um estudo de Caro, sobre *A Poesia scientifica no seculo XIX*, a proposito dos poemas de Sully-Prudhomme, diz aquelle escriptor: «é preciso apresentar estas doutrinas em quadros em logar de as expôr em raciocinios». E em seguida accrescenta o esboço d'esse quadro: «a natureza nas suas evoluções successivas; a terra nas suas grandes épocas, os typos successivos subindo lentamente a escala dos sêres, as duras leis da selecção natural trabalhando para a ordem futura pela immolação dos fracos, a humanidade desprendendo-se pouco a pouco dos liames da vida animal, a tribu agrupando as familias, a cidade organisando as leis, a humanidade tomando consciencia de si propria na sua lucta com as especies animaes que ella vence e com as forças da natureza que ella submette, a civilisação expulsando a barbarie, mas experimentando retrocessos terriveis d'esta barbarie, como por uma especie de lei de atavis-

mo que acorda, segundo nos dizem, de tempos a tempos no homem, os instinctos ferozes de avós desconhecidos». E encarecendo quanto este aspecto da humanidade passada se presta á imaginação, conclue: «Eu persisto portanto a crêr que o poema scientifico é possível, e que elle se ha de fazer»¹. As noções scientificas não podem ser objecto de poesia, como não podem ser uma philosophia; porém com as noções scientificas construem-se syntheses, ou concepções geraes do universo, que segundo a sua fórmula racional ou emocional, abstracta ou pittoresca, assim são as bases de uma nova Philosophia ou de uma nova Poesia. A relação intima da Poesia e da Philosophia como uma synthese espontanea que se torna consciente, foi luminosamente estabelecida por Guilherme Humboldt; a cada renovação philosophica nas civilizações corresponde uma nova fórmula de idealisação poetica. Augusto Comte ratificando a synthese especulativa sobre os dados objectivos das sciencias, com esses elementos verificaveis ou cognosciveis organisou a Philosophia positiva; e esta elaboração, em que teve por precursores Aristoteles, Leibnitz, Kant, Hume, Turgot, Condorcet, correspondia a uma necessidade da consciencia moderna. Igual necessidade se dá com a Poesia: em vez da idealisação do ficticio, como as personificações mythologicas e as entidades moraes allegoricas, a imaginação precisa ser dirigida para a idealisação da realidade, mas de uma realidade contemplada na sua plena

¹ *Rev. des Deux Mondes*, 1878, tom. v, pag. 537.

relatividade scientifica. Esta phase normal da Arte, para que se caminha, constitue uma Poesia positiva. Para quem confunde a palavra *positivismo*, com o sentido de precisão mathematica, repugnam-se entre si as duas palavras Poesia positiva; o termo *positivo*, como caracteristico de uma Philosophia final, significa o intuito affirmativo pela condição de unanimidade, contraposto ao espirito negativo e critico de uma phase mental metaphysica. A Poesia como expressão de sentimento de revolta moral ou social, é completamente metaphysica e transitoria no seu destino; quando se elevar acima d'esta condição universalizando os actos e os sentimentos normaes do homem. ella tornar-se-ha verdadeiramente positiva. Determina-se na poesia tambem a *lei dos tres estulos*.

Ha creações artisticas, que não são propriamente o producto da idealisação individual, mas a synthese suprema de uma phase social e de uma civilisação complexa. A condição de belleza e esplendor n'estas concepções estheticas, está em cercarem-se de todas as fórmias particulares da arte para tomar de todas ellas a expressão d'esse espirito universal que taes concepções traduzem. Exemplifiquemos. É na *Architectura* onde mais evidente se torna este intuito; em volta da obra architectonica, desenvolvem-se secundariamente a esculptura e a estatuaria, a ourivesaria, as combinações polychromaticas. a musica e o canto, tudo isto fundido na unidade esplendida da Cathedral. É a Area santa d'onde, na Edade-média, se desprendem as mais bellas fórmias da arte.

Por seu turno a Musica, desde o seculo xvii tendendo a exprimir as emoções profundas de uma renovação social e mental, toma a fórmula synthetica da *Opera*, em volta da qual se agrupam a poesia, a dança, a mimica da paixão, a pintura scenographica, e a figuração historica dos grandes episodios da civilisação.

A Poesia, individual e nacional no seu primitivo desenvolvimento, torna-se humana e universal no seculo xix, desde que a ficção se transforma em uma idealisação da realidade conhecida pelo criterio positivo. A arte, recebendo a direcção positiva, n'esta phase das concepções humanas a que se elevou o nosso seculo, consiste na idealisação da realidade por individuos disciplinados segundo a philosophia que os elevou á superioridade de *coração*, de *espirito* e de *character*. Aqui se encerram as tres manifestações fundamentaes da Poesia, que se unificam na definição e representação de um Ideal compativel com a civilisação moderna.

A *affectividade*, que o vulgo denomina syntheticamente o *coração*, inspira um novo Lyrismo, como expressão do sentimento de quem tem consciencia de que é um órgão solidario da Humanidade, da qual é herdeiro, e ao mesmo tempo domina pela previsão e pelo effeito emocional as impressões fataes por que é sugerido.

O *espirito*, que na linguagem usual equivale a intelligencia, é o meio pelo qual formamos a grande synthese da marcha da Humanidade, porque a intelligencia é verdadeiramente a placenta do homem individual ou mesmo da collectividade nacional, que nos põe em con-

tacto com esse sêr ideal e real, a Humanidade. Desde que esta concepção philosophica da continuidade progressiva da historia ficou descoberta, reconheceu-se logo a possibilidade de uma nova obra de arte, com esse intuito universal, que notámos na Cathedral e na Opera, — a Epopêa da Humanidade.

O *character*, que na multidão se revela pela vontade immediata, é a base do Drama moderno, sómente possível, quando os caracteres attingirem essa harmonia de conformidade entre os actos e os principios, entre as paixões e as opiniões. Esta será a fórmula mais difficil da Arte e a ultima a manifestar-se, porque ainda hoje os caracteres positivos são verdadeiramente excepçoes. Na renovação moderna da Arte é a Epopêa, que apresenta o ideal mais vasto e melhor definido, embora se não tenha fixado a morphologia para a sua realisação.

Hegel, ao tratar da Poesia epica, na sua *Esthetica*, esboça tambem os contornos da Epopêa da Humanidade, postoque rejeita as tentativas para a realisação d'esta nova fórmula da Arte: «Sob esta relação, indubitavelmente, a mais alta e imponente acção seria a historia do mundo, propriamente, e poder-se-hia querer tratar esta acção universal sobre o campo de batalha do espirito geral, como epopêa absoluta cujo heroe seria o espirito humano, a humanidade desprendendo-se dos liames da natureza e elevando-se da estupidez e da barbarie á civilisação. Porém, em razão da sua universalidade, este assumpto seria pouco susceptivel de individualisação, como o exige a arte. Effectivamente, faltava em primeiro logar a esta epopêa um theatro determinado, um estado

de civilização particular, não só sob o aspecto geographico, como sob o dos usos, costumes, etc. O fundo da acção não sendo senão o desenvolvimento do espirito geral do mundo, o seu theatro é a terra inteira, e a imaginação não póde represental-o sob uma fórma particular. Além d'isso, o unico fim, attingido n'esta epopêa, seria o do espirito universal, que não se póde conceber senão pelo pensamento, e não se formúla claramente a não ser pela sciencia. Mas, se elle deve apparecer sob uma fórma poetica, para dar ao conjuncto o sentido e a necessidade precisos, seria necessario que se visse apparecer um personagem livre e actuando por si mesmo. Ora, tal não seria poeticamente possivel, a não ser que o verdadeiro architecto da historia universal, a idéa absoluta que se realisa na humanidade, se manifestasse sob os traços de um sêr individual dirigente, determinando e realisando os acontecimentos, ou obrando simplesmente como necessidade escondida e potencia occulta. No primeiro caso, a multiplicidade infinita dos acontecimentos ultrapassaria os limites da individualidade tal como a arte a reclama. Não se podia obviar este inconveniente senão cahindo na fria allegoria ou entregando-se a reflexões geraes sobre o destino ou a educação do genero humano, sobre o fim da humanidade ou sobre a maneira como este fim se realisa na historia do mundo. No outro caso, seria necessario que por seu turno o espirito particular de cada povo fosse representado sob os traços de um heroe particular, e que a historia se desenrolasse diante de nós como o combate d'estes heroes. Porém, estes heroes não podiam ter verdade, mesmo poetica,

senão como personagens reaes da historia universal. Se assim se fizesse passar diante dos nossos olhos uma successão de figuras sobrenadando um momento para serem immergidas depois na corrente do tempo, a unidade individual faltaria sempre ao conjuncto. O espirito que governa o mundo appareceria evidente no primeiro plano como pensamento geral ou como destino, mas não como personagem real tomando parte por si mesmo na acção. De outro lado, se se quizesse fixar o espirito dos povos na sua generalidade e fazel-os actuar segundo as ideias geraes, resultaria sempre, que uma semelhante successão de personagens, analogas ás encarnações indianas, teria a apparencia de existencia real, desvanecendo-se a ficção diante da verdade do espirito universal realiado na historia propriamente dita » ¹.

A Epopêa da Humanidade, como realisação do destino da Poesia moderna, em que a idealisação esthetica occupa um logâr imprescindivel entre a concepção philosophica e a reorganisação politica, na consideração de todos os factores humanos, está naturalmente dividida em duas partes: a consagração do *passado* por uma apreciação justa, que nos subordina o sentimento pela idéa de continuidade; e a aspiração para um *futuro* ideal, mas não chimerico, em que a especie se aproximará do seu destino incitada pelos impulsos da consciencia da sua solidariedade. Augusto Comte esboçou

¹ *Esthétique*, tom. iv, pag. 306-7, trad. franceza de Ch. Bernard.

em dois traços esta missão da arte, realisavel em qualquer fôrma particular, desde que prepondere a regeneração intellectual e moral: «a poesia moderna investida emfim da sua verdadeira dignidade, virá, por seu turno, impulsionar a humanidade para um futuro que não será nem vago, nem chimerico, tornando tambem familiar a sã apreciação dos diversos estados anteriores»¹.

Bourdet, vulgarizando a idéa de Comte, expõe assim o thema da Epopêa humana: «A glorificação do passado, que desenvolve em cada geração o espirito historico e o sentimento da continuidade humana, era impossivel para os nossos predecessores, cheios de animosidade contra um regimen que algemava os seus esforços e suas concepções: pertence aos filhos libertados o reconhecer nas leis que governam as cousas um conjuncto de necessidades que não fazem caso do arbitrio humano, consagrando-lhe os nossos esforços e considerando o genio, os serviços e as dedicações dos mais eminentes d'entre nós. A serie d'estes typos pessoaes suscita no espirito que os contempla um trabalho esthetico proprio para fazer prevalecer uma sã theoria do movimento humano. O conjuncto das vidas illustres é a base de um poema sobre a evolução humana, em que nós vêmos as immensas difficuldades da elaboração original com o duplo sentimento de admiração e respeito»².

¹ *Système de Politique positive*, tom. 1, pag. 6.

² *Vocab. des principaux termes de la Philosophie positive*, pag. xii.

No conhecido mytho das quatro Edades acha-se o esboço espontaneo de uma Epopêa da Humanidade, apresentando os dois aspectos fundamentaes segundo a concepção geral do universo formada pela intelligencia primitiva.

Primeiramente encontra-se a concepção de um passado feliz e a affirmação de uma decadencia successiva do homem. Esta noção é peculiar das raças semitas, e exprime-se por lendas anthropopathicas. Ainda apparece em Hesiodo, como vestigio do estímulo semita entre os hellenos, e continúa-se nas Religiões universalistas, como fundamento dogmatico da Redempção.

Contrapõe-se-lhe a concepção de um passado de lucta com a Natureza, apoderando-se das suas forças e em que se opéra a criação progressiva da ordem social. Esta realidade foi entrevista por Eschylo e Lucrecio, e lucidamente formulada pelo Abbade de Sam Pedro pela comparação dos costumes dos selvagens modernos. A Geologia, a Anthropologia e Archeologia prehistorica deram a prova inabalavel d'esta concreta realidade, que foi uma concepção propria do genio individualista da Grecia e de Roma, e se tornou a synthese da sciencia moderna.

Assim a Epopêa humana esboça-se naturalmente sob duas fórmãs: Na concepção religiosa do Oriente, o homem é fabricado por Deus, collocado em um paraiso, decae da dignidade inicial, e sómente pelo sacrificio de um Deus é que é redimido. Esta these é ainda hoje a base moral da Civilização europêa, enredada nas lendas thegonicas e theologicas do Genesis divino.

Na concepção do Occidente domina a especulação

scientificamente, em que o homem se eleva na escala animal, chega á consciencia, e submete ao seu serviço as forças da Natureza vencendo as fatalidades cosmicas. O genio grego exprimiu nobremente pela bocca de Xenophanes: «Não, os Deuses não deram tudo aos mortaes, no principio; — o Homem, é que com o tempo e com trabalho melhorou o seu destino». E depois d'esta sublime affirmação da individualidade humana, Xenophanes proclama a emancipação moral: «Foram os Homens, ao que parece, que produziram os Deuses, — e lhes deram os seus sentimentos, sua voz e apparencia».

Se as Religiões do Oriente universalisaram na subjectividade dos crédulos as lendas theogonicas, dando-lhes as fórmas de Cultos, de Templos e de Theologias, competia ao Occidente idealisar a noção verdadeira que a Civilisação moderna tem das suas origens e do seu destino. Virgilio comprehendeu este momento solemne da Historia, idealisando na *Eneida* a acção unificadora de Roma sob o regimen imperial synthetisada no hemistichio *Pacis imponere morem*; Dante sentiu na *Divina Comedia*, que a realidade affectiva realisada pelo Catholicismo, precisava completar-se com a Justiça, ligando a Edade-média ao passado que a Igreja renegára, e que condensou na admiração de Roma, *Quella Roma onde Christo é romano*; Camões conheceu que a humanidade entrava em um regimen de actividade pacifica, tomando posse da terra, e idealisou nos *Lusiadas* esse laço conscientemente reatado entre o Occidente e o Oriente — *Por mares nunca d'antes navegados*. Á medida que o homem avançava no conhecimento do planeta e das leis cosmi-

cas, penetrava mais intimamente no dominio psychologico, adquirindo uma maior consciencia de si mesmo. Por um trabalho do cerebro, quer idealizando, quer pensando, é que o Homem moderno pela primeira vez se pôz em comunicação com a Humanidade; e pelo contacto d'essa placenta, chegou ao conhecimento, de que o Passado, pela hereditariedade actuava como uma especie de pressão insensivel no presente, bem como o presente estava repleto dos germens do futuro. Se nos elevamos acima das paixões individuaes da idade em que vivemos, apparece-nos a especie na sua continuidade dirigindo a migração através do tempo, successivamente elevando-se da realidade para o Ideal (perfectibilidade e progresso historico), e ao mesmo tempo procurando converter esse ideal ou aspiração em realidade ou normalidade da sua existencia (theorias e utopias sociaes). Este novo estado moral de positividade constitue a base da grande Epopêa consciente ou philosophica, presentida por Edgar Quinet, por Lamartine, por Hegel, por Augusto Comte, como synthese affectiva da Civilização moderna, succedendo ás tres syntheses estheticas da antiguidade romana, medieval e da renascença, creadas pelo genio de Virgilio, de Dante e de Camões.

Tentamos a construcção da Epopêa moderna, seguindo os contornos geraes dos grandes movimentos da Humanidade revelada no perecurso da Historia, dando fôrma pittoresca ás paixões e ás idéas que lhe impulsionaram os actos. Assim, successivamente são idealizadas as luctas das Raças na occupação dos territorios; as miragens ou impressões subjectivas que se tornaram Religiões; as Re-

ligiões nacionaes, que da sua hostilidade inicial se tornam universalistas; o conflicto das Religiões universalistas (coallisão entre o Catholicismo e o Islamismo) dando lugar á supremacia da Rasão; a Liberdade affirmando-se pelo sacrificio do individuo á collectividade; a Graça falsificando a comprehensão do destino do homem; a Sciencia resultando da revolta contra o intolerantismo religioso; a Industria determinando a paz ás sociedades; a missão de cada povo definindo-se em uma synthese especial como as Patrias humanas, em que a especie elabora a sua cultura; a federação das nações conduzindo á Confraternidade ou o Humanitarismo, e á *acção commun*, em que a especie attinge o maximo da sua força.

Pela Sociologia, que submete o phenomeno das collectividades humanas ás condições da observação e da precisão scientifica, o individuo só existe como órgão constitutivo da collectividade; como a cellula, que só existe isolada quando artificialmente separada do tecido organico, assim o individuo só apparece independente do conjuncto social theoreticamente, e todas as suas capacidades não são mais do que consequencias da elevação que attingiu a especie. Cada individuo, para ser apreciado, precisa ser considerado segundo a acção dignamente exercida para o desenvolvimento da collectividade humana. Diante da Philosophia positiva, é a Humanidade esse Sêr moral, que se vae definindo na consciencia individual, á medida que no concurso das grandes individualidades, emancipando-se dos impulsos egoistas, ellas vivem e pensam cada vez mais para os outros. Eis a these fundamental da Historia, o argumento definitivo da Epopêa; a

Sciencia e a Arte accordam-se sobre o mesmo facto, podendo em rigor considerar-se a Epopêa da Humanidade como a Expressão contemplativa da Philosophia da Historia. Pensadores alheios á systematisação da Philosophia positiva chegaram a este mesmo resultado; escreve Denis, na *Historia das Theorias e das Ideias moraes*: «A palavra latina *Humanitas* é excellente para exprimir a civilisação; é effectivamente a *Humanidade*, ella propria, que desprendendo-se da natureza e das peias theocraticas, começa a desenvolver-se livremente com uma energia e uma consciencia de si, que não se extinguirão mais, apesar de alguns desfallecimentos e de alguns eclipses apparentes». (*Op. cit.*, II, 423). Esta reacção contra a natureza, estes desfallecimentos e esta energia contínua e consciante, constituem o thema da Historia e o argumento definitivo da Epopêa. Comte esboça estas phases do eterno poema da Humanidade: «Seguindo a sua marcha normal, a influencia do *meio* sobre o homem achou-se necessariamente no seu maximo nos tempos que precedem todos os dados historicos, mesmo os mais indirectos. Assim ella deveu determinar, durante a primeira idade fetichica, a divisão provisoria da nossa especie em tres raças distinctas, que se tornaram depois a principal das diversidades coneretas do desenvolvimento humano». (*Polit. posit.*, III, 202). Eis o primeiro episodio do conflicto das raças, e do concurso immediato das capacidades *activa* da raça amarella, *affectiva* da raça kuschito-semita, e *especulativa* da raça árica. D'este longo percurso historico espontaneo, resulta a marcha historica das altas Civilisações, apoiadas sobre a pratica e disciplina

do passado. Comte define esta phase, a que a poesia chama o *Cyclo da Lucta*: «Sempre e por toda a parte, os homens foram de cada vez mais dominados pelo conjunto dos seus predecessores, dos quaes nunca puderam sómente modificar o imperio necessario. Mas este ascendente devendo por longo tempo permanecer desaperebido, cada qual procurou por toda a parte o poder director, transportando o typo humano para Sêres exteriores, primeiramente reaes, depois ficticios, de maneira a fundarem uma synthese não menos pessoal que absoluta. Emquanto esta investigação das causas prevaleceu sobre o estudo das leis, ella impediu de reconhecer a verdadeira Providencia, desviando a attenção para as influencias chimericas. Ao mesmo tempo, conflictos numerosos e contínuos, aggravados pelas discordancias provenientes d'estas vagas doutrinas, interdiziam a concepção de um Sêr collectivo, cujos diversos elementos pareciam inconciliaveis. Quando as luctas e as ficções se acharam esgotadas, a Humanidade, preparada sob a preponderancia d'ellas, surgiu necessariamente, fundando sobre a paz e a verdade, o irrevogavel advento da religião universal». (*Ibid.*, III, 621).

O periodo consciente da actividade humana, exercendo-se para um fim commum, é propriamente designado pela palavra religião (*religio*, o mesmo que *deligio* ou *diligencia*). Comte descreve o que nós designamos como *Cyclo da Liberdade*: «Desde os primeiros rudimentos da civilização até ao estado presente dos povos mais avançados, todo o spectaculo historico apresenta o desenvolvimento contínuo da ordem determinado pelas leis fundamentaes da natureza humana. Esta longa série de movimentos,

que primeiramente apparecem confusos e mesmo contradictorios, constitue a evolução preparatoria do grande Sêr, d'onde emanamos, e do qual nós fazemos irrevogavelmente parte, se o tivermos dignamente servido». (*Ibid.*, III, 620). As leis fundamentaes do nosso sêr constituem as tres fontes de energia activa, affectiva e especulativa; em vez da idealisação da antiga actividade guerreira ou destructiva, a Arte moderna procura idealisar a actividade constructiva e pacifica da industria; em vez da idealisação das ficções theologicas, busca dar ao sentimento a expressão da solidariedade da especie na sua continuidade historica; em vez das falsas miragens metaphysicas, de um subjectivismo tendendo para as noções abstractas, encontra na relatividade das cousas a expressão ao mesmo tempo verdadeira e pittoresca para transmittir e universalisar o conhecimento da realidade, tendendo sempre para um fim humano. Só no seculo XIX é que, pelos progressos da Historia, se chegou a estabelecer a continuidade do passado, considerando todas as épocas como preparadoras das que lhe succederam; se a Igreja renegou o passado greco-romano, se a Renascença renegou a época da Edade-média, se os Eneyelopedistas renegaram a Antiguidade classica e a Antiguidade medieval, o seculo XIX admira todas essas fórmas de concurso progressivo, e respeita-as como cooperadoras da herança da civilisação actual de que goza. Esta veneração e reconhecimento da solidariedade, é para as intelligencias a revelação de uma segura e definitiva theoria do movimento humano, e para o sentimento o ponto de convergencia de uma sublime contemplação esthetica, e se o passado, tão sym-

pathico sob a fôrma de tradição, nos attrae para a consagração dos nossos precursores e iniciadores, o presente envolve-nos na agitação consciente para a realização da vida normal da Humanidade, que pela Industria se tornou uma força da natureza.

No plano da *Encyclopedia* introduziu Diderot a parte descriptiva das industrias, como o presentimento da preponderancia d'esta fôrma da actividade constructiva na vida moderna. A uma civilização pacifica, exclusivamente fundada nas Artes industriaes, e por isso no facto da co-operação e da concorrência como esboço que conduz á noção da solidariedade moral da humanidade, competem outras concepções estheticas, mui differentes das idealizações guerreiras e das individualidades heroicas e isoladas das epopêas antigas. Diderot, com a audacia de um espirito innovador, formulou a direcção da nova fôrma de Arte: « Prestemos, finalmente, prestemos aos artifices aquillo que lhes é devido: as artes liberaes têm-se decantado bastante a si proprias; que ellas empreguem agora o que lhes resta de voz em celebrar as Artes mechanicas ». A ideia que em Diderot parece á primeira vista um paradoxo, foi desenvolvida pela intuição genial de Lamartine em um improviso eloquente na sessão publica da Academia de Macon, em 12 de setembro de 1842. Combatendo um preconceito banal de Lacrosette, que se insurgia contra a industria moderna por acabar com os restos de uma civilização pastoral, Lamartine proclama, que ante a razão: « ha uma poesia muito mais verdadeira n'este movimento fabril do mundo industrial que torna o ferro, a agua, o fogo, todos os elementos os servos animados do homem,

do que na inercia da ignorancia e da estabilidade, do que n'este repouso contemplativo de uma natureza que não multiplica a obra de Deus pela obra do homem». Em seguida Lamartine fortifica-se com a opinião de Byron: «Perguntaram um dia ao illustre poeta qual era mais poetico na sua opinião — a sciencia ou a natureza? elle apontou para o Oceano áquelle que o interrogára: — Agora tambem me cabe a vez de perguntar-vos: Qual é mais poetico — este mar vazio, nú, deserto, atravessado sómente pelo selvagem no tronco da arvore que elle excavou, ou este golfo coberto de navios assombreados com as nuvens do seu velâme, levando cada um milhares de homens disciplinados no seu bojo, canhões sobre os tombadilhos, e submettendo as vagas abaixadas sob a vontade potente e occulta do seu leme?» O interrogar assim é já a resposta.

A fórmula clara da poesia da industria resume-se n'esta bella phrase de Lamartine: «Tudo é machina para o homem, logo que elle pensa. São os membros infatigaveis da intelligencia, que trabalham emquanto nós repousamos. O animal não inventa machinas, e n'isto está a sua fraqueza! O homem emprega-as, e n'isto está a sua força. Ellas são o signal da sua perfectibilidade» ¹. Lamartine tambem presentiu a nova sanção moral provocada pelo concurso do trabalho — a solidariedade humana.

É pelo desenvolvimento da industria que a Europa,

¹ *Obras*, tom. v, pag. 303, 314. Ed. 1850.

reconhecendo a necessidade de uma acção commum, vae realisando a sua *unidade synergica*, como pela generalisação das noções scientificas e positividade mental se aproxima da época não remota de uma *unidade synthetica*. Porém a base affectiva, que sob a fórma de Christianismo se tornou a *unidade sympathica*, só póde elevar-se condignamente pela fórma do sentimento da Humanidade, esse Sêr que, segundo Strauss, «domina cada vez mais a natureza fóra do homem, e esta natureza em face d'elle, desce á condição de materia morta sobre a qual exerce a sua actividade». Ás Epopêas mythicas ou organicas succederam as Epopêas nacionaes ou historicas; hoje, diante da necessidade de dar expressão á *unidade sympathica*, a Arte tem de realisar a Epopêa humana ou universalista.

Depois das *Epopêas tradicionaes* e anonymas, que representam a unificação de raças ou tribus em Nação, seguiram-se as *Epopêas litterarias*, mais ou menos modeladas sobre as fórmas organicas das creações anteriores, tendendo a exprimirem as aspirações d'um povo, quando assignala a sua missão na historia.

Desde o momento que, pelo percurso da civilisação, a vida historica d'esses povos convirja para uma acção commum, conduzindo á solidariedade humana, define-se um novo ideal, que precisa ser fixado e universalisado pela arte como o impulso unificador de uma synthese affectiva, em que todos os povos se reconhecem como órgãos subalternos e instrumentos transitorios da Humanidade imperecível.

É esta phase nova da vida sociologica que determi-

na a concepção de uma *Epopêa universalista* e philosophica; n'ella são as ficções theologicas e as allegoricas entidades metaphysicas, substituidas pelo desenvolvimento intencional das imagens, que symbolisam épocas e estados moraes, da mesma fórma que os signaes coadjuvam o encadeamento das idéas.

As Epopêas mythicas coincidem com as edades *theocraticas*, sendo os heroes quasi sempre degenerações lendarias dos typos divinos; as Epopêas litterarias, correspondendo ás civilisações militares ou *aristocraticas*, têm por argumento os feitos com que as individualidades guerreiras garantiram a autonomia nacional; na idade que realisar a incorporação do proletariado na *democracia*, que prepara a transição para o regimen normal da socioocracia, a aspiração da actividade pacifica tem de conciliar todas as energias isoladas e hostis em um concurso sympathico, abandonando as concepções absolutas dos dogmas e do separatismo nacional pela convergencia de todas as relações na Humanidade. É este o thema da Epopêa moderna, que Virgilio presentiu no eterno verso: *Magnus ab integro seclorum nascitur ordo*, e que o estado actual das consciencias torna possivel a sua realisação.

A aridez do sentimento poetico do fim do seculo xviii, effeito da admiração banal de um pseudo classicismo atrazado, e de um naturalismo precoce a que se deu o nome de proto-romantismo, fez proclamar o acabamento da Poesia, e a preponderancia da idade da prosa destinada á discussão critica e á dispersão das especialidades scientificas. A affirmação gratuita chegou até ao nosso tempo, envernizada na phrase brilhante e superficial de

Eugenio Pelletan. Não era natural que a Civilização, dando ao homem um mais elevado gráo de consciencia, uma maior receptividade emocional e recursos mais vastos de expressão, o privasse da capacidade esthetica para crear uma arte correspondente ao estado moral que attingira. Em todas as phases que a Civilização tem apresentado um novo aspecto, apparece simultanea uma nova Poesia. Aos que concebiam a Edade-média como um retrocesso, a poesia do christianismo transformando a metrificacão latina, dando-lhe a base da *accentuação* e a *rima*; a poesia feudal creando as energicas Canções de Gesta; a poesia das novas relações affectivas expressas nas canções amorosas dos Trovadores da Provença, forçavam a reconhecer que esses seculos de transição social eram fecundissimos na sua elaboração organica. O mesmo phenomeno se passou no seculo do encyclopedismo, sob essa estupenda crise revolucionaria, que obrigava o proprio De Maistre, representante do espirito conservador, a confessar que tudo nos conduzia para uma grande synthese. E effectivamente, além da transformação da sociedade civil, a Historia renovava-se pelas descobertas da antiguidade do Egypto, encetadas pela leitura dos hieroglyphos, pela descoberta do zend, que tornava possivel a leitura do *Avesta*, pela revelação d'esse mundo ignorado da China, pela aproximação da lingua sanskrita do grego, do latim e do celta proporcionando pelo estudo comparativo o estabelecimento da unidade das raças indo-europêas, e pela glottologia, instrumento de analyse psychologica e historica da origem da linguagem, dos mythos e das instituições sociaes. Tudo isto levava a ex-

pungir da Historia o espirito separatista, com que o catholicismo amesquinhou a antiguidade greco-romana, com que o protestantismo desprezou a Edade-média, e com que o deismo arrastado pelo exagero theorico renegava toda a idéa de filiação com o passado.

A Historia, por esta somma de elementos, e impondo pela auctoridade dos factos o ponto de vista relativo, tornou-se uma fórma do criterio humano, um dos aspectos essenciaes do methodo scientifico.

Augusto Comte, ao começar a *Dynamica social*, no terceiro tomo da *Politica positiva*, accentua esta ideia: «O seculo actual será principalmente caracterizado pela irrevogavel preponderancia da historia na philosophia, na politica e na poesia». Pelo encadeamento doutrinario é que se vê como os systemas philosophicos, esgotados pelo exagero da subjectividade, se foram ratificando sobre os dados objectivos, pelos trabalhos constantes da escola escoceza, até se coordenarem no criticismo de Kant, e na construcção synthetica da *Philosophia positiva*. Pelo conhecimento das instituições sociaes da India, da Grecia, de Roma e dos povos germanicos, é que Freeman na sua *Politica comparativa* descreve os typos organicos, que através dos cruzamentos das raças e dos conflictos de povos, produziram as fórmas aristocraticas e democraticas que persistem em todos os estados da Europa. A concepção da continuidade humana estabelecida pela Historia. enjo verdadeiro espirito é essencialmente universalista, não podia deixar de actuar profundamente na Poesia e na renovação esthetica. Esta mutua dependencia entre a Historia e a Poesia, que fôra proclamada por

Aristoteles, por isso que na Grecia os grandes historiadores como Herodoto e Thucydides, tendiam para a concepção synthetica, já no fim do seculo XVIII era reconhecida como a condição de uma nova actividade esthetica. Os genios criticos, como Herder e Condorcet, concebiam a Historia como uma synthese, e creavam em 1784 a *Ideia sobre a Philosophia da Historia da Humanidade*, e em 1794 o *Quadro dos Progressos do Espirito humano*; os genios artisticos sentiam a necessidade de uma idealisação da humanidade, como se observa nas tentativas de André Chénier com os fragmentos de *Hermes*, e na admiração pelas obras-primas de todas as litteraturas, cujos typos provocavam a determinação de fórmulas universaes independentes do gosto estabelecido pelas escolas. O estudo das tradições populares de todas as raças e nacionalidades veio revelar os elementos generativos da poesia, e determinar o thema da idealisação. Quinet, que se disciplinára mentalmente com o livro de Herder, percebeu esta fórmula nova da arte: «As tradições locais que se contradiziam e luctavam entre si, quando estavam subordinadas ás fórmulas individuaes da consciencia de uma raça, libertadas d'este nexos, recuperarão a sua ordem natural na consciencia politica da humanidade».

Quando Condorcet, em 1794, esboçava nos momentos do refugio contra o terror robespierrista, o sublime *Quadro dos Progressos do Espirito humano*, o poeta André Chénier, que poucas semanas sobreviveu ao philosopho, deixava entre os seus manuscriptos os fragmentos do poema *Hermes*, em que traçava a synthese poetica da Humanidade. Sainte Beuve descreve o estado

d'esses fragmentos: «O poema devia de ter tres cantos, ao que parece; o primeiro, sobre a origem da terra, a formação dos animaes, do homem; o segundo, sobre o homem em particular, o machinismo dos seus sentidos e da sua intelligencia, seus erros desde o estado selvagem até ao nascimento das sociedades e origem das religiões; o terceiro, sobre a sociedade politica, a constituição da moral e a invenção das sciencias. O todo devia terminar por uma exposição do systema do mundo segundo a sciencia a mais avançada». O sentimento poetico de Chénier levára-o a representar a Terra como o grande-Fetiche; diz elle em algumas das notas passageiras: «É preciso magnificamente representar a Terra sob o emblema metaphorico de um grande animal que vive, move-se e é sujeito a mudanças, revoluções, febres, perturbações na circulação do seu sangue». Sainte Beuve analysando os fragmentos poeticos e notas suggestivas do poema de *Hermes*, relaciona-o com a marcha das doutrinas philosophicas do seculo xviii: «*O Hermes*, mostra-nos André Chénier tão inteiramente e tão calorosamente do seu seculo, a seu modo, como podiam sê-lo Raynal ou Diderot». «A doutrina do seculo xviii era no fundo o materialismo, ou o pantheismo, ou ainda o naturismo, como se lhe quizer chamar; teve os seus philosophos, e mesmo os seus poetas em prosa, Boulanger, Buffon; devia provocar o seu Lucrecio. E isto é tão verdadeiro, e é tal o movimento e a tendencia de então para incitar assim o poeta, que, por 1780 e nos annos seguintes, achámos tres talentos occupados com o mesmo assumpto e visando cada um á gloria difficil de um poema sobre a natu-

reza das cousas. Le Brun tentava a obra segundo Buffon; Fontanes, na adolescencia, entrava a sério no assumpto, como o attestam dois fragmentos, um principalmente de uma belleza innegavel. André Chénier avançou mais do que os outros, e, pelo vigor das ideias, era bem digno de produzir um verdadeiro poema didactico no amplo sentido. Mas a Revolução apparece; dez annos, fim da época, desabaram bruscamente com o que elles promet-tiam, e abysmaram os projectos e os homens; os tres *Hermes* falharam. A poesia do seculo XVIII não teve o seu Buffon». Sainte Beuve accentúa ainda mais a influencia philosophica a que obedecia André Chénier, deduzin-do-a de uma outra referencia dos fragmentos do *Her-mes*: «Pelos seus planos de poesia physica, regressando a Empedocles, André, era além d'isso o contemporaneo e como que discipulo de Lamarck e de Cabanis; não o é menos de Boulanger e de todo o seu seculo pela ex-plicação que tenta da origem das religiões». E lamentando o não ter realisado o grande projecto, observa, que, «apesar da novidade do estylo, elle teria reproduzido sem muitas variantes, o fundo do *Ensaio sobre os Pre-conceitos* de d'Holbach»¹.

¹ Egger, na *Historia da Critica entre os Gregos*, allude a esta tentativa: «Cousa estranha: apesar de Chénier não ter conhe-cido o *Hermes* grego, não sómente reproduz o pensamento geral, mas encontra-se com Eratosthenes em certas particularidades das suas investigações eruditas: ambos interrogavam os mysterios da na-tureza antediluviana, ambos descreviam a harmonia das espheras ce-lestes, as divisões do nosso globo, etc. Ha nada mais tocante e mais

O falso classicismo de Delille nos *Tres Reinos*, veio desvirtuar esta nova idealisação da natureza e do homem; como a indisciplinada originalidade de Lemercier, na *Atlantiada*, confunde as noções scientificas com a idealisação esthetica. Lady Morgan, no seu livro *A França*, descreve em poucas linhas a *Atlantiada* de Lemercier: « Abandonando os exercitos dos martyres e as legiões dos santos, bem como as divindades que reinavam no Olympo e sobre o Parnaso, elle inventava um novo systema de molas poeticas... Seguindo o systema de Newton, elle tirou os seus personagens *das forças virtuaes do mundo*. Assim, deixando bem longe as intrigas das plantas e os amores dos triangulos, Lemercier mette logo em scena as suas forças centrifugas e centripetas sob o nome de *Barythêa* e *Proballana* como os principaes

triste do que estas ruinas que se correspondem á distancia de vinte seculos, ruinas feitas pelo tempo, e ruinas feitas pela mão do carrasco? » (*Op. cit.*, pag. 377). O poema de *Hermes* fôra para André Chénier a mais bella esperança da sua vida:

Toi l'objet le plus cher des veilles de dix ans,
Qui m'as conté des soins et si doux et si lents...

Se é verdadeira a phrase attribuida a André Chénier, quando caminhava para a guilhotina, levando a mão á frente: « *Mourir! pourtant j'avais quelque chose là!* » este grito com certeza referia-se ao pensamento do grande poema em que andava occupado e que a fatalidade dos acontecimentos truncou.

personagens do seu poema, emquanto que *Curgire* (o movimento curvilíneo), *Pyropese* (o calorico), *Sulphydro* (o enxofre) e *Electrone* (a electricidade) servem para o desenvolvimento do poema, e dão logar a muitos episodios interessantes». (*Op. cit.*, II, 297).

Muitos poetas, comprehendendo a necessidade de uma transformação da poesia, procuram os seus elementos pittorescos nos dados concretos das sciencias, em vez de darem expressão aos novos estados de consciencia. Afundam-se na impotencia e mesmo na mediocridade. O lado superior de Shelley, nos seus poemas philosophicos, que tendem a esta comprehensão do ideal humano, consiste em elle, em vez de pôr em verso conhecimentos experimentaes, exprimir emoções resultantes dos estados de consciencia a que levaram esses conhecimentos. A preocupação de uma Epopêa philosophica, no fim do seculo XVIII, transmittiu-se ao seculo XIX, e apparece nas litteraturas franceza, italiana, allemã e hespanhola; mas em geral, os poetas não foram dirigidos por uma concepção philosophica como lhes competia.

Lamartine, no *Curso familiar de Litteratura*, falla do plano de uma Epopêa humana, que se tornára a aspiração da sua vida: «eu tinha concebido, ainda na mocidade, uma epopêa, o grande sonho da minha vida, a unica epopêa que me parece hoje realisavel, sobre um plano quasi analogo ao plano da *Divina Comedia*.

«Dissera commigo: Que haverá hoje de mais interessante na humanidade? Porventura as batalhas, as conquistas, elevações e catastrophes dos imperios? Não; o mundo tem visto tantas d'essas cousas, e conhece por tal

fórma as molas com que a fortuna alevanta ou abaixa os conquistadores por cá, que nem já se admira das vicissitudes dos imperios mais que do encapellamento e do baque de uma vaga espumante no oceano. O que interessa verdadeiramente o homem, é o homem; e no homem, é a parte permanente do seu sêr, é a alma; e na alma, é o destino passado, presente, futuro, eterno d'este principio immaterial, intelligente, amante, appetitoso, soffredor, consciencioso, virtuoso ou criminoso, punindo-se a si mesmo pelos seus vicios, recompensando-se a si mesmo pelas suas virtudes, afastando-se ou aproximando-se de Deus, segundo vóa para o alto ou para baixo na esphera infinita da sua carreira eterna, pela fé crescente e pelo amor identificando-se ao seu Creator, o soberano Sêr, a soberana verdade, o soberano bem ».

Depois do poeta dar largas á phantasia descrevendo os logares, a hora e as emoções que sentiu ao esboçar o plano da epopêa a que chamava *As Visões ou as Leis moraes*, resume n'estas linhas a concepção:

« Eu me imaginava assistindo, como um Bardo de Deus, á criação dos dois mundos material e moral. Tomava duas almas emanadas no mesmo dia: uma masculina, outra feminina, como se a lei universal da geração pelo amor, esta tendencia apaixonada da dualidade para a unidade, fosse uma lei das essencias immateriaes do mesmo mundo que é a lei dos sêres materiaes animados (e o que ha que não seja animado no que vive para se reproduzir?). Eu lançava estas duas almas irmãs, mas tornadas entre si extranhas, na carreira da sua evolução através dos modos da sua vida renovada. Eu as seguia

com um olhar sobrenatural e eterno nas principaes transfigurações angelicas ou humanas por que tinham de passar nos mundos superiores e inferiores, encontrando-se ás vezes sem se reconhecerem completamente de esphera em esphera, de idade em idade, de existencia em existencia, de vida em morte e de morte em renascimento no céo e sobre a terra. Depois, em seguida a estas doze ou vinte transfigurações passadas, que umas vezes as aproximava de Deus pelas virtudes, outras vezes as afastava pelas suas culpas, ao mesmo tempo que estas virtudes ou estas culpas as aproximavam tambem ou as separavam máis uma da outra, eu as ajuntava por fim na unidade do amor mutuo e do amor divino, na fonte da vida, da santidade e da felicidade d'onde tudo emana e onde tudo converge pela sua gravitação natural para o soberano bem e o soberano bello, o Sêr perfeito, o Sêr dos sêres, Deus.

« Cada scena d'este drama sagrado era tirada da terra ou dos outros planetas do espaço, e as decorações poeticas mudavam tambem, ao grado do poeta, como a época, os acontecimentos, os personagens. O poema começava ás portas do Eden e terminava no acabamento da terra pela explosão do globo, tornando todas as suas almas purificadas, divinizadas pela misericordia de Deus, e lançando suas chispas de fogo no firmamento como faiscas de um brazido que se consomme a si mesmo depois de acabado o holocausto.

« Comprehende-se que riqueza, e que variedade, que pathetico e que mysterio um tal texto de epopêa prestaria ao poeta, se é que houvesse um poeta ou se eu mes-

mo fosse esse poeta digno de conceber e fixar em meus cantos uma tal inspiração».

Lamartine termina: «O meu poema depois de o ter contemplado por alguns annos, desfez-se na minha cabeça como uma d'estas bolhas de sabão coloridas, deixando-me só algumas gottas de agua sobre os dedos, ou antes algumas gottas de tinta, porque a *Queda de um Anjo*, o *Jocelyn*, o *Poema dos Pescadores*, que perdi nas minhas viagens, e alguns outros esboços epicos que adiantei e depois interrompi, são d'essas gottas de tinta. Estes poemas eram outros tantos cantos esparsos da minha epopêa da alma» ¹.

O poema nasceu falho de ideal; Lamartine concebia a alma humana segundo a theologia catholica, e servindo-se das lendas biblicas com o respeito de um credulo, entretencia as peripecias da epopêa com os diversos casos da doutrina das penas e das recompensas. Tudo isto estava mais bem idealisado nas lendas primitivas, e no systema da moral theologica, do que nos quadros phantasmagoricos do poeta que confundia abruptamente os velhos clichés religiosos. O poeta presentia que a alma humana, fóco de todas as emoções, concepções e actos, era o verdadeiro thema de uma epopêa subjectiva; mas faltava-lhe a preparação philosophica para uma nitida comprehensão do assumpto a que tinha de dar relêvo artistico. O mysticismo religioso que o levava a explorar os symbolos do christianismo, o Deismo vago que lhe

¹ *Poesias inéditas* de Lamartine, pag. 135 a 143.

suppria a deficiencia de uma synthese deixaram-no impotente para realisar esse sônho da sua vida, que se chegasse a ter fórmula seria de uma leitura difficil como a *Queda de um anjo* que, segundo a affirmação do poeta, pertencia a esse plano. E, comtudo, que grandiosa seria a Epopêa da Alma surgindo da vida vegetativa e instinctiva á consciencia; elevando-se da ferocidade bestial e do cannibalismo á affectividade e á concordia; afastando o nevoeiro denso das sensações indistinctas e das miragens subjectivas até formar as ideias geraes, descobrindo pela critica as leis da materia, que submete ao seu serviço, pairando por fim o livre espirito na criação de novos modos da existencia pela Arte, pela Moral, pela Justiça, pelo Dever, pelo Amor, por todas as manifestações que tornam o sêr humano uma potencia do universo! Lamartine não podia dispensar Deus, e o Deus catholico, no seu elenco épico; e a alma humana no seu advento á consciencia reduzia-se ao drama de um amor segundo a lenda arabe e ás aproximações nas mesmas praticas do ascetismo. O poeta chegou a escrever o argumento circumstanciado da Epopêa, que constaria de dez Visões, em quarenta e oito cantos; por esse argumento se vê que lhe era preciso um elemento objectivo ou historico para servir de fórmula pittoresca ao longo fadario da alma. Infelizmente a trama da historia soffre da mesma falta de luz philosophica, prejudicando a construcção geral. Transcreveremos alguns d'esses elencos:

«PRIMEIRA VISÃO: Canto primeiro: Invocação. Quadro dos ultimos dias do mundo. — A scena é em Roma.

«Canto segundo: Um mancebo, Eloim, tendo ficado o unico sêr vivo nas solidões dos Alpes, o qual fôra educado por sua mãe na religião christã, atravessa os desertos e chega, á procura de gente, a Roma. Guiado pelo espirito de Deus, atravessa Roma, vê-a com horror; perseguido pelos homens, foge para o lado de Tibur, encontra uma caverna, entra, caminha e acha uma porta; é-lhe aberta por Enoch, o unico homem eternamente vivo. Enoch acolhe-o em um Eden que Deus lhe deu a faculdade de crear em redor de si: Eloim encontra ali uma joven virgem que serve o Senhor junto do Propheta.

«Terceiro canto: Enoch conta a Eloim quem elle é, e como a joven virgem veiu ter ao seu jardim para se salvar dos cultos odiosos dos homens. Elle ensina ao mancebo a orar, e mostra-lhe o livro sellado com os sete sêllos que o Espirito lhe deu o dom de comprehender. Apenas Eloim lança os olhos ao livro, a memoria dos seculos extinctos desperta-se n'elle e elle se vê em todos os tempos. Reconhece-se sob diversas fórmãs, nomes e figuras, e conta os seus destinos aos que o agasalham ».

Lamartine vae assim encadeando as antigas lendas do Diluvio, dos Patriarchas, de Elias no Carro de fogo, do nascimento, paixão e morte do Redemptor, da Thebaida e Vida solitaria, Cavalleria, Revolução «quando o aperfeiçoamento material do homem attinge o cumulo, e que as disputas e as doutrinas apagaram os vestigios de toda a verdade». Termina pelas scenas do Apocalypse, pela resurreição dos mortos e juizo final.

Vê-se, em presença de um tal esboço, que Lamartine possuindo a parte technica da poesia em um alto gráo e um delicado sentimento de lyrismo, não tinha nem a capacidade, nem os elementos para ser o moderno Homero como o descreve Edgar Quinet. Da sua tentativa é só valiosa a intuição da necessidade da Epopêa humana.

Victor Hugo deveu aos acontecimentos que o confinaram em Jersey esse espirito de protesto que transpira em todas as suas idealisações no exilio e depois do exilio. Menos christão do que Lamartine, mas igualmente deista, o esgotamento do lyrismo romantico por effeito da idade, e a falta de estímulo para a creação do drama por se achar afastado da grande capital, fizeram com que Victor Hugo encontrasse um novo drama e um commovente lyrismo na Historia. O crime coroado de Napoleão III fazia com que o poeta visse na Historia um tribunal e um julgamento; posta de parte a paixão politica do momento, a Historia, no seu aspecto severo e grandioso, tomava a magestade de uma Epopêa. Foi n'este espirito que Victor Hugo escreveu em Jersey a primeira série da *Lenda dos Seculos*, accentuando, ao contrario de Lamartine, o seu character objectivo ou historico. O ponto de vista, exposto no preliminar da *Lenda dos Seculos*, é a consequencia de um gráo superior de idealisação a que chegára o poeta, e que torna este livro a sua obra capital. Escreve Victor Hugo: «Expressar a humanidade em uma especie de obra cyclica; pintal-a successivamente e simultaneamente sob todos os seus aspectos, historia, fabula, philosophia, religião, scien-

cia, os quaes se resumem em um só e immenso movimento de ascensão para a luz; fazer apparecer em uma especie de espelho sombrio e claro — que a interrupção natural dos trabalhos terrestres quebrará provavelmente antes que elle tenha a dimensão sonhada pelo auctor — esta grande figura nua e multipla, lugubre e radiante, fatal e sagrada, o Homem; eis aqui de que pensamento, de que ambição, se se quizer, sahiu a *Lenda dos Seculos*».

Victor Hugo sente o novo ideal da Arte, e dotado de uma concepção exclusivamente objectivista limitada aos meios de expressão pelos contrastes e pelas comparações, procura na Historia os themas objectivos que dêem unidade ao quadro da Humanidade:

«Os poemas que compõem este volume não são senão impressões successivas do perfil humano, de data em data, desde Eva mãe dos homens, até á Revolução, mãe dos povos; impressões tiradas, uma vez da barbarie, outras da civilisação, quasi sempre sobre o vivo da historia; impressões modeladas sobre a mascara dos seculos.

«Para o poeta como para o historiador, para o archeologo como para o philosopho, cada seculo é uma mudança de physionomia da humanidade...»

«De resto, estes poemas, diversos pelo assumpto, mas inspirados pelo mesmo pensamento, não têm entre si outro nexo além de um fio, que ás vezes se attenua a ponto de se tornar invisivel, mas que nunca se quebra, o grande fio mysterioso do labyrintho humano, o Progresso». — «O genero humano, considerado como um grande individuo collectivo, realisando de época em época uma

série de actos sobre a terra, tem dois aspectos: o historico e o legendario. O segundo não é menos verdadeiro que o primeiro; o primeiro não é menos conjectural que o segundo. — Todos estes poemas, pelo menos os que resumem o passado, são a realidade historica condensada, ou a realidade historica adivinhada. Por vezes domina a ficção, nunca a falsificação; nenhum augmento de linhas; fidelidade absoluta á côr dos tempos e ao espirito das civilisações diversas».

Na sequencia do preliminar, Victor Hugo esboça o plano geral da Epopêa humana, que irá realisando em mais dois poemas, *O fim de Satan* e *Deus* «onde se reverbêra o problema unico, o Sêr, sob a sua triplice face, a Humanidade, o Mal, o Infinito; o progressivo, o relativo, o absoluto; ao que se poderá chamar tres cantos: a *Lenda dos Seculos*, o *Fim de Satan*, *Deus*. — A expansão do genero humano de seculo em seculo, o homem sahindo das trevas para o ideal, a transfiguração paradisiaca do inferno terrestre, o desabrochar lento e supremo da liberdade, direito emquanto a esta vida, responsabilidade emquanto á outra; uma especie de hymno religioso em mil estrophes, tendo no seu âmago uma fé profunda, e sobre o seu ápice uma alta prece; o drama da criação illuminado pela frente do Creador, eis aqui o que será, uma vez terminado, este poema no seu conjuncto».

A condição para realisar esta nova concepção ideal da Humanidade consiste em o artista se despojar dos velhos *clichés*, que uma educação theologica, e uma tendencia metaphysica revolucionaria deixaram impressos

nos espiritos ainda os mais audaciosos. Victor Hugo, mesmo através das suas mais arrojadas metaphoras, conserva a préga mental das duas doutrinas, que em conflicto no seu espirito, perturbam a serenidade de toda a idealisação, dando á creação esthetica um errado destino de combate. Crê na creação theologica do homem e na immortalidade objectiva do individuo, e inspira-se na convulsão revolucionaria, como se a Revolução fosse o estado normal para onde a humanidade gravita. Ha na ideia geral que o dirige na concepção da *Lenda dos Seculos* os dois themes organicos da Epopêa humana, que dominam a historia: o *mundo oriental* apresenta a comprehensão pathetica e mysteriosa do universo, em que a existencia é como um sacrificio e uma fatalidade; em que a Rasão se abandona ao nihilismo contemplativo e passivo diante dos dois absolutos Deus e o Mal. Victor Hugo, tendo recebido no seu espirito este aspecto, incutido desde a infancia pela educação catholica, retoma um ideal já tão bellamente realisado no *Genesis* e no *Livro de Job*, e sem vantagem para a definição da Arte moderna correlativa á moderna consciencia. O outro thema, o *mundo occidental*, em que ha a serenidade heroica do homem apoderando-se das leis da natureza, destruindo o perstigio do absoluto pelo abandono da Causa e investigação crescente das Leis, ou relações das cousas, não apparece ao poeta senão pela face limitada e mesquinha da revolução politica, sob um metaphysicismo robespierista. Diante da antinomia d'estes dois aspectos, a Historia, campo da acção da Epopêa humana, apresenta espalhados os *Disjecta membra*, que só serão idealmente

unidos, quando o homem, nas suas viagens e occupação da terra, relacione o Occidente com o Oriente, conhecendo-se as Raças irmãs, e quando vier a descobrir debaixo da crusta das modernas capitaes os craneos dos homens primitivos, que por um esforço proprio se elevaram da animalidade á consciencia. Pela Sciencia adquiriu o Homem o dominio da terra; mas só pelo sentimento da Humanidade é que elle poderá adquirir a posse de si mesmo. O sentimento da Humanidade dá ao espirito o seu pleno equilibrio, pelo destino altruista dos actos e pela sanção moral separada das penas e recompensas theologicas.

Victor Hugo terminava a sua Epopêa humana por uma prece, illuminando a fronte de Deus a obra da criação; encontra-se na mesma contradicção de Lamartine, que termina o seu esboço pela bemaventurança divina, segundo o thema oriental. Segundo o thema occidental, em que prevalece a comprehensão scientifica do universo, o ideal da Humanidade, uma vez determinado converte-se na base definitiva da sanção moral; o grande psychologista Maudsley demonstra, como os maiores crimes praticados na especie humana resultaram do afastamento dos individuos poderosos da norma e relações communs da humanidade, e como as fórmulas da loucura são na sua essencia uma degenerescencia da normalidade da especie, uma *deshumanisação*; transcreveremos as suas memoraveis palavras, da *Pathologia do Espirito*:

«Como uma grande parte da natureza com a qual o homem deve pôr-se em harmonia não é o que chamamos

a natureza physica, mas a natureza humana, é claro que o grande trabalho da vida será em adaptar-se á sua especie. Nada póde embaraçar de o fazer nas fórmas mais grosseiras das sociedades primitivas; e a observação da sua propria paixão sob o temor dos effeitos secundarios da paixão do seu visinho serve de base solida a uma especie de sentimento social primitivo; porém, nos estados superiores do organismo social as nossas relações como elementos sociaes tornam-se muito mais complexas e especiaes. Ter sympathia pela sua especie e proceder bem para ser feliz de uma maneira directa ou indirecta, taes são as condições essenciaes da existencia e do desenvolvimento do organismo social o mais complexo; e nenhum mortal conseguirá supprimir estas condições. Deixae-o acreditar, porque poderá fazel-o, que o conflicto da vida humana é uma triste farça, que elle e os seus companheiros de trabalho quasi que não são superiores aos brutos, e que como os brutos elle morrerá para de logo para sempre; tudo isto, em resumo, não passa de uma vaidade e uma afflicção de espirito; deve-se sentir e trabalhar com a sua especie, quando ha a saude do espirito. A misanthropia não é, habitualmente, mais do que uma loucura em via de desenvolvimento. É por isso que o humor que possui sempre um fundo de sympathia é uma qualidade mais elevada e mais salutar do que o cynismo, que é sempre inspirado pelo desprezo. Se um individuo deixa de se pôr em relação sympathica consciente ou inconsciente com a natureza humana que o rodeia, está no caminho, ainda que aconteça não ir ao cabo, que conduz á loucura ou ao crime; elle póde ser

comparado a um elemento morbido n'um organismo physiologico, o qual não póde funcionar com os elementos ambientes, é um extranho, que tem de ser eliminado ou tornado inoffensivo pela sua sequestração; é extranho á sua especie, e póde-se dizer com egual verdade, que é extranho a si mesmo, porque a funcção de um eu normal é pôr-se de accordo com a sua especie. As excentricidades de character, quando não são contrabalançadas por um juizo solido, podem conduzir á loucura, quer o individuo em si, quer os seus descendentes; e os maiores crimes de que a historia conserva a memoria, crimes que ainda inspíram horror, foram praticados por aquelles que, tendo conquistado a auctoridade e o poderio, ou tendo-os recebido por herança, se emanciparam tão completamente dos laços sociaes do sentimento humano, que elles eram, por vezes, verdadeiramente loucos». (Cap. III). «Um bom sentimento moral deve ser considerado como um elemento essencial de um character são e bem desenvolvido no estado actual da evolução humana, nos nossos paizes civilisados; a sua aquisição é a condição do desenvolvimento no progresso da *humanisação*». A ausencia d'este character accusa uma degenerescencia na raça. A ideia de Maudsley, comprovada pelas observações scientificas, vem revelar-nos as consequencias praticas do novo ideal da Humanidade; a Epopêa humana não tem por fim uma glorificação vaidosa da especie, mas sim universalisar um sentimento que é a base imprescindivel da existencia normal. Tudo quanto fôr desvirtuar este sentimento com ficções que afastem o homem da subordinação á Humanidade, desviando a *sympathia* e a sanc-

ção moral para Deus ou para um idealismo anarchico, é propagar germens de loucura, ou *deshumanisação*, e perturbar o advento a essa harmonia entre a natureza e o homem que a aperfeiçoa pelas proprias forças que se acham na natureza. É este o destino da Epopêa humana, que não poderá ser realisada segundo o fim e o espirito que a suggere, se transparecer na idealisação do poeta um finalismo deista. Lamartine abandonou o seu plano desvairado no cahos da propria phantasia. Victor Hugo, ao fim de dezoito annos continuou a accumular episodios dramaticos da historia, dando-lhes o nexo chronologico, sem ter achado a trama psychologica ou subjectiva que só se descobre por uma observação philosophica da marcha da Humanidade. Ainda assim, a *Lenda dos Seculos* será sempre a parte fundamental da sua obra poetica.

Apontaremos outras tentativas; na Austria, o poeta Nicoláo Lenau procura exprimir a idealisação das grandes épocas da Humanidade nos seus poemas com intuito philosophico, *Fausto* (1836), *Savonarola* (1837), *Os Albigenses* (1841) e *Dom João* (1851). A sua educação scientifica presta-lhe novos elementos de concepção poetica; porém os poemas ficaram meros episodios.

Na Italia, o poeta Giovanni Prati apprehendeu tambem a epopêa cyclica, que intitula *Deus e a Humanidade*, da qual compoz mais de quarenta episodios, segundo o processo empregado por Victor Hugo, postoque as suas tentativas antecederam seis annos a *Lenda dos Seculos*. Era ao genio italiano que Augusto Comte attribuia a missão, no concurso das nações do Occidente, de

elaborar a Epopêa da Humanidade, pela ausencia da actividade guerreira d'aquelle povo, pela harmonia da linguagem tão adaptada á poesia e ao canto, e pela relação em que se achava a *Divina Comedia* para com o fim da Edade-média, como a Epopêa humana para a aproximação do estado normal ou da sociocracia. Transcreveremos as palavras de Comte, mostrando como as diferenças nacionaes devem secundar o destino universal da transformação do Occidente conforme as necessidades da regeneração: «Esta lei representa o elemento italiano como devendo associar-se antes de todos ao movimento organico, cujo desenvolvimento esthetico lhe convém especiálmente. A sua lingua tornar-se-ha commum a quaesquer nações, em virtude da sua preeminencia poetica e musical, socialmente pura de toda a propaganda oppressiva. — Além d'este commum concurso, a Italia deve especialmente aperfeiçoar a transição organica produzindo um complemento esthetico ao culto concreto da Humanidade. Esta participação resultará sobretudo de uma Epopêa sem exemplo, que caracterizará o desfecho da revolução occidental, como a incomparavel composição de Dante instituiu o começo. A lingua destinada á universalidade completará assim os seus titulos acabando de representar o movimento moderno, ultima phase da immensa preparação que devia gradualmente substituir a theocracia pela sociocracia»¹. Infelizmente o genio italiano tem-se afastado para bem lon-

¹ *Système de Politique positive*, tom. iv, pag. 481 e 482.

ge das condições previstas por Comte para a elaboração de uma Epopêa, que fosse para a idade moderna, o que a Epopêa do Dante foi para o fim da Edade-média. Comte indicou os perigos, apontando-lhe as falsas preoccupações de uma unidade territorial, que serviu apenas para engrandecer a vaidade e as ambições da familia dos Duques de Saboya, sob a illusão da unificação da Italia, com que se mascarou a pedantocracia monarchico-representativa, o centralismo administrativo, o exercito permanente, as conquistas militares a pretexto de colonias na Africa, e por ultimo a insensata politica de Crispi pondo-se do lado do inimigo da França e falseando a clara missão politica da occidentalidade. Em uma tal corrente de absurdos, a Italia perdeu o seu alto ideal, e o genio italiano imitando as especialidades scientificas da paciencia allemã, acha-se sem representação na grande synthese esthetica. São eminentemente significativas as palavras de Comte sobre a situação da Italia: «Postoque a população italiana esteja mais emancipada do que nenhuma outra dos costumes militares, os seus guias espirituaes nunca cessaram de carpir a sua antiga dominação, e mesmo de aspirar ao restabelecimento universal. Em lugar de apreciar a sua decomposição politica como aproximando-a mais do estado normal, elles tendem para uma unidade não menos retrograda do que anarchica, incompativel com a independencia necessaria». O que o philosopho previra em 1854 actúa fatalmente sobre a Italia, em que o seu genio creador está sacrificado em nome da unidade politica á anarchia e retrogradação dos Saboyas. Para fazer bem comprehendida a

oportunidade da Epopêa moderna como a idealização correspondente ao fim da grande crise occidental, Comte, que tão luminosamente comprehendera a Edade-média que era descripta como um retrocesso, aponta a *Divina Comedia* como a idealização de uma arte nova correspondente ao inicio da grande transição revolucionaria.

Esta relação adquire um alto valor esthetico quando vemos Lamartine tomar o poema de Dante por modelo da Epopêa do homem, em que trabalhára na mocidade : «Eu comprehendo tanto melhor o plano da *Divina Comedia*, que eu mesmo, ah ! mil vezes inferior em concepção, em eloquencia e em poesia, ao grande exilado de Florença, eu tinha concebido, desde a mocidade, uma epopêa, o grande sonho da minha vida, a unica epopêa que me parece hoje realisavel, sobre um plano pouco mais ou menos analogo ao plano da *Divina Comedia*». E alludindo á acção representada nas duas almas, seguia-as «na sua *Divina Comedia*, através da vida, da morte, até á eterna vida». Tambem J. J. Ampère, que comprehendeu tão superiormente a poesia da historia, projectára um poema em 1836, *Dante no seculo XIX* : «Uma palavra dará ideia da obra e do sentimento com que era composta: Esta nova viagem que Dante, na minha ficção, emprehendia no nosso tempo, devia como a outra abranger o inferno, o purgatorio e o paraíso: no inferno eu collocára os *reis*; no purgatorio, os *poros*; o paraíso era o futuro». Vê-se que era um quadro a que se ligavam as orgias militares do imperio napoleonico e da Santa Alliança, e porventura o vate de Florença an-

nunciaria no futuro o regimen de liberdade consciente. Pelo seu lado, Victor Hugo termina a explicação preliminar da *Lenda dos Seculos*, mostrando como o inferno terrestre se transforma em uma floração paradisiaca segundo a impressão recebida da trilogia dantesca. O philosopho teve a comprehensão da relação intima que existia entre o fim da idade theocratica e a nova manifestação esthetica; os poetas não viram no poema de Dante senão o quadro pittoresco que lhes podia servir ainda para representar a entidade moral que pretendiam idealisar, a Humanidade no seu percurso historico. Edgar Quinet, deduzindo o ideal universalista implicito em todas as epopêas antigas, considera o poema de Dante a imagem da Humanidade destacando-se dos seus véos mysticos: «A Comedia divina do Dante será o primeiro acto de uma especie de julgamento final, onde se explicarão e reconhecerão ao fulgor do espirito universal os enganos, as falsas allianças, os grupos esparsos de uma acção que os seculos por si mesmos complicaram. No seu genio abstracto, a Comedia divina não terá por desfecho nem a tomada de uma cidade, nem a vingança de uma tribu, nem a migração de um povo, mas a lei progressiva do mundo civil... As epopêas precedentes eram a obra e o quadro de uma raça ou de uma nação; a epopêa de Dante, que abre um novo cyelo, apparecer-nos-ha como a obra e a imagem do genero humano». Esse novo cyelo é representado pela acção dos portuguezes; Quinet o reconhece: «a Edade-média finda no dia em que o Oriente, com todas as pompas da vida exterior, é restituído ao Occidente pela descoberta do Cabo

da Boa Esperança. — Ao culto da dôr, succede o espirito da industria ».

Ao fallar do pensamento de uma Epopêa moderna, depois dos poetas compete o logar de honra aos historiadores philosophos Edgar Quinet e Michelet, irmãos em espirito, e que pelo estudo de Vico e de Herder, unificando o genio italiano, allemão e francez, se elevaram ás concepções universaes e espalharam em volta de si as mais profundas suggestões. Para os dois grandes escriptores a Revolução do fim do seculo XVIII era uma rejuvenescencia do mundo, e para comprehendel-a seguiam-na remontando o curso do passado humano, e viam na acção da França a missão hegemonica da Occidentalidade. Espontaneamente esses dois espiritos, um seguindo os cursos de Creuzer, e outro as investigações de Jacob Grimm, um traduzindo a *Philosophia da Historia da Humanidade* de Herder, e o outro nas *Origens do Direito francez* penetrando a poesia dos costumes das raças, sentiram ambos a necessidade de uma nova epopêa e lhe esboçaram os contornos. Antes de Quinet escrever o esplendido livro que se intitula *Genio das Religiões*, já desde 1828 começava a organizar uma epopêa em prosa intitulada *Ashaverus*, que com os poemas de *Prometheu* e *Napoleão* formavam uma especie de trilogia, de que o drama *Os Eseravos* era como que um epilogo. O seu genio, suggerido pela idealisação poetica veiu caminhando para as investigações da historia na sua mais complexa e profunda comprehensão. Michelet, tendo dispendido a mocidade nos poderosos estudos criticos com que construiu a *Historia de França*, veiu

em plena maturidade traçar o quadro épico da Historia, na sua expressão ideal como a concebia Aristoteles, no deslumbrante livro, sempre mal comprehendido, a *Biblia da Humanidade*. O poder de expressão pittoresca d'estes dois escriptores, torna-os reveladores commoventes de épocas historicas, de ideias e noções moraes pelo seu aspecto emocional; é justamente o lado sentimental que torna possivel a idealisação da Humanidade, e o *Genio das Religiões* e a *Biblia da Humanidade* são livros suggestivos e necessarios para a educação de um artista moderno. O profundo sentimento de humanidade, que inspira Quinet e Michelet, suppre n'elles a falta de uma philosophia completa ou systematica, e o seu negativismo revolucionario é resgatado por intuições assombrosamente geniaes.

No Quadro synthetico do futuro humano, com que termina o *Systema de Politica positiva*, Augusto Comte traça os contornos para a elaboração esthetica da grande Epopêa humana: «Idealisando a philosophia da historia, o poema *A Humanidade* caracterizará successivamente todas as phases da vida preparatoria prolongada até ao advento do estado final». Fixando em treze o numero dos cantos da Epopêa systematica, em harmonia com a apreciação social, especialisa as divisões: «O canto preliminar apresenta um character statico, para idealisar a unidade cerebral, em que a desordem se manifesta pela retrogradação, quando a perturbação sympathica altera o estado synthetico conduzindo da lei para a causa. Então se realisa em tres cantos, a descensão mental e moral, do relativo para o absoluto, primeiramente mon-

theico, depois polytheico e por fim fetichico, aspirando sempre á harmonia completa, sem poder nunca attingil-a. Nos oito cantos seguintes, o coração e o espirito elevam-se gradualmente para a unidade positiva, successivamente elaborada pelo fetichismo, pela astrolatria, pela theocracia, expansão especulativa, polytheismo social, monotheismo defensivo, civilisação feudal, e movimento moderno. Finalmente, o decimo terceiro canto, idealisa a existencia normal, simultaneamente affectiva, contemplativa e pratica, tanto collectiva como individual. Mas esta conclusão não deve desenvolver-se mais, para não alterar a epopêa, essencialmente dynamica, propria para a transição, reservando para o futuro o poema statico que só elle poderá suscitar » ¹. Estas poucas palavras encerram todos os grandes periodos da historia subordinados aos impulsos subjectivos ou psychologicos; bem comprehendidas darão ao poeta o meio de evitar a fragmentação e incoherencia que apparecem nos poemas, sempre episodicos, que procuram realisar o ideal humano ².

Litré, na *Applicação da Philosophia positiva ao governo das Sociedades*, accentuando a crise em que a

¹ *Politica positiva*, tom. iv, pag. 482.

² Na tentativa de Epopêa humana, de que fazem parte os poemas que reunimos na *Visão dos Tempos*, *Tempestades sonoras*, *Ondina do lago*, *Torrentes* e *Miragens seculares*, dirigidos pelas doutrinas de Vico e Herder, Hegel e Comte, este nexu psychologico, determinado na *Philosophia positiva*, é que nos deu a coordenação final.

Arte pagã pereceu, quando o Christianismo lhe arrebatou o seu destino e o seu publico, e em que por seu turno a Arte christã succumbiu quando a Revolução lhe fez experimentar a mesma sorte, mostra como sob o regimen positivo: «Da nova situação dos corações e dos espiritos nasce um ideal esplendido, a Humanidade, cuja concepção é devida á sciencia, mas cuja creação esthetica está reservada para a imaginação. Poesia, musica, pintura, esculptura, architectura fecundar-se-hão n'esta fonte commum»¹. O eminente vulgarizador da Philosphia positiva relaciona com uma extraordinaria clareza as duas grandes épocas em que se está operando a transição da sociedade: «Outr'ora, era a crença no monothetismo que, no meio do mundo pagão, estabelecia o seu ideal sobre a base estreita do supernaturalismo, tendo por historia a lenda; hoje, é a crença na Humanidade, que, no meio do mundo christão, estabelece o seu ideal sobre a base solida da realidade, tendo por lenda a historia.

«É verdadeiramente uma cousa maravilhosa considerar, como n'este espaço longinquo dos seculos percorridos, como a lenda, na apparencia tão caprichosa e tão ficticia, pôde, na ausencia de verdades ainda desconhecidas, prestar aos homens as condições de uma sociabilidade complexa, sabia, moral e perfectivel! Que espontaneidade feliz n'este instinto que personifica todos os objectos da natureza, tornando-os mysteriosos e veneraveis,

¹ *Conservation, Revolution et Positivisme*, pag. 138. Ed. 1852.

e cria, fundando o fetichismo, a trama primitiva da existencia social! Que esplendor de imaginação e que inspiração de belleza, quando todo este fetichismo, deixado como grosseiro e inculto, vem expandir-se n'estas creações, tão racionaes como engenhosas, que se chamam o polytheismo! Por fim, que austeridade moral, que intelligente redução dos sêres theologicos, que vigoroso esboço do poder espiritual, quando foi dado á rasão mais amadurecida, elaborar o catholicismo! Admiravel efficacia da lenda primitiva, incessantemente apurada: da lenda, que, como um roble venerando, cujas raizes se seccam, perde as folhas e deixa d'ahi em diante sem sombra todo o sólo em redor.

«Mas, é uma cousa ainda mais maravilhosa e mais attrahente, contemplar como a historia na apparencia, tão limitada e incoherente, a pouco e pouco contornou a grande e soberana figura da Humanidade! — Enquanto a lenda imagina e preenche gloriosamente um officio indispensavel, a realidade, humilde e pequena, ajunta pacientemente os seus thesouros. A Humanidade só será conhecida quando os homens conhecerem a paragem que habitam; quando os astrônomos medirem o mundo, e os viajantes explorarem a terra. Ella não será conhecida senão quando os phenomenos que nos cercam deixarem de ser maravilhas inexplicaveis; quando espiritos engenhosos captivarem o raio, decompuzerem a luz, subjugarem o calor e surprehenderem o segredo das combinações moleculares. Ella não será conhecida senão quando se adquirirem noções positivas sobre as condições da vida, e mãos activas sondarem os órgãos delicados dos vegetaes

e dos animaes, colhendo uma ampla mésse de imprevistas verdades. Ella será, finalmente, conhecida, quando a Historia, até agora dispersiva, se tornar realmente a sua Historia; e, ao tempo necessario para a evolução commum, a historia deixa adivinhar a sua unidade fundamental, completando, por um ultimo trabalho, o immenso trabalho d'esta nova revelação. — Outr'ora, segundo o meio em que actuavam, a theologia e a metaphysica sua serva, deram a sua demonstração da existencia divina. Semelhantemente, a sciencia positiva dá hoje a demonstração da existencia da Humanidade. Já se não pôde desconhecer o crescimento d'este ideal, a solidariedade que une o seu passado mais remoto ao seu mais longiquo futuro, e esta vida poderosa, da qual cada homem foi, é e será um órgão. Vida tanto mais potente, quanto os órgãos individuaes forem melhores! Órgãos tanto melhores, quanto a vida da Humanidade se desenvolver mais!...

«Tal é a corôa de toda a nossa poesia e de todas as nossas bellas-Artes. Van teria sido a empreza, quando o paganismo expirou, de revivificar a esthetica que lhe estava ligada, e era de força que tudo acompanhasse a inevitavel decadencia da ideia religiosa. Não menos van teria sido a tentativa, quando pela primeira vez o catholicismo foi abalado, de querer conservar esta poesia, esta architectura e pintura, por elle inspirada. — Por toda a parte sente-se e deplora-se uma incerteza, uma decadencia, uma incoherencia, attestando, não com certeza o enfraquecimento das faculdades estheticas, mas a influencia de um meio que já não sabe communicar nem rece-

ber uma impressão. A divergencia illimitada das intelligencias tira todo o poder e toda a serenidade á poesia e suas irmãs. — A Humanidade traz um novo typo de belleza. Poetas, ella vos pedirá cantos ; pintores e esculptores, ella vos pedirá telas e marmores ; architectos, ella vos pedirá templos ; musicos, ella vos pedirá harmonias. E d'esta inspiração commum dada a todos os genios creadores nascerá para os seculos vindouros o que a nós nos falta, gerações revolucionarias, isso que foi concedido em certa medida á idade polytheica e á idade catholica, a contemplação do bom e do verdadeiro na sua belleza ideal » ¹.

São de uma alta eloquencia as palavras do grande discipulo de Comte ; revelam-nos que elle acompanhára o philosopho tambem na parte constructiva da synthese affectiva, tão desconhecida pelos que fallam do Positivismo. Comte, ao terminar a Synthese especulativa, no *Curso de Philosophia positiva*, apresenta as conclusões tão luminosamente comprehendidas por Littré ; eis as suas palavras : « Á medida que um futuro proximo desenvolver emfim o verdadeiro character intellectual, moral e politico, proprio da existencia moderna, póde-se assegurar, que esta vida nova encontrará immediatamente uma idealisação contínua. O duplo sentimento do *verdadeiro* e do *bom*, não seria nitidamente expresso sem que o sentimento do *bello*, que não é, em todo o genero, senão o instincto da perfeição rapidamente apreciada, haja

¹ *Des progrès du socialisme*. Conserv., pag. 281 e 284.

tambem surgido: de modo que esta ultima acção geral da Philosophia positiva é, por sua natureza, intimamente ligada a cada uma das tres que acabam de ser examinadas»¹. Para se generalisar este estado novo da consciencia, não existe meio mais poderoso do que a emoção artistica; na sua missão social a intervenção do poeta moderno tem uma importancia egual á do philosopho. Comte reconhecia que a synthese especulativa ou mental só poderia penetrar no povo pela synthese affectiva ou emocional: «*l'ensemble du positivisme n'ayant désormais besoin que de l'essor poétique*». É assombrosa esta concordancia dos espiritos sobre a mesma concepção renovadora do coração, do espirito e do character do homem moderno. Na confusão e tropel das raças e das nações em lucta sedenta de egoismos; no furor intolerante das crenças e religiões; na avidéz dos interesses individuaes, houve espiritos que n'este estertor e ranger de dentes da gehena da Historia, sentiram a harmonia indefinida annunciando a Humanidade. *Extinctis Diis, successit Humanitas!* Os Philosophos, como Pascal e Leibnitz, Condorcet, Hegel e Comte; os Sabios, como Turgot, Price, Priestley, Quinet e Michelet; e os Poetas, como Chénier, Lamartine, Prati e Victor Hugo, comprehendendo a continuidade e solidariedade humanas, tiveram a visão do *Grande-Sêr*, d'esse conjuncto ideal dos sêres passados, futuros e presentes, que concorrem livremente pela fórma affectiva, especulativa e

¹ *Cours de Philosophie positive*, tom. vi, pag. 759.

pratica para aperfeiçoar a ordem universal. E como na idealisação dos Hymnos primitivos, *Summa* era a boa palavra que ligava em concordia as familias patriarchaes, compete á Epopêa nova dar harmonia á acção dos povos como órgãos dependentes da Humanidade. Por esta via a Arte achará mais uma vez o seu publico e o seu destino.

2. Eça de Queiroz e o Romance realista

Quando uma litteratura se fórma, acompanhando organicamente a marcha da Civilisação de que ella é a resultante e a expressão ideal, ha sempre um esboço poetico d'onde se vão destacando e individualisando todos os generos da morphologia artistica. Vê-se isto claramente na Grecia com as Epopêas homericas, em cujas tradições estava implicito o genio hellenico; desde que começa a definir-se a Civilisação grega, sae dos poemas homericos um novo lyrismo pelos Pean ou invocações convertidas em Hymnos, pelo hexametro ligado ao pentametro dando logar á Elegia; saem as tragedias surprehendentes, em que os deuses e heroes tomam realidade aos olhos da multidão, e em que os velhos mythos são desligados do mysterio cultual pela interpretação allegorica e philosophica; sae finalmente a Eloquencia e a Historia, como a mais alta floração intellectual na época de Pericles. Na Civilisação actual da humanidade, ou especialmente na Europa, a Litteratura tende a renovar-se pela necessidade de inspirar-se do universalismo em vez do acanhado nacionalismo; e para

que esta renovação possa effectuar-se de um modo organico, é preciso que exista uma fôrma synthetica, embryonaria, complexa, d'onde se derivem os novos typos da morphologia artistica. Tal é a função do Romance, que pelas suas origens, se filia nas epopêas e novellas medievaes, acompanhando com os novellistas italianos o apparecimento da democracia, e com os inglezes o triumpho social da burguezia; pelo seu desenvolvimento o Romance encerra todos os recursos do genero descriptivo, todo o movimento dramatico do genero narrativo, todos os meios para dar expressão ás paixões de um lyrisimo natural, e de um theatro, onde os typos sympathicos já conhecidos sirvam para fazer acceitar pelo publico situações que vão adiante dos costumes. O Romance é este terreno fecundo d'onde têm de surgir vicejantes os novos generos litterarios; é por isso que exige no escriptor uma alta consciencia philosophica, com uma indispensavel preparação scientifica.

Para um espirito dirigido pela Philosophia positiva, isto é, pela doutrina que primeiro coordenou em um todo systematico os phenomenos sociaes, submettendo-os á observação e previsão scientificas, como qualquer outra ordem de phenomenos da natureza, o Romance é uma fôrma da arte em que se estuda, como em um laboratorio de experimentação sociologica, os diversos conflictos do homem com o seu meio, na lucta das noções moraes, dos interesses, das paixões e das perversões; para conseguir este fim é tão necessario o saber adquirido, como o ter talento. Os grandes romancistas contemporaneos, como Flaubert, Zola, Daudet e Eça de

Queiroz, possuem o talento que adivinha, mas nenhum tem uma philosophia que os dirija na comprehensão synthetica dos phenomenos sociaes; nenhum tem o conhecimento das sciencias anteriores, que são a base indispensavel para a interpretação de todas as manifestações do facto social. Como em todas as sciencias atrazadas, em que predomina o processo *descriptivo*, a moderna concepção do Romance realista esgota-se quasi que exclusivamente no esforço da descripção á custa de contornações de estylo e minucias da realidade. Mas sem este primeiro esforço não se póde ir mais longe; a sciencia só entrará na phase *deductiva* depois de se achar perfeitamente descriptiva, e na sciencia do homem social o seu *determinismo* só será bem comprehendido depois de uma longa experiencia conseguida pela arte. Os phenomenos tão importantes de hereditariedade e de heterogenia, o condicionalismo do meio, as lesões organicas, as vesanias e allucinações, a explicação physiologica dos actos da vontade como reacção sobre o maior motivo, encerram a luz das *determinações* humanas, mais ou menos inconscientes, confundidas ainda sob uma falsa noção de responsabilidade moral. Quando as sciencias biologicas levantam o véo d'estes problemas anthropologicos, a moral religiosa e a sanção politica ou juridica trepidam, mas continuam a ser profundamente injustas sobre os phenomenos do suicidio, da criminalidade, e outros tantos bem conhecidos, cuja explicação ainda não está vulgarisada. O romance moderno, como meio de experimentação sociologica, está collocado n'esta situação, vulgarisar pelo conflicto de todo o condicionalismo em

que o homem se *determina*, o que ha de voluntario ou de automatico nos seus actos; para isto tem, na parte descriptiva o quadro pittoresco do ambiente social, para a parte deductiva a synthese psychologica do character, completo como uma biographia, ou simplesmente contornado como um typo. Teixeira de Queiroz, auctor do bello romance *Os Noivos*, explica assim esta phase nova do romance: «O espirito positivista, que predomina actualmente em sciencia e em philosophia, tem como uma das suas manifestações na arte o *Romance critico*. Esta fórma litteraria sendo a ultima, deve ser a melhor para explicar a vida complicada moderna». A fórma litteraria é antiga, e póde-se dizer, que o genio pratico do povo inglez a comprehendeu muito cedo; os romances de Fielding, *Tom Jones*, de Richardson, *Clarisse Harlow* e *Pamela*, de Goldsmith, *O Vigario de Wakefield*, de Daniel de Foe, *Robinson Crusoe*, hombraiam com a eschola realista nos processos analyticos e descriptivos; o que esses genios não tinham, era uma independente e clara comprehensão dos phenomenos sociaes como a continuação dos phenomenos cosmicos e biologicos, e um fim scientifico na sua elaboração artistica.

Em um seculo em que o homem tem uma concepção positiva do universo, deve existir uma nova consciencia das suas relações com o seu *meio*, consciencia que modifica profundamente toda a affirmação da nossa individualidade; e, em um seculo em que a religião, a linguagem, os costumes, a historia, a politica são convertidas em outras tantas sciencias comparativas com rigorosos processos analyticos, é certo que o homem tende

a reconhecer os impulsos atávicos a que obedece no seu determinismo psychologico. Tal é a differença da situação dos romancistas modernos com relação aos antigos, e a via nova em que têm de entrar deliberadamente para fundarem a Arte consciente ou como quizerem, positiva. Eis o continente novo para onde se navega, dirigidos apenas pelos presentimentos suggeridos pela quasi repentina emancipação da consciencia de hoje. Quando Balzac comprehendeu o romance como a *historia natural do homem social*, e Zola como o *documento humano*, estavam ainda no ponto de vista descriptivo; convém avançar, partir do órgão, aggregado social, classe, nação, para o exercicio funcional, que é onde se póde estabelecer e vulgarisar as fórmas do *determinismo psychologico*. É para onde deve ser dirigida a eschola realista, sob pena de se esgotar e reproduzir indefinidamente a modelação do character com o simples intuito de explorar a sensação. Teixeira de Queiroz, no prologo dos *Noivos* esboçou em parte esta noção realista e positiva do romance moderno: «O *homem* tem sempre um motivo para obrar. Ou esse motivo esteja nas condições excepcionaes da sua organização, na sua idiosyncrasia; ou na tyrannia do meio que o comprime (e é onde se encontra mais geralmente) o analysta deve-o conhecer. D'aqui resulta o grande conflicto da vida: — o *meio* domina o individuo; o *individuo*, em certos momentos, reage contra o meio, porém como mais fraco é sempre vencido. É o que deve ser interpretado com toda a exactidão, que nos facilita o saber modernamente compilado. N'este ponto culminante assenta toda a Sciencia,

toda a Philosophia, toda a Arte contemporanea». A concepção é clara, e bem estabelecida a relação entre a Sciencia, a Philosophia e a Arte, que se fecunda com esses poderosos elementos de observação e coordenação.

O *realismo* na Arte é o esforço justo e intelligente para communicar directamente com a natureza, tomando a verdade do concreto como a expressão ideal que se procura. Esta concepção nasceu de uma reacção contra os typos academicos impostos como modelos ou canones de todas as manifestações artisticas; em vez de macaquear a estatua grega observe-se de novo o corpo humano; em vez do typo raphaélico ou rambrandtesco, busque-se na multidão a physionomia que ha de exprimir a emoção que se quer communicar; em vez da phrase convencional abonada pelos escriptores de uma época morta, collijam-se as locuções vivas dos que bracejam e se increpam; em vez de procurar o drama da vida no salão banal, entre-se na alcova, e mais logicamente nos sitios onde a natureza á custa de uma certa degradação deve estar em uma espontaneidade primitiva. Ha mil caminhos para este processo, mas uma só comprehensão philosophica; um escriptor rehabilita o grotesco e divinisa o feio systematicamente; outro separa a obra de arte de todo o intuito social e esgota-se no vago destino *a arte pela arte*, quando nenhuma actividade póde exercer-se sem um estimulo, que determina o seu motivo; outros cultivam as sensações excepcionaes, escandalosas, e procuram a emoção no imprevisto e quasi na obscenidade. E comtudo o *realismo* é uma verdade; si-

gnifica uma necessidade do espirito moderno, que ha de ser satisfeita, embora os ensaios indisciplinados desbaratem forças e pervertam o criterio. O *realismo* é uma tendencia philosophica na Litteratura e na Arte: quando as noções philosophicas eram *theologicas*, a Arte era hieratica, e a Litteratura inconscientemente tradicional, como um documento ethnologico; via-se a natureza através da penumbra divina, e a obra humana era a reproducção de miragens subjectivas que o espirito critico ia dissipando. Quando a intelligencia chegou ás noções *metaphysicas*, a poesia interpretou os *mythos*, a arte personificou emblematicamente os sentimentos e paixões humanas, em fórmulas canonicas, e a litteratura deduzindo d'ellas um certo numero de regras academicas, como vemos na *Poetica* de Aristoteles e nas *Instituições rhetoricas* de Quintiliano, acabou por esterilizar-se submettendo-se á imitação servil de determinadas fórmulas transitórias.

A intelligencia humana entrou em uma phase nova de especulação; pelo desenvolvimento integral das sciencias experimentaes e de observação chegou-se á concepção *positiva* do universo; essa concepção positiva derrama uma nova luz sobre todas as fórmulas do sentimento e da actividade do homem. Assim como os trabalhos da geologia nos remontam até ás fórmulas primitivas da nossa nebulose sideral, e os trabalhos biologicos nos remontam pelo encadeamento das especies até á cellula organica, assim tambem a erudição historica nos desvenda as concepções primitivas da linguagem, dos *mythos*, dos *symbols* que nós hoje gozamos nas fórmulas concretas da

Arte e nas fórmãs abstractas das leis scientificas e da philosophia.

Entrou-se em um estado de *positividade*, porque estão achadas as *relações* de um grande numero de phenomenos: comprehende-se a arte grega pelas suas relações com os symbolos assyricos e egypcios, e a morphologia litteraria tem relações entre todos os povos da terra, que determinarão um dia a nova phase universalista (transformação analogã á que soffreram as religiões nacionaes). Os dramas são as transformações dos actos liturgicos primitivos; os romances são a degeneração das antigas epopêas que provieram já da decadencia de mythos religiosos. Diante d'esta nova concepção positiva a Litteratura já não pôde reduzir-se a uma *imitação* como nas épocas academicas, nem é uma *espontaneidade especifica* como nas edades tradicionaes; tem de ser um producto consciante em que a *expressão* se cultiva para universalisar uma *concepção*. É esta a phase moderna, em que pela concepção positiva do universo, a Litteratura tem de dar expressão á realidade tal como ella se manifesta á consciencia. É necessario crear uma *Litteratura positiva*, em que, além da renovação dos meios de expressão, tudo sirva para coadjuvar a aproximação do futuro humano ou do seu estado normal. É verdadeiramente o ideal da Arte, como a figura geometrica é para a construeção architectonica que se aproxima d'ella. Os escriptores que adoptam os processos realistas presentem esta necessidade, e d'aqui provém o seu poder superior; mas a Litteratura não é sómente creada pelos individuos, o meio social collabora com elles. Uma

sociedade em que o homem conhece a sua independência perante o estado, e a liberdade da sua consciencia perante os dogmas, e o seu destino perante a solidariedade e a perpetuidade da especie, essa sociedade tem outras necessidades a que já não correspondem as obras academicas. Para que o *realismo* seja a fórmula definitiva da Litteratura positiva, é necessario que além da verdade da fórmula ou expressão, sirva com essa verdade uma concepção, emfim o intuito de uma sociedade que procura as vias do seu aperfeiçoamento. Sem este intuito a obra de arte ou de litteratura, por mais que copie a realidade, ha de ser sempre transitoria e caduca.

Se abstrahirmos de intuito na arte ou na litteratura, com a exclusiva preocupação do *realismo*, a obra individual ficará sempre inferior a qualquer manifestação casual, que toma o seu valor da ingenuidade da sua inconsciencia; assim, um molde do corpo humano tirado das lavas de Herculanium será superior á estatua mais realista; nenhum romance de Flaubert, ou ainda do mais extraordinario artista, poderá competir com as *Memorias de Benvenuto Cellini*, ou as de *Casa Nova*, com as *Cartas de Colombo*, com as da *Religiosa portugueza*, ou com as Causas criminaes de qualquer tribunal, com as Relações de viagem e de naufragio de qualquer aventureiro ou desgraçado. Estas obras extraordinarias de um interesse absorvente, impressionam-nos vivamente, e pela emoção humana que despertam serão os modelos provisorios da Litteratura positiva; falta-lhes o intuito para actuar e dirigir as energias sociaes. As obras definitivas hão de crear-se quando o *realismo* fôr o processo

para o estímulo natural da imagem subjectiva, como a observação e experimentalismo são o processo da dedução scientifica. A arte e a litteratura terão a sua parte negativa, atacando as instituições anachronicas, e na sua missão positiva definindo o estado normal para que avançamos ; em vez de atacar a familia, ou o casamento, ou o pudor ou o dever, ou qualquer fatalidade organica, como se vê no *realismo*, ha a demolir o clericalismo, o monarchismo, o militarismo, o argentarismo, e outras muitas tradições e desigualdades que embaraçam a legitima actividade humana.

Foi n'esta corrente de ideias, embora mais presentidas do que comprehendidas, que se manifestou o talento de Eça de Queiroz com os seus dois primeiros romances *O crime do Padre Amaro* e *O primo Baxilio*. Se o escriptor tivesse sómente em vista produzir uma sensação violenta, absorvente e embriagar os seus leitores, tinha-o conseguido completamente, porque poucos romances haverá mais poderosos que estes seus. E comtudo as peripécias são de uma vulgaridade burgueza, e previstas desde as primeiras paginas. O seu poder está no movimento interno e subjectivo dos personagens, na realidade immediata, na logica dos pequenos accidentes que nos escapam a cada hora, no colorido vivo das descrições, nas phrases surprehendidas á natureza, na audacia com que aborda os grandes lances com uma verdade shakespeariana. Emfim, nas minucias e no conjuncto da acção não se acha uma malha por onde o seu tecido se possa desfazer por inverosimil. Quem pôde isto, é um mestre, é um laboratorio vivo de experimentação social:

o modo como nos impõe as tremendas collisões da realidade, como os seus personagens ás vezes desprezíveis ou nullos se levantam e nos forçam a discutil-os como productos fataes de uma sociedade ou de uma classe, mais o obrigam a dar a este poder uma disciplina, a pôl-o ao serviço da evolução humana, atacando com elle o que é perecível e fortificando o que nunca será eliminado. N'este ponto a these do *Crime do Padre Amaro* é superior á do *Primo Bazilio*. O padre é um producto transitorio que ainda resta de uma época morta, e que pela sua sobrevivencia é uma forte causa da anarchia nas transformações modernas; metter o machado ao tronco bichento, pôr a dynamite no bloco que nos peja a estrada, é um bom serviço, mesmo um dever. N'esse primeiro romance Eça de Queiroz cumpre a missão do talento, como que obedece a um destino. O *Primo Bazilio* entra na familia, e desvenda-nos o seu fraco equilibrio. Mas a familia é uma instituição eterna; cumpre fortifica-la e não dissolvel-a. Como processo artistico, o *Primo Bazilio* é inexcédível; não haverá nas litteraturas européas romance que se lhe avante. Ha ali a construção segura de Balzac, o acabado artistico de Flaubert, a crueza real mas imponente de Zola, os quadros completos como em Daudet. Os typos e as situações rivalisam entre si. Bazilio, rico e devasso, não póde moralisar-se no trabalho, porque a sua riqueza foi arranjada por especulações de bamburrio. O typo de Juliana é um dos mais perfeitos que a arte tem realisado; e realça pelo contraste da criada intriguista, nascida na capital, e a rapariga lorpa do campo que se affeição á familia. É de

primeira ordem o typo do conselheiro Accacio, o symbolo da respeitabilidade convencional, que encobre a sua nulidade com o conceito ôco e sonoro, e sempre mantendo-se na linha de uma importancia cathedratica. Todos conheceram o original d'este typo, do nosso tempo de Coimbra, e em que o artista synthetizou um mundo.

Eça de Queiroz appareceu em publico possuindo um estylo original e uma superior idealisação; conquistou de assalto a preeminencia litteraria. Ha escriptores que fazem a sua aprendizagem diante do publico, e que dia a dia vão deixando os documentos da sua elaboração psychologica, por onde se póde acompanhar o desenvolvimento de uma intelligencia desde a prosa acanhada, desde a ideia abstracta ainda ligada á imagem concreta, desde a noção metaphysica em arrebiques de linguagem poetica até á franqueza rasgada do estylo e até á confessada reorganisação mental pela participação das ideias scientificas modernas. Estes escriptores são os mais sujeitos a serem julgados com má fé, porque ha sempre uma phrase sua com que se póde contradictar o homem de hoje; mas em compensação são elles os que mais instruem pela espontaneidade do seu processo psychologico. Nas *Obras da mocidade* de Balzac está o ponto de partida para a grandiosa creação da *Comedia humana*; as emendas typographicas de Balzac esclarecem os processos estheticos ao sociologista experimental, mais do que as formulas de uma critica theorica, ainda mesmo que sejam expostas por um Taine. Ha outra classe de escriptores que apparecem feitos diante do publico; a sua elaboração mental fez-se no silencio e no recolhi-

mento do estudo, e só depois que a sua obra attingiu a solidez de uma inabalavel construcção, a atiram á luz, dominando pelo deslumbramento. Assim procedeu Flaubert; em geral são naturezas artisticas, e o esmero do trabalho provém em parte de uma hesitação do character, de uma timidez que vae addiando a hora de comparecer diante do julgamento implacavel das emoções dos outros. Eça de Queiroz pertence a esta cathegoria de escriptores artistas; elle transforma centos de vezes o seu pensamento, procura definil-o, dar-lhe relevo pittoresco, inutilisa-o, toma-o de novo, dá-lhe maior nitidez, identifica-o com o natural, até que o deixa por então, satisfeito, não, mas certo já de que ha de conseguir a impressão do deslumbramento. Quem visse as differentes copias do *Crime do Padre Amaro*, a sua primeira redacção na *Revista occidental*, as provas typographicas illegiveis pelas transposições e intercalações que serviram para a edição definitiva de 1876, surprehenderia as mil trepidações d'aquelle espirito hesitante, que vae tateando incerto até fixar a nota ideal, que não pôde expressar de um jacto. E apesar d'isto, em uma nova edição *O Crime do Padre Amaro* foi remodelado fundamentalmente, e, o que mais assombra, com vantagem para a idealisação, como se vê no typo do medico philosopho. No *Primo Baxilio* e nos *Maias* ou na *Reliquia*, fazia-se uma primeira composição typographica destinada unicamente á revisão litteraria, tendo de compôr-se de novo sobre as provas, para se proceder á tiragem. Este labor interno, passou-se em Eça de Queiroz até apparecer feito diante do publico, com uma obra prima. O es-

criptor é a imagem do homem. Eça de Queiroz é uma natureza debil, nervosa, impressionavel, mas forte pela concentração dos desejos, dos recursos de observação tacita e dos protestos de linguagem. Parece uma alma que se achou desde criança hostilisada, e que se refugiou em si mesmo, como estas flôres que fecham o calix quando são tocadas. Foi assim que Eça de Queiroz começou a escrever, sem que ninguem suspeitasse da velleidade litteraria; da sua geração academica ninguem foi capaz de adivinhar que elle rabiscava papel, e quando appareceu na imprensa jornalistica apresentou-se com um estylo definido, como quem estava adestrado n'esse torneio de todos os dias; tinha o poder da linguagem. Eça de Queiroz pertence a esta camada de escriptores que os follicularios de 1865 chamaram *Eschola de Coimbra*, e que Ramalho Ortigão com mais propriedade denominou *Dissidentes*, porque abrange todos aquelles que, embora tivessem vindo mais tarde, ou mesmo de outros centros, como Oliveira Martins, se insurgiram contra a pedantocracia banal do *Elogio mutuo*, que chancellava reputações, que estacára extasiada diante do estylo conceituoso de Fr. Luiz de Sousa, e que contra a participação scientifica do nosso seculo oppunha uma cousa invencivel, que elevava os mediocres á apothese da academia e dos ministerios, — a admiração supersticiosa e inconsciente dos classicos. A revolução começou pelo estylo, quebrando-se esses moldes postiços tomados de Vieira e de Bernardes, e deixando o tom pedinte da linguagem de convenção rhetorica, pelas fórmulas vivas de uma arrojada indisciplina metaphysica.

Antes porém de descrever esse movimento a que o tempo vae restituindo a importancia, filiiemos Eça de Queiroz no seu meio. José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de novembro de 1843, na terrivel época de reпреzalias politicas entre Setembristas e Cartistas. Seu pae andava então refugiado por Vianna do Castello. A sua primeira educação fez-se nos collegios do Porto, onde o pae exercia a magistratura judicial, e onde firmou a reputação da mais inabalavel integridade no processo das notas falsas que intentou ao Conde do Bolhão, não obstante as pressões d'aquella sociedade mercantil e as relações do argentario com o Duque de Saldanha. A crassa atmospheria dinheirosa do Porto e a violencia pedagogica dos collegios de exploração não destruíram na alma de Eça de Queiroz a orientação contemplativa da criança nascida e creada á beira-mar, n'essa encantadora terra da Povoia de Varzim. Em outra qualquer época, Eça de Queiroz, com a sua organização ardente e passiva teria sido um mystico; e porventura os primeiros annos se passariam n'essa preocupação religiosa, como se póde suspeitar pelas situações de erotismo mystico, tão admiravelmente descriptas no *Crime do Padre Amaro*.

Filho de um magistrado, Eça de Queiroz foi educado tambem para a magistratura, indo frequentar a faculdade de direito da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1861 para 1862; pela relação dos estudantes do curso juridico, sabe-se que elle era o numero 124, o penultimo da matricula. Não é esta uma circumstancia indifferente; os estudantes das ultimas bancadas consti-

tuíam quasi sempre uma liga de *cábulas* e *trocistas*, chamada a *coelheira*. Longe da inspecção superciliosa dos lentes, os estudantes da coelheira viviam em uma certa impunidade, *jogavam de porta*, isto é, só entravam depois de chamado algum á lição, e *mergulhavam*, escondendo-se debaixo do banco enquanto o lente percorria com os olhos a pauta para fazer a chamada d'aquelle a quem competia a dura perspectiva de *romitar a cebenta*; os mais pacatos liam algum romance, enquanto o lente explicava soporiferamente os paragraphos de Waldeck, com o tom ronceiro do asno de nóra, outros jogavam as damas em um taboleiro pintado nas capas do compendio, outros estavam de vigia para acudir ao que fosse chamado de repente, fornecendo-lhe logo o paragrapho em que ia a lição, passando-lhe para a mão o compendio aberto e com a cebenta inclusa por fórma que não fosse vista. Na *coelheira* havia dedicações sublimes, como a dos que *sopravam*, isto é, serviam de ponto ao desgraçado que tinha de dar lição sem saber de que se tratava. Nas bancadas da frente estavam quasi sempre os *ursos*, aquelles que se pavoneavam para premio, e ali existiam fundas emulações, e não raro surgia um *musico*, ou estudante mediocre, discreteando ou combatendo o compendio com pretenções a *urso*. A *coelheira* estava acima d'estas cousas, e era ali que o estudante aprendia a julgar a sangue frio a imbecilidade dos lentes. A circumstancia de Eça de Queiroz ter começado a sua carreira universitaria pela *coelheira*, costumando-o a seguir os *sopradores*, fez com que entrasse para o Theatro academico, onde representou alguns annos, e onde adquiriu

esse conhecimento profundo dos effeitos do dialogo, que é o lado superior e quasi shakespeariano dos seus romances, e dos lances scenicos, que lhe ensinaram a produzir as situações e o modo de sair da collisão moral em que revela o seu grande poder de artista. Em rigor Eça de Queiroz foi um *cábula*, e a essa indisciplina escholar deveu a saude cerebral, com que se revelou mais tarde. E o que era a *cábula*? É a reacção pela força da inercia contra a violencia de velhos methodos do tempo do humanismo jesuitico, contra as doutrinas de uma sciencia atrazada, onde a superstição da letra do texto historico nunca foi vivificada por um raio de luz critica ou philosophica, em que a auctoridade do mestre se impõe pelo entono do pedantismo doutoral e pelo terror do apontamento na pauta escholar, que no fim do anno se traduz em reprovações. Tremia-se diante do Neiva, quando elle no silencio sepulchral de alguns segundos fixava o nome do infeliz que tinha de dizer-lhe letra por letra paragraphos inteiros das Ordenações do Reino; tremia-se diante do Paes Novo, que agglomerava a torto e a direito dezenas de citações de leis, decretos e alvarás sobre uma cousa, que uma simples phrase de bom senso bastava para invalidar ou authenticar. Os que se submettiam a esta disciplina ficavam idiotas, e o paiz todos os annos se povoava de bachareis formados, que durante muito tempo foram symbolos de nullidade; chegou-se mesmo a dizer de quem frequentára a Universidade: *Deixou uma argola em Coimbra*; e do que tomava o gráo de doutor: *Já pôx a albarda ás costas*. Deploraavel. Chamavam-se *cábulas* os que reagiam pela inercia

contra esta deformação cerebral; era a sua salva-guarda a *cebenta*. Na vida escolar a *cebenta* continuava o *Dormi secure* da Edade-média; era o pharol que conduzia ao porto ao fim dos cinco annos da formatura. A *cebenta* é o amalgama informe das apostillas jesuiticas com a invenção luminosa de Senefeld; a lição lithographada passa pelas seguintes phases: o lente tartamudeia uns apontamentos tradicionaes do tempo em que fôra Oppositor, tirados de livros ou praxistas latinos e sem nexo doutrinario, ladeando-os com um apparatus de erudição ôcca esses torturados paragraphos de Mello Freire ou de Coelho da Rocha; um estudante escreve a lapis em cima do joelho e em abreviaturas as palavras sacramentaes, que saem da bocca do lente, e dizemos sacramentaes, porque a intelligencia da lição depende de proferir *ipsis verbis* o que o lente disse na vespera; um copista passa immediatamente á pedra lithographica esses apontamentos assim na fórmula atrapalhada como foram colligidos, com as abreviaturas illegiveis, com as faltas de syntaxe, enfim com os mil disparates de uma má audição e com a impericia de um artifice aguardentario que não percebe o que traslada para a pedra; por fim começa a imprimir-se a lição, com linhas ora esborratadas ou em claro, o todo de um mesclado sujo, que fica mais sujo ainda ao passar entre empuxões para as mãos das *serrentas*, que se accumulam á porta da lithographia para apresentarem a *cebenta* aos patrões que se assentam á banca logo ao *toque da cabra*. N'este terrivel meio academico uns succumbem e adaptam-se a tudo, outros reagem com pujança, como aconteceu a An-

thero de Quental e a José Falcão, mas em geral adquiriu-se no meio d'esta perversão intellectual habitos profundos de ironia, e fica-se com uma tendencia para o sarcasmo, com uma hostilidade contra tudo o que é mediocre, vulgar e chato. É esse o caracter de Eça de Queiroz, e um dos seus poderes de estylo.

Eça de Queiroz viveu durante a sua época academica em casa do doutor Doria, o auctor do *Compendio de philosophia racional*, livro consagrado no ensino publico e que mais cerebros tem inutilisado n'este paiz. Apesar do contacto diario com o cathedratico, o nome de Eça de Queiroz appareceu no Protesto dos estudantes contra o reitor Bazilio Alberto, quando evacuaram a sala dos capellos em 8 de dezembro de 1862. Na sua época de Coimbra discutia-se o *realismo na arte*, e elle abraçára essa fórmula mal definida da esthetica moderna. Enquanto o romance historico, já estafado e sem ideal, ainda esgotava os esforços do estylo academico de Mendes Leal e de Arnaldo Gama, em Coimbra riam-se do anachronismo, e eram saudados como o verbo novo os romances de Flaubert, *Madame de Bovary* e *Salambó*, e Balzac recebia a devida consagração lendo-se integralmente a *Comedia humana*. N'esse meio, o talento de Eça de Queiroz dispendeu-se na polemica; embora nada produzisse durante a formatura, adquiriu a liberdade intellectual que o desprendeu de estereis admirações, e lhe deu o dom de observação para dentro das almas, e o seu poder descriptivo. Ali vive-se algum tanto com uma espontaneidade á *Neveu de Rameau*, e quem uma vez contrahiu esse habito ficou com aquella força que vem

do odio profundo á mediocridade e á banalidade. A admiravel naturalidade dos dialogos a que Eça de Queiroz chegou nos seus romances é-me explicada por um accidente da sua vida de estudante. Quando vim á falla com Eça de Queiroz andava elle no quarto anno juridico; começou por umas palavras agradaveis, dizendo-me que em Lisboa cortavam os folhetins do *Journal do Commercio* em que iam apparecendo semanalmente os meus *Contos phantasticos*. Fôra preciso um drama para o Theatro academico e escrevi-o; chamava-se *Resignação*¹; versava sobre a perseguição do Marquez de Pombal contra o infeliz arcade Garção, e rematava com o desfecho do infame mandado de soltura passado pelo ministro quando soube que o poeta expirára no Limoeiro. Eça de Queiroz fez o papel de protagonista, desempenhando com sentimento e altura o typo de Garção; foi na noite de 29 de abril de 1865. Guerra Junqueiro fez para essa estreia umas quadras que foram lançadas dos camarotes. Hoje, que me recordo do grande talento dramatico de Eça de Queiroz, é que avalio como os seus romances são tão bem tecidos, como as situações são logicamente conduzidas, como o dialogo é cheio de movimento e de vida.

Em 1865 rebentou a dissidencia dos rapazes de Coimbra contra o dogmatismo com que Castilho, depois da morte de Garrett, se apoderára da direcção da litte-

¹ Publicado nas *Torrentes*, pag. 127, com o titulo *Poeta por desgraça*.

ratura portugueza. Foi o nosso *Sturm und Drang*, que apparecia no fim do Romantismo. Eça de Queiroz não se manifestou no movimento de dissidencia de 1865; não tinha admirações pelos escriptores do romantismo, porque estava em dia com os escriptores francezes e inglezes, mas a abstenção é explicavel, porque não havia ainda determinado a sua vocação litteraria. Porém no movimento intellectual propagado a Lisboa, achamol-o inscripto nas Conferencias do Casino, o que prova que estava com os dissidentes. Na biographia de Ramalho Ortigão allude a essa «extraordinaria geração, educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado d'elles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução»¹.

Em 1866 Eça de Queiroz tirou as cartas da formatura e veiu para Lisboa, incapaz de seguir o fadario da magistratura judicial e incapaz de bestificar a intelligencia na rotina quotidiana do fóro. A litteratura foi para elle um consolo, e talvez que em si mesmo a julgasse uma reabilitação do R que um Bernardo de Albuquerque lhe deitára no acto do quinto anno. Entrou na parte litteraria da *Gazeta de Portugal*, onde publicou os seus primeiros artigos em prosa, cheios de elegancia humoristica, de vigor de bom senso, de contrastes scintilantes, um mixto de João Paulo, de Carlyle, de Michelet, em contradicção com as fórmas hirtas do estylo classico. Quando publicou o bello conto *Singularidades*

¹ *Renascença*, fasc. II, pag. 17-22.

de uma mulher loira, Herculano não viu n'aquella manifestação de um talento deslumbrante senão um erro de corographia, como no *Fiat lux* de Anthero vira só a imagem do sapo em seio de virgem. Eça de Queiroz como temperamento de artista, e como malleado pelos cinco annos da ociosidade de Coimbra caíu na vida da bohemia, n'essa inanidade de quem se dispende na especulação idealista; Anthero de Quental reunira em volta de si pela seducção do *caraco* alguns rapazes do tempo de Coimbra, grupo que veio a denominar-se o Cenáculo. Eça de Queiroz viveu d'essa vida mental ficticia, entre o illuminismo e a *blague*; ali se planearam as Conferencias democraticas do Casino inauguradas em 27 de maio de 1871; n'uma d'ellas tratou da theoria da Arte segundo Proudhon. A prohibição estulta das Conferencias democraticas deu mais energia de resistencia a Eça de Queiroz; o romance appareceu-lhe como o meio de pôr em relevo a sociedade portugueza. Uma circumstancia o coadjuvára, a sua capacidade de observação. Terminada a formatura em 1866 aceitou a direcção politica de um jornal de provincia; em Leiria viveu algum tempo n'um isolamento tedioso, de que soube tirar a concentração das suas forças. *O Crime do Padre Amaro* passa-se em Leiria, e Eça de Queiroz não poderia tocar a realidade dos pequenos interesses de um circulo provinciano, se não conhecesse os costumes e aborrecimentos do marasmo local. A sua theoria do *realismo na arte*, sustentada nas Conferencias democraticas, poderia reproduzir Proudhon, mas nos seus romances inspirados sob essa fórmula acha-se uma comprehensão original posta em obra com a valen-

tia de uma poderosa intelligencia. Antes de trabalhar no romance, ligou-se com Ramalho Ortigão para uma revista de costumes; o que Anthero não pôde fazer, fel-o Ramalho, impulsionando com a sua energia de trabalhador a Eça de Queiroz, e ambos em dissidencia com o meio apathico e miseravel do mundo official, emprehenderam essa púa terrivel *As Farpas*. Nunca dois espiritos se acharam tão bem harmonisados, e isso proveu em parte de serem ambos do Porto, ambos possuiam os mesmos chistes tradicionaes e os mesmos modismos de linguagem. A liga com Ramalho Ortigão foi o estimulo que salvou Eça de Queiroz da esterilidade especulativa; atiraram-se a escrever á ventura, ao capricho da imaginação, segundo os accidentes do estylo, e compuzeram o interessantissimo romance a duo *Mysterio da estrada de Cintra*. Eça de Queiroz ganhou dinheiro com o livro e ficou com respeito pelo trabalho. Metteram mãos ás *Farpas*; foi um successo estupendo, acharam a nota para serem ouvidos; a critica era dissolvente, aggressiva, e sem intuito acima do effeito de contraste e da felicidade da phrase. Admiravam-se os paradoxos das *Farpas*, porque eram bem escriptos. No entretanto Eça de Queiroz fez concurso para um consulado, e quando menos o esperava foi despachado para Havana; teve de abandonar as *Farpas*, e longe de todo o convivio dos amigos lançou-se na composição do romance como um recurso para supprir a sociabilidade.

No emtanto dava-se uma revolução no espirito de Ramalho Ortigão, que se empenhára em sustentar as *Farpas*; ellas deixaram de ter uma acção negativa. Ini-

ciado depois de 1872 na disciplina da philosophia positiva, comprehendeu a missão das suas faculdades satyricas: «empregará a destruir a potencia metaphysica ou theologica, servindo-se para este effeito das faculdades satyricas, que nada produziram no seculo passado, mas que podem ter uma utilidade real...»¹ Quando Eça de Queiroz regressou a Portugal desconheceu o antigo espirito ironico e foi o primeiro a affirmar que se dera em Ramalho uma profunda reorganisação mental: «Se elle ha sete annos dá ás *Farpas* tempo, cuidados, estudo, — as *Farpas* têm-lhe pago regamente; têm-no feito. Têm-lhe dado a disciplina do raciocinio, a observação, a exclusiva fé na sciencia, a critica, uma bella moral, uma fórma magistral». Esta phase esplendida do espirito de Ramalho Ortigão foi considerada como um systema errado no seu processo de ironia; o proprio Eça de Queiroz o julgára tambem: «Alguns amigos nossos achavam então (e diziam-lh'o) que as *Farpas* tinham um *excessivo apparato* scientifico, e que elle, como aos pobres que herdam grandes fortunas, não podia quasi tirar o lenço sem mostrar maços de notas de banco. Eu mesmo, creio, o censurei; parecia-me que elle estava torcendo a vocação ás *Farpas*; ellas eram uma satyra, não um curso... Mas, no fundo elle tinha rasão; não espalhava erudição por vaidade mas por philantropia. Via o paiz n'uma ignorancia crassa, fradesca...» E n'esse esboço biographico insiste: «Para ensinar ha uma

¹ Comte, *Cours de Philosophie positive*, tom. II, pag. 59.

formalidadesinha a cumprir — saber. E Ramalho, havia tempos, andava-a cumprindo com ardor; entrava na sciencia com a exaltação do convertido. Reconhecera que o moderno homem de letras deve possuir em uma generalidade sufficiente os principios do movimento scientifico contemporaneo; — e como um guerreiro que n'um arsenal se arma rapidamente para uma batalha urgente, começou a prover-se dos elementos essenciaes da *Philosophia*, da economia, da moral, da politica, da historia, das bellas-artes, da sciencia, da industria. Foi um periodo da sua vida muito grave, de grande elevação moral, quasi religioso».

Isto é rigorosamente verdadeiro; assistimos a esta transfiguração, e Ramalho Ortigão deve-o á forte disciplina mental recebida no *Curso de Philosophia positiva* de Augusto Comte; foi por essa philosophia que elle coordenou os seus conhecimentos, e reconheceu o que lhe faltava para uma educação encyclopedica tão necessaria na especialisação das sciencias modernas. As *Farpas* elevaram-se acima de um trabalho de occasião, e acharam no estrangeiro os mais extraordinarios elogios; Littré, em carta de 18 de março de 1876, escrevia ao auctor: «*Je suis heureux de voir qu'un recueil estimé et repandu comme le vôtre prend à la Philosophie positive quelques directions si utiles au milieu du conflit des doctrines diverses*». Era por este espirito philosophico que no Diccionario de Larousse se consideraram as *Farpas* analogas ás *Guêpes* de Alphonse Karr, mas com «uma critica mais larga e mais acerada, com ideias avançadissimas e tocando em todos os factos da poli-

tica, da litteratura e da sciencia ». Eça de Queiroz, que ficou n'aquelle estado mental das vagas entidades metaphysicas do tempo de Coimbra, e que ainda passados annos proclamava Anthero de Quental « *a mais poderosa organisação philosophica e critica da peninsula n'este seculo* », teria cahido na esterilidade d'essa geração falha, se não tivesse entrado na vida pratica do grande mundo, principalmente depois que foi transferido para um consulado em Inglaterra. Adquiriu uma certa positividade revelada pelos conflictos da existencia. Tudo quanto fez é a expressão genuina do talento; imprimiu a sua feição completa nos dois primeiros romances, verdadeiramente extraordinarios, os que se lhe seguiram, *Mandarim*, *Reliquia*, *Maias*, não têm profundidade.

Quando vemos o vulto de Balzac, grande apesar dos seus preconceitos aristocraticos, do illuminismo metaphysico, do deísmo, admiramos a fecundidade das suas theses, e presentimos quanto reduplicaria a sua força se o dirigisse uma philosophia. Elle suppre esta falta com a saude moral, com o bom senso, e os seus heroes são fortes, emprehendedores, e como elle visionarios. Esta salvaguarda não se dá com Eça de Queiroz; conhecendo a sensação pelo proprio nervosismo, tendo a femilidade do detalhe exterior, os seus personagens são admiraveis pela fraqueza. Os typos nacionaes, fortes pelo bom senso, como o medico no *Padre Amaro*, ou o Julião no *Primo Basilio*, são raros e escassamente contornados. Os typos hystericos de Amelia e de Luiza, as organisações don-juanescas ou pela sensualidade mystica ou pelo *crévetismo*, como o reverendo Amaro, ou o Ba-

zilio de Brito, os aleijões moraes como a Dionisia e a Juliana, os grutescos como o Libanninho, o Arthur Couceiro e o conselheiro Accacio, são creações de primeira ordem, completas, logicas, proverbias, mas resentem-se do estado de espirito que se não equilibra em noções positivas. Se Eça de Queiroz recommençasse a educação mental, pondo-se em dia com as descobertas inauditas da sciencia, com os novos documentos do passado humano, com a sociologia, com o phisicismo, com o positivismo de Comte, ou mesmo com o monismo de Haeckel e Spencer, a sua individualidade moral seria mais forte, o movimento ou drama das sensações mais saudavel, e nunca faltariam theses, orientando-lhe a imaginação, que lhe dessem uma acção decisiva sobre a sociedade que tiver a fortuna de ser impressionada por elle.

Apesar de se não encontrar no *Primo Baxilio* a these moral ou social, de que esta maravilha da arte é a demonstração, tão evidente como no *Crime do Padre Amaro*, comtudo essa these existe implicita, é o leitor dominado por uma violenta emoção que a fórmula ao seu espirito. Póde-se dizer que todo esse romance de Eça de Queiroz se resume n'esta admiravel phrase de Diderot: «O que significa esta palavra tão levemente proferida, tão frivolamente interpretada: *Eu amo-vos?* Significa realmente:— Se quereis sacrificar-me a vossa innocencia e o vosso recato, perder o respeito que tendes por vós mesmo e o que vos consagram os outros, caminhar de olhos no chão na sociedade pelo menos até pelo habito da devassidão alcançardes um certo descaramento, renunciar a toda a posição honesta, fazer morrer de

dôr os vossos parentes, e conceder-me um momento de prazer, eu vos ficarei por isso muito obrigado ». O immortal auctor da *Religiense* e do *Nereu de Rameau*, achou o artista que soube converter em obra o seu pensamento; a seducção de Luiza é a realidade da interpretação frivola de uma declaração estouvada. A morte profundamente tragica da mulher que esqueceu o dever, e a phrase cynica com que é apreciado o seu sacrificio e com que finalisa o romance do *Primo Baxilio*, dão-nos a intenção plena de Eça de Queiroz. Se estas palavras de Diderot tivessem servido de epigraphe ao livro, ou fossem reproduzidas como commentario final, o *Primo Baxilio* podia ser mais cruamente realista, e nem por isso deixava de ser poderosamente moral.

Um povo em cuja lingua se escreve o *Cxime do Padre Amaro* e o *Primo Baxilio*, tem ainda um grande vigor, que é preciso dirigir para o fazer entrar em uma vida nova; elle apresenta uma physionomia propria, habitos de um accentuado individualismo, e possui uma linguagem pittoresca, que não é a dos sermonarios, nem dos chronistas-móres do reino, mas a do conflicto dos interesses, que tanto servira para a expressão da liberdade, se tivéssemos parlamento e jornalismo, como para a expressão scientifica, se a sciencia não dependesse dos destinos officiaes. No emtanto essa lingua vae-se desprendendo da crusta classica com que os nossos rhetoricos a immobilisaram, e os seus primeiros movimentos, ainda trepidantes, já satisfazem as novas necessidades do pensamento: começou-se pela composição *artistica*, pelo esboço critico, e não longe tel-a-hemos apta para se expô-

rem n'ella as grandes descobertas scientificas e as syntheses fundamentaes da *philosophia*. Se estes dois romances de Eça de Queiroz limitam a éra nova em que a lingua vem transformar-se para exprimir um novo sentimento artistico, como obras de arte são a prova capital de que a consciencia portugueza se elevou, e que na nossa sociedade existe vigor equal ao que suscita os grandes romancistas europeus. A obra de arte, por isso que se dirige ao sentimento de todos, e que convence sem discussão, e impressiona sem prova, é a precursora da actividade scientifica. Assim o trabalho de transformação de uma época, de uma nacionalidade, faz-se evolutivamente, convergindo todos os esforços para um mesmo resultado, e sem se dispersar nenhuma energia. Que precisamos nós? Onde está a causa do marasmo da nossa sociedade? Na falta de ideias, que são o estimulo de todo o movimento. Uma nação que vê durante mais de meio seculo o systema constitucional-parlamentar esterilizar-se nas mãos d'aquelles que o fabricaram, falsificar-se por todos os sophismas da impudencia, e que tolera até hoje a *outorga por carta* de alforria do codigo fundamental dos seus direitos, com uma soberania *por graça de Deus*, n'estas condições uma nação só pôde avançar ou por um desastre violento, ou pelo esforço constante d'aquelles que pozerem em circulação o maior numero de ideias. Tudo o que tenda a este fim, é bem vindo: a poesia revolucionaria, satanica, baudelaireana, ou philosophica; o drama de combate, o romance de um realismo pessimista, o ensaio humorista da critica de costumes e das individualidades preponderantes, o livro de

historia apaixonada, a synthese philosophica embora prematura, tudo é preciso para chamar o sangue á periphèria d'este corpo apathico da nossa sociedade catholico-monarchica. É n'este ponto de vista que nos devemos collocar para julgar os romances de Eça de Queiroz, que chicotam os nervos e fazem sentir a vida.

CAPITULO II

Renovação scientifica

Na crise por que está passando a intelligencia humana, que procura constituir uma nova synthese com os elementos positivos dos conhecimentos adquiridos até ao presente, as Sciencias não apresentam um equal desenvolvimento: o grupo das sciencias *cosmologicas*, pelo seu imprescindivel destino pratico, impôz-se ao favor dos governos ainda os mais reaccionarios; o grupo das sciencias *biologicas*, é já mais cautelosamente patrocinado, pela conciliação tacita da religião do estado e do espiritualismo theologico ou metaphysico com a plena emancipação da consciencia que submete a vida ás condições physicas dos phenomenos anteriores de que é resultante; o grupo das sciencias *sociaes* é o que se acha menos hierarchisado em série theorica, e o mais abandonado ao espirito de especialidade, que o amesquinha, e ao simples cultivo da curiosidade individual. E comtudo é n'este grupo de sciencias, que se encontram os principaes elementos para o conhecimento do homem moral e da humanidade, e para a formação da nova synthese da consciencia. Costumes, tradições, linguas, religiões, litteraturas, artes, industrias, instituições, noções moraes, civilisações, nacionalidades, são sciencias concretas, cuja verdadeira luz só começará a ser effectiva quando subordinadas ao criterio geral de uma sciencia geral e

abstracta — a Sociologia. É n'este grupo de sciencias que melhor se observará o espirito de renovação, porque além dos phenomenos immediatos exige uma preparação prévia de conhecimentos do condicionalismo cosmico e do determinismo biologico.

Anthero de Quental, que pensára no programma para os trabalhos da geração moderna, nas *Considerações sobre a Philosophia da Historia litteraria portugueza*, caracterizou com nitidez este trabalho de renovação scientifica: «Entre nós, as duas gerações litterarias, que se succederam depois de 1830 até hoje, mais apaixonadas e creadoras do que criticas, mais poeticas e entusiastas do que reflectidas, e, sobretudo, dominadas por aquella como que instinctiva repugnancia ás ideias geraes, propria de um povo educado pelo catholicismo no que elle tem de mais estreito e esterilizador, receberam com desdem, ou apenas acceitaram, o que havia de mais superficial no movimento renovador, quando não o ignoraram completamente. — N'este empenho de fazer penetrar o espirito philosophico na historia da litteratura patria, e de levantar entre nós a critica á altura em que mãos vigorosas e illustres a têm collocado n'outros paises, a geração nova achou-se sem precedentes nem mestres entre os escriptores nacionaes... Entretanto a sua vocação é essa, evidentemente critica e philosophica. Menos creadora e espontanea, e já libertada dos preconceitos da educação tradicional, a nova geração tem por área natural dos seus trabalhos os estudos criticos e as ideias geraes. A historia philosophica, a philologia, as sciencias sociaes, eis o vasto campo que, entre nós, a

sua actividade tem de desbravar e fecundar». (Pag. 10 e 11). Anthero de Quental, procurando dar testemunho d'este espirito renovador e da sua aspiração a uma melhor sciencia, indicou os trabalhos dirigidos por dois criterios fundamentaes — o *ethnologico* e o *psychologico*. Emquanto ao primeiro, diz: «Ninguem, melhor que o snr. Theophilo Braga comprehendeu a alta significação da nossa poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso; e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo*, deve-o ao seu ponto de vista *ethnologico*. Por este sentimento pôde com muito tacto discriminar a parte da imitação e de convencional nas obras da poesia culta, embora, a meu vêr, concluísse mal do facto d'essa imitação. Por elle pôde caracterisar certas physionomias originaes, até aqui mal comprehendidas, Gil Vicente por exemplo. Em tudo isto a sua critica é excellente». (Pag. 20).

Emquanto ao ponto de vista *psychologico*, Anthero de Quental caracteriza-o como eschola nos trabalhos de Oliveira Martins; e reconhecendo que o processo critico se torna excessivamente subjectivo, ainda assim acceta, que «para a philosophia é na consciencia que a historia encontra a sua explicação definitiva e a sua final justificação». (Pag. 25). É sob estas duas caracteristicas do criterio *ethnologico* e *psychologico*, que systematisaremos alguns dos trabalhos precursores da renovação scientifica.

1. Estudos sobre as Tradições populares portuguezas.
— Historia da Litteratura portugueza

A investigação das tradições populares e a historia da Litteratura nacional são dois factos de tal fórma conexos e solidarios, que encerram a luz philosophica de todas as creações litterarias. Rigorosamente, nas tradições populares conserva-se uma *Litteratura oral*, não fixada pela escripta, a qual se transmite através de todas as modificações sociaes e historicas até chegar a inspirar a elaboração do genio individual que funda sobre ella a obra prima que synthetisa uma civilisação. Mythos, lendas, contos, superstições, cantigas, jogos, anexins, adivinhas, formam essa materia complexa da Tradição, umas vezes transmittidos de idade em idade pelo encanto suggestivo da phrase rythmica determinada pela melodia, outras vezes entregue ao effeito casual da linguagem pittoresca e improvisada do narrador. Lyrismo, Epopêa e Drama, são as fórmas universaes das Litteraturas escriptas, que em cada raça e nacionalidade os genios individuaes foram constituindo com esse fundo primitivo, e pelo qual conseguiram despertar a sympathia social, e dar expressão ao genio e aspiração de um povo no momento em que entrava na vida historica. A relação entre estas duas Litteraturas, a oral e a escripta, constitue a historia de todas as manifestações do genio esthetico, desde a mais vigorosa fecundidade creadora até ás imitações servis e inexpressivas dos productos academicos. A aproximação entre o povo e o escriptor provoca

a bella efflorescencia litteraria, como na Grecia; a separação d'estes elementos reduz a litteratura a uma habil curiosidade, como se vê no periodo do pseudo-classicismo das litteraturas romanicas. Renan descreve luminosa-mente como a tradição oral entre o povo de Israel foi o elemento elaborado litterariamente na Biblia: « Effectivamente, quanto mais incapaz é o povo de retêr um factio nitido como o exige a historia, tanto mais a sua memoria é apta a retêr, anteriormente á escripta, peças rythmadas e cantadas. — Foi assim que cada tribu arabe, sem escriptura alguma, conservára outr'ora o Divan inteiro das suas poesias; foi assim que a memoria arabe ante-islamica, á qual se pediria de balde uma indicação historica precisa, guardou, até á chegada dos litteratos de Bagdad, cento e cincoenta annos depois de Mahomet, o enorme thesouro poetico do *Kītab el-Aghāni*, dos *Moallakāt* e dos outros poemas do mesmo genero. — Israel possuia assim uma bella litteratura não escripta, como a Grecia teve, durante trezentos ou quatrocentos annos, todo o cyclo homerico na sua memoria. Póde-se dizer com effeito, que a litteratura não escripta de cada raça é o que ella produziu de mais perfeito; as composições reflectidas e litterarias não egualam nunca as florações litterarias espontaneas e anonymas. Mais tarde estes cantos, colligidos pela escripta, serão a perola da poesia hebraica, como as velhas canções arabes formaram a parte verdadeiramente original da Litteratura arabe. As mais bellas paginas da Biblia saíram d'estas vozes de crianças e mulheres, que, depois de cada victoria, recebiam o vencedor com gritos de alegria, ao som do tambo-

ril» ¹. Renan compara os dois processos de elaboração tradicional entre as raças semita e árica: «Foi pelo talento da anedocta que a narrativa semita luctou sem desvantagem contra o arrebatamento encantador do *epos* grego. Por meio da sua metrica complicada, o *epos* grego attingiu uma magestade que nada o eguala. Mas a narrativa semita é muito mais picante; tem a vantagem da falta de texto determinado. Sómente o enredo fundamental é que está fixado; a fórma era abandonada ao talento do improvisador. O *epos* aryano nunca teve esta liberdade; o seu verso foi sempre de uma factura muito sabia para poder ser entregue ao capricho do rhapsodo. O cantador semita, pelo contrario, o *antari*, por exemplo, como o *cantistori* de Napoles e da Sicilia, borda sobre um quadro dado. (Entre os Gregos, a fabula esopica ficou assim em estado de materia modificavel, segundo o gosto de cada um). No que respeita a narrativas hebraicas, quasi que não temos senão esboços, titulos, indicios de epopêas encadeadas. — Israel, teve pois a sua colleção epica como a Grecia, n'esse livro primitivo dos cantos e das gestas heroicas, das quaes certas partes, reconheciveis ainda nos livros posteriores, fizeram a fortuna litteraria da Biblia. Correspondendo a um mesmo ideal, a Biblia e Homero não são supplantados. Elles permanecem os dois pólos do mundo poetico; as artes plasticas continuarão indefinidamente a escolher ali os seus assumptos; porque o detalhe material, sem o qual não

¹ *Histoire du Peuple d'Israel*, t. 1, pag. 304.

ha arte, é ali sempre nobre. — As duas grandes fontes da belleza inconsciente e impessoal foram assim abertas quasi ao mesmo tempo entre os Arias e entre os Semitas, novecentos annos antes de Jesus Christo. Depois viveu-se d'isso. A historia litteraria do mundo é a historia de uma dupla corrente que vem desde os homerides a Virgilio, desde os cantadores biblicos até Jesus, ou se quizerem, até aos Evangelistas. Esses velhos cantos das tribus patriarchaes ficaram, ao lado da epopêa grega, como o grande encantamento das edades seguintes formadas para a esthetica, de um limo menos puro»¹. Levámos mais longe a transcripção para bem accentuar a nova comprehensão do elemento oral ou tradicional nas Litteraturas. Diante da evolução generativa das duas litteraturas grega e hebraica, é que se reconhece a importancia scientifica da investigação das fontes tradicionais populares. Da nova luz critica de Wolf proveiu o presentimento de uma cooperação popular na epopêa homerica. Os estudos biblicos ficaram confinados no ponto de vista theologico, e por isso tantos seculos atrazados: «se estes estudos andassem entre mãos de sabios acostumados ao grande ár da epopêa e dos cantos populares, teriam reconhecido que antes da redacção das narrativas inteiramente religiosas da Historia santa, houve um *epos* nacional, contendo os cantos e as narrativas heroicas das tribus»². O que vemos com as Litteraturas

¹ Renan, *Histoire du Peuple d'Israel*, t. II, pag. 233 a 235.

² *Ibid.*, pag. 236.

mais antigas evidencia-se com a Litteratura mais moderna, a allemã, que deveu a sua formação esplendida no seculo XVIII á intuição dos seus escriptores, aproximando-se das fontes tradicionaes da raça germanica, e elaborando as suas lendas e colligindo os seus cantos, revivificando-os pela reconstrucção dos primitivos mythos obliterados. Foi devida a esta paixão pela tradição medieval, que os escriptores allemães suscitarão a transformação litteraria do Romantismo nas nacionalidades meridionaes: a idealisação exclusiva dos themas poeticos greco-romanos começou a ser substituida pela idealisação da vida social da Edade-média, de um modo facticio. Passado porém esse periodo de novidade, iniciou-se o estudo scientifico dos monumentos poeticos da Edade-média, os cantos lyricos dos trovadores provençaes, os cantos epicos das Gestas frankas, as Novellas bretãs da Tavola Redonda, os Fabliaux e as farças dos jograes. Reconheceu-se que nas Litteraturas romanicas ou meridionaes coexistiram duas litteraturas, a das praças ou propriamente *oral*, e a das côrtes artificialmente escripta. Houve um momento fecundo em que os escriptores (*cleres*) desenvolveram as tradições epicas germanicas e celticas, cujas sagas e cantilenas oraes constituíram os cyclos carlingiano e arthuriano; houve um momento em que tambem as canções lyricas dos trovadores aristocratas foram espalhadas entre o povo pelos jograes, e em que os goliardos, metrificando na lingua latina, estabeleceram uma relação entre os eruditos e o vulgo. Foi n'esta communhão da litteratura *oral* e *escripta*, da praça com a côrte, que tiveram origem as fortes litteraturas

da Edade-média, e se revelou o genio estheticos da Civilização moderna, em obras que se tornaram a expressão de uma solidariedade *affectiva*. Terminou esta fecundidade no seculo XIII, quando pelo começo da revolução *social* que extinguiu o feudalismo, as classes se separaram nas suas hostilidades, e pela revolução *intellectual* contra a *synthese theologica*, os escriptores procuraram os *themas* da idealização nas obras primas da arte *polytheica* ou greco-romana. A separação das *Litteraturas oral* e *escripta* produziu o seu effeito deprimente: o povo viveu fóra da *communhão mental*, elaborando as suas tradições poeticas automaticamente, abreviando-as, *syncretizando-as*, relacionando-as com os novos interesses; os *litteratos* confinaram-se nas academias e imitaram servilmente os *typos classicos*, cahindo nas aberrações do gosto, nos absurdos do culteranismo por falta de realidade e de verdade. Era este o estado das *litteraturas modernas*, quando começou a crise do Romantismo. A Edade-média resurgiu com deslumbramento; mas era tarde para idealisar uma edade social e *intellectualmente* atrazada para uma época que saíra da Revolução. Convinha acima de tudo estabelecer a nossa solidariedade com ella, e esse trabalho determinou a obra de reconstrução erudita, que tornou a Historia a criação mais importante do espirito moderno. A par da historia social e politica attingiu o seu pleno desenvolvimento a Historia das *Litteraturas* investigadas desde as suas origens *medievas* até ás suas mutuas influencias internacionaes. Reconheceu-se que as *Litteraturas romanicas* se constituíram com esse duplo elemento *popular* e *erudito*, *medieval* e

classico, reagindo entre si por fórma que bem caracterizam as phases ou épocas da sua evolução. O estudo da Historia das Litteraturas provocava a investigação das Tradições populares, como dos germens primordiaes d'onde ellas provinham. Esse estudo começou por uma predilecção artistica ¹; quando Garrett iniciou em Portugal a investigação da Poesia popular, procedeu artisticamente, segundo o processo dominante. A tradição popular era antes de tudo um documento ethnologico, e sob este aspecto o seu estudo scientifico tomou o nome de *Folk-Lore*. Iniciámos em Portugal esse processo scientifico na

¹ No *Jarbuch fur Romanische und Englische Litteratur*, de 1862, vol. iv, fasc. 1, vem indicadas no estudo de Lemche, *Sobre os princípios a observar na critica das balladas populares da Escosia*, as seguintes épocas de colleccionação:

De 1724 e 1725, começam as publicações de Allan Ramsay, cujo systema dura todo o seculo xviii; os collectores das balladas sacrificam a authenticidade do Texto ás conveniencias do gosto do publico, corrigindo arbitrariamente e ampliando ou enchendo as faltas com invenções da propria imaginação. Pinkerton, nas *Scottish tragie Ballads* (1781) e nas *Selected Scottish Ballads*, misturou com as balladas tradicionaes, falsificações suas, que Ritson desmascarou.

De 1802, com a publicação do *Minstrelsy of Scottish Border* por Walter Scott, começa o respeito pela poesia tradicional; ainda assim serviu-se das variantes para organisar uma ballada completa e até certo ponto artistica. W. Motherwell, na introdução ao *Minstrelsy ancient and modern* (1827) notou os inconvenientes d'este systema, seguindo-o comtudo pelo receio de affrontar as conveniencias do gosto.

vasta collecção do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867-1869), que outros continuaram colligindo as tradições do Alemtejo ¹, do Algarve ², do archipelago da Madeira ³, do Minho e Traz-os-Montes ⁴, da Galliza ⁵ e do Brazil ⁶.

A aproximação dos costumes populares conservados nos antigos foraes do seculo XII e XIII com as referencias ás vezes inintelligiveis do Romanceiro tradicional, levou-nos á prova clara da importancia scientifica d'estes estudos. O processo comparativo, encetado por Nigra, Liebrecht e Meyer, revelava-nos, que existia um typo de Lyrismo commum a todos os povos occidentaes, as *Pastorellas*, *Serranilhas*, *Balladas*, cuja persistencia o conservára até á nossa idade, penetrando nos Cancioneiros aristocraticos e revivificando-se pelo genio individual dos escriptores da Renascença. Os cantos heroicos ou do Romanceiro, achavam-se simultaneamente em Portugal, Hespanha, França, Italia e Grecia moderna, comprovan-

¹ A. Thomaz Pires, *Cantos populares do Alemtejo*, na *Sentinelilla da Fronteira e Elvense*.

² Estacio da Veiga, *Romaneciro do Algarve*. Reis Damaso, *Tradições populares do Algarve*, na Encyclopedia republicana.

³ Alvaro Rodrigues de Azevedo, *Romaneciro do Archipelago da Madeira*.

⁴ J. Leite de Vasconcellos, *Romaneciro portuguez* (n.º 121 da Bibliotheca do Povo); e Coelho.

⁵ D. José Peres Ballesteros, *Cancioneiro popular gallego*, 3 vol.

⁶ Sylvio Romero, *Cantos populares do Brazil*, 2 vol.

do uma surprehendente unidade das tradições epicas occidentaes. Basta citar os romances da *Bella Infanta*, da *Donxella que vae á guerra*, da *Infanta de França*, *Silvana*, *Bernal Francez*. Uma vez chegados a um tal resultado, essas tradições heroicas do Romanceiro occidental ligam-se ao problema das raças que povoaram o Occidente, e aos Cyclos tradicionaes que durante a Edade-média se repetiram oralmente na Europa, ou mesmo chegaram a ser elaborados litterariamente. Muitas das situações d'esses Romances representam uma época social proto-historica, quando a Europa era povoada por uma raça branca não árica; outras correspondem ao cyclo odysseaico mediterraneo; outras ao cyclo scandinavo de Sigurd; outras aos cyclos de Carlos Magno e do rei Arthur; ao cyclo mauresco e do Cid, e ao cyclo da elaboração evangelica, e ainda um diminuto numero referente a successos historicos nacionaes. Formava-se assim um plano natural de classificação, facilitando a reconstrucção dos Cyclos poeticos com as varias contribuições internacionaes.

O criterio ethnologico, pelo estudo dos costumes, usos, crenças, superstições, levava á investigação dos germens dramaticos, relacionados com a vida publica, como vêmos nas *Reisadas*, *Maias*, *Lapinhas*, *Mouriscadas*; esses germens, como o *Bumba meu boi*, serviram para Gil Vicente elaborar organicamente o Theatro portuguez no *Monologo do Vaqueiro*; o grande poeta nacional, no *Triumpho do Inverno*, introduziu o mytho árico da lucta do verão e entrada do inverno, que se conserva universalmente nos costumes europeus.

Por este estudo da poesia e tradições populares fomos naturalmente conduzidos para os trabalhos da *Historia da Litteratura portugueza* ¹ (1869-1885).

Sem esse trabalho prévio sobre a Litteratura oral nunca teriamos comprehendido a Litteratura escripta. É importantissima a parte popular nos Cancioneiros trovadorescos portuguezes, onde foram colligidos os *Cantares de amigo*, de *ledino* e *serranilhas* dos jograes de bocca, ou que tocavam instrumentos de vento e recitavam, dos jograes de peñola, ou que tocavam com penna em cithara, viola e bandurra, dos jograes de atambores, ou tropeiros e pedestres, e dos jograes de a cavallo, ou propriamente segreis, que eram admittidos na côrte. Este veio popular foi imitado pelos trovadores fidalgos, e as *Cantigas d'amigo* do rei D. Diniz, são ainda bellas manifestações do genio lyrico portuguez. Esse typo das ser-

¹ Os primeiros trabalhos da Historia litteraria de Portugal datam de 1806, quando o erudito Bouterwek em collaboração na grande empresa de Eichorn, traçou o quadro das Litteraturas meridionaes; os contornos da Historia da Litteratura portugueza, ainda hoje são definitivos, e pôde-se dizer que por este trabalho fundamental ainda somos conhecidos na Europa; d'elle extrahiu Sismondi em 1819 o seu estudo das Litteraturas do Meio dia da Europa, onde a Litteratura portugueza é devidamente apreciada, bem como em 1826 Ferdinand Denis esboçou o pequeno resumo da nossa historia litteraria. Ferdinand Wolf em 1854 e Friederick Diez em 1863 tomaram problemas particulares da nossa litteratura que esclareceram com rigoroso methodo critico; os trabalhos nacionaes de Francisco Freire de Carvalho e de José Maria da Costa e Silva seguiram o falso caminho da comprehensão rhetorica.

ranilhas apparece em Gil Vicente e Sá de Miranda, e vem através do pseudo-classicismo do seculo xviii animar as *Lyras* de Gonzaga, e no seculo xix dar vida aos retornellos dos poetas amorosos do Brazil.

O Romance tradicional chegou a receber fôrma litteraria nos escriptores do seculo xvi e xvii, e nos escriptores dramaticos são tantas as referencias ao Romanceiro tradicional peninsular, que essa fôrma litteraria animada da corrente oral pôde lutar com vantagem contra a comedia classica. Os cyclos epicos, esboçados no Romanceiro, estudados nas vastas composições do genio francez, que durante a Edade-média gozaram da predilecção de todos os paizes, apparecem como os themes elaborados em todas as Litteraturas romanicas, já como Epopêas guerreiras, já como Novellas amorosas e de aventuras. Essa influencia systematisa-se emquanto ao lyrismo dos trovadores da França gallo-romana; emquanto á propagação e transformação das Gestas guerreiras gallo-frankas: e emquanto á corrente lyrica dos *Lais* e das novellas amorosas da zona gallo-bretã. Estes são verdadeiramente os elementos generativos de todas as Litteraturas romanicas formadas durante esse periodo de solidariedade affectiva do Occidente. Contrapõe-se um elemento erudito, latinista, que se desenvolve e toma a preponderancia nas épocas da renascença classica, excluindo a communicacão com a Litteratura oral. O exame d'estas fôrmas através das varias épocas da Litteratura portugueza mostra a luz que para estas questões resulta do methodo comparativo.

<p>Seculo XII a XIV</p> <p>1.º <i>Influencia provençal</i>; extinguiu-se no tempo de D. Afonso IV.</p> <p>— Forma tradicional: Serranilhas.</p>	<p>Seculo XV</p> <p>Desconhecida, mas continuada através da imitação do Lyrisimo castelhano.</p>	<p>Seculo XVI</p> <p>Continuada sob a forma que lhe deram os Lyricos italianos. (Vagammente conhecida pelos eruditos). A forma castelhana sob o titulo de <i>Meditata velia</i>. Reapparece em Gil Vicente.</p>	<p>Seculo XVII</p> <p>Vagamente conhecida pelos eruditos. Imittam-se conjuntamente o lyrisimo das duas épocas anteriores.</p>	<p>Seculo XVIII</p> <p>Completamente extinta a tradição provençal. Imittam-se conjuntamente as formas do seculo XV e XVI.</p> <p>Os retornellos reaparecem no Lyrisimo brasileiro.</p>	<p>Seculo XIX</p> <p>Conhecimento puramente erudito, sem acção nas formas do Lyrisimo.</p>
<p>2.º <i>Influencia das Gestas gallo-francas</i>: sem acção no desenvolvimento das formas epicicas.</p>	<p>Nenhum conhecimento, a não ser na tradição popular dos Romaniceiros.</p>	<p>Ignorancia completa, e a Epopeia é derivada de outras fontes.</p>	<p>Allusões no romance popular.</p>	<p>Vulgarisação das abreviações em prosa nos folhetos populares.</p>	<p>Conhecimento erudito e individual.</p>
<p>3.º <i>Influencia brevitayrica (Lais) e novellesca</i> (Amadis de Gaula).</p>	<p>Desenvolvimento em Novellas da Tavola Redonda, e Cavalheria celeste.</p>	<p>Restos apagados, diante de outras formas allegoricas e pastoraes.</p>	<p>Extinção completa.</p>	<p>Extinção completa.</p>	<p>Conhecimento erudito, sem acção no romance historico.</p>
<p>4.º <i>Influencia humanista</i> ou latino-ecclesiastica.</p>	<p>Traduções de Obras classicas latinas. Humanismo italiano.</p>	<p>Conhecimento directo das Obras greco-romanas. Formas da Epopeia virgiliana. Humanismo francez.</p>	<p>O humanismo é exclusivamente derivado da cultura jesuitica.</p>	<p>Imitação do Pseudoclassicismo francez. Formas didacticas.</p>	<p>Prolonga-se a imitação do classicismo francez até ao Romantismo.</p>

As épocas historicas de todas as Litteraturas românicas são determinadas pela preponderancia exclusiva ou combinada dos dois elementos constitutivos : As tradições nacionaes e populares da Edade-média da Europa — e as obras e doutrinas litterarias greco-romanas impostas pela auctoridade dos eruditos humanistas e latinistas ecclesiasticos.

Exemplificando com a historia da Litteratura portugueza, temos :

Primeira época, preponderando os elementos medievaes ; mas dá-se uma transição para a admiração das obras classicas ou greco-romanas :

1.º Periodo (Seculo XII a XIV) : Trovadores gallegio-portuguezes.

2.º Periodo (Seculo XV) : Poetas palacianos.

Segunda época, prevalece a influencia da Italia da Renascença, que sustenta o gosto das obras classicas, modificando e dando fórmulas definitivas ao Lyrisimo occidental :

1.º Periodo (Seculo XVI) :

a) Poetas da medida velha, mantendo o gosto dos Cancioneiros.

b) Petrarchistas, revelados por Sá de Miranda.

c) Camões, elevando-se á expressão do genio nacional. Concilia os dois espiritos.

2.º Periodo (Seculo XVII) : Culteranistas.

3.º Periodo (Seculo XVIII) : Arcades.

Terceira época, caracteriza-se pelo espirito de revivencia das tradições medievaes, nacionaes e populares, incompativel com os modêlos classicos ; porém o cri-

terio scientifico restabelece a continuidade historica, apropriando-se dos dois elementos da Civilisação occidental e harmonisando-os :

- 1.º Periodo (1818 a 1847): Os iniciadores do Romantismo : Garrett e Herculano.
- 2.º Periodo (1847 a 1864): Os Ultra-romanticos.
- 3.º Periodo (1865 a 1880): Dissolução do Romantismo, e regimen critico e philosophico.

Conhecida a marcha historica das Litteraturas romanicas, torna-se necessario estabelecer a sua philosophia. J. J. Ampère tratou essa synthese no seu substancioso estudo intitulado *Vista geral da Litteratura franceza na Edade-média*, em que observa algumas das characteristics da acção reflexa da dissolução do regimen catholico-feudal na litteratura no seculo XIV: «o *Roman de la Rose*, collecção de sciencia árida, na qual não ha de notavel senão a satyra, *a satyra sempre poderosa contra uma época que se aproxima do seu termo*. No seculo XIV a prosa introduz-se nos romances e nos sentimentos cavalheirescos; o ideal da cavallaria decáe e degrada-se, etc.» Assim como Littré chamou a attenção dos criticos para a concordancia de vistas sobre a marcha geral da Edade-média entre o historiador Victor Le Clerc e o fundador da Philosophia positiva Augusto Comte, a mesma concordancia se dá tambem na apreciação synthetica das Litteraturas romanicas por Comte, comprovada pelo illustre historiador litterario J. Jacques Ampère. Quando os novos dialectos romanicos se acharam constituídos em linguas nacionaes, e aptos para fixarem pela escripta as tradições oraes, e darem-lhes a expressão da Litteratura,

o movimento *intellectual* e *social* não coincidiu com esta manifestação da capacidade esthetica moderna: a crença catholica dissolvia-se ante o ontologismo dialectico, e a rasão procurava fóra da theologia uma outra synthese mental; a organização social do feudalismo decaía diante da fixação do poder monarchico e do advento das classes servas ao proletariado. D'aqui um desaccordo profundo entre os meios de expressão esthetica, e os objectos d'essa idealisação, que decahiam do respeito e da sympathia e só se prestavam á parodia sarcastica e á satyra. As litteraturas romanicas, creadas n'este periodo intenso de revolução social e mental, foram arrastadas na corrente negativista, coadjuvaram a decomposição de uma idade que findava. Todas essas litteraturas caíram na satyra e na obscenidade, atacaram os dogmas e a hierarchia religiosa e politica, e quando não acharam themes de idealisação no meio da instabilidade d'esta grande crise europêa, os espiritos contemplativos refugiaram-se na admiração da antiguidade polytheica greco-romana, e imitaram os typos da belleza classica nas duas épocas da Renascença. O lyrismo trovadoresco degenerou nas sirventes; a epopêa das gestas idealizou os traidores e parodiou os heroes na grande fabula do *Renard*; o drama foi a parodia do culto e dos tribunaes.

Desde que os themes sociaes e mentaes decahiram na crise de decomposição dos dois poderes, a expressão artistica ou se tinha de transportar a themes de convenção, como o mundo greco-romano, ou cooperar na propria dissolução do regimen catholico-feudal pela *satyra*. Ampère notou lucidamente este aspecto das litteraturas:

«Um outro resultado a que conduz o espirito imparcial e um pouco aprofundado da Edade-média, é que a opposição satyrica occupa na litteratura d'este tempo um logar infinitamente mais consideravel do que se julgava. Não conheço época em que o sarcasmo, a satyra, tenha exercido uma acção tão grande como n'esta Edade-média, que ás vezes ainda é apresentada como uma éra de sentimentalidade e de melancholia. — A satyra não está sómente nos poemas satyricos propriamente ditos; ella acha-se em tudo; nos poemas moraes, os mais lugubres, como nos versos de Thibaut de Marly sobre a morte, entre os quaes o auctor tem o cuidado de intercalar uma satyra contra Roma; nas lendas repassadas de uma devoção ascetica, como a do bispo Ildefonso e de Santa Leocadia, lenda que o seu piedoso auctor interrompe para dirigir á Igreja romana a mais violenta das invectivas. — Nos fabliaux, a satyra vibra em cada verso; parece concentrar-se no *Roman de Renart*, para se desenvolver depois nas mais vastas proporções, abranger toda a sociedade da Edade-média, e agarrar-se corpo a corpo com o que dominava esta sociedade, com a Igreja. — Todas as vezes que a satyra apparece na nossa litteratura franceza da Edade-média, é sempre com muito nervo e energia, com o encanto do natural e uma felicidade de expressão que os outros generos litterarios estão longe de apresentar no mesmo gráo. Como já observei, o que se refere á poesia religiosa, é tão pallido, descolorido e froixo, quanto o que pertence á ironia, á satyra, é vivo e inspirado. Este desencadeamento satyrico é um grande facto historico, porque n'esta porção tão rica, tão

ardente da litteratura da Edade-média está o principio da ruina e do fim da civilisação da Edade-média. Cada edade vive da sua fé; e a sua organisação assenta sobre a sua fé. Mas cada época tem a formidavel potencia de chasquear do que ella erê, do que ella é, e por isso de se desorganisar a si propria» ¹.

O ataque á galanteria cavalheiresca não surprehende tanto Ampère, como a irreverencia contra os sentimentos religiosos na satyra medieval: «É sobretudo a inspiração religiosa que se espera encontrar desenvolvida energicamente na Edade-média, e eu posso dizer que fiquei bastante surprehendido, quando depois de dois annos passados a estudar a historia da litteratura e do espirito humano n'esta época, cheguei a este resultado inesperado: que a inspiração religiosa tem na poesia d'estes seculos de fé um logar bastante mediocre. Em geral tudo o que pertence á litteratura religiosa é traduzido do latim em francez e por consequencia frio; o que não é traduzido tambem não é mais animado». E conclue explicando esta depressão do sentimento poetico religioso: «Sejam quaes forem as causas que restringem na Edade-média a inspiração religiosa, este facto liga-se a outro ainda mais notavel, ao movimento latente e comprimido mas real do espirito para a independencia do pensamento». Com certeza Ampère não conhecia a concepção geral da historia moderna de Comte; dava-lhe porém a comprova-

¹ *Vue générale de la Littérature française au Moyen-Age.*

ção mais completa e insuspeita, emquanto á marcha das Litteraturas romanicas.

Na crise mais mental, do que social que no seculo XVIII precede a Revolução franceza, os litteratos trazem a expressão esthetica para a corrente da dissolução negativista, amotinando as paixões politicas e insufflando o radicalismo anarchico. Sente-se uma necessidade de renovação artistica, e busca-se o ideal da natureza, abandonando á sua espontaneidade o sentimento. Caíu-se no idyllio insulso. A crise mental e social ainda não está resolvida pela criação do poder espirital e do poder temporal condignos com o estado da consciencia moderna. Emquanto se não chegar a este estado normal, para que avancamos, as renovações das Litteraturas separadas do fim social, serão absolutamente irrealisaveis. As Litteraturas modernas são o documento do estado anarchico dos sentimentos. Barante, depois de descrever o estado revolucionario da sociedade europêa apoz a Revolução, o imperio e a restauração, conclue: «A Litteratura vem tambem testemunhar aqui ácerca do estado dos espiritos. Ella espera que um novo impulso lhe seja dado. Ella procura as vias que deve percorrer. Ella não tem por guias senão as regras immutaveis do espirito humano; todas as observancias de detalhe perderam o credito, e não reapparecerão senão quando outros habitos forem creados»¹. E o que se torna necessario para a Litteratura é igualmente imprescindivel para a reforma das

¹ *Tableau de la Littérature du Dix-huitième siècle*, pag. 17.

instituições sociaes ou politicas: «Querer fazer do presente ou um futuro que se tem phantasiado, ou um passado de que se tem saudades, é retardar o momento em que este presente se accalmará, em que se crearão costumes e uma moral»¹. A grande importancia dos estudos historicos do nosso seculo consiste na clareza com que expondo o passado determina a linha em que elle tem de ser continuado. A Historia das Litteraturas romanicas, expondo as manifestações do *sentimento*, que durante a grande revolução occidental foi o unico apoio das sociedades, leva á conclusão de que a litteratura é uma synthese affectiva, que deve pela nova idealisação esthetica preparar o advento ao estado normal da humanidade.

Depois de terminada a *Historia da Litteratura portugueza* achamo-nos logicamente conduzidos para a historia politica da nacionalidade portugueza.

Nos estudos accumulados para a *Historia de Portugal*, partimos do ponto de vista da relação d'este pequeno estado com a Civilisação occidental, de que elle foi um dos mais conscientes factores. Esta ideia é que nos deu a clara comprehensão da solidariedade historica que liga a cultura greco-romana com a transição da Edade-média e com as Nacionalidades modernas. Sem este ponto de vista de conjuncto, nem as instituições sociaes, nem as transformações politicas, nem as manifestações

¹ *Tableau de la Littérature du Dix-huitième siècle*, pag. 20. Ed. de 1860.

do genio artistico de cada povo podem ser bem avaliadas ¹. Se tivéssemos de escrever a *Historia de Portugal* isolada da sua continuidade e solidariedade occidental, caminharíamos em um dédalo fatigante, e teríamos de encobrir a falta de plano e de luz critica com uma pesada erudição de detalhes e de accidentes sem alcance. O genio e a missão historica do povo portuguez revelam-se na deslocação das civilisações do Mediterraneo para o Atlantico, e pela audaciosa actividade maritima com que iniciaram a éra nova da civilisação pacifica e industrial. Todas as investigações do nosso passado historico devem dirigir-se a este fito: mostrar como logicamente cumprimos esse destino, encetando as grandes navegações, e como se deve perpetuar na marcha da humanidade o logar de honra que nos compete. Depois d'este principio fundamental que nos liga á occidentalidade, importa tirar dos factos particulares a lição que interessa immediatamente o nosso organismo nacional.

Procurámos na parte ethnologica caracterisar bem a raça para comprehendermos o espirito das suas Tradições poeticas e o seu desenvolvimento consequente em uma Litteratura nacional; essas considerações ethnicas nos esclareceram a solidariedade historica com os outros Estados peninsulares, guiando-nos pela sua mutua influencia e coexistencia á descoberta da fórmula politica compativel com a vitalidade da nação portugueza e com a sua supremacia hegemonica. Do longo processo critico

¹ No *Systema de Sociologia* fica esboçada esta doutrina.

sobre os complicados factos que constituem a *Historia de Portugal*, o que se deduz com a maior evidencia é, que o seu desenvolvimento e autonomia dependem de uma organização federal dos Estados peninsulares. A Edade-média na Hespanha consiste n'esta unica aspiração da liberdade local abafada pelo unitarismo do poder pessoal. Os fins d'essa Historia serão esclarecer pelo criterio scientifico e philosophico este movel de toda a agitação politica, sempre obscurecida pelos eruditos paleographicos.

2. Oliveira Martins e os estudos sobre a Historia da Civilização iberica e de Portugal

É natural em um individuo que deve tudo, educação e hierarchia social, ao seu esforço deliberado, o considerar a historia como a commemoração de actos individuaes que exprimiram uma vontade. Assim, para bem comprehender a historia, torna-se desnecessario o definir a marcha da humanidade na continuidade da civilização para apreciar a intervenção de cada factor individual; a historia reduz-se á tela em que se desenha o character, de que os factos narrados são apenas a manifestação psychologica. Sob este aspecto a historia é uma série de biographias das altas individualidades preponderantes, e com a incoherencia proveniente da inevitavel differenciação dos caracteres. Oliveira Martins applicou esta theoria *psychologica* da historia á nacionalidade portugueza, producto não do meio geographico e anthropologico, segundo elle, mas do imperio da vontade dos seus grandes

homens. Seguil-a-hemos através dos seus diferentes trabalhos.

Oliveira Martins é um trabalhador, dividindo a actividade entre empresas industriaes a que andou ligado, e estudos historicos, criticos e sociaes, de par com ambições politicas, que são uma necessidade do seu espirito. As suas obras até hoje publicadas peccam pelo abuso de uma phraseologia metaphysica, por syntheses transcendentaes formadas com elementos colhidos em uma vasta mas incoherente leitura; ha o quer que é de postiço em todos estes esforços do escriptor, porque pela participação da actividade industrial o seu espirito estava orientado no sentido de uma saudavel positividade. Porque é que o snr. Oliveira Martins se annullou tanto tempo n'essa esterilidade metaphysica? Foi uma fatalidade da sua existencia, o fructo da convivencia desastrada de um pequeno meio mental em que predominava uma elaboração metaphysica improvisada de momento sobre o systema de Hegel modificado pelo idealismo de Michelet, de Quinet, de Taine, de Renan, e ainda de Proudhon. O snr. Oliveira Martins viveu algum tempo deslumbrado, mas com um espirito saudavel, quebrou o encanto d'essa miragem mental da metaphysica, e este livro foi o primeiro documento de uma nova phase de espirito em que entrou e em que augurámos uma efficaz fecundidade.

A *Historia da Civilisação iberica* faz parte de um plano de trabalhos de vulgarisação intitulado *Bibliotheca das Sciencias sociaes*. O plano é defeituoso, porque o desconhecimento da sciencia geral e abstracta da Sociologia influe no modo de subordinação a um plano syste-

matico das sciencias particulares e concretas, de que a sciencia geral é uma deducção. O snr. Oliveira Martins é bastante capaz de comprehender em toda a sua profundidade a concepção sociologica de Comte, que lhe era tão necessaria para a perfeita realisação da empreza; mas na dissidencia actual com os systemas metaphysicos que só o prejudicaram, o seu desprezo estende-se a toda a philosophia, e é natural que para si a Philosophia positiva de Augusto Comte seja uma concepção tão arbitraria e pessoal como todos os outros systemas. No programma da Bibliotheca das Sciencias sociaes, desliga-se de todo o ponto de vista philosophico, o que é racionalmente impossivel quando a vulgarisação tem um intuito e se não reduz a um simples processo de compilação: «o seu proposito é a divulgacção dos conhecimentos adquiridos, e não a especulaçção sobre os resultados ou consequencias d'esta ou d'aquella doutrina politica, d'esta ou d'aquella escola de philosophia». É lamentavel que um espirito se prive calculadamente da luz philosophica que ha de achar os motivos de que os factos são a funcção; d'este processo artificial do snr. Oliveira Martins resente-se todo o livro. Em todo o caso o escriptor entrou em uma via fecunda, por que se operou na sua intelligencia a dissoluçção metaphysica, que tanto o prejudicava, e de que nós tambem fomos victimas no nosso periodo universitario. No seu programma o snr. Oliveira Martins caracteriza o estado da instrucção publica secundaria: «ajoujada de insonsas biographias de reis, de tratados de ontologia bolorenta, de fardos de rhetorica piegas, de lendas milagreiras e historias que já são sagradas ape-

nas para os imbecis...» É bom que esta compreensão do nosso estado de educação se vá alargando, para que se opére a reforma que não convem aos poderes publicos que se faça. O livro do snr. Oliveira Martins é tambem um esforço para que se saia d'este deploravel estado, e n'este intuito é louvavel.

A *Historia da Civilisação iberica* começa pela parte statica d'este complexo phenomeno, o *territorio* e a *raça*; seguem-se depois os factos de ordem dinamica, a *constituição social* e as modificações historicas das *instituições*. Esta simples intuição quanto seria fecunda se o snr. Oliveira Martins se dêsse ao trabalho de tomar conhecimento da systematisação sociologica de Comte. O eminente auctor da *Historia da Civilisação em Inglaterra*, Buckle, cita entre os auctores subsidiarios da sua grande obra o *Curso de Philosophia positiva* de Comte, e ninguem ainda conseguiu explicar melhor do que Buckle a civilisação hespanhola. Conheceu pelo menos o snr. Oliveira Martins este capitulo da grande obra de Buckle? Infelizmente não, e isso influiu na fraca deducção dos estimulos do territorio ¹. A descripção geographica da Peninsula, feita em dez paginas pelo snr. Oliveira Martins, está boa; mas as deducções? É aqui que se conhece a falta de consulta do sublime capitulo de Buckle. As riquezas mineraes da peninsula foram sempre o estimulo das differentes raças que em ella pe-

¹ Em uma segunda edição refere-se já a Buckle, mas não abdica das suas vistas pessoas.

netraram, que aqui se fusionaram ou que aqui se guerrearam excluindo-se. A natureza das explorações metalurgicas é que ajuda a explicar o caracter ethnico do Ibero, que tambem chegou á Bretanha, onde precedeu as raças indo-europêas. A grande quantidade de terremotos no solo peninsular comprovada por Buckle por documentos historicos, leva-o á deducção, de que este povo devia ser sempre impressionado pelo maravilhoso, explorado por uma classe sacerdotal que lhe perturbasse a razão com o perstigio do milagre, e que as suas grandes preocupações nacionaes, tanto em politica como em litteratura, deviam de ser religiosas. A erudição immensa de Buckle, mas erudição especial de estatisticas officiaes, de algarismos authenticos, de affirmações de escriptores hespanhoes cheios de boa fé, dá á sua these a mais completa demonstração. É por isso que o snr. Oliveira Martins perde toda essa luz deductiva que devia ter colhido em Buckle, quando diz: «Se a geographia é a nosso vêr a principal causa das graves differenças que segundo as regiões distinguiram os hespanhoes na historia, e os distinguem ainda hoje; essa causa não basta para que acima de taes differenças a historia nos não mostre a existencia de um pensamento ou *genio peninsular*, principalmente affirmado de um lado pelo entusiasmo religioso que pomos nas cousas da vida, do outro no heroismo pessoal com que as realisamos. D'aquí provém o facto de uma civilisação particular, original e nobre». (*Hist. da Civ. iber.*, pag. 18). Buckle considera esse entusiasmo religioso como uma inferioridade mantida na historia pela desgraçada seisão da raça germanica, por

effeito do catholicismo e do christianismo popular de Ario, e mais tarde pela reacção neo-gothica contra os arabes, e ainda em épocas de paz contra os inermes judeus, e conservantismo anti-liberal.

Do facto da resistencia do elemento catholico dos frankos contra o christianismo ariano dos visigodos tira Buckle, no capitulo da *Civilisação em Hespanha*, assombrosas consequencias historicas, taes como: dissolução da unidade politica, subserviencia ao clero que preponderava nas côrtes, obscurantismo systematico em que foi conservada a nação, intolerancia religiosa alimentando primeiro as guerras de reconquista contra os arabes, depois os Autos de fé da Inquisição, respeito inconsciente a todas as fórmãs de auctoridade e negação do espirito scientifico. O grande facto da abjuração de Rekáredo (586-589), não extinguiu completamente o arianismo popular, e d'aqui resultou a revivescencia de um christianismo tradicional sob o regimen dos arabes, que outra cousa não é o culto *mosarabe*.

Segue-se o capitulo da *Raça*, vago e incompleto. O que é o Ibero? Escreve o snr. Oliveira Martins: «recentemente a opinião de uma identidade de caracteres primitivos entre elles (iberos) e os povos originarios da Africa septentrional e conhecidos sob a expressão generica de Chamitas, parece caminhar para uma acceitação completa». (*Op. cit.*, pag. 19). No restante do livro o snr. Oliveira Martins chama aos *iberos* raça africana, e dá-lhes na constituição ethnica da Peninsula uma acção menos que secundaria. É certo que os modernos trabalhos de anthropologia determinam uma dolichocephalia entre

o basco e o typo berber da Africa; mas não se segue que o Ibero fosse o africano transplantado e estacionario na Peninsula. O basco francez, como o provou Paulo Broca é brachycephalo, e n'isto se distingue do basco hespanhol. Já Guilherme de Humboldt sentira esta duplicidade da raça, quando a dividia em dois ramos, o *Eusk* e o *Iberico*; a divisão craneologica de Broca tambem se confirma com os trabalhos de Morton com relação ás raças da America, em que os craneos dos indigenas da America do Sul são brachycephalos. Portanto sabe-se hoje que a migração das raças indo-europêas foi precedida na Europa por uma raça asiatica, que atravessou a Africa, onde junto do Atlas deixou o ramo *Berber*, e que se propagou pelas ilhas do Mediterraneo, pela Italia meridional, pela Hespanha, chegando até ás ilhas britannicas; outro ramo entrou pelo norte da Europa, descendo até estacionar na Aquitania, onde resistiu á corrente das migrações indo-europêas. Estes eram conhecidos com o nome de Scythas, de Gaulezes, e quando repellidos pelas raças áricas vieram a resistir n'esses despojos de raças confinadas no norte, como o esthonianiano. A esta raça asiatica que precedeu na Europa os indo-europeus, dá-se um nome vago de ramo allophylo do tronco branco, mas o nome mais significativo, ou *turaniano*, está incurso nas iras dos philologos, e por isso é preciso empregal-o a coberto de alguma auctoridade scientifica, como Tylor, para que nos não julguem atrasados.

Uma vez comprehendido pela anthropologia e pela ethnologia o que era o *Ibero*, de que o basco actual é

um representante modificado, as deducções sobre a Civilização peninsular são innumeradas e cheias de novidade. O Ibero pertencia a uma raça que em civilização antecedeu as duas grandes raças progressivas, Indo-Europeus (Arias) e Syro-Arabes (Semitas); os modernos semitólogos consideram a poesia hebraica como derivada dos antigos accádios, bem como os processos da agricultura recebidos pelos Arabes. Quando um dia os Phenícios entraram na península hispanica, e mais tarde os Carthaginezes sempre acompanhados de judeus, a cohabitação pôde dar-se pelas profundas analogias da civilização que os semitas haviam recebido de raças turanianas. Na Península existia a escripta iberica e poemas seculares, e um immenso progresso de industria metallurgica. Quando a seu turno os Romanos occuparam a Península, povoaram-na por meio do Colonato, e sabe-se que tribus vagabundas entre as raças germanicas é que vinham oferecer-se ao Imperio para cultivarem as suas conquistas e merecerem a protecção militar. Que tribus vagabundas eram estas? Pertenciam ao ramo scythico, e de facto entre as tribus germanicas que occuparam a Península acharam-se povos que não eram germanicos, como por exemplo os *Alanos*. Já se vê que o primitivo elemento iberico não tinha senão condições de revivescencia, á medida que as raças do norte confluíam sobre a Península; com o sul dava-se a mesma condição, como vamos vêr. Os Arabes entram na Península, mas o seu maior numero consistia em tribus *maurescas*, isto é, uma raça formada pela mistura do Arabe com o *Berber*. É por isso que o dominio arabe na península se mani-

feita por um extraordinario desenvolvimento da agricultura, e a attribuição do genio poetico da renascença provençal aos Arabes, como pretendeu Von Schack, só se explica pela revivescencia que elles suscitaram no genio iberico aquitanico. De facto a poesia provençal manifesta-se na Peninsula primeiramente pela Galliza, um dos extremos da Aquitania. Os dois typos ibericos brachycephalo e dolichocephalo, foram o resultado de uma modificação profunda da mesma raça segundo os diversos meios que atravessou, e de facto essa raça distingue-se por duas aptidões differentes, a industria *metallurgica* e a *agricultura*. Os romanos exploraram por meio das suas conquistas e do colonato a primeira capacidade, e os arabes, por effeito do seu elemento mauresco, desenvolveram a segunda, tornando a Peninsula um jardim.

Ao elemento iberico sobrepoz-se uma abundante camada de população semitica, taes como phenicios, cartaginezes, judeus, arabes, e foi isto uma causa essencial para essa tendencia *separatista* das povoações peninsulares, e para a tardia unificação nacional, que se operou mais pela unidade dos dois poderes que se identificaram catholico-monarchicos. Não viu isto o snr. Oliveira Martins, (pag. 28) e apresentando o quadro tão curioso da Chronologia dos Estados peninsulares na Edade-média, (pag. 105) não deduz esse phenomeno tão singular de oscillação social entre a *unificação* nacional e a *desmembração* cantonalista. Na Navarra dá-se essa oscillação, como se póde vêr pela eloquencia das datas: em 860 faz a sua independencia pela *unificação*, e em 1035 é

desmembrada por um testamento; em 1076 é *unida* ao Aragão, em 1134 torna a *separar-se* na sua independencia; em 1285 é *unida* á França e em 1328 torna a *separar-se*, até que em 1512 entra na *unificação* catholico-monarchica de Castella. Na Catalunha dá-se a mesma oscillação, entre a *independencia* em 888 e a *unificação* com o Aragão em 1137; este, *independente* em 1035, *unificado* com o Condado de Barcellona, entra por fim por casamento principesco na integração de Castella, em 1469. Em Castella a mesma oscillação nacional: *independente* em 1034, é *annexada* a Leão em 1037, *separa-se* em 1065, *une-se* outra vez a Leão em 1230, e depois de estender-se por conquistas, *unifica-se* em 1469 com o Aragão. O estado de Leão fundou a sua *independencia* em 913, *unificado* a Castella por conquista em 1037, *separado* por effeito de uma doação em 1065, *reunido* a Castella por conquista em 1071, e vice-versa em 1072, *separados* em 1157, até que por uma herança se *unifica* definitivamente com Castella em 1230.

A mesma oscillação se observa no estado da Galliza: «é incorporada na unidade do reino de Leão, por Affonso I, mas sob Fruela procura revindicar pela revolta a sua independencia. Envolvida por Affonso III na mesma unidade em que entra o reino de Leão, a Castella velha e a Lusitania, essa unidade quebra-se pela morte do monarcha, vindo a Galliza a cair em herança a Ordonho, que a incorpora outra vez no reino de Leão roubado a seu irmão Garcia. Pela morte de Ordonho, Fruela incorpora a Galliza e Leão no reino das Asturias. Tres

vezes sacrificada a sua autonomia nacional, a Galliza não perde o espirito de independencia, e vence em uma lucta separatista sob Ordonho III, Sancho I e Ramiro III á custa do apoio dado aos conflictos dos outros estados entre si. Porém, n'essa forte corrente de unificação politica imposta pela audacia de Fernando Magno, a Galliza é absorvida como os outros estados de Navarra, Aragão, Castella e Leão, vindo, pela desmembração determinada pelo testamento de Fernando, a Galliza a caber a seu filho Garcia. Esta situação independente foi transitoria, porque Garcia é desapossado por seu irmão Affonso VI, que realisa a *quarta unificação* peninsular, em que separa da Galliza o Condado de Portugal, que depois da sua morte se torna independente. A Galliza nunca mais saiu da sua situação subalterna, decahindo successivamente; etc.»¹

Esta oscillação demorada entre a tendencia cantonal ou separatista e monarchica ou unitaria foi pela primeira vez bem demonstrada pela prova historica por Pí y Margall no seu livro *As Nacionalidades*. Mas falta-nos ainda observar essa lei historica no estado de Portugal: constituido em 1109 e declarado independente em 1139 por D. Affonso Henriques, a sua unidade nacional nunca mais se perturbou por causas internas, e esta unificação prematura na nossa existencia politica é já uma segura caracteristica para distinguir a nossa civilização da hespanhola. Com certeza temos menos sangue semita do

¹ *Cancioneiro popular gallego*, t. I, pag. XI.

que o hespanhol. Pí y Margall deduz d'essa serie de factos historicos que a Hespanha não póde ser politicamente senão federal; e para nós sendo a sua unidade um producto artificial da monarchia ligada com o catholicismo, desde que estes dois poderes decahirem da sua acção, ha de predominar outra vez a tendencia separatista. De facto a monarchia absoluta ou do direito divino já não é possivel, e o catholicismo decae das consciencias que buscam as explicações no campo scientifico. A unica fórma politica racional compativel com a dignidade humana e com as condições ethnicas dos povos peninsulares é o *federalismo*. É sob este criterio que se deve julgar a marcha historica percorrida, e mesmo a acção das differentes raças que occuparam o solo hispanico. A fusão dos Celtas com os Iberos, foi um primeiro esboço de unificação nacional, que só muito mais tarde os Romanos com os seus vinculos administrativos souberam conseguir; com as invasões germanicas quebraram-se esses vinculos, e só mais tarde os Visigodos é que conseguiram uma unificação, que tornou a quebrar-se com a conquista arabe, a qual se não perpetuou pela sua ingenita tendencia separatista. Os germens da administração romana conservados na disciplina catholica, que se fortaleceu com o boçalismo e ambição pessoal dos reis, é que mantiveram essa obra artificial da unidade politica de um grande estado. Hoje as cousas tendem para o natural, e á medida que a politica se converter em sciencia as *condições ethnicas* serão attendidas como indicações do futuro social da Peninsula. A persistencia da fórma municipal romana na Peninsula, que se

perdeu em outros paizes tambem conquistados pelos romanos, não se póde explicar senão por ser um nucleo de governo independente adaptado á autonomia local; fôsse o municipio simplesmente administrativo, um delegado do fisco, como hoje é, teria desaparecido insensivelmente como n'outros paizes romanicos; tornado porém electivo segundo os costumes germanicos deu a *Communa*, a *Arimania*, a *Irmandade* e os *Concelhos*. Toda a decadencia dos povos peninsulares deve attribuir-se á violação da sua organica tendencia separatista; os monarchas devastaram as povoações para as subjugarem aos seus estados hereditarios, e o clero catholico levantou fogueiras e atropellou as consciencias para unificar o dogma. É por isso que uns vêm na monarchia e no catholicismo a causa do engrandecimento progressivo de Hespanha até ao seculo xvi, e querem restaurar a nacionalidade entregando-a a esses dois poderes mortos; outros vêm n'essa mesma monarchia e catholicismo, representados n'um Philippe II ou n'um Torquemada, a causa immediata da decadencia intima das nações peninsulares. O grande phenomeno politico de um Aranda em Hespanha, ou de um Marquez de Pombal em Portugal, foi o primeiro passo para quebrar a liga obscurantista entre a monarchia e o catholicismo; foi assim que se introduziu na Peninsula contra o absolutismo o systema constitucional, contra o catholicismo a liberdade de consciencia. Foi o primeiro passo para diante. Na dissolução do constitucionalismo é mais facil avançar, e para estes povos o progresso consiste em voltarem á independencia local, fonte da sua verdadeira fecundidade,

e destruindo os odios levantados pelas monarchias, reconhecerem-se fortes pela federação.

O snr. Oliveira Martins páрте da opinião que todos os elementos da liberdade peninsular vieram dos romanos «das instituições baseadas sobre o principio da apropriação communal da terra». N'este presupposto (pag. 41, 48, 281) considera todas as relações com os outros povos como perturbadoras d'estas condições de desenvolvimento, e todo o isolamento como tendendo a restabelecer esta disciplina. É uma preocupação mental. O municipio e o systema da propriedade territorial romana não são privativamente romanos; este povo pertence ao mesmo tronco ethnico dos gregos, dos celtas e dos germanos, cujas instituições são eguaes ás romanas segundo um estado mais ou menos rudimentar. Os estudos comparativos feitos por Savigny das instituições sociaes nos diversos ramos germanicos, levou-o a achar typos fundamentaes, que como patriarchaes são analogos se não identicos aos romanos. Freemann na *Politica comparada* levou o seu exame mais longe, e chegou ás mesmas conclusões. O ponto de vista do snr. Oliveira Martins é incompleto, por isso que páрте de uma pretendida originalidade peculiar das instituições romanas para as deducções ácerca da Civilisação iberica, e isto sobre o equivoco de que o ibero é africano.

O titulo do livro *Historia da Civilisação Iberica* não lhe compete propriamente, porque estende esta designação a todo o conflicto das raças historicas da peninsula. Sobre a distribuição das raças iberica e celtica, suas formas sociaes, constituição de familia, costumes e tradi-

ções nada apresenta porque lhe escassearam os meios de exame, que são principalmente tirados da onomatologia. Em relação aos nomes locais esse estudo leva a importantes descobertas sobre o conhecimento das raças, como o ensaiou Guilherme de Humboldt determinando a sua distribuição topographica; por outro lado os nomes pessoais são magníficos elementos de uma paleontologia social, familista e cantonal. Basta uma rápida exemplificação, por onde se observa o dualismo das raças da Iberia. O antigo elemento ibérico apoiava-se na aggragação *territorial* da cidade, e o character das suas instituições sociais conhece-se pelo sentido local dos radicais *ili, iri, eli*, como notou Arbois de Jubainville; com o elemento celtico prepondera a qualidade *pessoal*, na fórma da tribu, como se vê nas vozes *touto* ou *tauta*, na *thiuda* germanica e na *gens* romana. Com este facto capital se explicam as fórmas da civilisação ibérica. Com a constituição de *cidade*, possuía Tarragona 79 agrupamentos territoriaes, além de 12 colonias, 13 cidades romanas, 18 cidades com direito latino, 1 alliada e 155 tributarias; a Betica tinha 165 cidades, além de 9 colonias, 18 municipios, 29 cidades de direito latino, 6 cidades livres, 3 alliadas e 120 tributarias. A Lusitania tinha 45 cidades, com 5 colonias, um municipio, 3 cidades de direito latino e 36 tributarias. É portanto esta organização do elemento *cidade* que dá a forte persistencia da raça, que absorve em si os povos invasores ou que facilmente os deixa substituir por outros, como os Phenicios pelos Romanos, estes pelos Germanos e depois pelos Arabes, os quaes pela sua indole nomádica não resistem aos ataques dos Neo-Go-

dos. Pela constituição das *tribus* ou Gentes, elevaram-se á forma social superior das Confederações.

Entre o Tejo e os Artabros, 30 Gentes (Strabão); no Convento Cluniense, 68 povos (Plinio); Jurisdicção de Saragoça, 152 povos; Convento do Lugo, 16 povos; Asturias, 22 povos. Havia a Confederação dos Ausetani, Ilergetes e mais 30 povos; os Vacecos, Vettanos e Celtiberos estavam alliados para a guerra. As Assembleias federaes Vellica (dos Cantabros) e Asturica, tinham os poderes da politica externa, alianças, declaração de guerra e estabelecimento dos tratados de paz ¹. Pelo mesmo processo se póde entrar no conhecimento da familia nos povos ibericos. Os nomes, em que o filho toma o appellido da *mãe*, como se vê por uma inscripção de Tarragona, revelam-nos uma fórma social ginococratica; nas inscripções hispano-latinas o nome de *familia* prevalece sobre o da *tribu*. A fórma em *ex*, peculiar dos patronymicos (Alvarez, filho de Alvaro; Fernandex, filho de Fernando, Mendex, filho de Mendo) que subsiste no euskariano em *ex* e *ix*, apparece no cantabrico e asturiano na fórma *ves*, como notou Fernandes Guerra, que a liga ao primitivo *ives*, pronome iberico. O nome gentilico faz-se conhecer nas inscripções hispano-romanas pelos suffixos *cum* e *co*. Pela onomatologia se determinam as grandes perturbações sociaes e os cruzamentos das raças. Se existe algum livro que mereça o titulo de *Historia da*

¹ Vid. D. Joaquin Costa, *Introduccion a un tratado de Politica* (Mitologia y Literatura celto-hispanas), pag. 252 a 255.

Civilisação Iberica é a obra publicada pelo professor D. Joaquin Costa, dirigida pelos methodos seguros da onomatologia e da mythographia, com o titulo a que já nos referimos. Applicar esse titulo a um quadro da successão das raças historicas na peninsula, romanos, germanos e arabes, como fez o snr. Oliveira Martins com louvavel sinceridade, é fazer uma promessa, illudida mas não desempenhada.

E sem a comprehensão d'esta base *territorial* dos povos ibericos, como se explicará o direito *territorial* dos *foraes*, das antigas *behetrias* sobre que se fundou a Nacionalidade portugueza? Para Oliveira Martins Portugal como nação é o producto de certas vontades individuaes.

Duas correntes antinomicas se observam na organização dos Estados peninsulares na longa época da reconquista christã ou neo-gothica; na primeira os Reis, ou chefes militares da guerra defensiva, apoiam-se no elemento popular, e reconhecem as franquias e liberdades das povoações, que são a guarda do territorio tomado aos mouros. É o que se observa nos reinados de Fernando I e Sancho II. Na segunda corrente, que prepondera sob o reinado de Affonso VI, que é auxiliado pelos cavalleiros francezes na conquista de Toledo, desenvolvem-se os costumes do Feudalismo, que já se manifestava nos paizes que eram visinhos da França, taes como Catalunha, Navarra e Aragão. Na conquista de Portugal, Affonso VI serviu-se dos cavalleiros borgonhezes, e o novo Condado portuealense constituiu-se sob a fórma feudal, perdendo este character gradualmente conforme os reis d'este novo estado se apoiaram nos Con-

celhos e Behetrias. Nas tradições poeticas do Cid acham-se caracterisadas estas duas correntes; ha um Cid popular e monarchico no *Poema del Cid*, e um Cid feudal em lucta com o Rei na *Cronica rimada*, como notou D. Agustin Duran. Nos romances vulgares acham-se estes dois aspectos confundidos.

Portugal é o paiz que mais desconhece a sua historia; d'aqui resulta o abandono da tradição nacional na arte, o desprezo pelos seus monumentos, a separação lamentavel entre os escriptores e o povo, a falta de convivencia e de plano na actividade politica dos que exercem a auctoridade, e, o que é mais triste, da parte da nação a incapacidade de julgar as instituições abusivas que atrophiaram a sua energia, e a apathia com que se submetteu sempre a toda a ordem de tropelias da realeza, que ainda em 1847 chamou sobre Portugal uma invasão ou intervenção estrangeira para manter-se na sua posse dynastica. O maior serviço que se póde fazer a esta nação é recordar-lhe a sua historia; d'ella se derivam todos os estímulos de renovação intellectual, moral e economica, porque os factos do seu passado são bem eloquentes para convencerem de que pela influencia secular do *jesuitismo* se atacou mortalmente a manifestação da intelligencia portugueza, pela extincção das *côrtes* se abafou a vontade nacional partindo a orientação da vida publica da devassidão palaciana, e pelo regimen do *absolutismo* cesarista dispenderam-se as riquezas nacionaes em faustos e fundações estupidas, em tratados que aruinaram para sempre a nossa industria, e em um sistema administrativo das colonias cujo fim era o engran-

decimento dos governadores ou fidalgos arruinados que iam pela rapina official desempenhar as suas casas.

Pôr em relevo a historia d'esta pequena nacionalidade, é fornecer-lhe as noções que hão de determinar os seus actos de transformação e de progresso; os povos não se movem pela vontade dos tribunos, nem os agitadores têm esse poder fascinador, que arrasta as multidões, como outr'ora se julgava. Dizia um ministro francez a proposito dos levantamentos populares, que antes de se procurarem os chefes, se procurassem as ideias que suggeriam esse movimento. Se os tribunos têm acção sobre um povo, n'uma dada hora, é só porque exprimem com maior clareza a ideia que está na consciencia de todos. É por isso que para um povo apathico e atrasado, como o portuguez, todos os esforços para o seu desenvolvimento serão improficuos emquanto elle não adquirir as ideias que hão de ser o estímulo ou o determinismo da sua propria acção. Para fallar a este povo sem interesses, em grande parte alheio ás conquistas do seu tempo, a lição mais agradável e persuasiva é a da sua historia; encadeiem-se-lhe os factos e elle comprehenderá a razão da sua independencia para lutar por ella, perceberá como o beneficio de uma familia se immobilisou em um feudo, e saberá pela expressão da sua soberania fundar um regimen de liberdade politica, sacudir todas as invasões da esphera civil, simplificar os serviços publicos, e explorar as fontes vivas da sua riqueza. O livro do snr. Oliveira Martins, a *Historia de Portugal*, é a primeira tentativa d'este empenho justo, embora não tenha condições de vulgarisação, por serem os factos

mais apreciados do que narrados; a obra está escripta com traços crús, um pouco á Carlyle, repassada do tom aggressivo de uma consciencia que se insurge, emancipada do preconceito nacional, e que comprehende que o futuro de Portugal depende da capacidade de um dia poder julgar o seu passado historico. Para muitos, para quem o patriotismo é uma emoção *chauvinista*, e que têm phrases feitas para cada época e cada typo da nossa historia, a *Historia de Portugal* do snr. Oliveira Martins é um livro detestavel; para os que reconhecem a necessidade de uma renovação nacional, esse livro é um saudavel estimulo.

Não tinhamos uma Historia de Portugal resumida, que servisse de indicador e de apoio ao criterio vulgar; os resumos impostos oficialmente nas escolas são vergonhosos productos de mercantilismo, em que se trata simplesmente da vida dos reis, seus casamentos e mancebias, demarcando-se as épocas da evolução nacional pelos accidentes das dynastias, que se substituem umas ás outras. Os resumos mais bem feitos da nossa historia foram realisados por estrangeiros, taes como o *Portugal* de Ferdinand Denis, a pequena historia de Rabbe e a de Augusto Bouchot; qualquer d'estas historias, em uma traducção melhorada seria muito mais util para o ensino. A falta de um bom resumo, condição para que a historia se torne popular, explica-se pela falta de uma Historia completa de Portugal; ninguem ainda a fez. Existem vastas chronicas de reinados, escriptas com o criterio de épocas sem liberdade mental, e encommendadas pelos personagens historiados; existem opulentissimos docu-

mentos, como as Inquirições de Affonso III, os processos do Santo Officio, os archivos da Inconfidencia e da Intendencia geral da Policia, os quaes exigem a vida de uma geração inteira para serem trazidos á publicidade, e servirem então nas mãos de outros como materiaes da historia. A *Historia de Portugal* começada pelo erudito Alexandre Hereulano, era delineada em proporções que abrangeriam decerto mais de trinta volumes, como se póde deduzir da extensão dada aos concelhos, e do volume quinto, ainda inedito, destinado á organização financeira, e isto tudo dentro do reinado de D. Affonso III, quando a nacionalidade ainda não havia entrado na sua vida historica da época das navegações e descobertas. A falta de um criterio philosophico em Hereulano, a falta de estudos de ethnologia, o seu christianismo poetico, o seu monarchismo constitucional, privaram-o do ponto de vista synthetico, e da apreciação justa das instituições fundamentaes; a sua obra, exclusivamente erudita, deramada em discussão analytica de problemas accidentaes, nunca teria acção sobre o espirito publico por ser illegivel; a sua fórma e proporções tornal-a-iam uma obra de consulta. Dizia Napoleão, que a Historia de França devia ser escripta em quatro ou cinco volumes, ou em cem; o que ha de justo n'este dito póde applicar-se a Portugal, cuja historia se deve fazer em um pequeno livro, ou em quatro grossos volumes; desde que exista publicado um corpo de documentos, de modo que um homem sem sair de casa, sem ser paleographo, nem archeologo, possa deduzir dos textos a evolução das instituições, bastará um pequeno livro para fazer compre-

hender a unidade historica de um povo. A *Historia de Portugal* de Henri Schaefer, satisfaria a falta d'esse livro, se a Academia das Sciencias o traduzisse como lhe competia, annotando-o e ampliando-o com os documentos inacessiveis ao illustre professor allemão. D'esta situação dos estudos historicos — sobretudo da falta de publicação de um corpo de documentos, para se poder escrever uma Historia de Portugal com criterio philosophico, resulta a impossibilidade de se fazer um bom resumo; a *Historia de Portugal*, do snr. Oliveira Martins, soffre as consequencias da falta de uma obra fundamental sobre que fizesse uma intelligente condensação. Temos a certeza de que o snr. Oliveira Martins era capaz de extrair das grandes historias de Sismondi, de Henri Martin ou de Michelet um lucido resumo da Historia de França; e que, sendo capaz de estudar profundamente qualquer época da Historia de Portugal, lhe era impossivel annullar todo esse immenso trabalho, para o reduzir a um pequeno quadro accessivel á curiosidade do maior numero.

Como resumo a obra do snr. Oliveira Martins não satisfaz, e será difficil a qualquer outro escriptor esse desempenho, pelas razões que expuzemos; na sua Historia o proprio snr. Oliveira Martins não visou a ser completo, deixando de tratar alguns reinados importantes, como o de D. Diniz, destacando a stratificação chronologica para fóra do texto, e errando por vezes em pequenos factos, que em nada prejudicam as considerações geraes. É facil ser severo com este livro; e comtudo tem qualidades de primeira ordem, impressiona, absorve

a attenção e obriga a pensar sobre a actividade inconsciente de um povo explorado pelos que o governaram sem plano, e que subsiste apesar de todas as monstruosidades de uma politica boçal, que por vezes o entregou ao seu inimigo.

Esta persistencia de uma pobre e pequena nacionalidade, que se mantém através de tudo, máo grado a cegueira dos espiritos dirigentes, é o problema principal da nossa historia. O snr. Oliveira Martins, fazendo a historia de Portugal com os processos pittorescos de Michelet, que visivelmente imita, e com a *coudée franche* de Carlyle, que por vezes contrafaz, põe em um bem claro relêvo a incapacidade politica, a boçalidade e ás vezes a perversidade dos que exerceram o poder sobre este povo; é uma parte do problema. A outra parte, porque é que a Nação subsistiu sempre, através de todos esses erros, é ao que não responde, e é esse o nó vital da nossa historia. Tambem Herculano não explicava, pela falta de conhecimentos de ethnologia, a razão da desmembração de Portugal da unidade hispanica; e já Schaefer considerava esse facto tão importante, praticado sem ruido, e mantido através dos seculos, como mysterioso. Ao historiador compete restabelecer o conditionalismo natural d'este facto, porque na historia, como em todos os phenomenos de ordem physica ou moral, não existem mysterios. O livro do snr. Oliveira Martins, sendo unicamente de considerações geraes, e n'este sentido com grande importancia, seria melhor apreciado, dando-se-lhe o titulo que melhor exprime o seu intuito — como *Ideias para a Historia de Portugal*; sob este

ponto de vista, quanto mais relêvo dêsse á inconsciencia governativa dos reis portuguezes, e aos vicios organicos das instituições mantidas por interesse dynastico, tanto mais fazia resaltar a necessidade de descobrir o condicionalismo que manteve sempre através de tudo, na desmembração da Hespanha e na persistencia nacional, este aggregado independente. Emquanto á primeira parte do problema, isto é, o processo historico das instituições, a severidade implacavel, a eloquencia do protesto, e evidencia dos erros, a *Historia de Portugal* seria um livro destinado a exercer uma acção benefica sobre as intelligencias, communicando-lhes a critica dissolvente contra os abusos consagrados, se o escriptor, victima da versatilidade de uma época sem principios, se não tivesse congraçado com esses abusos; emquanto á parte implicita n'esse problema, o porquê da persistencia da nacionalidade — o snr. Oliveira Martins tornou-se incapaz de resolver-a, por causa de uma preocupação theorica, o attribuir o facto da nacionalidade portugueza não ao condicionalismo ethnico mas simplesmente á vontade dos homens. Esta ideia do snr. Oliveira Martins, affirmada em bastantes logares da sua *Historia de Portugal*, e constantemente contradictada pelos factos que elle proprio descreve, é já antiga no seu espirito; é um ponto de vista a que se acostumou, e que o estudo historico para a sua obra deveria ter ratificado. Converteu-o na theoria psychologica da historia, como veremos no seu livro *Os Filhos de D. João I*.

No seu livro *Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e a sua obra em relação á sociedade portugueza e ao mo-*

imento da Renascença, publicado em 1872, escrevia o snr. Oliveira Martins: «se algum dia intentasse escrever a Historia portugueza, litteraria, politica ou social, o principio que havia de presidir a esse trabalho, o que tenho como a verdadeira comprehensão d'este povo, é que elle não é uma nação natural (geographica, ethnographica), mas sim uma nação moral; *não é uma criação da natureza, mas sim uma criação da consciencia*. É este o pensamento que sairá d'este livro que escrevo. Portugal é como Roma. O hespanhol, o gaulez, o latino, todos eram *romanos*, porque ser romano não importa uma nacionalidade, importa sim um estado mental que abraça uma concepção commum. Se se não repete isto com os Portuguezes, é porque a sua acção no mundo nunca foi tal que preponderasse á de outros povos; mas o phenomeno da falta de character, da aptidão de os assimilar todos, o cosmopolitismo do genio portuguez, provam, parece-me, a doutrina; nas nações que representam raças, encontramos tendencias; nas nações como a romana e a portugueza, encontramos pensamentos. A Inglaterra não é industrial, a Italia artistica, a Allemanha pensadora, em virtude de um pensamento reflectido; ao passo que as conquistas portuguezas, como romanas, Ceuta e Carthago, affirmação de duas nacionalidades, o são». (*Op. cit.*, pag. 173, nota). Aqui temos uma distincção em nacionalidades *naturaes* e nacionalidades de *consciencia*, concepção verdadeiramente gratuita; passados sete annos, o snr. Oliveira Martins levava a effeito a realisação do seu pensamento, a Historia social e politica de Portugal, e baseiou a sua obra sobre essa

concepção, que os factos que accumula lhe contradictam e revogam. Portugal é uma nação por condicionalismo *geographico* e *ethnico*, como vamos vêr, pela sua disposição norte a sul.

Em um estudo de Spencer sobre a *Psychologia comparada do Homem*, escreve: «O professor Morley chama a atenção sobre este facto, que durante sete seculos de historia da Inglaterra, os maiores genios d'este paiz nasceram nos districtos onde se effectuou a mestiçagem dos Celtas com os Anglo-Saxões. M. Galton demonstra tambem na sua obra *Os Sabios de Inglaterra*, que os homens mais eminentes pela sua sciencia são quasi todos oriundos de um districto interior, estendendo-se de *norte a sul*, onde se póde rasoavelmente suppôr que se acha mais sangue cruzado do que nas regiões situadas a leste e a oeste d'esta linha central». Estes factos esclarecem-nos ácerca de Portugal; os seus principaes talentos como Camões e Sá de Miranda têm o seu tronco genealogico na Galliza; Bocage e Garrett têm por avós um francez e um irlandez, por onde se vê que a plasticidade do seu talento está na razão dos seus cruzamentos. A situação de Portugal, em uma linha ou faixa norte sul, prova como n'este territorio foi maior o cruzamento das antigas raças peninsulares do que em qualquer outra provincia da Hespanha, ou mesmo Estado livre, em que a sua situação geographica offerecia mais estabilidade ás raças occupadoras. Como primeira consequencia historica, Portugal chega no seculo xii á sua integração de Nacionalidade, emquanto que o resto da Hespanha, oscillando entre os varios pontos de unifica-

ção, Asturias, Aragão e Castella, só chega a este grão social no fim do seculo xv, e incompletamente.

O territorio em que se constituiu a nacionalidade portugueza acha-se dividido em tres partes distinctas pelos geographos antigos, principalmente por Strabão:

1.^a Uma parte estendia-se desde o cabo Nerio ou de Finisterra até ao Douro; era ao que propriamente se chamava a Galliza, ou o territorio dos Callaicos;

2.^a Outra parte estendia-se desde o Douro até ao Tejo, e d'este rio até ao Guadiana, ou propriamente o territorio da Lusitania;

3.^a A outra estendia-se desde o Ana até ao Sacrum, e era a Turdetania.

Aqui temos no territorio as primeiras condições para uma unificação nacional: A nacionalidade portugueza começa a organizar-se na região de Entre Douro e Minho, onde existia mais elemento ethnico de raça árica, sobretudo colonias gregas e romanas, como se vê pelo regimen emphyteutico da propriedade na provincia do Minho; assimilou facilmente a região central a titulo de libertação do dominio arabe e conservou-se a aggregação pela acção vigilante das ordens de cavalleria; por ultimo a terceira região, como refugio dos Arabes, foi conquistada já pelas incursões maritimas, em que o genio da nação se revelava, manifestando-se com consciencia historica na conquista dos *Algarves d'além mar*. O condicionalismo geographico determina a independencia da nacionalidade portugueza; a *visinhança do mar*, como notou Hegel, separa Portugal da Hespanha, como a Hollanda da Allemanha. Do lado da Hespanha, os Pyreneos

exercem, como todas as montanhas, uma acção de estabilidade, as raças apoiam-se ahí na sua immobildade, e não é só materialmente que os Pyreneos separam a Hespanha da Europa. Com relação ao condicionalismo ethnico, sabe-se hoje, que o ibero apresenta duas differenciações, a dolichocephalia na Hespanha e a brachycephalia do lado da França, e da mesma fórma o Celta marítimo ou Lygio, e o Celta central, e ainda o Arabe distincto do Mouro, cujas differenças se deviam accentuar na raça peninsular, obedecendo na sua fusão espontanea á acção invencível do meio territorial. Estes factos não podem ser desconhecidos, e a separação dos dois povos, e a persistencia da autonomia portugueza têm motivos mais fortes do que a vontade dos homens, que sempre a comprometteram pela incapacidade ou inconsciencia com que exerceram o poder. O estudo das individualidades historicas é a demonstração clara do individualismo ethnico da nacionalidade portugueza. O snr. Oliveira Martins pretende no seu livro « caracterisar o que ha de particular na historia portugueza; resta *fazer viver os seus homens*, e representar de um modo real a scena em que se agitam; tal é o programma... » (*Hist.*, t. I, XI). Para uma nação-moral, a sua historia está logicamente na vontade abstracta; o snr. Oliveira Martins quando tenta deduzir essa vontade do caracter e da acção dos homens, chega ao triste mas verdadeiro resultado, que esses homens ou são estupidos ou que a sua acção é sem plano! Negando á geographia e á raça as condições para a formação do aggregado nacional, (pag. 13) explica esse aggregado pelo *equilibrio*, mantido pela

vontade dos homens: «Quando se observa o retalho da Peninsula, de que a historia fez Portugal, separado do corpo geographico a que pertence, desde logo se vê *como a vontade dos homens pôde sobrepujar as tendencias da natureza*». (*Ib.*, pag. 15). E adiante: «a independencia da nação não proveiu de factos naturaes, porém antes de um acto de vontade». (*Ib.*, pag. 39). E demonstrando como os Jesuitas atrophiam a consciencia portugueza, bestialisando as intelligencias, affirma: «Destacando o homem do mundo real e moral, e arrancando o portuguez ás suas inda recentes e mal seguras tradições nacionaes, a Companhia em parte alguma conseguia realisar tão cabalmente o seu programma, como em Portugal. *Nação ephemera, creada por um acto de vontade*, a abstracção era mais facil entre nós do que pelos reinos da Europa, mais ou menos assentes sobre o alicerce resistente de uma origem ethnica, consagrada por uma duradoura historia». (*Ib.*, II, 74). Por esta explicação do predominio dos Jesuitas em Portugal se reconhece o lado vulneravel da theoria psychologica da historia; no seculo XVI, Portugal conservou sempre a sua neutralidade entre a Hespanha e a França envolvidas na rivalidade de Carlos V e Francisco I, como o provou amplamente o visconde de Santarem nos documentos do *Quadro elementar*. Se a Companhia de Jesus, apesar dos seus tres primeiros geraes hespanhoes, se fortificasse em Hespanha, teria fechada a França á sua propaganda; no caso inverso seria envolvida em egual hostilidade por parte da Hespanha. Assentou os seus arraiaes em Portugal como em terreno neutro, e á sombra das recom-

mendações de um rei neutral, D. João III, conseguiu tudo das diversas potencias. O que é que levava a politica portugueza a esta neutralidade? Dil-o o visconde de Santarem; para com a Hespanha a contiguidade do territorio, para com a França a necessidade de defender a nossa navegação dos piratas. Vê-se portanto que os homens se não destacavam do mundo real. Podiamos extrahir da Historia do snr. Oliveira Martins mais affirmações identicas; a elle competia pôr-nos em relêvo essa vontade manifestada pelas individualidades historicas. A *Historia de Portugal* encarrega-se exclusivamente de demonstrar a incapacidade dos espiritos dirigentes; admiramos a coragem, franqueza e lucidez do escriptor, crêmos algum tempo mesmo na saudavel efficacia da sua obra, mas lamentamos a falta completa de logica no seu plano. Procure-se n'essa Historia conhecer de perto Affonso Henriques, D. João I e o Condestavel, D. João II, D. Manoel, os Braganças, o Marquez de Pombal, os grandes Vice-reis da India, e os seus retratos pacientemente acabados, provam á evidencia que esses homens, estabelecendo uma descoordenação profunda entre a organização social e a evolução politica (*Ib.*, t. I, 45), eram incapazes de sustentarem pela vontade um aggregado sem condições naturaes de equilibrio. N'este sentido a *Historia de Portugal* do snr. Oliveira Martins merece ser lida e meditada. Tiramos d'ella uma lição fecunda.

Quando vêmos a falta de plano politico com que tem sido governada a nação portugueza, como as suas familias dynasticas atacaram as forças vivas da naciona-

lidade entregando-a na parte moral e intellectual ao clericalismo, na parte economica expungindo os judeus e immobilizando a propriedade nas fórmas abusivas dos bens de mão-morta, das capellas, das emphyteuses e sub-emphyteuses, e dos morgados; como os monarchas, dirigidos pelos seus válidos ou directores espirituaes, nos separaram systematicamente do movimento europeu, tal como a Reforma e a Revolução franceza, por tudo isto assombra-nos como esta pequena e desgraçada nação portugueza se tem conservado, sem uma desaggregação ou extincção numerica. Este problema, a que a historia difficilmente responde, comprova um principio affirmado por Adam Smith sobre o equilibrio estavel que caracteriza os aggregados sociaes: «Para levantar um estado do ultimo gráo de barbarie ao fastigio da opulencia, basta simplesmente a paz, tributos suaves, e uma administração toleravel da justiça; tudo o mais é trazido pelo curso natural das cousas. Os governos que violentam este curso natural, que precipitam em outras vias as cousas destinadas a seguil-o, ou que se esforçam para fazer parar o progresso da sociedade, em certas situações definidas da sua existencia, obram contra a indicação da natureza; para se sustentarem vêem-se obrigados a tornarem-se tyrannicos e oppressivos». Isto explica-nos as atrocidades da intolerancia religiosa como um systema policial aproveitado pelo absolutismo, e ao mesmo tempo a facilidade com que ás primeiras reformas do Marquez de Pombal a nação portugueza manifestou evidentes symptomas de prosperidade. Foi pela simplicidade dos governos patriarchaes, que as sociedades primiti-

vas se desenvolveram espontaneamente elevando-se pelas proprias forças evolutivas á civilisação; é pelo arbitrio pessoal da auctoridade immobilizada em familias privilegiadas, que as civilisações estacionam, ficando ás vezes irremediavelmente compromettidas. Emquanto Portugal se apoiava na sua organização rudimentar foraleira, existiu vida local, espirito de resistencia, e a unidade politica fazia-se sentir na necessidade da convocação de côrtes; desde que os foraes foram abolidos a pretexto de codificação geral por D. Manoel, as côrtes foram caindo em desuso, e a nação tornando-se em misero rebanho de quem o rei, segundo a phrase das eglogas quinhentistas, era o Maioral. Todos os actos governativos foram exclusivamente praticados no interesse dos governantes, e a nação manteve-se através de todas as monstruosidades; imagine-se como este pequeno povo teria sido fecundo sem governo! bastava-lhe a contiguidade da Hespanha para estimulo e disciplina de cohesão.

A obra do snr. Oliveira Martins resente-se da sua falta de disciplina philosophica; para elle « *a historia é sobretudo uma lição moral* »¹. A moral é um ponto de

¹ A isto responde Renan: « As applicações moraes, effectivamente, desviam quasi sempre a sciencia do seu fim verdadeiro. Estudiar a historia só para lições de moral ou de sabedoria pratica que derive d'ella, é renovar a caricata theoria d'esses máos interpretes de Aristoteles, que davam por destino da Arte dramatica o curar as paixões que ella punha em scena. O espirito que eu ataco aqui é o da sciencia ingleza, tão pouco elevado, tão pouco philosophico ». (*L'Avenir de la Science*, pag. 22).

vista theorico, se abstrairmos do seu sentido restricto ou ethico, como sciencia dos *costumes*. No sentido theorico, tira-se da historia a *Moral em acção*, como se fazem tambem *Bellezas da Historia*, em pequenas bibliothecas de vulgarisação, como se fazem Planos theologicos *providenciaes*, segundo Bossuet, ou segundo o criterio *juridico*, conforme Vico. O criterio *moral* applicado á complexidade extensissima dos phenomenos sociologicos, é tão limitado, como o criterio reduzido ao ponto de vista economico, ou esthetico, ou juridico, ou religioso, ou linguistico; a moral é tambem um factor social, mas nunca uma synthese sociologica. Sob o ponto de vista dos costumes, (*Mores*, de que Oresme no seculo xv tirou o substantivo *Moral*) teve Voltaire o extraordinario relance de genio fundando uma das mais altas concepções da Historia no seu livro *Ensaio sobre os Costumes e o Espirito das Nações*. Se o snr. Oliveira Martins meditasse os trabalhos historicos de Voltaire, Condoreet e Gibbon, não fallaria com tanto desdem do seculo xviii; se conhecesse o phenomeno historico, que caracteriza o seculo xvi, a dissolução systematica do regimen catholico-feudal, explicaria melhor o apparecimento da Companhia de Jesus no mundo moderno, e não cairia n'esse deploravel absurdo, improprio de um pensador instruido, de comparar as reservas do ensino jesuitico com a disciplina mental dos positivistas que abandonam os problemas insoluveis da metaphysica como fóra de toda a comprovação scientifica. Diz o snr. Oliveira Martins: «Precursores dos Positivistas, propunham-se (sc. os Jesuitas) temerariamente a fixar a raia do imperio da razão, construindo os

marcos fronteiros, além dos quaes lhe não consentiam ir: *Quæstiones de Deo prætereantur*. Ninguém levante problemas novos: *Nemo novas introducat quæstiones*». (*Ibid.*, t. II, pag. 71). O que motivou a fundação da Companhia? a necessidade que a igreja teve no seculo XVI de reagir contra o novo espirito scientifico que insurgia as intelligencias. O espirito scientifico, apesar da milicia organizada dos jesuitas, que se apoderaram da educação publica em todos os estados europeus, prevaleceu na evolução historica, e a dissolução do regimen catholico-feudal revelou-se no campo religioso no Protestantismo, e no campo politico na Revolução dos Paizes-Baixos, da Inglaterra, da America e da França. O que motivou a systematisação do Positivismo? a necessidade de dar uma coordenação philosophica a esse espirito scientifico, começando pelo processo logico de só fundar conclusões ou generalisações sobre factos de ordem scientifica ou verificaveis. Ligue o sr. Oliveira Martins estes dois successos historicos e verá como é banal a sua aggressão. A *Historia de Portugal* tem numerosos erros de detalhe, que não assignalamos, porque não tiram á obra o seu valor; tem uma certa preocupação de estylo, que prejudica a eloquencia dos factos, e uma incoherencia, effeito da vaga generalisação; um dia virá a ser um bom livro, se o auctor poder dizer de si isto que Max-Muller diz dos seus trabalhos: «É raro o eu approvar sem reserva o que annos antes escrevi».

No meio da instabilidade politica e da insolvencia economica em que se debate n'este momento o regimen monarchico em Portugal, os trabalhos scientificos e litte-

rarios são ainda uma consolação, um apoio para os espiritos, e, mais do que tudo, o symptoma evidente de que n'esta nação existe vigor moral bastante para realizar a sua inevitavel regeneração. Dá-se muitas vezes na historia dos povos esta contradicção entre as suas instituições politicas que se debatem na decadencia, e as manifestações intellectuaes, que trazem implicitas a força de uma futura regenerescencia. Entre as mais recentes publicações dos prélos portuguezes, n'este momento sob tantos aspectos angustioso, destaca-se no primeiro logar o importante livro de Oliveira Martins *Os filhos de D. João I.*

A obra de Oliveira Martins, *Os filhos de D. João I.*, encerra as suas superiores qualidades, e ao mesmo tempo os seus defeitos como historiador. Sacrifica muito ao estylo rhetorico e á tendencia para a compilação rapida dos materiaes que encontra mais facilmente á mão, faltando-lhe um conhecimento synthetico da historia moderna da Europa, isto é, da transformação do regimen catholico-feudal desde o seculo XIII até a erise final da revolução franceza. Com esta falha, todos os factos passados na historia portugueza do seculo XIV e XV, que fazem a trama do seu livro, são mais adivinhados do que explicados, e quando essa adivinhação se não comprova, refugia-se no campo das interpretações subjectivas da psychologia biographica. Oliveira Martins, dotado de um elevado poder de analyse dos caracteres individnaes, propende em historia para a reconstrução das biographias. Definindo no seu prologo as transformações por que tem passado o genero litterario da Historia, declara-se pela biographia: « Nas vidas de Plutarecho temos

ainda hoje, parece-me, um dos modelos d'este genero litterario; já porque assim o grego entendia a historia; já porque fazia, como deve ser, da analyse psychologica e do exame biographico, o nucleo do estudo e observação dos tempos.

«A historia tem nos caracteres, como a pintura do retrato, o seu terreno de eleição; porque o homem, com as suas crenças, ideias e até preconceitos e fabulas, foi o constructor da sociedade. Não existe materia de historia, quando não ha caracteres accentuados; assim succede nos tempos obscuramente primitivos das civilisações, e tambem nas épocas não mais claramente collectivas dos nossos dias, em que tudo volta a ser anonymo nos nossos dias.— Mas para os periodos em que a liberdade humana positivamente cria, o methodo synthetico ou artistico, e tambem o processo biographico inherente, são além d'isso o unico meio de conseguir aquella verdade que os escriptores criticos em vão pretendiam attingir com a analyse dos textos e diplomas, e com o estudo aturado das instituições, das classes e de todos os elementos sociaes collectivamente obscuros. Erraram por dous modos: em primeiro logar, considerando essencial o accessorio; em segundo, porque, acreditando na verdade absoluta, mediam todas as edades por um metro igual, não sentindo o palpitar vario dos tempos». Verdadeira, em principio, esta theoria psychologica da historia pecca por exclusiva; porque os caracteres individuaes para serem bem comprehendidos carecem da relação entre elles e o meio ou época em que actuaram, reagindo ou cooperando na marcha dos acontecimentos.

Sem conhecer a transformação que no seculo XIV se operou no poder temporal, que se dissolve na hierarchia feudal, e se concentra intensamente na dictadura monarchica, a figura de D. João I não póde ser bem comprehendida. O bastardo, que se apodera da soberania por uma revolução popular, falseia a sua investidura impondo-se como absoluto, mas á obediendo não a uma ambição pessoal, mas á corrente da época em que a sociedade moderna procurava por essa fórma um regimen de estabilidade. O espirito imperialista do direito romano, representado na figura do dr. João das Regras, explica melhor as fórmas politicas que D. João I procurava realisar. O primeiro capitulo da obra de Oliveira Martins, que se intitula *A côrte e o conselho*, está primorosamente escripto, mas falta-lhe a verdade, por isso mesmo que o character de D. João I não estava bem accentuado.

Uma obra ha poucos annos publicada pelo Conde de Villa-Franca, *D. João I e a Alliança ingleza*, apresenta um quadro cheio de vida e de verdade em que a côrte do Mestre de Aviz apparece illuminada pelos costumes das outras côrtes do fim da Edade-média, em que se simulam extemporaneamente os costumes da cavalleria já sem realidade na sociedade civil. D. João I, achando-se rei, cuida que lhe é necessario revestir a soberania com as cerimoniaes exteriores da cavalleria dos poemas medievales, e compara-se ingenuamente ao rei Arthur, e dá aos seus cavalleiros os nomes dos heroes da Tavola Redonda. O proprio Condestavel, sustentaculo do throno de D. João I, conservando a virgindade dos heroes my-

thicos, estuda o poema do heroe ficticio Galaaz, para re-produzir-lhe as suas acções. A côrte de D. João I é este quixotismo prematuro, que bem ajudaria a tornar mais vivo o retrato psychologico de D. João I. Como já observámos, D. João I encetou em Portugal a dictadura monarchica, começando pela vaidade de bastardo coroado, por cimentar o seu throno e dynastia com uma vergonhosa alliança com a Inglaterra. Nos anteriores reinados de D. Affonso IV e D. Fernando tinham sido dignas as relações com a nação ingleza; um rejeitava as propostas de casamento do principe de Galles com sua filha D. Leonor, e o outro obrigava por um tratado o rei da Inglaterra a prestar-lhe soccorro de archeiros e homens de armas contra as aggressões de Castella.

De repente estas relações invertem-se; o Mestre de Aviz, bastardo ambicioso, que deseja a todo o custo ser rei, para garantia de seu throno, enfeuda a nação portugueza á Inglaterra. Sobre este facto, escreve o Conde de Villa Franca, no livro *D. João I e a Alliança ingleza*:

«De todo o ponto notavel é tambem a convenção que em Londres formaram (9 de maio de 1386) os embaixadores de Portugal, obrigando o reino a servir em guerra com armas e galés e á sua custa, como effectivamente serviu, a Inglaterra. Esta convenção, que os nossos historiadores nem sequer mencionam, porque em geral limitam-se a copiar Fernão Lopes, convenção que por certo o arteiro chronista omittira adrede, para occultar que Portugal fosse servir Inglaterra, marca essa mesma época assignalada nas nossas relações com a Grã-Bretanha. N'aquelle proprio dia foi que, mediante

solemne tratado, os nossos embaixadores formaram com aquella potencia a denominada alliança mutua, ainda hoje existente».

E de facto, acrescentaremos, o espirito d'essa alliança, mantido pela dynastia dos Braganças, manifestou-se sempre, como se vê pela entrega de Tanger e de Bombaim aos inglezes, e pelos successivos tratados ruinosos como o de Methwin, como o de 1810, como o bill de 1839, como a indemnisação de 1850, como o tratado de Goa, emfim sempre roubados e tratados como nação protegida. Esse miseravel tratado de 1386 foi extrahido da collecção das *Foedera* de Rymer (t. VII, pag. 521) pelo Conde de Villa Franca.

Se Oliveira Martins tivesse consultado este livro, porventura não continuaria a embellezar a lenda de D. João I, colorida com a supposta ingenuidade do seu chronista Fernão Lopes, que tambem plagia as chronicas do chanceller Pero Lopez de Ayalla.

A historia subjectiva pelos caracteres individuaes tem o perigo de se basear sobre lendas não discutidas transmittidas pelos chronistas contemporaneos, sem critica ou sem liberdade. Se a figura de D. João, I nos apparece retratada na obra de Oliveira Martins com traços de convenção, o vulto do infante D. Henrique, apresentado como o iniciador das descobertas maritimas dos Portuguezes, é tambem falso e sem realidade historica.

Oliveira Martins, compilando as informações dos chronistas Azurara e João de Barros, foi fatalmente cahir na repetição da lenda dos infantistas, que sem provas historicas, pintam o infante fundando uma fabu-

losa eschola de cosmographia e nautica em Sagres, e mandando caravellas á exploração das costas africanas e ilhas atlanticas. O homem que dispõe no seu testamento que todos os annos se memore o beneficio que fez á Universidade de Lisboa, doando-lhe umas casas, não se esqueceria de fallar na sua eschola de Sagres se ella tivesse existido, e de a dotar em vez de subsidiar tão inopportunamente uma cadeira de theologia. Os portulanos do seculo xiv com relação á Madeira e Açores, considerados como verdadeiros, são a prova de que essas descobertas nada têm que vêr com a iniciativa do infante, que por bajulação lhe attribue Azurara; a carta de donatario dada pelo infante a Jacome de Bruges, de 2 de março de 1450 para ir povoar a ilha Terceira, é simplesmente apocrypha.

O infante D. Henrique occupava-se nas descobertas maritimas exclusivamente para seu interesse pessoal, estabelecendo colonias onde introduzia a escravidão e um duro systema de contribuição.

Para isso empregava os creados da sua casa. Como a Madeira e as descobertas da costa da Africa foram incorporadas na Corôa, o infante tratou de descobrir para si, mandando navegar até ao Cabo Bojador.

A sua passagem do Tejo para Sagres, no Algarve, logar solitario e sem agua, sem os recursos para as noticias das navegações e para armar as expedições, só se explica pelo plano egoista de se collocar fóra da dependencia da Corôa, nas terras do Mestrado de Christo que estavam sob o seu absoluto poder.

João de Barros, na *Decada* 1, livro primeiro, capitulo

segundo, allude a este pensamento reservado, em que o infante queria ser mais do que capitão da Corôa portugueza nas conquistas, encetando por isso expedições mais remotas. Na correspondencia do eruditissimo açoriano dr. João Teixeira Soares, fallecido em 1882, acham-se elementos criticos, em que a figura do infante apparece a outra luz mais historica do que a lenda dos dous citados chronistas. Publicaram-se extractos d'essa correspondencia no *Arquivo dos Açores*, (vol. iv) em que se acham traços nitidos d'essa critica negativa. Diz o sabio açoriano: «O que eu queria é que me exhibissem em um unico documento, um unico, anterior á morte de D. João I... em que se provasse que o infante D. Henrique tinha tido a menor idéa de viagens e descobrimentos maritimos! Parece que era já tempo de fazer calar a lisonja e apparecer a historia irrefragavel que nos diz: que a actividade maritima dos portuguezes já estava desenvolvida e firmada antes d'elle pelas explorações no Atlantico septentrional e descoberta de seus archipelagos. Este principe não fez mais do que aproveitar esta actividade, dando-lhe uma nova direcção, mais positiva, e menos generosa, que elle soube monopolisar e continuar em seu proveito e da Ordem, de que era mestre». E discutindo as origens da lenda, accrescenta: «O attribuir ao infante a descoberta primitiva d'elles (Archipelagos da Madeira e dos Açores) procedeu de lisonja e de ignorancia. Azurara, que na parte historica se aproveitou apenas do que escreveu Affonso Cerveira, foi mais habilidoso cortezão do que historiador severo e imparcial. Barros, que o seguiu, cuidando que o unico exemplar

que da chronica d'aquelle conheceu acabaria nas suas mãos, foi mais do que um amplificador rhetorico, degenerou n'um insigne falsario. O seu extracto da chronica impresso em frente d'esta seria, sem commentarios, a sua condemnação irremissivel. Não houve em Portugal homem perante quem a historia se tenha tornado mais deturpada e falsaria do que a do infante». Nos *Filhos de João I*, Oliveira Martins nem suspeita que existam estas questões, que, se as estudasse, viriam alterar-lhe o retrato psychologico do infante D. Henrique, e porventura não lhe deixariam a base lendaria tão formosa e suggestiva sobre que architectou o seu valioso livro.

As doutrinas da psychologia da historia desviaram o escriptor de relacionar a historia de Portugal com o movimento geral da civilisação da Europa. Todos os factos passam-se no dominio nacional, produzidos por motivos internos ou vontades, e sem reflexo na marcha europêa! Só no reino da lua. A historia de Portugal está implicita em tres grandes successos europeus: Pelas nossas navegações atlanticas decae o emporio de Veneza, e eleva-se a Casa de Austria pela fusão da monarchia de Hespanha com os Habsburg, ficando alterado o equilibrio europeu. Da alteração d'esse equilibrio resultou a incorporação da nacionalidade portugueza na unidade hespanhola. A politica de Henrique iv e de Richelieu determinando o enfraquecimento do colosso da Casa de Austria e o reconhecimento do principio das pequenas nacionalidades, actua sobre a Revolução de 1640, em que Portugal reivindica a sua independencia. Por ultimo, o estabelecimento da paz entre a França e a Hespanha faz com que

Portugal, achando-se sem apoio no continente, se entregue á pérfida alliança da Inglaterra, que á nossa custa se torna a primeira potencia colonial do mundo. Eis os contornos externos da Historia de Portugal; homens, consciencias, vontades, tudo é arrastado n'este vórtice dos acontecimentos europeus. É a falta d'esta vista, que faz com que a *Historia de Portugal* de Oliveira Martins seja apenas uma série de quadros, não de um historiador mas de um litterato, como se notará examinando o seu criterio psychologico.

A Historia de Portugal é tanto mais dramatica e importante quanto se relaciona na sua actividade com a Civilisação geral da Europa, em que directamente copéra. Cada periodo da sua evolução social e politica é um esforço de que todas as outras nações se aproveitam.

Constituido em estado independente, quando a unidade da Hespanha era quebrada pelo arbitrio dos reis que desmembraram a conquista aos Arabes em heranças de seus filhos, Portugal, terminada a actividade guerreira na Peninsula, inicia a occupação ao norte da Africa, em Ceuta e Tanger, salvaguardando da pirataria os estados mediterraneos.

Quando a Europa se via assoberbada pela invasão dos Turcos, que tendiam a abafar a Civilisação do Occidente, as tentativas de Portugal na navegação do Mar Tenebroso são coroadas com a passagem do Cabo das Tormentas, e pela chegada á India de Vasco da Gama, as hordas turcas refluem sobre a Asia para defenderem o seu perturbado dominio.

Quando a Casa da Austria juntava em um só Imperio a Hespanha, a Allemanha, os Paizes Baixos e uma parte da Italia, reunido a este poder material o absolutismo de uma reacção religiosa que impunha como garantia da unidade politica, Portugal revoltando-se contra esse poder em 1640, feriu o colosso, tornando possível pela reconquista da sua autonomia o pensamento de Henrique iv e de Richelieu, e a realisação do moderno equilibrio europeu.

Sacudindo o obscurantismo da Companhia de Jesus, e expellindo-a do seu organismo nacional, Portugal teve a iniciativa da liberdade do seculo xviii, precedendo n'essa obra de expulsão a Hespanha, a Austria e a França.

O seculo xix abre-se á historia por um grande retrocesso, realisado pela orgia militar de Napoleão i, que, atacando os principios politicos proclamados na Revolução franceza, pretende restaurar os velhos poderes, e, como um novo Luiz xiv ou Carlos v, macaqueando Cesar e Carlos Magno, fazer a conquista da Europa inteira e tornar-se o autocrata de uma monarchia universal. Como a Inglaterra, pela sua posição insular, não se prestava facilmente a uma invasão repentina, Napoleão procurou submettel-a por meio do seu audacioso *Blocus continental*. Era preciso á Inglaterra um apoio sobre o continente para resistir contra o audacioso corso: Portugal foi o campo da acção onde se debateu o problema da liberdade da Europa moderna, na grande lucta contra os exercitos aguerridos e sempre triumphantes do Imperio. Soffreu as terriveis devastações dos invasores, e mais

ainda a systematica expoliação de uma sempre hypocrita alliança ingleza, ou vil *protectorado*.

O fim do seculo não deixará de ser assignalado a uma sempre nobilitada altura: o destino d'este povo, depauperado pelo constitucionalismo das Cartas outorgadas, está implicito na fórma da sua nova vitalidade, tornando-se como estado democratico o typo do Estado livre, que subsiste desde a Edade-média até hoje, como o modelo sobre que se ha de constituir a definitiva Federação dos Povos peninsulares.

CAPITULO III

Renovação philosophica e politica

A crise social em que se debate a civilização da Europa, e que se caracteriza pela difficuldade de resolver as crises politicas de cada estado dentro das suas fronteiras exclusivamente e na área dos seus interesses particulares, está ligada a uma crise *mental* que desde a primeira e segunda Renascenças procura systematisar-se em uma *Philosophia*. É, portanto, esta necessidade tão instante para os pensadores allemães, como para os francezes, inglezes ou italianos; e em todos estes centros da civilização europêa os espiritos especulativos têm procurado realisar essa urgente renovação philosophica, sem a qual todos os esforços na ordem politica, economica, scientifica, artistica e moral serão improficuos, como acontece em toda a actividade sem plano.

No estado actual da Europa, e n'este conflicto intenso da civilização moderna, a *politica* tem de ser forçosamente internacional. Dentro de cada paiz póde dizer-se que a politica está reduzida a questões de expediente administrativo; as diversas remodelações por que ha passado a Europa depois de 1815 com absorpções de pequenos estados e formação de novas nacionalidades, o reaparecimento das guerras de raças e a queda de numerosas dynastias, tudo isto tem sido provocado sob a descoordenação da politica internacional, por uma diplo-

macia intrigante ao serviço de um conservantismo egoista das atrasadas instituições monarchicas. Augusto Comte viu lucidamente este facto, pondo em evidencia que as crises parciaes que se estão passando na politica de cada estado são rigorosamente europeas e que só poderão ser resolvidas com um tratamento europeu.

Na actividade *economica*, os publicistas assistem impotentes ao conflicto entre o trabalho e o capital, sem conhecerem que a essencia do problema reside na systematisação das forças productivas e na consequente incorporação do proletariado na sociedade moderna. A marcha *scientifica* tambem se acha perturbada pelo estreito espirito de especialidade, pela preponderancia do espirito critico dispersivo, pela accumulção de minucias sem utilidade social, emfim sem a indispensavel coordenação philosophica para dar á somma das verdades adquiridas o poder de uma concepção geral, que substitua a synthese ficticia do desmoronado regimen theologico. Pelo seu lado, as creações *estheticas* esgotam-se nos processos materiaes da expressão, sem que o artista se preocupe com a multidão, sem que dê unidade aos seus sentimentos collaborando com ella na grande synthese affectiva, que é a concordia immanente em uma civilisação normal. A multidão, n'este isolamento, não é creadora, como na época de Homero ou de Vyasa; e o artista, por mais alta que seja a sua organisação, não passa de um academico. Tudo por falta de uma concepção philosophica. O pensamento de Pascal: *Tout notre raisonnement se réduit à ceder au sentiment*, revela-nos a influencia suprema que a Arte exerceria na humani-

dade, se a obra esthetica fosse inspirada por uma clara comprehensão do seu destino social. Mas a anarchia dos espiritos torna-se mais alarmante diante dos actos individuaes que hoje começam a agrupar-se sob o titulo de loucura moral. A sanção religiosa da moral theologica decae nas consciencias pelo descredito das ficções do inferno e empyreo ; a falta de cultura do sentimento, e o exclusivo desenvolvimento intellectual nas classes superiores, faz com que se apaguem no individuo as emoções altruistas de subordinação á humanidade, e se empreguem os recursos da intelligencia para satisfazerem os delirios de uma organização que pela degenerescencia se mostra inconsciente no crime. Mais do que nunca, torna-se urgente o constituir a moral humana sob o ponto de vista da solidariedade da especie e do seu destino normal. Comprehende-se, pois, porque é que o problema da *renovação philosophica* tem preocupado todos os espiritos desde a Renascença até hoje, e qual a causa do apparecimento de tantos e tão contradictorios systemas, que complicam mais a solução embaraçando a construção de um systema definitivo e a sua disciplina immediata nos espiritos. O exame d'esses systemas philosophicos, variaveis de pensador para pensador, perante a necessidade constante de época para época de uma *Philosophia*, é a verdadeira luz critica para determinar um fundo permanente n'essa ordem de especulações, com o qual se organizará a sua constituição definitiva.

1. Integração dos Systemas philosophicos

O genio superior de Leibnitz teve a alta intuição de que, através de todas as escholas philosophicas da India e extremo Oriente, da Grecia e Edade-média, através das mais audaciosas concepções individuaes, subsistia sempre uma somma de verdades achadas, que tinham de entrar na construcção de qualquer synthese. É de Leibnitz a fórmula importantissima: *Perennis quaedam Philosophia*. Se encerra um grande principio de critica, é tambem o meio seguro para se poder chegar com segurança ao conhecimento de uma *Philosophia* definitiva.

Kant chegou á mesma comprehensão da existencia d'essa somma permanente de verdades, quando as formulou n'estas tres simples perguntas:

O que devemos nós conhecer?

O que devemos nós fazer?

O que devemos nós esperar?

Por esta successão natural, se vê que cada um d'estes problemas acompanha a humanidade na sua marcha progressiva, comprehendendo todas as manifestações do seu sêr, especulativo, pratico e affectivo. Determinado o que devemos conhecer, ter-se-ha estabelecido na humanidade a *unidade synthetica*, como a concebeu Comte, tomando como elemento essencial as noções objectivas ou scientificas. D'essa comprehensão, isto é, *induire pour agir*, resultará o que devemos nós fazer, attingindo-se assim um concurso ou convergencia de esforços, a que deu Comte a designação de *unidade synergica*. O nosso

estado emocional, que prepondera sempre sobre as ideias e sobre os actos, e se exerce como estímulo progressivo em todas as aspirações por mais vagas e indefinidas, resume-se na phrase: O que devemos nós esperar? á qual tirou Comte o aspecto egoista, exprimindo essa mesma noção como *unidade sympathica*.

Este encontro entre as concepções fundamentaes de Comte, Kant e Leibnitz, bem nos revela que a verdadeira Philosophia não está na novidade, nem na originalidade individual, mas sim na determinação das verdades adquiridas e na sua consequente systematisação. Reconheceu-o Hegel, no seu primeiro curso de Metaphysica em Iena: «Aqui trataremos de restabelecer completamente o principio de toda a Philosophia. O seu conhecimento nos convencerá que desde todos os tempos nunca existiu senão uma Philosophia, sempre a mesma. Longe de prometter alguma cousa de novo, eu envidarei todos os meus esforços para resuscitar as antigas doutrinas, para desembaraçal-as dos erros em que a falta de philosophia (*inphilosophia*) dos tempos modernos as sepultou»¹. Quando mais tarde Hegel construiu o seu syste-

¹ Foucher de Careil, *Hegel et Schopenauher*, pag. 18. Da leitura de Hegel tambem se reflecte esta mesma ideia em Anthero de Quental: «É por isso que, entre os varios systemas que em cada idade se repetem, systemas typicamente distinctos, e, ao que parece, irreductiveis entre si, ha o que quer que é de commum e como que um ár de familia. O espirito da época penetra-os a todos: o genio da raça e da civilisação que os viu nascer, imprimiu em todos igualmente o seu cunho indelevel. A Academia e o Portico podem combater-se: são todavia irmãos». (*Tendencias geraes da Philosophia*).

ma sobre a exclusiva synthese subjectiva, foi esta somma de verdades de antigas doutrinas que lhe deu a segurança philosophica. É essa mesma somma de verdades que faz com que na instabilidade dos systemas philosophicos se regresse a Kant; e a concepção de Comte, máo grado toda a hostilidade academica ou pedantocratica, actua profundamente na disciplina dos espiritos.

Todos os systemas philosophicos derivam de duas fontes, isto é, de dois modos de concepção que tem o nosso espirito perante o universo. A Grecia, onde o homem atingiu a mais alta floração da humanidade, caracterizou esses dois modos de concepção nas duas Escholas, *jonica* e *eleatica*. Na primeira prevalecia o criterio da objectividade, na segunda o criterio da subjectividade. D'ahi as duas comprehensões fundamentaes do universo, a *Natureza* manifestando-se em todos os aspectos da sua realidade, e o *Espirito* reconstruindo pelas suas proprias impressões ou idealidade a existencia do mundo exterior. Ambos estes processos são indispensaveis para a verdade do conhecimento; o seu emprego desigual, antecipado ou exclusivo, é que determinou as vistas syntheticas que têm levado tantos seculos a ratificar. Por estas duas concepções se caracterizam todos os systemas philosophicos desde a cultura hellenica e medieval até ao seculo presente. Da concepção objectivista da Natureza derivaram os antigos systemas denominados *Materialismo*, *Atomismo*, *Nominalismo*; e pelo severo emprego da indução scientifica e do criterio da realidade, as modernas syntheses do *Dynamismo*, *Evolucionismo* e *Movismo*.

Da concepção subjectivista do universo, ou Ontologis-

mo, preocupada da deducção da causalidade e da finalidade das cousas, derivam-se esses systemas definidos pelo nome de *Metaphysica*, sob os differentes titulos de *Espiritualismo*, *Pantheismo*, *Realismo scholastico*, *Racionalismo*, *Stoicismo* e *Mysticismo*, que pelo seu character absoluto, facilmente se identificam com a Religião.

Entre estas duas manifestações essenciaes da intelligencia humana, que tinham de conciliar-se, e foi esse o grande trabalho da civilisação, formou-se espontaneamente uma linha média, uma transacção mais ou menos artificial imposta á liberdade especulativa e theorica pela urgencia da vida pratica. No mundo hellenico foi conhecido esse estado mental sob o nome de *Scepticismo*, ou duvida systematica, que provocou a intensa actividade mental da Renascença até á critica negativista do seculo xviii. D'esse processo laborioso de negação, surgiu o *Criticismo* de Kant, examinando os dois elementos constitutivos das concepções humanas, e concluindo pela sua necessaria conformidade. O *Electismo*, de Cousin, derivado da marcha historica e exame dos systemas philosophicos, nasceu viciado, porque o academico francez era mais litterato do que philosopho, e envolvido no conflicto do parlamentarismo e da religião do estado, escolheu da somma das verdades antigas sómente aquellas que serviam á causa em que se apoiavam os poderes officiaes. O *Electismo* sustentou-se no mundo official das academias e das escholas publicas, dissolvendo-se na redacção facil e vagabunda dos litteratos. O apparecimento do *Positivismo*, que começou pelo problema social, achou o seu curso e desenvolvimento natural quando Comte pro-

curou harmonisar os dois elementos fundamentaes das concepções humanas, estabelecendo as suas relações de dependencia, organisando os grãos da objectividade ou hierarchia theorica, e a preponderancia final da subjectividade ou a reacção da rasão sobre os dados concretos ou scientificos do conhecimento. E esta preponderancia da subjectividade não consistia sómente no exercicio exclusivo da rasão, como no systema do *Racionalismo*, ou no imperio da vontade como no *Stoicismo*, ou na intervenção permanente do sentimento como no *Mysticismo*; a subjectividade ratificada pela verificação scientifica, tem por disciplina o destino humano, e como tal comprehende todas as manifestações do nosso sêr, affectiva, activa e especulativa, harmonisadas no fim social. Vê-se, portanto, que é uma Philosophia sem originalidade, e n'isto está a sua grande verdade, por isso que resulta da conciliação historica e social de todas as verdades anteriores. O seu lugar na evolução do pensamento moderno comprehende-se diante de um simples prospecto da marcha historica dos Systemas philosophicos, cujos estadios são:

- 1.º { Partindo da Natureza para o conhecimento do Espirito. (*Eschola jonica*).
 { Partindo do Espirito para o conhecimento da Natureza. (*Eschola cleatica*).

- 2.º { Processo de Negação systematica. (Separação das Sciencias da Philosophia: *desde a Eschola de Alexandria até Descartes*).
 { Processo de discussão logica. (*Eschola escossex e Idealismo allemão*).

- Processo da dependencia da Subjectividade á Objectividade.
(*Positivismo* de Comte).
- 3.º } Preponderancia final da Subjectividade, constituindo a Philosophia integral com as tres Syntheses affectiva, especulativa e pratica. (Indicada por Comte).

Todo o trabalho scientifico da civilisação moderna tem consistido em ratificar as velhas concepções subjectivas da humanidade, que se manifestaram por mythos poeticos, religiões e noções ficticias dirigindo a consciencia individual e o organismo das sociedades. A maior parte d'esse trabalho consistiu em negação critica e accumulacão de dados inductivos ou scientificos. Esse estado prolongou-se em uma insurreição mental do individualismo, e em uma crise revolucionaria social, hoje conhecidas pela designação de dissolução do regimen catholico-feudal. Com esses elementos scientificos accumulados, e com o conhecimento da continuidade e solidariedade historica, é já possivel sahir d'esse estado de negativismo critico e systematisar o novo estado da consciencia. Tal é a rasão implicita na palavra *Positivismo*, com que Augusto Comte designou esse esforço constructivo. É pois deploravel que a maior parte das criticas tomem a palavra *positivo* com o valor que se lhe liga quando ella caracteriza as verdades da exactidão mathematica ¹.

¹ Em um estudo de Anthero de Quental, a *Philosophia da Natureza dos Naturalistas*, estabelece: «que não póde haver, por muito que se apregõe, philosophia da Natureza positiva (puramente

Baseando a sua construcção nos resultados scientificos da marcha da intelligencia individual, e na evolução da consciencia humana, Comte não podia achar uma expressão mais completa e lucida, do que aquella com que o bom-senso vulgar caracteriza o espirito normal e pratico como *positivo*, e ao mesmo tempo contrapondo-os á dispersão critica e negativista, que prevaleceu na Europa desde o seculo XIII até ao delirio metaphysico da Alemanha do principio do seculo XIX. Assim, organisando com as verdades verificaveis das sciencias experimentaes a hierarchia theorica, como disciplina no meio do conflicto dos variadissimos Systemas philosophicos que se dissolvem, e procurando o que haja n'elles de permanente e perpetuo (*Quedam perennis Philosophice*), Comte fundou o novo Systema propriamente na generalisação e systematisaçaõ do bom-senso ou *espirito positivo*. E analysada esta expressãõ, vê-se que n'ella se encerra toda a Philosophia positiva :

Emquanto ao bom-senso popular, exprime as noções de *realidade e utilidade*.

scientificas), assim como *em geral não pôde haver philosophia positiva*. O erro commum em que laboram os positivistas das differentes communhões (são varias, e todas igualmente positivas) é este : que o conhecimento scientifico é o typo do conhecimento, o conhecimento ultimo e perfeito ; e que por conseguinte, esgotando o ponto de vista scientifico a comprehensãõ da realidade, basta reunir em quadro as conclusões de todas as sciencias, ou generalisar as ideias fundamentaes communs a todas ellas para se obter a mais alta comprehensãõ das coisas a que nos é dado aspirar. D'aqui a *chimera de uma philosophia positiva*. (No jornal *A Provincia*, n.º 51, anno II).

Emquanto ás concepções humanas na sua evolução progressiva e scientifica, exprime as ideias de *certeza* e *precisão*.

Emquanto ao estado da consciencia moderna, libertando-se do Theologismo e da dispersão critica das *Metaphysicas*, o criterio da *relatividade*, e o intuito de uma *elaboração organica*. Evidentemente, a *Philosophia positiva* não é uma banalidade franceza, nem os trabalhos da sua construcção *synthetica* se podem considerar uma chimera. Uma *philosophia* baseada sobre estes elementos *collectivos* torna-se inadiavelmente necessaria para :

Fecundar a especialidade dispersiva e empirica dos estudos scientificos, que tende a desprezar e desconhecer o ponto de vista social.

Coordenar os Pensamentos, para tornar possivel uma sufficiente *systematisação* dos nossos Sentimentos dirigindo intencionalmente os nossos Actos.

Harmonisar a nossa existencia publica e privada, para por esta convergencia conseguir melhor o conjuncto dos nossos destinos. Nada ha aqui de chimerico.

A) DEDUCÇÃO HISTÓRICA DA SYNTHÈSE OBJECTIVA. — No grande desenvolvimento das *Sciencias modernas*, e quando se torna mais urgente estabelecer relações *theoricas* entre ellas para *systematisar* a complexidade dos *phenomenos* que constituem o dominio de cada uma, procura-se um principio universal *commum* a todas essas *sciencias*, deduzido d'ellas apesar das suas *differenças*, e integrando-as em uma concepção geral *philosophica*.

Tal é a doutrina *dynamic*a, ou a *theoria mechanica*, que se deduz desde os *phenomenos astronomicos* até aos *movimentos organicos* e ainda mesmo *psychicos*. É uma *construcção philosophica* resultante do trabalho parcial de cada *sciencia inductiva*, que está revelando ao *espirito critico moderno* a necessidade de uma *vasta synthese* e a *renovação do methodo* pela *preponderancia final do criterio subjectivo reflectido*. Na *applicação d'esta fórmula do pensamento*, o nome de *Descartes* apparece como o *impulsor do novo criterio scientifico*, e o *creador de um Systema de Philosophia* que assenta na *base positiva de noções demonstradas pela mechanica racional*. O *Cartesianismo* é esta *dupla actividade mental* considerada como a *orientação da intelligencia moderna*; é por isso que se *estuda hoje com o maximo interesse*, emquanto á sua *historia, origem, propagação e acção definitiva*. Não se póde ter um *conhecimento claro do estado philosophico do nosso seculo* e das *transformações das differentes escholas especulativas*, se se não tomar como *ponto de partida o Cartesianismo*. O seu *apparecimento está ligado á crise profunda da civilização europêa*, que desde o *seculo xvi* procurava uma *doutrina em que se apoiasse a razão*, desde a *Edade-média desvairada pelo Ontologismo, pelo Scholasticismo e pelo Aristotelismo arabe*. A sua *fórmula* foi uma *consequencia das unicas sciencias positivas da Grecia*, que a *Renascença do seculo xvi* restaurou e *continuou dignamente, desenvolvendo a Mechanica e demonstrando o movimento e esphericidade da Terra*.

Desde a *época alexandrina* nunca mais a *Philosophia*

e a Sciencia se acharam dirigindo simultaneamente a cultura do espirito. A sua separação foi causa de uma invencivel decadencia da consciencia humana. A Philosophia converteu-se em uma abstracção separada de toda a realidade, consistindo em subtilezas de phrase e em combinações de entidades nominaes movendo-se ao capricho de uma artificiosa dialectica. A Philosophia ficou sem destino social, e cultivou-se como um producto das escholas e um apparatus das classes instruidas.

Pelo seu lado, as Sciencias que na Grecia já tinham constituido de um modo perfeito o par cosmologico da Mathematica e da Astronomia, ficaram improgressivas na Eschola de Alexandria, e não se pôde chegar á constituição de uma Physica e de uma Chimica, cuja falta fez com que a Civilisação occidental cahisse no mysticismo religioso das fórmas do monotheismo universalista.

Esta separação entre a Philosophia e as Sciencias fez com que a grande crise *social* da Edade-média fosse aggravada por uma crise *mental*, em que a consciencia humana, libertando-se da synthese ficticia da theologia, procurava construir uma synthese racional formada sobre o conjuncto das leis da natureza. No seculo XVI é que esta necessidade se manifestou de uma fórma mais intensa, a ponto de ser a liberdade mental um dos estímulos da terrivel reacção religiosa e politica com que terminou o seculo entre guerras e carnificinas da intolerancia. É tambem n'esse seculo que vêmos as mais generosas e audazes tentativas para constituir a nova synthese, infelizmente empregando o processo de restauração dos velhos systemas philosophicos. Era tudo de balde.

Nada se conseguiu com a restauração do *Platonismo* na Italia, embora essa doutrina elevasse um tanto a expressão do lyrismo; foi improficuo o *Aristotelismo* puro, como o queria o portuguez Antonio de Gouvêa, contrapondo-o ao Aristotelismo da Edade-média. Restauraram-se doutrinas de determinados philosophos e escholas, como *Parmenides* por Talesio, *Epicuro* por Gassendi, e os Stoicos por Justo Lipsio. E como se ainda não bastasse toda essa incoherencia doutrinaria, as theorias do mais completo subjectivismo foram audaciosamente proclamadas por Campanella, por Giordano Bruno e por Pedro Ramus, a ponto de sellarem com o proprio sangue a sinceridade das suas opiniões. A crise *mental* não se resolvia, porque eram numerosas e desencontradas as correntes tradicionaes que suggeriam o pensamento; e entre essas correntes não era a menos perturbadora a allucinação do *Mysticismo*, em que a Theologia e a Metaphysica alexandrina se confundiam com conhecimentos fragmentarios, inspirando esses philosophos theurgos: Paracelso, Jacob Bœhm, Jeronymo Cordan, Van Helmont. Os espiritos mais saudaveis, ou, como se diz na linguagem de agora, melhor equilibrados, conservaram-se n'uma espectativa de bom-senso critico, taes como Montaigne e Charron, não se occupando com systemas subjectivos; mas n'esta situação provisoria o portuguez Francisco Sanches foi até á proclamação do negativismo absoluto do *Quod nihil scitur*, demonstrando que o saber, que provinha da dialectica ou demonstração pelas fórmas do Syllogismo, não tinha elementos de verdade. De facto Sanches aproximava-se da solução do problema da re-

organisação do pensamento moderno pelo estabelecimento da natureza scientifica do conhecimento. E esta tendencia apparece na pleiada dos maiores espiritos do seculo xvii, que reúnem outra vez a cultura scientifica com a philosophica, revelando-se, como observou Cournot, inventores na sciencia e reformadores na philosophia: «Descartes, Pascal, Leibnitz, Newton, são ao mesmo tempo geometras de primeira ordem e grandes philosophos. Mersenne, o amigo de Descartes, Arnauld, o amigo de Pascal, Clarke, o amigo de Newton, Gassendi, Malebranche e Spinosa, são pelo menos amadores em geometria, não cessando de tirar das Mathematicas exemplos ou typos de ideias e de raciocinios, e procurando introduzir no dominio da especulação philosophica o espirito e o methodo das sciencias exactas. Não se tornára a vêr isto desde Platão, desde que as subtilezas peripateticas, stoicas, alexandrinas, tinham prevalecido na philosophia grega, e consequentemente na Scholastica musulmana e christã sobre a doutrina das velhas escholas pythagoricas » ¹.

Descartes é um dos assombrosos productos d'esta aproximação das Sciencias e da Philosophia no seculo xvii; Bacon, que o precede no reconhecimento da necessidade de uma nova synthese mental, pertencia em espirito ao seculo dos Humanistas, e pela sua exclusiva cultura litteraria não conseguiu mais do que formular em bella linguagem indeterminadas aspirações que se

¹ *Considérations sur la marche des Idées*, tom. II, pag. 298.

avaliam pelas suggestões que exerceram. Descartes des- envolve a Geometria pela applicação da Algebra, tornando assim possível a applicação do raciocinio mathematico aos phenomenos physicos. Prevalece o criterio da Mechanica racional; e assim como a invenção do telescopio coadjuva á contemplação e coordenação de uma mechanica celeste, as observações chemicas de Dalton levam á comprehensão do átomo, e a descoberta da circulação do sangue por Hervey revela uma condição mechanica ou physica da vida. Descartes presentiu que os phenomenos astronomicos, physicos e organicos eram manifestações de *Movimento*, e como taes susceptiveis de se submeterem ás condições scientificas da Mechanica racional. Reconstruiu por este criterio o universo, e fecundou as sciencias novas que tinham de succeder-se ao primeiro par encyclopedico transmittido pela Renascença. Tal é a essencia da sua doutrina philosophica, que exerceu uma acção surprehendente no seculo xvii.

Deu-se porém um eclipse passageiro durante o seculo xviii: os Geometras abandonaram a Philosophia para cultivarem a sciencia exclusivamente, e amesquinham-se nas especialidades; os philosophos ficaram litteratos, dando expressão a emoções amotinadoras de um negativismo dissolvente. O *Criticismo* de Kant foi uma tentativa de disciplina mental no meio d'esta incoherencia doutrinaria; o *Positivismo* de Comte foi o deliberado esforço de submeter as Sciencias á Philosophia pelo estabelecimento de uma hierarchia theorica, e determinar a preponderancia do criterio subjectivo ao objectivo, organisando a Philosophia sobre os dados geraes de todas

as Sciencias. Era natural que a Synthese cartesiana, esboçada no seculo xvii com os elementos positivos da Mathematica e da Astronomia, se desenvolvesse com as novas descobertas da Physica e da Chimica. Formaram-se as theorias do equivalente mechanico do calor e da unidade das forças physicas, que nos dão uma das mais seguras concepções do universo. Por seu turno as Sciencias biologicas, que se constituíram já no nosso seculo, haviam de ampliar a concepção cartesiana com a theoria do Evolucionismo.

E que é esta designação *Physica social*, dada por Comte á systematisação scientifica dos phenomenos sociaes, senão o alargamento da synthese de Descartes pelo conhecimento da nova sciencia dos aggregados humanos? O saber scientifico de Herbert Spencer, expendido na sua vasta obra philosophica, acha-se destinado á prova da theoria dynamica, desde o agrupamento atomico até á vibração sensorial e psychica. Vê-se que já não é possivel a novidade em systemas philosophicos; o que compete ao espirito moderno é integral-os em um conjuncto segundo as manifestações progressivas da consciencia, e exercer a reacção final da subjectividade definitiva subordinada ao fim social. Para este trabalho foi ponto de partida a synthese cartesiana, pela sua origem historica e pelo seu fortalecimento do espirito moderno; a sua disciplina tendente ao estado normal da humanidade só poderá realizar-se pela Philosophia positiva, por isso que foi constituida quando já se achava determinado o terceiro par encyclopedico (Biologia e Sociologia). Uma vez organizada esta synthese objectiva, tão clara-

mente expressa na classificação dos Conhecimentos humanos, o genio de Comte tinha de elevar-se á comprehensão da necessidade do restabelecimento do criterio subjectivo. Tentou-o na *Synthese subjectiva*, mas não foi acompanhado pelos homens de sciencia, que julgaram ter elle abandonado o criterio da relatividade pela metaphysica. E comtudo o philosopho continuou a ser accusado de fechar o horisonte da intelligencia humana na simples objectividade dos dados scientificos.

B) PREPONDERANCIA FINAL DA SYNTHESE SUBJECTIVA.— Depois de coordenados os factos pela indução scientifica, ficariam em série inexpressiva se a rasão não exercesse sobre elles a necessaria deducção para se elevar ao conhecimento de relações fóra da realidade tangivel. O erro dos systemas metaphysicos allemães resultou da inversão d'este processo normal: em Fichte, considerando o Eu como a unica realidade do universo e reconstituindo-o pela sua impressão individualista; em Schelling, procurando a harmonia da identidade entre a concepção ideal e a realidade, como fazem os grandes poetas; e em Hegel, reconhecendo a contradicção entre a realidade e a ideia, que se conciliam no espirito pela synthese. Por esta inversão é que o criterio e a synthese subjectiva foram erradamente denunciados como Metaphysica, e incompativeis com a Philosophia positiva. Littré, separando-se de Comte, obedeceu a este preconceito; Anthero de Quental considerando a Philosophia uma chimera, mostrava não conhecer essa synthese subjectiva: « Não seria chimera, se com effeito o conhecimento scientifico representasse o conhecimento supremo e definitivo, e não

apenas uma determinada esphera do conhecimento. N'esse caso a generalisação dos dados scientificos corresponderia a uma verdadeira synthese, e a abstracção suprema dos elementos da realidade tomaria o logar. — Com o seu character abstracto, são ainda factos, e os factos precisam do reflexo da razão para se tornarem intelligiveis. O conhecimento scientifico constitue apenas a região média do conhecimento, entre o senso commum de um lado, e o conhecimento metaphysico do outro. É pois a razão que tem, em ultima instancia, de se pronunciar sobre o valor e o logar, na comprehensão total do universo, dos dados quer do senso commum, quer da sciencia. Essa comprehensão total é que é a *Philosophia*: edificio sempre em construcção, sempre renovado nas séries materiaes (que o progresso dos conhecimentos positivos lhe vae fornecendo dia a dia) sempre instavel e ao mesmo tempo sempre de pé, e que sendo sempre incompleto nunca se pôde dizer insufficiente, porque, tal como é, corresponde ás mais altas faculdades do espirito humano, abriga as mais sublimes aspirações, tormento e gloria ao mesmo tempo d'este mysterioso animal racional chamado homem. Eis ahi por que uma *Philosophia* positiva é uma chimera»¹. Determinado desde Kant o elemento objectivo do conhecimento, e a sua elaboracção racional ou subjectiva como indispensaveis para attingir a verdade, uma *philosophia* completa constituir-se-ia so-

¹ *A Philosophia da Naturexa dos Naturalistas, na Provincia*, n.º 51 (anno II).

bre os factos positivos das Sciencias para elevar-se á determinação da consciencia. Foi o processo de Comte, apresentado isoladamente no *Curso de Philosophia positiva*, e no *Systema de Politica positiva*. Os que o seguiram n'um trabalho, ou não o acompanharam ou o desconheceram no outro; d'ahi o julgarem o Positivismo como uma philosophia incompleta. Anthero de Quental, que começou as suas exposições philosophicas pela affirmação de que o Positivismo era uma *banalidade franceza*, no decurso dos seus estudos criticos reconheceu a sua preponderancia no espirito moderno, e a fórma definitiva da Philosophia. Vejamos como elle apresenta esta conclusão no estudo sobre as *Tendencias geraes da Philosophia na segunda metade do seculo XIX*: «desde já podemos calcular as proporções do edificio em construcção e caracterisar o typo architectonico a que pertence.

« Antes de tudo, essa synthese terá essencialmente o caracter inductivo. Não será uma nova construcção *à priori*, depois de outras tantas, mais um systema, — o ultimo e definitivo systema — mas a coordenação superior e, como já atraz se mostrou, a interpretação dos factos positivos no ponto de vista dos ultimos principios fornecidos ao mesmo tempo pela analyse da razão e pela analyse da consciencia. Será, se assim se pôde dizer, um espiritualismo idealista, enxertado, para florir e fructificar, no tronco robusto do materialismo. Superior á sciencia como ideia e como criterio, estará todavia na dependencia da sciencia, que só lhe fornece a materia prima que tem de ser elaborada especulativamente. N'este sen-

tido, *parecerá mais exteriormente, a realisação do programma dos positivistas* do que a do programma hegeliano, embora no fundo tenha muito mais do espirito fecundo do idealismo allemão do que do espirito logico-formal do positivismo. Quero dizer, que sendo realista será ao mesmo tempo transcendental nas ideias metaphysicas que a inspiram e dominam. Reunirá assim na sua unidade as duas tendencias divergentes da intelligencia moderna, resolvendo-se n'essa unidade superior, por uma mutua penetração, a antithese da razão e da experiencia. Sendo synthese será conciliação; e todas as grandes correntes do pensamento philosophico do nosso seculo se acharão egualmente representadas n'ella, cada uma faz aquillo que tem de legitimo: *o positivismo*, pela coordenação logica dos dados scientificos n'uma ordem de evolução formal; *o idealismo dos allemães...* *o espiritualismo...* *o criticismo...* etc.»¹ Seguindo as correntes do pensamento moderno, é que Augusto Comte separou e caracterisou os estados mentaes theologico, metaphysico e positivo, systematisando este ultimo pelo criterio da relatividade, separando o desconhecido do incogniscivel. N'este trabalho começou por subordinar a especulação philosophica ás sciencias, para exercer depois sobre as sciencias com toda a segurança o criterio subjectivo. Assim não renovava o delirio dos metaphysicos allemães no seu phantastico idealismo. A synthese subjectiva póde fazer-se explicando o universo por um prin-

¹ Na *Revista de Portugal*, vol. II, pag. 303.

cipio racional da lei do movimento, ou a theoria dynamica, como vêmos em Spencer; pôde fazer-se pelo principio da evolução revelado pelo estudo dos organismos vivos, e até pela noção do automatismo ou inconsciencia, como vêmos em Hartmann; pôde fazer-se pela racionalidade ou representação ideal, como em Hegel. Sob qualquer fórma esta Synthese subjectiva é sempre incompleta, porque assenta sobre uma base ou exclusivamente physica, ou exageradamente biologica. Comte comprehendeu a Synthese subjectiva tomando por base todo o sêr humano, como fim de si mesmo, e construiu-a de um modo integral nas suas tres fórmãs *especulativa*, *affectiva* e *activa*.

Quando os Economistas consideraram que a Economia politica abrangia o conjuncto da sciencia social, caíram na illusão de imaginarem que o homem se manifestava exclusivamente pela actividade, e procuraram systematisar o trabalho; é assim que para Charles Comte e Dunoyer as suas ideias philosophicas tendem á formação da *Synthese activa*, á qual se liga como estimulo synergico o utilitarismo de Bentham.

Porém, em Adam Smith, o verdadeiro creador da Economia politica, vêmos a synergia baseada sobre os affectos na *Theoria dos sentimentos moraes*; e Fourier leva mais longe do que todos os outros pensadores a intervenção do sentimento na cooperação productiva e na regeneração da propria humanidade. A gloria de Fourier consiste n'esta alta intuição da *Synthese affectiva*.

Já deixamos apontadas as fórmãs por onde a Meta-

physica allemã se revelou na *Synthese especulativa*. De tudo isto se conclue que a subjectividade philosophica envolve como criterio todas as manifestações do nosso sêr humano, e é n'isto que Augusto Comte differe de todos os outros pensadores e se elevou mais alto do que elles, deduzindo pela *Synthese subjectiva* o estado normal da humanidade. Infelizmente, o grande pensador, que organisára a unidade *synthetica*, não viveu bastante para estabelecer as bases da unidade *sympathica* e *synergica*.

2. Aplicações á disciplina *affectiva*, *especulativa* e *activa*

Um paiz que saíu abruptamente do regimen monarchico absolutista e do obscurantismo clerical pela audacia de uma minoria revolucionaria que lhe impoz as fórmulas do constitucionalismo liberal, devia, apesar do apparente progresso social, soffrer a intima anarchia das antinomias entre os seus costumes e as suas leis, entre os actos e as opiniões individuaes, enfim uma funda desorientação moral e intellectual, que veio a revelar-se nos sophismas do parlamentarismo, na esterilidade dos governos e na decomposição vergonhosa dos partidos politicos. Tal foi durante mais de meio seculo, e ainda parece prolongar-se, a situação de Portugal. Mais do que nenhum outro paiz, Portugal carecia de uma doutrina philosophica, que indicasse uma disciplina á incoherencia e dissidencia dos espiritos. A *Philosophia positiva* tinha contra si os restos do theologismo que se

fortificava com a religião do estado imposta pela Carta de 1826, e encontrava o desdem dos ideologos e dos litteratos do parlamentarismo e do jornalismo. O seu unico ponto de apoio manifestava-se espontaneamente nas escholas scientificas; é assim que antes do nome de Augusto Comte ser citado como philosopho, penetrava em Portugal a sua orientação, reflexamente, na Polytechnica de Lisboa pelo *Curso de Geometria analytica* (que anda divulgado em cadernos lithographados), na Polytechnica do Porto pelo *Curso de Mechanica* de Freycinet; nos cursos medicos estudavam-se as obras de Blainville e de Charles Robin, chegando até ás disciplinas sociaes e litteratura pelos escriptos de Stuart Mill e de Littré. Pela primeira vez em 1877 appareceu em Portugal um esboço da doutrina de Comte nos *Traços geraes de Philosophia positiva*. Em 1878 começou a publicar-se no Porto com a cooperação do dr. Julio de Mattos a revista de philosophia o *Positivismo*, tendo em vista: «Vulgarisar, desenvolver e applicar a todas as questões scientificas do nosso tempo os principios de uma philosophia a que está reservada a direcção mental das novas gerações. . . »

«A metaphysica tentando, em conflicto com as tendencias modernas, estender o seu dominio além do momento historico em que, como methodo e como doutrina, cessou de ser uma necessidade para tornar-se um obstaculo á evolução da Humanidade, tem determinado nos espiritos um estado particular, inherente ás épocas de transição, e de que uma profunda anarchia intellectual e moral é o symptoma caracteristico.

«Esta demorada crise, que tem de terminar pela

victoria definitiva de um novo regimen philosophico, ir-se-ha desvanecendo á medida que os espiritos disciplinados pela sciencia reunirem na evangelisação dos novos criterios e no ataque das antigas doutrinas todos os esforços que é capaz de inspirar a convicção da verdade.

« Forças intellectuaes que, dispersas, não conseguiriam fazer-nos caminhar, senão muito lentamente, na conquista do estado positivo, reunidas bastarão talvez a exercer n'este sentido uma influencia real e immediata na sociedade portugueza. — O esforço systematico que o *Positivismo* representa, será pois ao mesmo tempo um protesto contra o silencio injustificavel do nosso paiz nas questões vitaes da sciencia e da Philosophia, e um meio de fornecer ao espirito dos indifferentes e dos scepticos os elementos de uma renovação mental ». Um grupo de pensadores começou a exercer os seus esforços em virtude d'este plano, e a revista philosophica encontrou um rasoavel numero de leitores. Ao entrar no terceiro anno da sua publicação puderam affirmar os seus directores: « Ao encetar em Portugal a publicação de uma Revista que dêsse convergencia de acção aos espiritos que entre nós primeiro reconheceram o influxo de disciplina da Philosophia positiva, estavamos bem longe de prevêr que esta tentativa individual correspondia a uma necessidade crescente. O *Positivismo* desempenhou o seu programma, e o publico comprehendeu o seu intuito scientifico assegurando-lhe a existencia. — A importancia da Philosophia positiva faz-se já sentir nos seus effeitos de disciplina na actividade politica: o radicalismo cede o passo á critica

da evolução historica. A instrucção publica sempre reformada em regulamentos sem intuito, vae encontrando no proprio professorado official o reconhecimento de que deve ser subordinada á dependencia dogmatica das sciencias fundamentaes. Emfim, da parte do espirito publico manifesta-se uma tendencia geral para a acquisição dos conhecimentos scientificos. As relações moraes e intellectuaes quebradas entre Portugal e o Brazil desde a independencia do absolutismo, e aggravada a separação pela inanidade romantica, reatam-se pela coherencia d'esta Philosophia entre os dous povos, como se viu pela unanimidade da festa nacional do *Centenario*. Hoje que entre nós se agglomeram os elementos para a futura questão religiosa, mais do que nunca é necessario propagar uma philosophia, que rejeitando as noções absolutas, dá por base ás convicções humanas o que é de natureza verificavel. É esta a opportunidade que nos estimula». Como se vê, alludia-se n'estas palavras á convergencia do sentimento nacional e á expressão moral dada pela philosophia ao Centenario de Camões. Fôra uma applicação da doutrina que motivára e déra relêvo a esse facto, que pelo seu valor synthetico prodziu um saudavel abalo na consciencia do povo portuguez.

A) O CENTENARIO DE CAMÕES (10 DE JUNHO DE 1880). — Escreviamos antes da celebração das festas do Centenario de Camões: «Estamos em 1880, e em breve attingimos o dia 10 de junho, em que a morte veiu sellar com uma tremenda verdade as palavras de Camões: *Ao menos morro com a patria*. A commemoração d'esse dia não é sómente a consagração do genio, é tambem

um momento de reconcentração da nacionalidade portugueza, que ao fim de tres seculos pergunta a si mesmo se reviveu na realidade em 1640, ou se a sua vida historica tem sido apenas passiva, como a translação de um planeta já frio, ou se ainda lhe compete algum logar no grande conflicto da civilisação moderna. É este o sentimento moral do Centenario de Camões: a comprehensão d'este grave momento, em que uma nação por uma circumstancia pacifica se vê obrigada a aproximar datas fecundas da sua historia e a deduzir alguma cousa do seu destino, compete aos poderes publicos, governo e corporações scientificas, como representantes da collectividade, e compete egualmente aos individuos, como manifestações isoladas das forças immanentes d'esta sociedade. Dos representantes collectivos nada se espera; os governos, como o exprimiu tão claramente Gervinus na *Historia do Seculo XIX*, nunca se preocupam com os phenomenos de ordem intellectual, os mais significativos na evolução de um povo, e por isso em vez de forças impulsivas exercem sempre uma acção perturbadora; é pois logica a indiferença do governo portuguez pelo Centenario de Camões, sobretudo quando pensa em aggravar a nação com um imposto de rendimento para obter mais mil contos de reis, para conservar o logradouro d'essa quantia a uma monarchia esteril, para a qual a magistratura suprema se resume em viver á larga;... Pelo lado dos individuos manifesta-se uma actividade, um enthusiasmo, uma comprehensão consoladora ácerca da significação d'esse dia 10 de junho de 1880: é a revelação de uma força nova, o individualismo dos

tempos modernos, que transforma as sociedades pelas descobertas na sciencia e pelas applicações na industria, que resgata a intelligencia rompendo com os dogmas tradicionaes, e liberta a actividade desfazendo a deprimente centralisação politica e administrativa das monarchias constitucionaes; é esse mesmo individualismo que estabelece as condições ethnicas e historicas por onde racionalmente se ha de harmonisar com a collectividade. O Centenario de Camões não passará desapercibido; elle vem pôr em relêvo a nova força individual que se manifesta, e que um dia, quebrando esses systemas exhaustos de governação sem plano e de conservação automatica, saberá fundar o regimen da liberdade consciente e da ordem voluntaria ou Democracia. Não existe ainda determinado o programma definitivo para o Centenario de Camões, mas a somma dos trabalhos individuaes que se preparam para esse grande dia, é que é imponente. Será talvez isso o character mais profundo d'este jubileu nacional» ¹. Em todas as nações da Europa generalisa-se o costume das Commemorações civicas d'aquelles vultos historicos que symbolisam o progresso de um povo na ordem industrial, scientifica e artistica; a essas festas, que tendem a ser uma fórma consciente da solidariedade social, deu-se o nome de Centenarios, e vêmol-os celebrarem-se na Hollanda e na Allemanha, em Inglaterra, Italia, França, sendo os nomes gloriosos de Spinoso, de Hegel, de Lessing, Dante, Petrarcha, Mi-

¹ No *Positivismo*, vol. II, pag. 167.

guel Angelo e Voltaire aquelles em que cada povo achou a synthese da sua gloria pacifica. O nome de Camões representa nas litteraturas modernas um mundo novo aberto á actividade humana, e o regimen da guerra substituido pela expedição maritima, pela descoberta, pelo conflicto do trabalho. Os *Lusiadas* acham-se traduzidos em todas as linguas vivas, e Camões tornou-se para todos os espiritos a synthese da vida historica da nacionalidade portugueza; é isto o que affirma a critica scientifica desde Frederico Schlegel e Humboldt até hoje. — Comprehenderá a nação portugueza a significação d'este grande dia da sua historia? Procuramos por todos os modos conhecer os impulsos d'essa consciencia que acorda... A philosophia positiva deu toda a luz moral e social a este facto; e antes da primeira reunião da Imprensa jornalistica em 3 de abril de 1880, escrevia-nos Miguel de Lemos, em carta de 14 de fevereiro, datada de Paris: «O snr. Laffitte fez-me vêr a significação que teria este facto, de celebrar a memoria de um grande typo portuguez em Paris, e por um brasileiro. Na verdade, que melhor prova do character universal d'essa doutrina, que não só glorifica os grandes homens de todos os paizes, mas até consegue apagar todos os preconceitos nacionaes, originados pelas luctas da independencia, dando ao sentimento de continuidade historica uma viveza até então desconhecida? Estas considerações fizeram com que aceitasse o projecto do snr. Laffitte». Receiando qualquer embaraço de ordem policial da parte do governo contra o Centenario de Camões, pois já se affirmava nos seus jornaes que existiam

em Lisboa alguns milhares de *barretes phrygios*, obtivemos do deputado governamental Simões Dias a fineza de apresentar ao parlamento um projecto de lei, para que o Centenario de Camões fosse considerado festa nacional. Na sessão de 16 de fevereiro de 1880 foi apresentada a proposta de lei, entrando em discussão em 10 de abril, com o parecer da Commissão de instrucção superior n.º 144, que propunha algumas emendas.

Como o Centenario de Camões foi comprehendido pela nação inteira, abundam os documentos em que ficou manifesta a mais eloquente unidade affectiva. Sómente os poderes publicos se conservaram em uma inintelligente desconfiança. Escrevia Ramalho Ortigão, depois da sublime festa: «Apesar da indifferença do governo e da abstenção discreta do soberano aconselhado pelo governo, a festa do Centenario fez-se em Lisboa de um modo que produziu a admiração da Europa, como sendo a mais bella e solemne affirmação do espirito nacional de um povo. É unica e exclusivamente á iniciativa da Commissão da Imprensa que se deve este facto. Foi a Commissão da Imprensa que promoveu e fez ella mesma em grande parte as conferencias e leituras publicas por meio das quaes o povo comprehendeu o grande sentido historico e politico do Centenario de Camões... convocou e reuniu em uma enorme manifestação popular todas as escolas, todas as corporações operarias, todas as associações de trabalho, de beneficencia, de credito, de sciencia e de propaganda... que convidou a incorporarem-se na grande festa nacional de Lisboa os municipios do paiz... que solicitou e obteve,

para o esplendor da festa a Camões, o concurso dedicadissimo da benemerita Camara municipal de Lisboa... que promoveu, por meio da adhesão dos nossos primeiros artistas ao programma dos festejos, a construcção dos bellos carros de triumpho que figuraram no cortejo do dia 10 de junho... que depois de reiteradas as instancias e de innumeradas conferencias com o ministro do reino ou com os seus delegados conseguiu obter do estado, como estipendio auctorizado pelas camaras para subsidio das festas do Centenario, a magra e réfece quantia de 4:800\$000 reis... foi ella finalmente que, por um esforço enorme de vontade, de dedicação e de trabalho, conseguiu organizar e fazer percorrer as ruas de Lisboa a grande procissão civica do dia 10 de junho, a mais bella apothese do genio pelo culto de um povo compenetrado da comprehensão das suas tradições e de respeito da sua gloria.

«Se o governo foi a unica entidade social, alheia a esta magnifica e grandiosa manifestação; se entre todas as actividades da nação, sómente se não fez representar na festa triumphal do genio portuguez o governo da nação portugueza; se, no meio do tributo de todos os cidadãos, sómente faltou no pagamento d'esta divida nacional o tributo do chefe do estado; se, entre toda a mocidade portugueza que saudou o immortalizador da gloria nacional, unicamente não saíram de casa, no memoravel dia 10 de junho, os dois mancebos da familia de Bragança, a qual deve o figurar entre as familias reinantes da Europa á influencia que teve no patriotismo portuguez a musa dos *Lusíadas*; se estas e outras

omissões lamentáveis por parte do mundo official se deram na celebração do Centenario de Camões, a culpa não foi da Commissão da Imprensa, que procurou pelos mais dedicados esforços preencher essas lacunas, a culpa foi unicamente dos ministros e dos conselheiros do soberano, que por um assombro de ignorancia não souberam comprehender o profundo sentido patriotico da celebração do Centenario».

Pondo em contraste a insania do governo, que depois do exito espantoso do Centenario lhe chama *a sua festa*, distribuindo differentes portarias de louvor, Ramalho Ortigão accrescenta: «Mais portarias ainda louvando aquelles que nomeados pelo governo para discutirem com a Commissão da Imprensa os termos em que o governo consentiria na realisação do programma do Centenario, não sómente não accrescentaram artigo algum para o esplendor d'essa festa, mas cortaram todos aquelles que de algum modo podessem indicar a alliança do estado com o povo na apotheose de Camões.

«Quando não havia mais ninguem para louvar, entendeu o governo que estava chegada a vez á Commissão da Imprensa, e então na folha official do ministerio, no jornal intitulado o *Progresso*, o governo mandou escrever que a Commissão da Imprensa pelo modo como tinha organizado a celebração do Centenario merecia dos poderes publicos a distincção de *ser levada a páo*.

«Depois o governo manda affirmar em artigos successivos do seu jornal que essa Commissão, composta dos primeiros escriptores portuguezes como Theophilo Braga, Pinheiro Chagas e Batalha Reis; dos trabalha-

dores mais valorosos e mais benemeritos como Eduardo Coelho e Luciano Cordeiro; dos homens mais inviolavelmente probos e honrados como Magalhães Lima, Rodrigo Pequito e Rodrigues Costa, era uma corja de farçantes, de especuladores e de mentirosos. E sobre esses nomes muitos dos quaes illustres pelo genio, outros notáveis pelo talento, e todos venerandos pelo trabalho honesto, e pelo patriotismo provado, escorrem durante quinze dias as calumnias mais torpes e as injurias mais soezes que póde inventar um escriba reles, estipendiado para ennodoar reputações dignas em papel barato»¹.

As festas dispendiosissimas ao rei Affonso XII de Hespanha na sua visita a D. Luiz I, em 1882, contrastaram com o grande jubileu nacional do centenario de Camões, extinguindo na consciencia popular todas as relações sympathicas que poderia nutrir pela dynastia dos Braganças. O centenario de Camões foi denominado o *enterro do bacalhau*, pelos que se sentiam estrangeiros diante d'essa extraordinaria manifestação do sentimento nacional portuguez; o ministro do reino, recusando-se a dar cumprimento a uma lei do parlamento que não arbitrava quantia definida para as festas do centenario, apenas e a muito custo concedeu pouco mais de *quatro contos* de reis para essa manifestação patriótica, desculpando-se na sua inintelligencia com a miseria em que se achava o erario e com a situação desgraçada dos contribuintes. E não sendo ainda passados dois annos, uma

¹ Da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

outra parcialidade monarchica, para receber o convidado de D. Luiz tem a coragem de dispender para cima de *mil contos* de reis! E não têm receio que o povo, emfim, a consciencia nacional aproxime os factos e tire a lição contida n'elles!

Mas para que foram estas festas, quando a cordialidade se não mede pelo ruido? Ha aqui um pensamento, que transparece através da inoportunidade do caso, e que é uma lei geral da historia.

Os que conhecem as transformações sociaes dos povos, exprimem pela palavra *Cesarismo* essa crise violenta em que as instituições decadentes procuram por todos os meios conservar-se obstando ao advento da nova ordem. A palavra é tomada de um facto particular da historia romana, mas que se tem repetido em toda a evolução politica da Europa; as attribuições do generalato (*imperator*) e do tribunate, foram absorvidas por um só homem, por Cesar, que realisou essa concentração de poderes dos imperadores romanos, matando a liberdade e a propria existencia d'essa grandiosa nação. O *Cesarismo* appareceu quando o occidente se achava abalado com as novas doutrinas do christianismo, que revolucionavam as consciencias; o poder centralizado em um só homem, impoz-se n'essa época de transição pela violencia, como se vê nos crimes que constituem as biographies dos imperadores, e pela desmoralisação, como se acha descripto nas festas dos circos onde os despotas captavam a sympathia popular pelo deslumbramento.

Todas as vezes que a Europa sentiu a necessidade moral de uma transição nas suas instituições e ideias,

os velhos poderes centralisaram em si todas as fórmulas de auctoridade; a grande época scientifica e artistica da Renascença foi assim perturbada pelos grandes despotas desmoralisados, Carlos v e Francisco i; a renovação da politica da Europa sobre o principio do reconhecimento da independencia de cada estado, dá lugar ao desenvolvimento do *Cesarismo* em Luiz xiv, cujo despotismo se acha mascarado com as pompas faustosas de uma soberania theatral destinada a deslumbrar a multidão imbecil. A queda do direito divino dos reis pela *Declaração dos Direitos do Homem*, na revolução franceza, dá lugar a essa trepidação social momentanea, de que Napoleão i se aproveitou apropriando-se de todos os poderes, e macaqueando as sagrações reaes; por ultimo, as agitações socialistas, que provocaram a revolução de 1848, pela sua incoherencia doutrinaria, determinaram a maioria conservadora a submeter-se na sua boçalidade ao affrontoso *Cesarismo* de Napoleão iii, que durante perto de vinte annos aboliu todas as liberdades da França, e mascarou o despotismo com festas dispendiosas e recepções aos monarchas estrangeiros.

A lucta continua-se em todos os paizes, entre a liberdade nacional e a tradição pessoal do interesse dynastico. Portugal, Hespanha e Italia soffrem a crise violenta imposta pela ordem das cousas, com a urgente necessidade de saírmos d'este detestavel regimen de transição monarchico-constitucional. Todos os espiritos sabem perfeitamente que o constitucionalismo é uma transição, que se conserva á custa dos mil sophismas parlamentares; a manutenção de uma instituição de natureza pro-

visoria, faz-se e obtem-se porque interessa ao privilegiado da soberania hereditaria, e porque se empregam os meios do *Cesarismo*. Escrevia Romieu, caracterizando este regimen de transição: — «Por toda a parte, o governo constitucional é o prefacio obrigado da Republica».

X Se se observar a pratica do constitucionalismo, vê-se que á medida que os povos se vão aproximando da unanimidade da ideia republicana, mais os monarchas se julgam imprescindiveis, mais arbitrarios se tornam no exercicio do poder executivo, atacando todas as liberdades publicas pela prevenção policial e administrativa, procurando revestir o seu perstigio pessoal com um fausto estólido, entendendo que assim galvanisam o cadaver da instituição anachronica que representam. Quando os governos constitucionaes empregam alternadamente o systema da *intimidação* e o da *corrupção*, não fazem mais do que repetir em ponto pequeno as praticas do *Cesarismo*, que são: dominar pela força e deslumbrar pelo fausto. Todos os dias as auctoridades administrativas violam as liberdades publicas; os policias espancam os cidadãos nas ruas; o poder judicial move-se ao arbitrio do poder executivo; faz-se a desigualdade perante a lei para amordaçar a imprensa republicana, e tudo isto, dizem os partidos monarchicos, para manter o respeito pelo principio da auctoridade. A guarda pretoriana, ao serviço dos Cesares, como os strelitz de Moscow, como os janisaros de Constantinopla, como os mamelucos do Cairo, servem, como nos paizes constitucionaes a intervenção administrativa, para prestar apoio á lei. E para mascarar o descontentamento produzido pelas

brutalidades da violencia, fazem-se por meio de festas as exhibições exteriores da força, em grandes paradas militares, em viagens pelas provincias, em exposições, em recepções reaes, em illuminações e bailes, tudo á custa da pobre nação esmagada que é preciso immobilisar pelo deslumbramento. ✦

O motivo das festas do *Cesarismo* explica-nos porque é que a exhibição das suas maiores pompas coincide sempre com repentinas catastrophes; é porque a instituição sente-se morrer nas consciencias, e reage por esse aparato exterior, para mostrar-se vigorosa, como os fallidos que fazem despezas estultas pensando que recuperam o credito.

O Centenario de Camões exerceu o seu effeito moral reflectindo-se em Hespanha, onde suscitou em 1881 o pensamento do Centenario de Calderon de la Barca, realisado com toda a pompa do genio artistico d'aquelle povo em 25 de maio d'esse anno. Era um prenuncio da missão hegemonica portugueza. O sentido philosophico do Centenario de Calderon foi lucidamente expresso pela Colonia hespanhola residente em Portugal, revelando-se uma saudavel orientação positivista ¹.

A vibração emocional produzida pelo Centenario de

¹ Transcrevemos em seguida esse documento significativo:

«La colonia española residente en Portugal no puede permanecer indiferente en la gran fiesta civica del centenario de Calderon de la Barca, no solamente por que el sentimiento de la pátria en su glóriosa expression del dia 25 de mayo se apodera de todas nuestras

Camões continuou-se na mocidade das escholas, que em 8 de maio de 1882 realisava com um notavel esplendor o Centenario do grande ministro o Marquez de Pombal. A Associação academica que pensára em tomar a iniciativa das festas camonianas, cedeu o logar á Commissão da Imprensa, mas aproveitou a primeira data eloquente que se lhe offerecia. De facto a acção de Pombal como reformador da instrucção popular e superior tinha para com a mocidade das escholas uma certa affinidade mental; assim no seu programma inscreveu um quesito obrigando-se a representar aos poderes publicos sobre a necessidade da reforma integral da instrucção official portugueza. É este o facto que nos interessa; aqui transcrevemos a representação alludida, cuja reda-

emociones, sino por ver que, la España moderna comprehende que las verdaderas consagraciones pertenecen á aquellos que, ó por el arte, por la ciencia ó por la industria, han propagado el eterno principio de la solidariedad humana.

« Es indispensable á las sociedades un sentimiento commum, en torno del cual se consolide el acuerdo de las opiniones; durante la Edad Media las creencias formaron este lazo de union, y las santificaciones locales constituian el entusiasmo de los pueblos.

« La sociedade actual fundamenta su convergencia y estimulo de accion, en las ideas, en las convicciones y en las comprobaciones praticas: sin embargo carece de un elemento sentimental en armonia com el estado mental; no podemos retroceder á los tiempos de las santificaciones, por que la moral fundada en la salvacion propia, és un egoismo condemnable ante nuestras dependencias sociales.

« Las fiestas seculares de los grandes génios, de los consoladores, de los iniciadores, de los bienchores de la humanidad, corre-

ção nos foi confiada, e que a Comissão executiva do Centenario do Marquez de Pombal levou ao parlamento :

« Senhores Deputados da Nação portugueza. — A commissão academica eleita em reunião de todas as escólas de Lisboa para levar a effeito a celebração do centenario do primeiro estadista portuguez o Marquez de Pombal, em cumprimento do seu programma, unanimemente approved e na maior parte realisado pelo completo accordo do sentimento nacional, vem hoje desempenhar o dever contrahido perante o paiz inteiro, representando ao parlamento sobre esta questão de maxima importancia :

« *Que se reforme no sentido liberal e scientifico toda a Instrucção official portugueza.*

sponden á las exigencias de una moral, cuya divisa se resume en *vivir para otro*.

« España, en la historia de la civilizacion humana tiene páginas gloriosissimas y muchos de su hijos fueron las encarnaciones completas del genio; á la España que creyó sucede la España que admira; és un grado superior de consciencia en nuestra fecunda nacionalidad. Es por eso, que, en este dia, nos confundimos en el grande coro de la unanime consagracion de Calderon, como mas tarde nos imitarán nuestros hijos haciendo la apotersis de Cervantes y Lope de Vega.

« Los ausentes se representan en espiritu en este jubiléo dos veces secular, y del pueblo entre quien vivimos tomamos la palabra — *Saudade* — como el lazo orgánico que nos prende á nuestra patria.

« Lisboa y sala de la Asociacion Española « La Fraternidad », 21 de mayo de 1881 ».

«Este desideratum acha-se inscripto no programma da sublime festa de glorificação nacional de 8 de maio de 1882, e se representa uma generosa e sincera aspiração da actual geração academica, tem em si implicita uma enorme responsabilidade moral, porque pelo modo como está formulado importa a obrigação de indicar os topicos fundamentaes como esta reforma da Instrucção publica portugueza deve ser feita. Como novos, comprehendemos o nosso dever e por isso ao mesmo tempo que formulamos o nosso pedido, vamos apontar as bases liberaes e scientificas que hão de servir como condição organica para uma urgente reforma integral da Instrucção publica portugueza.

«Senhores, até hoje todas as reformas da instrucção official portugueza têm consistido em modificações regulamentares de horas de ensino, processos de exames, honorarios de professores e creação de uma ou outra cadeira isolada incrustada sem plano no quadro das disciplinas existentes segundo um intuito mais ou menos pratico. D'aqui resulta, que todas as reformas, desde a instrucção primaria até á superior, têm sido inefficazes, determinando consequentemente reformas successivas, que mais tem afastado o poder executivo da comprehensão da necessaria integralidade de plano dogmatico e encadeamento doutrinario das disciplinas entre si.

«As reformas da instrucção publica são engendradas sem a minima luz da philosophia das sciencias, da psychologia experimental ou pedagogia, bem como da applicação actual ás necessidades especiaes da nacionalidade portugueza no presente momento historico ; quando essas

reformas não são determinadas pelo facciosismo partidario, nascendo viciadas ao grado dos interesses privados, effectuam-se como meio de centralisar no Poder executivo uma estreita e atrophiadora intervenção, e bem assim como recurso economico de receita eventual, pelas matriculas e propinas de exames.

« A nossa representação, senhores, não tem por fim a critica negativa da actual organização da instrucção publica em Portugal, e por isso apenas esboçamos o bastante para fazer sentir a necessidade de determinar principios liberaes e scientificos sobre os quaes um dia assente uma verdadeira reforma da hierarchia do nosso ensino.

« A primeira base liberal encontrâmol-a em todos os grandes pensadores, em Spencer, em Bain, em Comte, que reclamam a separação completa entre a *instrucção* e a *educação*. Infelizmente toda a nossa instrucção primaria se acha em um absurdo cahos pela confusão d'estes dois elementos de ensino; a instrucção é exclusivamente scientifica, e compete ao estado o dirigi-la; a educação é domestica e pertence á familia o desenvolv-la.

« Pela confusão d'estes dois principios inconciliaveis, vêmos nas escólas dispender-se um tempo precioso com o ensino material do catechismo e dos manuaes de civilidade, e desgraçadamente nos exames crianças perfeitamente instruidas em disciplinas nacionaes, serem reprovadas porque não responderam bem a uma pergunta do catechismo em completo desaccordo com as ideias elementares da arithmetica que aprenderam. D'esta confu-

são da *instrucção* com a *educação* resulta que o ensino primario está submettido n'este paiz á subserviencia dos padres, sendo tambem estes os principaes professores, porque são os unicos individuos que podem trabalhar pelo exíguo ordenado dos professores primarios, e porque além de não terem família, subsistem pelo seu pé de altar.

« Na instrucção secundaria ha um vicio ainda mais profundo; persiste o defeito tradicional do antigo ensino dos jesuitas, dispendendo-se um tempo precioso em *disciplinas humanistas*, completamente estereis como a rhetorica, a logica formal, e a grammatica nacional separada de todo o criterio comparativo. Todas estas disciplinas embaraçam o desenvolvimento dos alumnos pelo exclusivo abuso da memoria, e pelo pedantismo magistral cujos methodos estão em antinomia absoluta com os que se empregam no ensino da mathematica elementar e da physica, chimica, botanica, zoologia e geologia, a que se chama introducção. A reforma da instrucção secundaria deve ser subordinada á do ensino superior, tornando-a um resumo d'este, isto é, limitando-a sómente ao que tem já o character *dogmatico*, porque n'isto é que consiste a sua fórma elementar. As disciplinas humanistas devem expungir-se da instrucção secundaria, limitando-as á psychologia, á historia e ás litteraturas, reduzindo a logica á analyse physio-psychologica das funcções cerebraes, e á methodologia de cada sciencia. As linguas classicas como o latim, o grego, o hebraico, o arabe e o allemão devem constituir uma secção especial do Curso superior de Lettras, saindo da deploravel e desprezivel

situação em que se atrophiam nos lyceus. As linguas vivas formarão cursos technicos fóra do quadro hierarchico das disciplinas scientificas.

« Na instrucção superior, os vicios da organização formulam-se em duas palavras; existe uma completa e desgraçada confusão entre as disciplinas *theoricas* e as disciplinas *praticas*.

« Uma separação d'estes dois caracteres das sciencias bastava para fecundar toda e qualquer reforma da instrucção superior. Infelizmente todos os que legislaram sobre este ponto nem de longe perceberam o alcance d'este principio. Além d'isso, a organização do ensino superior está viciada pelo orgulho de certas localidades; Coimbra com a sua Universidade reage contra Lisboa; o Porto quer uma Polytechnica e uma Escóla medica como Lisboa. Diante d'estas influencias todas as resistencias se quebram. Uma conciliação fundamental se estabelecia decretando a incorporação de todos estes estabelecimentos litterarios superiores sob a designação de *Universidade portuguesa*...

« A Universidade de Coimbra com as suas faculdades está sob o regimen da Edade-média; as Polytechnicas estão com a incoherencia do espirito que as organisou na época da Convenção em França; as Escolas-medicas debatem-se na difficuldade de conciliar as doutrinas theoricas da biologia com o ensino pratico indispensavel para a arte de curar.

« É urgente harmonisar todo este quadro das sciencias superiores, formando seis faculdades theoricas, isto é: *Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Bio-*

logia e Sociologia, que habilitem para o ensino profissional d'onde sahirá todo o corpo docente do paiz; estas faculdades desdobrar-se-hão em cursos praticos nunca superiores a tres annos, taes como: *medicina, veterinaria, minas, engenharia, artes militares superiores, chimica industrial, agricultura, pilotagem, jurisprudencia*, etc.

« O Curso superior de Lettras que até hoje tem tido uma vida isolada pelo seu completo caracter theorico, passará a converter-se em uma completa *Faculdade de Sociologia*. Estes principios são colhidos dos escriptores que mais se têm dedicado á organização hierarchica das sciencias como meio de realisar o seu mais proficuo ensino.

« É preciso que um dia sejam attendidos como base das reformas da instrucção publica portugueza; emquanto os reformadores se não subordinarem a elles, demolirão sem pensamento e construirão sem plano dispendendo as forças vivas d'esta nacionalidade. Temos a consciencia de que cumprimos o nosso dever apresentando ao poder legislativo esta representação contida na parte mais espinhosa do mandato que nos conferiu a actual geração academica.

« Terminaremos, finalmente, chamando a attenção dos representantes do paiz sobre a necessidade impreterivel de augmentar os ordenados aos professores de instrucção primaria, emquanto se não faz uma reforma geral da instrucção publica, subsidiando para esse fim as camaras municipaes com as verbas economisadas com a ultima reforma da instrucção secundaria e com outros quaes-

quer meios que o poder legislativo julgue convenientes para esse fim.

«Lisboa, 10 de junho de 1882».

O Centenario de Camões é o ponto de partida de uma época de revivescencia nacional. É certo que desde 1880 até hoje, passados doze annos, vêmos uma maior ruina economica, uma estupida desorientação dos partidos politicos, e as mais affrontosas leis repressivas contra as liberdades locais e individuaes. Mas que significa isto? Para os espiritos que julgam os factos sociaes pelas emoções de cada hora, é natural o confundir a vida organica das sociedades com os pruridos accidentaes dos seus governos. Eis o que se escreve sob este criterio: «E a prova de que o Centenario não passou de um spectaculo pittoresco, sem o menor influxo moral no paiz, está no tristissimo facto de que os ultimos doze annos têm sido talvez aquelles em que o caracter nacional mais se deprimiu e aviltou»¹. Os effeitos do Centenario de Camões não se manifestam por uma transformação social rapida e maravilhosa; seria a contradicção das leis sociologicas. Exercem-se ainda, e far-se-hão sentir em épocas remotas. A vida das sociedades e a fórmula politica não são solidarias entre si, como vulgarmente se crê, quando se formúla essa phrase banal — os povos têm os governos que merecem. Ha civilizações que se elevaram ao maior progresso industrial debaixo de um governo theocratico, como o Egypto; outras, que

¹ *Revista de Portugal*, vol. IV, pag. 252, a proposito do livro *Camões e o Sentimento nacional*.

tendo no seu seio a escravidão, se manifestaram pelo mais surprehendente individualismo, como a Grecia; outras, que empregaram nas suas relações a força bruta e subsistiram pela conquista, mas formularam com a maior clareza philosophica os principios eternos do direito, como Roma. Vimos sociedades na anarchia, como os differentes estados da Italia, na Edade-média, produzirem no seu meio os grandes talentos artisticos e philosophicos; nações vergadas ao mais crasso despotismo, como a Hespanha sob a Casa de Austria, terem a maior expansão heroica no mundo; ou a França sob a desmoralisação da côrte de Luiz xiv, e da sua compressão bestial contra a liberdade de consciencia, produzir essa pleiada de talentos que transformaram as concepções humanas, como Descartes e todos os espiritos que levaram para a Allemanha, Hollanda e Inglaterra os germens da civilisação hodierna. É portanto um absurdo querer estabelecer a solidariedade entre uma nação e a sua politica, quando se vê que geralmente os governos têm uma origem pessoal, em que um aventureiro assalta um povo e lhe impõe a sua dynastia, ou uma oligarchia de malvados, que com meios arditos assaltam as instituições e empolgam o poder em seu beneficio ou em combinação com esse privilegio dynastico. Na crise de transformação em que Portugal se acha, passará ainda por situações mais angustiosas; não é isso decadencia, mas o doloroso trabalho de regenerescencia.

B) O CONGRESSO DAS ASSOCIAÇÕES. — Na grande concepção philosophica de Augusto Comte estabelece-se a *disciplina da intelligencia* como condição imprescin-

divel para a *reorganisação dos costumes*. Estes dois factos capitaes, tão intimamente ligados sob o aspecto theorico, porque todos os actos consciences são motivados por uma noção mental, apparecem ainda mais profundamente solidarios na pratica, porque sómente em uma classe activa, moralizada pelo trabalho, é que se encontrarão as despreoccupações doutrinarias e o desinteresse pelas desigualdades sociaes para comprehender a necessidade d'essa disciplina da intelligencia.

É portanto natural a relação entre a *Philosophia* positiva, como fórmula da reorganisação da intelligencia, do sentimento e da acção do homem moderno, com o grande elemento social do Proletariado, onde residem as forças vivas para tornarem effectiva essa transformação.

Não é preciso provar isto com uma laboriosa demonstração. Basta relancear a situação do Proletariado na civilisação hodierna: Pela necessidade de sustentar a familia, o operario submete-se ao trabalho quotidiano, dispendendo a vida em uma *actividade* essencialmente constructiva e pacifica. Esta situação exclusiva traz-lhe um natural equilibrio moral e mental, porque traduzindo a sua *affectividade* como providencia domestica pela protecção do seu braço, conserva a *intelligencia* liberta das ficções sobrenaturalistas, vendo na producção da industria a realisação immediata das leis descobertas pelas sciencias experimentaes.

A esta grande classe se dirigem sempre todos os revolucionarios metaphysicos, que julgam poder modificar-se a sociedade humana por leis, abandonando os costu-

mes á espontaneidade natural. Todas essas tentativas irracionais têm falhado, produzindo convulsões anarchicas, dando logar á intervenção das brutaes dictaduras conservantistas, e a prolongados retrocessos e monstruosas hecatombes humanas.

É ao fim de tantas experiencias, que surge uma Philosophia deduzida da evolução progressiva da intelligencia e da marcha ascensional da Civilisação humana, chegando á descoberta da harmonia e dependencia mutua da ordem com o progresso. E essa Philosophia não considera o homem unicamente sob o aspecto da intelligencia, como está succedendo na incompleta e viciada instrucção publica: toma-o em todas as manifestações do seu sêr, como *intelligencia, sentimento e actividade*, procurando conciliar e systematisar estes centros essenciaes da nossa existencia, sem o que nunca attingiremos a perfeição do futuro estado normal.

Estabelecendo a Synthese especulativa, essa Philosophia deduz o progresso intellectual, a começar das concepções *ficticias* ou theologicas, elevando-se ás *abstractas* ou metaphysicas, até chegar aos conhecimentos scientificos ou *positivos*.

Determinando a Synthese affectiva, deduz da successão historica os grãos da cohesão social, que começa pela *Familia*, em que prepondéra a casta, eleva-se ao vinculo da *Patria*, em que prepondéra o exclusivismo da raça, e por fim ao sentimento da *Humanidade*, em que apparece uma nova sancção moral na solidariedade da especie.

Considera finalmente a Synthese activa, expressa nas

fórmãs da Civilização, que começa pelas hostilidades invasoras das guerras *destructivas*; transforma-se depois em uma dada estabilidade, em que a guerra se torna *defensiva* ou conservadora, e por fim essas energias são applicadas sobre o mundo physico, em que o homem se apropria das forças da natureza, convertendo a sua actividade em trabalho industrial, ou *productivo* e *pacífico*.

Uma Philosophia que systematiza tão nitidamente a existencia do homem e da sociedade, não encontra sympathias nas classes dirigentes que mentalmente ainda se acharem em um atrazado theologismo ou em um pedante metaphysicismo; nem tão pouco n'aquelles poderes que explorarem as actividades destructivas dos exercitos permanentes sob o sophisma do exclusivismo de bandeiras ou das Patrias isoladas. Todos estes elementos são actualmente os conservadores retrogrados da anarchia moderna: sacerdocios, realezas, ideologos, doutores, litteratos, professores, jornalistas, mais ou menos exploram o que está, ou aspiram ás perturbações para se impõem uns aos outros. Vivem na indisciplina da intelligencia, e na perversão dos costumes. É-lhes impossivel até tomar conhecimento de uma Philosophia, que é a reprovação franca d'esse estado mental e social que elles prolongam por todos os sophismas, hoje conhecido pelo nome de *Pedantocracia*.

É por isso que sómente entre os elementos extremos da ordem final, os pensadores positivistas e o Proletariado trabalhador, se póde estabelecer a saudavel alliança para a reorganisação deliberada e consciente da sociedade mo-

derna. Vimos experimentalmente comprovado este principio com a espontaneidade com que as Associações portuguezas se fizeram representar no jubileu nacional do Centenario de Camões, adherindo á proposta de um Congresso annual de todos esses grupos associativos. Pela primeira vez as Associações portuguezas sahiram do seu isolamento de classe para a união federativa, manifestando uma força capaz de se oppôr aos absurdos dos governos sem plano. Era portanto necessario ás facções conservantistas que esse Congresso se dissolvesse; não se atreveram a empregar a força da auctoridade discriminaria, mas conseguiram o seu fim pela intriga e pela exploração da indignidade. O que foi o *Congresso das Associações portuguezas*, dil-o eloquentemente o livro das actas das suas tres celebrações nos paços da Municipalidade de Lisboa. O espirito philosophico que dava expressão ás aspirações do proletariado é evidente na doutrina dos pareceres sobre diferentes propostas, taes como: A necessidade de estabelecer uma Instrueção popular superior, Caixas economicas escolares, Fundação de Museus escolares, Jardins da Infancia, Habitações para as classes menos abastadas, Regras a estabelecer para reuniões e discussões, e Autonomia das Associações. Transcrevemos em seguida esses pareceres, alguns dos quaes não foram colligidos porque não se publicaram as actas do tereiro e ultimo Congresso; a influencia de uma tal doutrina explica-nos cabalmente o susto conservantista diante de uma tal conformidade entre o pensamento e a acção aproximados por um sentimento generoso.

«O Congresso das Associações portuguezas traz á tela da discussão a mais alta questão que occupa os espiritos n'este momento na Europa; trata-se de vêr se é possível e sob que fórma estabelecer uma instrucção popular superior, e como corollario a resolução do problema da educação da mulher. São dois factos solidarios, que se influem mutuamente, e sem a realisação dos quaes a civilisação europêa não póde alcançar a sua necessaria universalidade. Vamos apresentar os resultados do nosso estudo.

I. Necessidade de estabelecer uma instrucção popular superior

Independentemente de qualquer doutrina historica ou politica, quem observar a constituição da sociedade europêa nota que prepondera n'ella uma classe activa, poderosa pelo seu numero, pelo seu trabalho industrial, chamada a cooperar na formação dos governos pelo suffragio. Essa grande classe é conhecida pelo nome de Proletariado; e se ella saú da servidão medieval pelas revoltas communaes, ainda hoje se agita procurando outras condições de existencia no meio das oscillações do falso regimen parlamentarista.

Por outro lado, se se observar o quadro geral das instituições pedagogicas do ensino publico europeu, nota-se que existem numerosas disciplinas scientificas especiaes, tendentes a formar sabios em medicina, em engenharia, em funcções technicas, em jurisprudencia, e esses cursos graduados já n'uma fórma superior ou abstracta, já n'uma fórma applicada, e ainda elementar segundo as

varias phases da intelligencia. Não se acha, porém, n'essas instituições pedagogicas, cousa que possa servir para a instrucção do elemento activo do Proletariado, porque em rigor para os governos que dirigem o ensino, esse elemento social não existe para ser attendido na cultura dos sentimentos e das ideias. Quando muito, chegou-se a fundar uma instrucção primaria popular, especialmente dirigida á infancia; mas essa instrucção, embora se ampliasse a um povo inteiro, seria improficua. O saber lêr, escrever e contar é um simples instrumento para a aquisição e communicação de ideias; se essas ideias não forem transmittidas ao povo em uma ordem logica e positiva, todo o seu conhecimento de lêr, escrever e contar ficou esteril no seu espirito, se é que o não prejudica. Saber lêr, para lêr as gazetas dissolventes ou os catechismos boçaes, saber escrever para assignar inconscientemente documentos de responsabilidade, saber contar para viciar pelo interesse todos os actos moraes, tal é essa instrucção em que não entra uma unica ideia geral, e em que o povo fica na mesma cegueira absoluta de espirito em que se achava. Na sociedade moderna o Proletariado assiste a um grande numero de applicações industriaes, que lhe destroem as crenças sobrenaturalistas; observa factos historicos, que lhe dissolvem a veneração pelos privilegios pessoases; e é finalmente chamado a exercer actos politicos e civis, que resultam da evolução internacional da Europa e da situação de cada patria.

No meio d'esta desorientação, o Proletariado apresenta-se ora indifferente á vida collectiva da sociedade, ora anarchico e indisciplinado, sem plano constructivo

em que empregue a força do seu numero e da sua actividade.

É em um tal momento, que se chegou a definir o character d'esta crise, que importa indicar-lhe o remedio. Consiste elle em communicar ideias geraes, concepções claras das cousas, de modo que ellas sejam os estímulos de uma acção efficaz e consciante. Tal é a razão de sêr da Instrucção popular superior. *Penser pour agir*, como o expressou Comte. Desde que existem perfeitamente constituídas um certo numero de sciencias geraes que nos explicam o universo nos seus principaes grupos de phenomenos de ordem *cosmologica*, *biologica* e *social*, é d'essas sciencias que se devem tirar as noções mais geraes accessiveis á comprehensão do homem do povo, que, dispendendo a sua força muscular e o seu tempo no trabalho mechanic, precisa ter consciencia do logar que occupa no espaço, como subordinado ás leis cosmicas, organicas e sociaes. Só assim é que será um factor e não um corpo extranho á sociedade. As Religiões tiveram a importancia social primitiva de fornecer á massa popular um dado numero de noções unanimes pela sua credulidade, embora de natureza ficticia; importa que sob o regimen da Sciencia, que dirige as sociedades modernas, se vulgarisem tambem noções geraes positivas que dêem ao Proletario a consciencia do seu destino individual, familiar e social. Existe um grupo de Sciencias que satisfaz esta urgente necessidade da instrucção popular, porque d'elle se tiram noções geraes susceptiveis de substituirem as contradictadas e absurdas concepções do theologismo. Assim como d'essas Sciencias fundamen-

taes se tira um ensino elementar, tambem ellas se prestam a uma nova educação popular. Agrupamos aqui a série d'essas Sciencias, de modo que se veja qual deve sêr a intenção da Instrucção popular superior :

- | | | | |
|---|---|---|-----------------|
| I. Estudo da terra ou
COSMOLOGIA. | } | a) <i>Abstracto</i> , ou numerico, geometrico, e mechanico. | 1. MATHEMATICA. |
| | | b) <i>Concreto</i> , ou de ordem material: | |
| | | — astronomica..... | 2. ASTRONOMIA. |
| | | — physica..... | 3. PHYSICA. |
| | | — chimica..... | 4. CHIMICA. |
| II. Estudo da ordem organica ou
BIOLOGIA.... | } | a) Estudando as <i>fórmãs organicas</i> , sob o ponto de vista anatomico, physiologico e mesologico, nas plantas, nos animaes, e no | |
| | | b) <i>Homem</i> , ou grupo anthropologico..... | 5. BIOLOGIA. |
| III. Estudo da ordem social ou
SOCIOLOGIA.. | } | a) Sob o ponto de vista <i>individual</i> (Psychologia e Moral). | |
| | | b) Sob o ponto de vista <i>collectivo</i> (Politica)..... | 6. SOCIOLOGIA. |

Nenhuma reforma social e politica será possivel na Europa, emquanto aquelles que mandam e os que obedecem, emquanto os que pensam e os que trabalham, não se harmonisarem sobre noções unanimes communs á instrucção superior, elementar e popular. Fieará o sen-

timento fóra d'esta disciplina? Por fóрма alguma; e é esta a urgencia do problema da educação da mulher.

II. O problema da educação da mulher

Augusto Comte, attendendo á acção da mulher na educação espontanea ou domestica, considera como devendo comprehender tambem a mulher o systema de educação geral destinado ao Proletariado: «Este systema separado de toda a especialidade, convém tanto ao elemento sympathico do poder moderador, como ao elemento synergico, mesmo emquanto aos estudos scientificos. Se, em relação aos proletarios, reconhecemos quanto é indispensavel a sã theoria historica, uma tal necessidade estende-se tambem ás mulheres, afim de desenvolver-lhes o sentimento social, sempre imperfeito emquanto a continuidade não vem completar a solidariedade. Ora, applicando aos dois sexos a necessidade de um tal estudo, e da systematisação moral que d'ali resulta, não se póde desconhecer uma equal urgencia de preparação scientifica que ella suppõe, e que demais offerece a todos uma importancia equivalente. Emfim, visto que as mulheres devem presidir a toda a educação espontanea, importa que ellas tenham tambem participado da educação systematica que constitue o seu principal complemento». (*Politique positive*, t. I, pag. 250). Nenhum philosopho ou pedagogista propôz o problema da educação da mulher com tanta clareza como Augusto Comte; as nossas conclusões são pois pela generalidade e universalidade da educação scientifica.

a) Caixas economicas escolares

O Congresso das Associações discutindo os meios praticos para levar a effeito a regeneração das classes trabalhadoras, tem de attender com o maximo interesse aos problemas da educação baseados sobre acções economicas, de modo que a sociedade futura se levante fortalecida com as ideias de previdencia. É a Caixa economica escolar a instituição que mais salutaes beneficios póde produzir n'este intuito; a criança habituada desde os primeiros annos á pratica da economia, sem desbaratar as pequenas parcellas com que a premeiam, e reflectindo sobre as pequenas accumulações do seu livrete, quando se achar homem feito, ha de forçosamente ter o genio da administração e da previdencia para tudo quanto adquirir.

As caixas economicas escolares foram creadas em França por iniciativa de mr. Malarce, em 1874; e seu desenvolvimento é digno de reflexão.

Em 1877 havia 8:033 caixas economicas escolares; em 1879 subiam a 10:440; em 1881 a 14:372, e em janeiro d'este anno a 16:494. N'esta época tinham-se passado livretes em numero de 349:219, que representavam uma somma de 1:430 contos.

Os processos para se adoptar entre nós esta utilissima instituição dependem da simples boa vontade do professorado primario.

Em outros paizes existe o Sou des Écoles, como nos Baixos Pyreneos, que em 1880 distribuiu 60:000 fran-

cos, e um certo numero de premios de instituição particular em legados testamentarios formam tambem a base d'estas caixas economicas, como a École Martinière, de Lyon.

É certo que em Portugal só frequentam as escholas as classes mais pobres; que os alumnos raras vezes recebem dos paes dadivas pelo desempenho dos seus deveres; que os legados testamentarios se dispendem geralmente em missas e não em premios como os do typo Midosi, do Lyceu de Lisboa; mas nada d'isto obsta a que se tente esta generosa fundação, tão facil de ensaiar nas escholas municipaes. N'este intuito a commissão propõe :

Que o congresso approve o estabelecimento das Caixas economicas escholares, ficando encarregadas as juntas das Associações de realisar este importante meio de propaganda educativa.

b) Fundação de Museus escholares

O que entendemos por Museus escholares?

Principalmente, todo o material de ensino, indispensavel para lhes dar um caracter concreto, comprehendendo mesmo o mobiliario que representa os aperfeiçoamentos introduzidos na eschola. Em segundo lugar, a colleccionação de objectos que só por si, e coordenados pelas suas relações externas, sirvam como que de lição das cousas. Assim o plano de um Museu escholar não é outra cousa senão um *Programma de ensino concreto e descriptivo*. Seguindo este espirito, esboçaremos os seus

contornos geraes segundo a hierarchia das sciencias, deduzida da sua especialidade crescente, e pela fórma que tornem essas sciencias accessiveis á eschola primaria:

1.º *Mathematica*: Calculadores mechanicos para as operações arithmeticas. — Figuras dos solidos de geometria. — Estojos de desenho linear. — Estampas de machinas e apparatus, plantas de construcção.

2.º *Astronomia*: Systema solar figurado. — Esphera armillar. — Globos terrestre e estellar. — Mappas de cosmographia. — Figuras para a recomposição geographica, etc.

3.º *Physica*: Apparhos por onde se estudam as leis geraes da materia: Barometro, Thermometro, Dynamometro, Bussola, Magnete. Lentes, Prismas, Microscopio. Balanças, Relogios, Camara-escura, Lanterna magica, Kaleidoscopo, Instrumentos musicos, Machinas pneumatica, electrica, Hygrometros, etc.

4.º *Chimica*: Figuras solidas de construcção atomica. do systema de Gaudin, empregadas no ensino da chimica nos Estados-Unidos, especialmente na Smithsonian Institution em Washington. — Estampas dos grupos atomicos e moleculares, de Gaudin, approvadas por Dumas e de Beaussumont, premiadas pela Academia das Sciencias, em França. — Metaes. — Crystaes. — Rochas, etc.

5.º *Biologia*: Estampas coloridas de botanica e zoologia — Pequenas colleções naturaes e seu encadeamento taxonomico e distribuição geographica. — Figuras de cera de peças anatomicas normaes e pathologicas. — Raças humanas representadas pelo desenho. — Preparações mi-

microscopicas das cellulas vegetaes e animaes, do sangue, dos entoozoarios, etc., Conchas, Peixes, etc.

6.º *Sociologia*: Retratos e bustos dos grandes homens nacionaes e bemfeitores da humanidade. — Estampas de edificios e monumentos de todas as civilisações. — Copias de quadros celebres pela oleoplastia. — Medalhas, Moedas. — Usos e costumes figurados. — Ceramica, — Mobiliario. — Modas nacionaes. — Ferramentas. — Productos da actividade humana desde o silex lascado até ao phonographo. — Os alphabetos comparados e monumentos da imprensa. — Productos caracteristicos das varias regiões do globo, e das regiões nacionaes. Objectos cultuaes de todas as religiões. Instrumentos de tortura judiciaria. Tudo isto deverá ser coordenado de modo que se estabeleça no espirito do observador a acção da continuidade humana na historia.

Sob este aspecto um Museu escholar é extremamente barato se attendermos ás suas incalculaveis vantagens para o ensino: torna a eschola um recreio, porque é um complemento das doutrinas abstractas, e porque muitos dos objectos que devem enriquecer o Museu hão de ser colligidos pelos proprios alumnos por meio de excursões escholares, em que desenvolvem a par de um regimen de acção, um criterio de observação e de ordem. Temos á vista catalogos de diferentes museus escholares, mas todos elles peccam pela falta de uma coordenação racional sobre a base historico-dogmatica, como o museu escholar do Estado, fundado na Belgica em 1878.

Em França o primeiro pensamento de um museu cantonal foi apresentado em 1854 por M. Alègre, sendo

só creado em 1860; seguiram-se-lhe outros fundadores nos Calvados, Eme, Loire inferior, Puy de Dome, Doubs e Yonne. Propagou-se esta instituição á Inglaterra, America e Belgica. Em Paris estabeleceu-se um comité de iniciativa para a criação de Museus cantonaes, formado dos homens mais eminentes, sendo o seu programma datado de 22 de março de 1877. Deve-se a uma senhora, madame Hippolyte Mesmier, a iniciação da ideia d'estes Museus em França, e na Belgica já foram brilhantemente organizados pelo general Kokowski.

N'estes museus escolares, é que a criança aprende a vêr e a tirar o fructo da frequencia dos Museus industriaes, artisticos e de Historia natural; seriam tambem um excellente pretexto para conferenciar sobre qualquer objecto escolhido para thema, como faz Huxley em Inglaterra. No nosso paiz existem alguns museus cantonaes, como em Evora, Porto e Coimbra; mas o que precisamos para os tornar fecundos é promover os estabelecimentos dos Museus escolares. N'este pensamento annunciamos, que a camara municipal de Lisboa já fez a encomenda de um pequeno museu d'este genero, que brevemente chegará dos Estados-Unidos; no emtanto a commissão propõe:

Que o congresso approve a fundação dos museus escolares, devendo as Juntas das associações advogar esta ideia nas camaras municipaes, e dirigir os esforços das iniciativas particulares.

c) Creação de Jardins de infancia

Toda e qualquer reforma do ensino primario depen-

de da criação dos Jardins de infancia ; porque é impossivel conseguir o desenvolvimento evolutivo das faculdades intellectuaes, e consequentemente do senso moral, abandonando a disciplina physiologica das funcções de movimento, que na criança são a manifestação mais completa da sua vida. A escola pela necessidade de ordem e pela existencia de muitos alumnos, bem como pelas disciplinas racionaes que ministra, não pôde admittir crianças de primeira idade, bem como reprime e sopeia todas as expansões da vida activa. O Jardim da infancia vem sanar este defeito ; toma a criança na idade em que o folguedo é a condição imprescindivel da existencia (3 a 6 annos) e coordenando-lhe os movimentos phisicos inicia-a na actividade mental. Para nós o Jardim da infancia não consiste só em um local maior ou menor aformoseado pela arte ; é o meio para executar um systema de exercicios graduados de movimentos simultaneos da acção e da rasão ; o problema pratico consiste em organizar um programma d'esses exercicios, de uma natureza tão especial, os quaes devem ser analysados scientificamente por um conselho em que entrem physiologistas, hygienistas, ethnologos e artistas. É n'este ponto que chamamos a attenção do Congresso para promover a elaboração d'esses programmas, solicitando das camaras municipaes e do poder legislativo premios para aquelles individuos que apresentarem as mais proficuas resoluções d'este problema. Proporcionar a organização de uma pequena Associação, ramificada em todos os pontos de Portugal, para colligir descriptivamente todos os jogos populares, dansas, canções, musicas, como base funda-

mental para os programmas dos Jardins de infancia como para os Jardins escolares, formando series de: jogos de corrida, de salto, de arremesso, de phantasia, de agilidade, de destreza, de imitação, de parodia, de problemas ou adivinhas, de canto coral, de dialogo, e por fim de caracter gymnastico. Nos exercicios de inverno, que não podessem ser ao ar livre, continual-os na modelação em barro, desenho a carvão, repetição de contos tradicionaes, recitação de cantos do povo até aos dos melhores poetas lyricos portuguezes.

A Comissão partindo da idéa de que o Jardim de infancia é a transição natural da Crèche para a Eschola, e que a sua falta desorienta a influencia de uma boa pedagogia, propõe ;

Que este Congresso approve a criação dos Jardins de infancia, nos principaes centros de Portugal, auctorizando as Juntas das Associações á propaganda d'estes principios, á combinação com as camaras municipaes, e a formação de uma commissão permanente para a elaboração dos programmas e conferencias.

III. Habitações para as classes menos abastadas

É este um desideratum que tem occupado todos os espiritos que se consagram á resolução dos problemas sociaes, e sobre o qual existem numerosos trabalhos de hygienistas, relatorios de engenheiros, e soluções praticas de emprezas economicas mais ou menos felizes. Duas questões se envolvem n'esta proposta: a 1.^a é a aquisição das casas pela familia proletaria não abastada; a 2.^a

é o plano da sua construcção, segundo o typo existente em varios paizes, e a maneira da sua realisação pela attração dos capitaes.

Seguimos a luminosa ideia de Augusto Comte, que assim como não podemos viver com roupa nem utensilios domesticos ou profissionaes emprestados, tambem o viver exclusivamente em casas de aluguer é um defeito profundo da nossa sociedade, que influe directamente sobre a moral da familia. Só pela fundação de bairros operarios é que se poderá effectuar o fim moral e economico de cada familia proletaria vir a ter um dia uma casa sua. O systema por quota determinada e por *sorteamento* (proposta n.º 30, 2.º) ataca directamente o fim moral. Deve-se eliminar de toda a actividade humana a intervenção irracional da *sorte*; a verdadeira riqueza é a que resulta do trabalho combinado com a economia, por isso que o principio geral é que o homem produz mais do que consomme. N'este ponto compete a este congresso, em qualquer das suas futuras reuniões, protestar e representar aos poderes publicos contra a existencia das Loterias como dissolventes do character e da indole do povo, porque extingue n'elle todo o espirito de previdencia. Partindo da hypothese que se construem casas baratas, o modo de aquisição não podia ser outro senão:

A renda combinada com a quota adicional de amortisação do capital em um praso não excedente a quinze annos, findos os quaes os recibos seriam convertidos em titulos de propriedade.

Quanto ao modo de construcção, teriamos de apresentar considerações sobre os terrenos, os materiaes, os

typos architectonicos, os meios economicos, e finalmente as condições mais ou menos favoraveis deduzidas da situação actual da sociedade portugueza e das tentativas realisadas na Figueira e em Coimbra. Levar-nos-ia isso muito longe, e sem a certeza de que serão estes topicos a base da discussão; portanto esta commissão dá-se pressa em formular os resultados a que chegou synthetizando o pensamento na necessidade de crear Sociedades cooperativas de edificação e aquisição de casas, pela seguinte fórma :

1.º Numero illimitado de socios.

2.º Admissão restricta aos individuos de bom comportamento, e que vivam do producto regular de qualquer trabalho licito.

3.º Pagamento de uma quota fixa semanal ou mensal, com joia ou sem ella.

4.º Fundo social applicado á compra de terrenos, e construcção de habitações de um mesmo typo, em boas condições de distribuição interna, de hygiene e de renda barata.

5.º Aluguer das casas da sociedade aos socios com faculdade de pagarem o aluguer ás semanas ou aos meses, e a amortisação annualmente.

6.º Fixação das rendas na proporção com o capital empregado, e correspondente a um juro razoavel e previamente fixado.

7.º Trabalhos de construcção dados em egualdade de circumstancias, de preferencia aos operarios associados, contando-se os dias de trabalho como parte de amortisação.

8.º As penalidades resultantes da falta de cumprimento das condições por parte dos associados deverão ser reguladas pela equidade tomando em consideração todas as circumstancias sociaes, como crises de trabalho, de capital, fianças, etc.

IV. Regras a estabelecer sobre reuniões e discussões

Propostas n.ºs 6 e 13 f. — O Congresso das Associações só póde ser permanente por meio de uma delegação ou commissão executiva por elle eleita para exercer os seus poderes e pôr em pratica as suas deliberações até á celebração do futuro congresso, ao qual dará contas por um circumstanciado relatorio. N'este intuito é de absoluta necessidade uma sessão ordinaria do conselho executivo em cada mez, sendo o objecto d'essa sessão o que se contém na proposta 13 f, isto é, a discussão de todos os assumptos que directa ou indirectamente interessam ás associações federadas.

A vossa commissão considera estas duas propostas já implicitas na ordem do dia da terceira sessão do congresso, a qual versou sobre a *Creação de um corpo representativo das Associações*, e por isso só podem entrar em discussão como parte complementar, de que se deduz o seguinte principio geral :

«Que o principio associativo em Portugal saíu do seu periodo de elaboração e isolamento, para entrar em uma nova phase da sua existencia pela acção combinada e de convergencia de todas as iniciativas ;

«Portanto, na organização de toda e qualquer asso-

ciação que se constitua, deve ser este o principio geral a que convem subordinar a sua actividade particular».

Proposta n.º 42. — A commissão começa por louvar o auctor de tão luminosa suggestão contida n'esta proposta, ácerca de se é ou não conveniente prescrever o principio de que as associações operarias, legaes, não devam occupar-se de assumptos politicos e religiosos? Seja qual fôr a deliberação do congresso sobre tão momentoso assumpto, auguramos como um fecundo symptoma moral o simples facto da sua discussão. É certo que existe em todas as associações o preconceito de que lhes são absolutamente interdictos os assumptos politicos e religiosos, chegando algumas, como a *Sociedade de Instrucção* do Porto, a consignal-o expressamente nos seus estatutos. Comprehendemos que na época em que o principio associativo se implantava em Portugal, e quando era considerado pelos poderes do estado como subversivo da ordem, sendo por isso restringido por numerosas peias e diversas fórmulas da intervenção e dependencia administrativa, n'esse tempo as ideias politicas e religiosas não sendo systematicamente caladas prejudicariam o desenvolvimento d'esta fórmula tão elevada e segura da liberdade, de que a associação é a expressão mais justa. As cousas mudaram, o tempo póde mais de que os homens; a civilisação alarga-se, ao passo que os governos retraem-se. É preciso estabelecer um accordo entre estes dois principios, e crêmos que á iniciativa da associação compete esse grande destino; porque, em boa doutrina, o que é o governo, senão uma forte associação? o que é a religião, subordinada á unidade cultural e dogmatica de

um corpo sacerdotal, senão uma vasta associação? As associações particulares e restrictas não são uma conspiração, mas o simples exercicio de um direito; enquanto a sua vida confinada no isolamento visava ao interesse exclusivo dos seus membros, ella não podia mirar a outra cousa senão aos fins restrictos da sua fundação, abandonando toda e qualquer discussão sobre os phenomenos sociaes contra os quaes a sua propria existencia era um esforço de reacção. Exemplificamos: fundar associações para acudir á miseria, sem querer applicar forças para a comprehensão d'esse problema social, é simplesmente curar a ferida sem querer vêr onde se conserva o espinho. Hoje a associação é uma força que tem de disciplinar-se pela cooperação federativa, cujo destino, além da simplificação dos seus serviços administrativos, tende a actuar directamente na evolução social, e a collaborar conscientemente nos progressos da nossa nacionalidade.

As proprias condições do tempo, emfim a crise europêa do fim do seculo XIX obrigam-nos a ter ideias claras sobre as questões *politicas* e *religiosas*, verdadeiros nervos de todo o funcionalismo da sociedade. Tomemos isoladamente cada uma d'estas questões:

Devemos ter ideias definidas sobre as questões religiosas, porque a somma das verdades demonstradas e unanimes da sciencia, e a sua comprovação pratica nas applicações industriaes vão eliminando das consciencias a credulidade incondicional dos dogmas. O espirito moderno em vez de acreditar procura convencer-se, em vez da revelação quer a demonstração. Tudo quanto fôr em-

baraçar este regimen dos espiritos, pelo falso perstigio de uma tradição do passado, é produzir a retrogradação de um povo e por isso falsificar na sua essencia a missão associativa. Mas deixemos o lado theorico da questão religiosa, attendendo ao fim pratico das associações; muitas d'ellas são escolares, e ministram instrucção aos seus membros. Importa saber o que é o ensino livre, para o tornar proficuo. Esta questão synthetisa-se em duas palavras: a separação da *instrucção* da *educação*. A *instrucção* abrange tudo quanto é objecto de experiencia, de observação ou de comparação, emfim o que é verificavel e capaz de ser demonstrado, constituindo verdades scientificas em antinomia com o character gratuito de todas as theologias; a *educação* comprehende a disciplina moral, exclusiva da familia, mas pela confusão sophistica da moral com o casuismo theologico é que vemos no ensino official portuguez predominar esta errada confusão, ensinando-se nas escholas e inquirindo-se nos exames as abstracções dogmaticas do catechismo e as praticas cultuaes e ritualisticas que nada têm com a cultura da intelligencia.

Ainda pelo lado pratico, sabemos, que o clero é uma corporação estipendiada por via do estado, e como tal a sua actividade está exposta a ser julgada pelo criterio de todo o cidadão que contribue para o culto. Além d'isso, existe estabelecido o registo civil, fórmula pratica da liberdade de consciencia; não basta que as associações coadjuvem os seus membros nas agonias do corpo, é necessario dar-lhes apoio nos conflictos do espirito, patrocinando-os contra os abusos praticados por alguns

parochos e mesmo por certas auctoridades administrativas, que embaraçam estas manifestações das consciencias livres, garantidas na lei civil.

Os assumptos politicos são da maxima importancia para a vida das associações. Em geral no nosso paiz confundem-se as ideias de politica doutrinaria com as paixões facciosas de certos grupos individuaes que assaltam e se introduzem na associação do Estado, para dispõem a seu talante do poder. É bem que se estabeleça no espirito publico a differença que existe entre estas machinações mais ou menos criminosas das paixões interesseiras dos bandos partidarios, a que erradamente se chama *politica*, e esse grupo de phenomenos ou relações sociaes que constituem a vida publica, e que scientificamente se denomina *Politica*. Desde que os phenomenos naturaes são observados, e reproduzidas as suas condições pela experiencia, as leis que se determinam são objecto de uma sciencia; ora os phenomenos sociaes, observados pela continuidade historica, experimentados pela constante acção pratica, estão hoje sendo submettidos ao criterio e ao methodo scientifico, creando-se a moderna sciencia da Sociologia. Todos aquelles que na discussão dos problemas associativos precisam basear-se nos dados concretos da estatistica, e nas comparações com factos analogos das nações estrangeiras estão implicitamente reconhecendo o criterio scientifico applicado ás questões sociaes; é n'este sentido que entendemos que compete ás associações a obrigação de se occuparem dos problemas politicos. Ha nas sociedades humanas tres factores importantes, que mais ou menos andam descoordenados,

por causa de serem desconhecidas as suas mutuas relações : a *civilização*, a *esphera civil* e a *politica*. Houve civilizações eminentes, como a do Egypto ou de Babilonia, em que não existia esphera civil, nem cultura politica ; a Grecia teve uma extraordinaria civilização, em que já apparece o progresso civil ; em Roma, o direito individual foi sacrificado ao interesse publico ou politico. Ainda actualmente vêmos a civilização allemã, tão elevada, coexistindo com uma deficiente organização politica. O fim de uma verdadeira evolução é harmonisar estes tres factores ; e é por isso que as associações sendo as legitimas representantes dos interesses privados, devem intervir nas relações da vida publica, ou na esphera politica, como meio de communicar a esta força coordenadora a base moral que lhe falta.

Proposta n.º 43. — Hoje, que pela fundação do Congresso das Associações, estas começam a exercer uma acção mais ampla, torna-se urgente, que reunam as assembléas geraes com frequencia, não só para o exacto cumprimento dos pactos federativos, como para auxiliarem a missão do conselho executivo do congresso. Para conseguir este fim de activar a vida associativa indicaremos :

A organização de conferencias regulares nas associações, e a conveniencia do exercicio do direito de representação, queixa e reclamação consignado na constituição portugueza. D'este exposto deduzimos :

1.º Que este congresso fixa uma éra nova na vida das associações portuguezas ;

2.º Que as associações, pela sua capacidade e re-

speitabilidade collectiva não devem ser systematicamente alheias ás questões religiosas e politicas;

3.º Que as suas assembléas devem tornar-se frequentes, provocando-as por meio de conferencias e manifestações collectivas de interesse geral;

4.º Que como complementar da associação deve reclamar-se o direito de reunião, ficando esta subordinada a um simples annuncio publico e á inspecção da auctoridade.

V. Autonomia das associações

(Propostas n.ºs 14, 15, 16, 19, 20 a, 20 b, 21, 25, 34, 37, 40, 66 e 68).

Este assumpto é altamente complexo, e compõe-se de uma parte negativa ou a critica das leis restrictivas da associação, e de uma parte constituenda segundo o espirito das propostas citadas. Em primeiro logar falta-nos uma boa classificação das fórmias associativas, e n'este caso os poderes publicos têm diversas intervenções segundo os seus titulos.

Exemplifiquemos :

1.º *As sociedades anonymas* fundam-se pela simples participação no ministerio das obras publicas, dependendo da certidão negativa de que não ha outra entidade juridica com o mesmo titulo. Têm a fórmula de contracto regulado por uma lei especial, e só póde ser dissolvida por uma sentença do Tribunal do Commercio.

2.º *As sociedades cooperativas* participam das vantagens das anonymas, com restricções sobre o credito.

3.º *As sociedades propriamente commerciaes*, embora conhecidas, apresentam o caracter particular da mulher ter responsabilidade civil, e girar com a sua firma sendo maior e solteira, ou casada com auctorisação do marido; ao passo que nas sociedades anonymas só é representada por procurações.

4.º *Associações de soccorros mutuos*, dependem da approvação dos seus estatutos pelo ministerio das obras publicas, que demora indefinidamente a entrega do alvará. N'estas associações a mulher não têm direito ao voto.

5.º *Sociedades de beneficencia*, dependem da approvação do ministerio do reino, que embaraça conforme lhe parece a sua organização legal pela simples força de inercia. N'estas as mulheres têm direito a voto e a exercerem encargos.

6.º *Sociedades de instrucção*, dependem da sancção do ministerio do reino.

8.º *Sociedades de recreio*, cathegoria ambigua, por meio da qual o governo civil exerce a sua acção repressiva, preventiva e prohibitiva. Assim, a Associação dos Jornalistas e Escriptores portuguezes foi no competente alvará classificada como de recreio!

8.º *Projecto de lei sobre as sociedades anonymas*, n'elle ficam dependentes da opinião do procurador geral da corôa para certificar se tem cousa contradictoria com a lei geral do estado!

Por estas diversas intervenções do governo no direito de associação se vê que é necessario estabelecer principios fundamentaes, civis e politicos, que regulem este

direito. A comissão chama a atenção dos membros do congresso para o esboço de plano apresentado no Appenso á proposta n.º 21, e conclue, exarando os seguintes principios, base de toda a questão sobre este momento-so problema:

1.º Que se estabeleça como garantia de toda a liberdade civil e politica o pleno direito de associação, sendo regulado por estatutos publicados, e apresentados á auctoridade sem dependencia de approvação mas para simples registo.

2.º Deve promover-se a formação de uma lei organica geral das associações, pela qual se devam constituir, como se conseguiu já para o typo das sociedades anonymas, e equiparando-as ao simples contracto civil.

3.º Que se equiparem em tudo os direitos da mulher aos do homem nas associações, banindo restricções odiosas, incongruentes, e conseguindo por esta reforma indirecta a sua emancipação civil e politica».

3. As doutrinas politicas

O valor de uma doutrina conhece-se pela influencia que exerce sobre as intelligencias, quer deprimindo-as, estimulando-as ou disciplinando-as. Comprehende-se como as doutrinas theologicas da Igreja atacaram a actividade mental da civilisação greco-romana, pelo conflicto entre a *graça* e o *livre arbitrio*, e pelo antagonismo inconciliavel entre o mundo physico e a nossa natureza moral. O criticismo de Kant, embora de character negativo, ata-

cando os systemas metaphysicos fundados sobre modos de vêr subjectivos, chegou a um principio fundamental: a necessidade de conformar as noções subjectivas com os dados objectivos, como condição para se attingir qualquer verdade. Comprehende-se tambem como as doutrinas de Kant exerceram um estímulo enorme na actividade scientifica do nosso seculo, mesmo em sciencias especiaes sem relação immediata com uma synthese philosophica. A Philolophia positiva, tomando o dado de Kant como base constructiva, appareceu pela necessidade de coordenar a complexidade das sciencias especiaes sob uma dependencia dogmatica geral, e ao mesmo tempo veio estabelecer a mutua dependencia entre os phenomenos de ordem cosmologica e sociologica, isto é, a relação de continuidade entre o mundo physico e o mundo moral, que a theologia e as metaphysicas sempre nos impuzeram como incompativeis. Esta doutrina, a mais recente de todas as concepções modernas e a que mais se tem universalizado como um modo de ser da consciencia humana, exerce uma acção disciplinadora nos espiritos, dando-lhes coherencia e destino aos conhecimentos especiaes em que se esterilizavam as capacidades, e reduzindo os phenomenos moraes, quer psychologicos ou sociaes, ás condições observaveis, verificaveis e independentes dos preconceitos da imaginação. Sobre este ponto as questões moraes e politicas têm sido radicalmente estudadas sob o criterio da Philolophia positiva, quando ellas já se achavam esgotadas em fórmulas banaes e auctoritarias impostas por estas duas associações absorventes, a Religião e o Estado. A Philolophia positiva elevou-se a um ponto de vista

mais geral, ao conjuncto social, subordinando á sua conservação e progresso o destino de todos os outros factores, sejam elles religião ou governo, industria ou sciencia, familia ou individualismo. Conhecidos os principios d'essa philosophia reorganizadora, a sua principal importancia revela-se nas applicações, e assim cada pensador isolado procurando julgar o seu meio ou o seu tempo, acha-se possuido de um novo poder constructivo que o fórça a intervir no meio da incoherencia de uma época e de uma sociedade em que o que se pratica está em desaccordo com o que se pensa.

Alberto Salles, no seu livro *A Politica republicana*, define o movel que o attrahiu para estes grandes problemas: «Trabalha energicamente sobre as consciencias uma metaphysica manifestamente revolucionaria, que ameaça conduzir-nos a um deploravel estado de anarchia mental. Nunca, como hoje, houve tanta necessidade de estabelecer-se entre nós uma justa coordenação das intelligencias, na determinação exacta da orientação politica. É preciso que se conheçam e decomponham convenientemente todas essas forças que actualmemente se encontram em jogo no seio do nosso organismo social, afim de dar á sua grande resultante uma direcção util e opportuna, subordinando-as a pouco e pouco á relatividade do nosso meio politico». (Pag. vii).

Essa situação anarchica é uma crise geral ao velho e ao novo mundo; as antigas crenças tradicionaes tornam-se incompativeis com as demonstrações scientificas, e a dignidade individual torna-se insurrecta diante do privilegio pessoal da fórma dynastica. Para se chegar a

corrigir ou modificar esta crise transitoria, procura-se oppôr ao regimen da religiãõ dos crédulos, a convieção da unanimidade scientifica, e á intervenção exclusiva do arbitrio de um só a manifestação expressa da vontade de todos pelo suffragio transmittida ao mais competente, condicional e temporariamente. Tal é a phase em que se apresenta hoje o problema politico; e a necessidade de resolver-o procedendo pela eliminação successiva da imaginação, e fazer prevalecer a observação na critica dos factos, eis o primeiro passo para que aquillo que era o objecto da intriga se torne uma verdadeira sciencia. A *Politica positiva* é este exame da acção commum social, feito por um modo em que a imaginação é substituida pela observação. É de um tal exame que resulta o conhecimento de que a anarchia presente provém do conflicto de tres systemas politicos, uns que persistem além de seu tempo, outros que não se acham plenamente admittidos; effectivamente ha uma politica *theologica*, resto das velhas éras do poder theocratico, que nos perturba já com exigencias de um poder temporal, já procurando harmonisar-se como religiãõ do Estado, ou n'essa outra fórmula absurda: Egreja livre no Estado livre. Ha uma politica *metaphysica*, derivada da falsa noção de que o merito pessoal se transmite pelo nascimento, e que não sendo já recebida geralmente por irem desaparecendo as aristoeracias, sobrevive comtudo na imposição degradante das Casas reinantes, que tanto perturbam com o seu fausto immoral e aventuras militares a pacifica e fecunda civilisação europêa. A politica *positiva*, isto é, a coordenação dos factos com os principios verificaveis, ma-

nifesta-se na sua fôrma concreta na solução republicana federal, vindo por este character federativo a attingir a sua fôrma normal e definitiva na Sociocracia.

As consequencias d'este conflicto das tres politicas, em que a metaphysica sob a fôrma de monarchia temperada e de regimen monarchico-representativo, é a que prepondéra por meio de sophismas parlamentares, essas consequencias manifestam-se de um modo evidente no desaccordo entre a evolução social e a acção governativa. Alberto Salles notou este desaccordo, e indica-lhe o remedio: «Um dos phenomenos que mais impressionam aquelles que se dão ao estudo da marcha da humanidade através da historia, é certamente o contraste admiravel que ahi se observa entre a tendencia evolutiva das sociedades e o espirito de conservação do Estado; a evolução social não acompanha o Estado, e nem este obedece áquella. São duas forças em constante antagonismo, quando, ao contrario, deveriam operar harmonicamente sobre a determinação da marcha geral da civilisação». (Pag. 13).

«A harmonia entre o Estado e a evolução social, tão necessaria presentemente, só poderá operar-se por uma justa applicação das doutrinas positivas ao governo das sociedades». (Pag. 15). Governar em nome de Deus, de uma entidade fóra da sociedade e da realidade, dá essa atrophia dos povos que se afundaram na theocracia, como os semitas e os árias orientaes; governar em nome da vontade de um desvairado, seja elle Alexandre, Cesar ou João Fernandes, é cahir n'essa degradação de que só nos pôde tirar a Revolução franceza dissolvendo o regimen

catholico-feudal e proclamando a reorganisação social pela Declaração dos Direitos do Homem. O fim humano, eis o destino exclusivo de todas as actividades, affectos e capacidades; é esta a idéa que virá a inspirar uma politica scientifica e consciente, a que Augusto Comte deu o nome de Sociocracia. O conhecimento do nosso sêr psychologico e dos antecedentes sociaes levar-nos-ha a estabelecer os differentes grãos de sociabilidade, solidarios entre si, e necessarios todos para a realisação do fim humano. Esses grãos estão hoje claramente determinados: a aggregação geneologica ou *domestica*, a aggregação territorial ou *civica*, e a sua synthese *cosmopolita*, que começa pelas federações até chegar ao conhecimento da solidariedade humana. Cada um d'estes grãos de sociabilidade funda a ordem pelo instincto e creação empirica da Conservação; a dependencia mutua é que fará com que a ordem seja uma resultante ou consequencia do Progresso. Provocar o progresso por impulsos emocionaes é uma perturbação que leva as sociedades a sympathisarem com o quietismo da estabilidade, e a acceitarem a intervenção dos salvadores, que exploram esta tendencia regressiva para o passado. O progresso é um phenomeno de observação, que se define por phases bem caracteristicas, cuja successão não póde ser alterada. É aqui que se destacam na sua independencia e coexistencia as duas entidades sociaes, o individuo e o estado; o individuo desenvolve-se ou progride de um modo definitivo, quando estimulado pelas emoções estheticas adquire interesse pelas noções scientificas e por fim as relaciona em concepções philosophicas. Pelo seu lado o Estado avança ou

progride quando da sua acção commum resulta uma disciplina moral, um livre concurso industrial, e uma participação geral na força social pela opinião, ou uma politica que é a expressão e a satisfação do suffragio. Estas ideias são correntes, e não como se póde suppôr, o verbo exclusivo de uma escóla; desde a Grecia, que a coexistencia d'essas duas forças sociaes a Auctoridade e a Liberdade, se acha expressa n'esses dois termos claros, de *isonomia*, ou a egualdade perante a lei, e a *autonomia*, ou a lei formada pela convergencia da vontade de todos. E comtudo, como diz Alberto Salles: «causa realmente admiração o apparecimento de estadistas que ainda insistem em fazerem do Estado o inimigo da evolução social». (Pag. 14).

I. Condições ethnicas e historicas do federalismo peninsular

As condições de existencia de qualquer sóciedade, ou propriamente os elementos staticos da sua constituição, comprehendem o *territorio*, a *raça*, o *percurso historico* e a *contiguidade* ou o *isolamento* de outros povos. Todos estes factores imprimem fórma ao typo da nacionalidade, sua organização politica e caracteres da sua civilização, embora a acção das individualidades governativas malbaratem as energias sociaes em levarem á realisação pratica os seus modos de vêr theoreticos.

Nenhum progresso, ou evolução das forças dynamicas da sociedade, póde ser attingido sem a consideração dos elementos staticos. Emquanto a organização e a acção politica não forem a resultante das condições staticas, que são a base espontanea da ordem, os governos

exercendo-se sem plano, serão a principal força perturbadora da sociedade, fazendo e desfazendo anarchicamente, como na lenda da têa de Penelope.

É esta obcecção diante das forças staticas, que determina o estupendo absurdo sociologico de se procurar manter a ordem pela repressão, e o progresso pelas agitações revolucionarias. Quando a Politica fôr comprehendida como uma sciencia de observação e de applicação, o conhecimento das forças staticas sociaes levará a aproveitar esses impulsos dirigindo-os, da mesma fórma que o engenheiro se aproveita de uma quédá de agua, ou a industria de uma riqueza local, ou o commercio de uma via de communicção. Então a ordem deixará de ser a justificação dos abusos da auctoridade, e o progresso não será a utopia demagogica, mas a simples evoluçção de um estado normal da sociedade.

Applicando estes principios á politica que compete á nação portugueza, tomamos as suas condições staticas deduzindo do seu logar no territorio da peninsula hispanica, das tendencias da sua raça, dos seus antecedentes historicos, da contiguidade das outras nacionalidades, qual a fórma como este paiz deve ser governado, e a organisação politica que possa assegurar-nos uma autonomia segura, e um progresso que nos torne solidarios com a civilisação europêa. Servir esta aspiração com emoções patrioticas só conduz os ingenuos a serem ludibriados pelos interesses d'aquelles que se colligaram com uma familia dynastica, para quem Portugal é um feudo explorado em commum.

O criterio scientifico é impessoal, como desinteressa-

das as conclusões a que chega; desde o momento que a mesologia da península se acha bem conhecida, e que os caracteres anthropologicos são persistentes, e que a marcha historica em seus emmaranhados conflictos está explicada, são simples as deducções de todos estes elementos para estabelecer a politica normal ou positiva de que depende a nacionalidade portugueza.

a) As duas correntes de unificação e desmembração politica

Quem lançar um rapido olhar pela historia da Hespanha, vê que toda a sua existencia nacional se dispendeu em uma agitação constante, de um lado em reivindicar as autonomias dos pequenos estados, ou *separatismo*, e do outro em incorporar todos esses estados livres debaixo de um sceptro, tendo por centro de convergencia ora a monarchia leoneza, ora a monarchia navarra, ora a monarchia castelhana. A monarchia, como o demonstra Charrière, foi sempre um elemento estrangeiro para a Hespanha, e o facto de ser ella essencialmente unitaria o prova; porque a Hespanha, pelos seus relevos orographicos, pelas suas diferentes raças, é um paiz destinado a constituir-se em Federação de pequenos estados, ao passo que os monarchas forçaram sempre estas qualidades naturaes, tentando pela violencia a *unificação politica*.

Quem fez a primeira unificação politica da Hespanha? O Imperio romano. Depois da queda do Imperio, vieram os visigodos que, sob Leovigildo, restauraram a unidade imperial. Depois vieram os arabes que, sob o

kalifado de Cordova, conseguiram tambem a unidade politica, que os destruiu. Depois veiu a reconquista neogothica, que procurou restaurar a unidade dos tempos de Leovigildo, primeiramente sob o sceptro leonez de Affonso III, em seguida pela absorpção da Navarra sob Sancho, depois pela unificação castelhana sob Fernando Magno e Affonso VI, por cuja morte Portugal pôde quebrar os seus vinculos e constituir-se como estado e nacionalidade livre.

Não ficam aqui os esforços para a unificação politica dos estados peninsulares; a monarchia de Fernando e Isabel consumma a obra da morte d'estas fecundas nacionalidades, e Filippe II, em 1580, unifica Portugal como provincia no territorio hespanhol.

Quando a monarchia não podia unificar pelas armas, empregava os casamentos reaes, como em Fernando com Isabel, em D. Affonso V de Portugal com a Beltraneja, no principe D. Affonso com Isabel; enfim, os casamentos dos reis D. Manoel e D. João III, como os de Carlos V e Filippe II, visavam á unificação das duas nações.

Se a republica, na peninsula hispanica, tem um destino sério e progressivo, é dar a essas tendencias *separatistas*, que são immorredouras, a fórmula consciente e disciplinada de um *pacto federativo*, reconstruindo a autonomia d'esses pequenos Estados da Edade-média. Quando a republica dividir a Hespanha nos estados autonomos da Galliza, Asturias, Biscaya, Navarra, Catalunha, Aragão, Valencia, Murcia, Granada, Andaluzia, Extremadura, Castella Nova, Castella Velha e Leão, então é que Portugal, tendo para sempre a sua autonomia a

salvo de qualquer aventura de incorporação ou unificação ibérica, então é que póde entrar sem receio e com dignidade na constituição do Pacto federal dos Estados livres peninsulares ou ibéricos.

Tudo o que não fôr isto, é um absurdo, uma violencia, e não se fará sem sangue, para se tornar a desfazer, como em 1640.

A historia dos Braganças, mostra que elles pensaram sempre em serem engrandecidos, tornando-se reis de uma grande nação, fundindo ou unificando Portugal e a Hespanha; D. João IV entregava Portugal á Hespanha, com tanto que seu filho o principe D. Theodosio casasse com Maria Thereza, filha de D. Carlos II; até o proprio D. João VI, quando Fernando VII abandonou a Hespanha aos francezes, quiz, por via dos direitos de Carlota Joaquina sua mulher, unificar as duas corôas! D. Pedro IV, tambem se entendeu com o partido constitucional hespanhol para se fazer imperador da Iberia; os absolutistas de lá tambem queriam popularisar D. Miguel como fautor d'essa unificação; D. Maria II tambem phantasiou ideaes ibéricos, como se sabe dos planos do general Cordova, Estebanez Calderon, Mendizabal e o principe do Leuchtemberg; D. Pedro V tambem fallava «em juntar em uma mesma prosperidade dois povos irmãos», isto quando os hespanhoes já não podiam supportar as tropelias dos Bourbons; por ultimo D. Luiz I entrou em accordos com Napoleão III para o provimento da vagatura do throno de Hespanha, emquanto não foi occupado por Amadeu, sendo este o motivo das viagens do irmão do ministro Olivier a Portugal.

Não foi o sceptro dos reis que dividiu a Hespanha, mas sim as montanhas que irradiam da cordilheira dos Pyreneos, a que vem de norte a oeste, que em quatro ramificações divide a Catalunha, Aragão, Asturias, Galiza e Vasconia; e a que vem de norte a sul, na vertente oriental, limitando Valencia, Murcia e Granada, e na vertente occidental ou atlantica, a Castella Velha, Leão, Castella Nova, Extremadura e Andaluzia.

Essas ramificações conservaram a persistencia dos diversos typos anthropologicos das raças que povoaram a Hespanha; definiram as fórmias das agrupações sociaes em rudimentos de estados autonomos; sustentaram as suas diferenças ethnicas nos *dialectos* que ainda fallam, nos modos da sua *actividade*, nas *legislações* civis por que se regem, até mesmo nas suas *danças* e *cantares* tradicionaes em que se expressa a *indole* de uma independencia tão absurdamente desconhecida na politica.

1. MESOLOGIA POLITICA DA HESPANHA. — Um dos mais bellos titulos do talento historico de Michelet, ha de ser sempre a intuição genial com que ligou a acção do homem ao meio material em que elle vive e lucta; na *Historia de França*, depois de enumerar as raças que se cruzaram para constituirem um typo anthropologico nacional, completa a feição d'essa individualidade pelo estudo dos relêvos do solo, deduzindo dos dados da geographia a corrente das invasões, as fórmias da actividade industrial, a constituição municipal, e emfim a correlação entre a organização do feudalismo e as divisões da terra. Este mesmo criterio terá de ser empregado na politica, quando ella, de um expediente de ambiciosos se

converter em uma sciencia de applicação. Fóra da acção pratica, compete a todos os espiritos especulativos submeterem o empirismo irreflectido e inconsciente á subordinação de principios racionaes.

Da observação do solo hispanico, banhado ao sul pelo Mediterraneo e a oéste pelo Atlantico, se vê que os povos que occuparam esta região deviam herdar a cultura egypcia, phenicia, jonica e romana, e continuarem a marcha da civilisação avançando pelo oceano á descoberta das Americas e á circumducção do globo. Da fronteira maritima do Mediterraneo proveiu a communicação com os phenicios que deram o nome ás localidades da Hespanha, proveiu o estabelecimento dos junios que nos ensinaram as associações federativas das cidades, proveiu-nos a disciplina dos romanos de quem recebemos a lingua e a unidade nacional. Da fronteira atlantica veiu-nos o impulso das grandes navegações do fim do seculo xv, de Colombo, Vasco da Gama, Alvares Cabral e Fernão de Magalhães, cujas descobertas determinaram o character pacifico da civilisação moderna.

A península hispanica é separada da França ao nordeste pela cordilheira dos Pyreneos; d'esta cordilheira irradiam diversas montanhas, definindo relêvos, que actuaram sobre a distribuição e independencia das populações, e consequentemente sobre a constituição e autonomia de estados politicos. Se as fronteiras maritimas sociologicamente fallando indicam o character da Civilisação peninsular, os relêvos pyrenaicos são os factores que actuam sobre a vida interna dos povos ibericos ou melhor sobre a organização da sua Politica. Nem sem-

pre a Politica e a Civilisação se acham em mutuo accordo; na Grecia a Civilisação era superior á Politica que não chegou a elevar-se á unidade nacional, e em Roma a Politica elevou-se até á concepção sociocratica, sendo a sua Civilisação um vago reflexo da Eschola de Alexandria e sustentada pela contribuição do talento provinciano. Entre as nacionalidades peninsulares, Hespanha e Portugal dispenderam a sua actividade em luctas internas de absorpção e de desmembração, ao passo que se acharam solidarias na exploração maritima, colonial e commercial. Para estas nacionalidades o seu problema fundamental é exclusivamente politico; e a sua solução está implicita nos seus relêvos orographicos. Escrevemos no estudo dos *Elementos da Nacionalidade portugueza*: «a cordilheira dos Pyreneos apresenta dois systemas orographicos, um que se dirige no sentido noroéste ou pyrenaico, e outro no sentido nortesul ou celtiberico. No primeiro, ha os ramos dos Pyreneos isthmicos, que limitam a *Catalunha*, o *Aragão* e a *Navarra*; os cantabricos, asturicos e galaicos, que limitam a *Vasconia*, as *Asturias* e a *Galliza*. No systema orographico celtiberico faz-se a divisão em vertente oriental ou *mediterranea*, e vertente occidental ou *atlantica*; á primeira pertencem os antigos estados autonomos, hoje incorporados como provincias administrativas, da *Navarra*, *Aragão* e *Catalunha*, accrescendo a *Valencia*, *Murcia* e *Granada*. Á vertente occidental pertencem a *Castella Velha*, *Leão*, *Castella Nova*, *Extremadura*, as *Andaluzias* (*Granada*, *Cordova* e *Sevilha*) e as *Beiras*, *Extremadura* e *Alemtejo* portuguezas». Sobre estes

dados notámos: «Os diversos Estados peninsulares nasceram das povoações acantonadas n'esses valles, estabelecidas juntas d'esses rios, e a constituição primitiva da sociedade hispanica ainda conserva esse individualismo local que se elevou dos aggregados cantonaes a pequenos estados livres e que ainda reage contra a unificação castelhana realisada pela violencia bruta dos interesses dynasticos. As actuaes provincias de Hespanha são ainda na sua fórma administrativa esses antigos Estados livres peninsulares fundados onde as condições do territorio lhes garantiram a sua independencia» ¹. No antigo onomastico dos povos ibericos, como notou Jubainville, o termo *iri, ili* ou *eli*, designa Cidades ², o que levo á inferencia de uma raça a quem, a situação geographica tornou sedentaria.

A necessidade da defeza fez com que essas Cidades se ligassem entre si, por um rudimento de Federação chamado Behetria, que persistiu na peninsula até ao fim do seculo xvi.

Buckle tambem considerou o solo hispanico sob o seu aspecto geologico, e como actuando sobre a civilização peninsular. Segundo o eminente auctor da *Historia da Civilização de Inglaterra*, as riquezas mineraes da peninsula foram sempre o estimulo das differentes raças que em ella penetraram, que aqui se fusionaram e que aqui se guerrearam excluindo-se. A natureza das explo-

¹ *Revista de Estudos livres*, t. I, pag. 9.

² *Les premiers Habitants de l'Europe*, pag. 305.

rações metallurgicas é que ajuda a explicar o character ethnico do Ibero, o qual tambem chegou á Bretanha, onde precedeu as raças indo-europêas. A grande quantidade de terremotos no solo peninsular demonstrada por Buckle por documentos historicos, levou-o á deducção de que este povo devia ser sempre impressionado pelo maravilhoso, explorado por uma classe sacerdotal que lhe perturbaria a razão com o perstigio do milagre, e que as suas preocupações nacionaes, tanto em politica como em litteratura, deviam por isso ser religiosas.

Buckle considera este enthusiasmo religioso como uma inferioridade, que attribue á desgraçada scisão da raça germanica seguindo o catholicismo ou abraçando o christianismo popular de Ario, e mais tarde ao fervor da reacção neo-gothica contra os arabes, e ainda em épocas mais recentes contra os inermes judeus. A causa historica é apparente; a causa mesologica é fundamental, e tanto que as inscrições lapidares da peninsula hispanica são dedicadas a deuses egypcios, phenicios, carthaginezes, celtas, jonios, romanos, signal de que todos os povos que aqui estancearam obedeceram a essa emoção de terror que leva as mentes para o sobrenaturalismo. Desde que o catholicismo unitario se tornou o agente policial da monarchia unitaria, como nos conluios entre a Inquisição e a Casa de Austria, esse sentimento religioso deve-se considerar como uma das causas que mais atacaram a existencia autonómica dos estados peninsulares.

Apesar de conseguida a unificação dos Estados hispanicos, a organização administrativa provincial, e a organização ecclesiastica dos bispados hespanhoes conserva-

ram as divisões naturaes dos territorios que deixaram de ser Estados independentes.

Schema dos dados topographicos

1. Cordilheira dos Pyreneos: N. O.

a) Pyreneos isthmicos.....	{	Catalunha
	{	Aragão
b) » cantabricos.....		Navarra
c) » asturicos.....	{	Asturias
d) » gallaicos.....	{	Galliza
	{	Vasconia

2. Cordilheira celtiberica: N. S.

a) Vertente oriental ou Mediterranea.....	{	Navarra
	{	Aragão
	{	Catalunha
	{	Valencia
	{	Murcia
	{	Granada
		Castella Velha
		Leão
		As Beiras
b) Vertente occidental ou Atlantica.....	{	Castella Nova
	{	Extremadura
		Extremadura
		Alemtejo
		Andaluzias {
		Jaen
		Cordova
		Sevilha

2. O SEPARATISMO DAS RAÇAS PENINSULARES. — Bastava a Hespanha ter dois climas, um o temperado do

occidente da Europa, e outro extremo como o da Africa, para differenciarem profundamente o temperamento physiologico dos seus habitantes. Mas as raças que occuparam a Hespanha vieram de varias proveniencias; já da Africa, como o elemento iberico, berbere e mauresco, já do Mediterraneo oriental como Celtas ligios, jonicos, já do norte da Europa como o Celta louro e as tribus germanicas dos Alananos, Vandalos, Suevos, Visigodos. Todas estas raças se reduzem a tres typos, o *iberico*, o *árico* e o *semita*, actuando diversamente na constituição das nacionalidades; o iberico chega até ás confederações de *ciudades*, o árico, na fusão dos Celtas com os Iberos, produz a aggregação da *tribu*, e o semita sustenta esse espirito separatista que faz do hespanhol um cosmopolita, um fanatico e um cantonalista em revolta.

Firmin Cabellero, no seu *Manual geographico-administrativo*, nota os diversos typos de raças através dos costumes das provincias de Hespanha: «Um Andaluz passa horas esquecidas cantando a *caña* ou a *rondeña*, estimulado com alguns copos de *manzanilla*; ao passo que um Navarro exercita a sua forte musculatura na *pelota* ou descança jogando o *mus* entre algumas *pintas* do *neto*. Uma salamanquina não póde suster os pés ouvindo as *habas verdes*, ao passo que lhe parece feia e sem alma a *muiñeira* que encanta a gallega. Uma manchega ficará uma noite inteira cantando *seguidilhas* ao compasso das *castañuellas*, e do *guitarrillo*, enquanto a fria biscainha se contenta com bailar algum *zorxico* ao monotono ruido do tamboril. Em Castella eram frequentes as *dansas de mouros* e christãos, e a compas-

sada *paloteos*, que os valencianos substituem em *saltos* ageis e provas de equilibrio. Em outras partes ao som da *dulzaina*, em outras ao da *gaita zamorana*, ou da *gaita gallega* na Galliza, nas Asturias ao da *xampoña*, nos bairros de Madrid ao da *bandurria*, e em muitas provincias ao da *guitarra* ou *bihuela*... se entoam alegres cantares de poesia popular inimitavel, e com especialidade nos paizes onde acompanham os rudes porém vivos instrumentos da *pandereta* e *sonajas*. Os serranos costumam entregar-se ao jogo de *bolas*; os manchegos ao *boleo* de bolas de ferro, que fazem girar muito longe pelos seus caminhos planos; e em muitas partes preferem o tiro da *barra*. A *jota* é a ária mais variada das nossas canções vulgares, e com os nomes de *aragonesa*, *malagueña*, *valenciana* e *estudiantina*, se ouve por toda a parte de mil maneiras, levando a animação aos concorrentes».

A persistencia d'estas feições ethnicas resulta da inalterabilidade dos elementos anthropologicos, os quaes se conservaram pelo apoio territorial mantendo uma certa estabilidade. Por esta condição mesologica, facil foi ao Romano dar-lhes a fórma de Municipios, unificando-os debaixo de uma mesma dependencia politica. Foi um elemento extranho á Hespanha, e pela força das armas, que fez a sua unificação politica; os reis visigodos, neogodos e austriacos, que tentaram pôr em vigor a tradição odiosa da unidade politica romana, eram tambem estrangeiros, e empregaram a força, a corrupção e produziram a decadencia lamentavel da Hespanha pelo seu estólido despotismo.

Se as raças da Hespanha não tivessem de exercer uma acção mais vasta provocada pelas suas orlas marítimas que as conduziam á expansão colonial, bastava-lhes a sua liberdade municipal, que nunca nenhum despotismo lhes pôde destruir. Como congregar todas estas cidades livres, estes rudimentos de estados para uma *acção commum*? É n'esta solução que o elemento pessoal das ambições dynasticas interveiu fundando em seu beneficio a monarchia unitaria. É certo que os povos hispanicos fizeram ligas defensivas, com a Confederação dos Ausetani e Ilergetes e mais trinta povos; os Vaceos, Vettones e Celtiberos confederaram-se militarmente, e negocios politicos externos, alianças, declarações de guerra e tratados de paz eram attribuições das assembleas federaes Vellica e Asturica. E foi ainda com a liga de Cidades ou *Behetrias*, e com a federação das classes industriaes ou *Irmandades*, que a sociedade civil hispanica reagiu contra a prepotencia feudal obstando ao seu pleno desenvolvimento, vindo a cahir na illusão de fortificar o Poder real como sustentaculo das suas garantias consuetudinarias ¹.

¹ «Para que a constituição democratica fosse realisavel em toda a sua pureza, teria sido preciso nunca ultrapassar os limites da existencia local ou municipal, e que a força exterior lhe fornecesse occasião ou a necessidade de uma politica, isto é, a que exige a criação de um poder activo personificando em si a sociedade. E então o poder monarchico individual prevaleceria, ou por circumstancias particulares, a fórma democratica continuaria a subsistir, mas falseada no seu espirito, violenta em sua acção e apresentando a mais in-

A Realeza fez como o cavalleiro a quem o cavallo se offereceu para ser montado com tanto que o vingasse; cerceou-lhe todas as liberdades locaes, e egualou as differenças ante a lei da sua vontade absoluta.

Os povos não têm uma tão clara comprehensão da sua *liberdade politica* como da *liberdade civil*; é facil escravisar um povo, truncando os elementos da sua autonomia, como as instituições que regem as relações da collectividade, emquanto o despota não tocar na area santa dos direitos individuaes dos contractos, das successões testamentarias e dos pactos matrimoniaes.

Napoleão I e a Restauração atacaram e perverteram todos os principios *politicos* da Revolução franceza, respeitanto sempre os direitos *civis* adquiridos n'essa violenta crise de transformação social. Na historia das Nacionalidades peninsulares vêmos o mesmo factó; os reis

supportavel de todas as tyrannias, aquella que emprega as fórmãs da liberdade na oppressão da sociedade inteira.

« O estado democratico, seja qual fôr o elemento de que se componha, não é senão a constituição municipal e o primeiro rudimento da ordem social constituida sobre a base natural: é o que confirmam todas as applicações modernas. Na Europa estabeleceu-se com alguma duração sómente nos paizes condemnados pela sua exiguidade a uma existencia secundaria, como a Suissa, as Republicas italianas, e as Cidades hanseaticas. Desde que elle quiz exercer uma influencia exterior, procurou um compromisso entre o principio monarchico puro e o estado democratico, que nunca foi, como se sabe, senão um verdadeiro governo democratico. Tal é a transacção que adoptaram successivamente Veneza com os seus doges, a Hollanda com os seus stathouders, a Inglaterra com os seus reis ». (Charrière, *La Politique de l'Histoire*, tom. II, pag. 16).

unificam sob o seu sceptro os estados livres, mas deixam permanecer a individualidade civil, ficando cada provincia com o seu direito proprio na organisação da familia, na transmissão hereditaria da propriedade paternal, e nos contractos territoriaes. Vallés y Ribot no importantissimo discurso no Congresso Catalanista, na sessão de 21 de janeiro de 1881, apresentou um juizo comparativo entre as differentes legislações de Aragão, Catalunha, Malhorca, Navarra e Byscaia «para que se vejam os principios em que assentam estas legislações, e para que se veja quão distinctos são elles entre si e quão distinctos dos principios em que se basêa a legislação de Castella». Transcreveremos em seguida alguns trechos do discurso de Vallés y Ribot, em que se accentua esse individualismo civil, ultimo resto do individualismo nacional dos estados peninsulares: «estas differenças, não accidentaes, mas essenciaes, notam-se no que constitue o fundamento de todo o direito, de todo o systema juridico; estas differenças essenciaes notam-se nas *sucessões*, na constituição e dissolução da *sociedade conjugal*, e nos *contractos* que dizem respeito ao uso e alienação da propriedade territorial.

«Não fallarei no abysmo que medeia entre a successão castelhana e a successão catalã... o principio de liberdade é o que inspira a legislação catalã n'este ponto e o principio limitativo é o que inspira a legislação castelhana n'esta parte. Na Navarra não existe em seus fóros ponto de contacto algum nem com a legislação catalã nem castelhana em materia de successões, postoque na Navarra ha muito maior liberdade de testar do que

na propria Catalunha. Na Navarra, se não fôr lavrador, póde o pae deixar os bens a qualquer, ainda que seja um extranho só com deixar a seus filhos uma legitima foral só e unicamente em uma deixa de terra em montes baldios e mais cinco soldos febles.

«Se sahimos de Navarra e vamos a Aragão e Byscaia, alli encontramos mais limitação; alli encontramos mais absolutismo do que na propria Castella com relação á facultade de dispôr o pae de seus bens em favor de extranhos. Em compensação, entre seus filhos gosa de maior liberdade que em Castella e mesmo na Catalunha; tanto é assim, que o pae aragonez póde deixar seus bens a qualquer de seus filhos, emquanto pelos bens immoveis lhes deixe cinco soldos jaquezes e cinco soldos jaquezes tambem pelos bens immoveis. Na Byscaia o pae gosa de equal liberdade: póde deixar os bens a qualquer dos filhos, com tanto que aparte os outros com terra e raiz, isto é, lhes deixe alguma terra que tenha em seu patrimonio.

«Em Castella, existe em materia de successões o principio de egualdade; em Catalunha, Aragão e Navarra existe o principio da desigualdade. Em Castella existe o principio da divisibilidade dos patrimonios; na Catalunha existe o principio da indivisibilidade, principio que na pratica e em direito se traduz no facto de poder o herdeiro pagar as legitimas em dinheiro sem ser obrigado a pagal-as em terras». Sobre as successões ab intestato escreve Vallés y Ribot: «Em Aragão, Navarra e Byscaia o pae não succede ao filho que tenha irmãos, cousa inteiramente distincta do que succede em Castella, onde o

pae succede sempre ao filho. N'estas tres provincias, quando morre o filho ab intestato sem deixar descendencia, os bens passam aos ascendentes pelo principio de *troncalidad* que é alli a regra geral, e que só é excepção nas provincias castelhanas, como o é tambem no principado catalão em que só se admite na successão dos impubres».

O illustre jurisconsulto catalanista passa ao exame das constituições e dissolução da *sociedade conjugal*: «Não fallarei do matrio-poder, tão distante nas differentes legislações foraes; nem tão pouco nas differentes condições que regulam a constituição de dotes nas differentes familias foraes; nem chamarei a attenção sobre a diversidade que existe no *escreix* catalão junto com o de Aragão e Navarra, comparado com as *arras* de Castella. — Os *herdamentos* são uma especialidade de Catalunha e Navarra, são uma instituição completamente desconhecida em Castella. Pelos herdamentos, quando se contracta o casamento do primogenito, os paes d'este costumam na Catalunha fazer-lhe doação dos seus bens causa-mortis reservando para si durante sua vida o pleno e inteiro usufructo. Na Catalunha e Navarra costumam os noivos instituir herdeiros preventivamente a um de seus filhos, para o caso que morra sem testar ou sem descendencia; e prevendo os effeitos dos segundos e terceiros matrimonios, outras vezes fazem o que se chama herdamentos prelativos, ordenando assim para o futuro a constituição da familia. Nada d'isto existe em Castella, onde tudo está submettido á acção da lei; na Catalunha e em Navarra tudo deriva da vontade dos cidadãos». Sobre a

administração dos bens do casal, accrescenta Vallés y Ribot: «o character que distingue a legislação aragoneza pelo que respeita a administração dos bens conjugaes é a mutua confiança entre os conjuges; ao passo que em Castella o espirito que impera é o da desconfiança e o receio para com o marido: — de tal sorte que em Castella não podem o marido, nem a mulher, nem ambos, alienar por fórma alguma o dote não avaliado. — Em Castella as doações entre os conjuges estão prohibidas, não póde a mulher ficar por fiadora do marido... Os consortes, no Aragão podem alienar só com o consentimento de outros os bens de raiz; são permittidas as doações entre elles; os consortes no Aragão podem contrahir dividas solidariamente, a mulher póde obrigar-se pelas dividas de seu marido. Só em determinados casos, quando se trata de comprometter o seu *escreix* ou os seus bens dotaes necessita de consentimento dos seus mais proximos parentes. Em Castella a mulher não póde administrar os bens do marido, a não ser que este lhe entregue poderes especialissimos. No Aragão a mulher detem pelo fôro a administração dos bens do marido sempre e quando o marido se impossibilita de administral-os ou quando se ausenta e não deixa especial mandatario para que os administre. Em Castella não póde o marido administrar os bens paraphrenaes da mulher, se esta não o consente expressamente; no Aragão o marido administra tanto os bens dotaes como os paraphrenaes, com ou sem consentimentos da mulher. — O patrio-poder castelhano é o de Roma, o aragonez é o da natureza».

Quanto á dissolução do matrimonio, descreve Vallés y Ribot: «No Aragão, quando o matrimonio se dissolve pela morte de um dos consortes, nem por isso se extingue a communhão que pelo facto de irmandade se constituiu entre os bens dos conjugues, ficando o sobrevivente gosando os bens do casal juntamente com o herdeiro ou herdeiros do fallecido. Em Castella, pela morte de um dos conjuges, procede-se immediatamente a partilhas. . . No Aragão ha o usufructo foral, pleno, universal de que a mulher gosa durante toda a sua vida se conserva o nome do marido, isto é, se não passar a segundas nupcias».

Emquanto á prescripção, acrescenta: «differenças existem entre Castella e Catalunha, como existem tambem entre estas provincias e Aragão, Navarra e Biscaya». — «A nossa emphyteuse é a emphyteuse romana catalanisada, com caracteres completamente differentes da castelhana. Demais, em Castella nenhuma emphyteuse tem entrada, na Catalunha ha em todas ou na maior parte. Na Catalunha ha a especialidade da *cabrevacion*, a qual não existe em Castella: como a esta tambem falta a especialidade da emphyteuse de Barcelona *de horta e vinhedo*. Na Catalunha ha como em Castella, a emphyteuse temporaria, porém o *á primeiras cepas* ou *á rabassa morta*, é uma variedade peculiar e propria d'este principado.

«A emphyteuse existe no Aragão e na Navarra, porém differente da que ha na Catalunha». N'este ponto o illustre juriseconsulto conclue: «A Hespanha é em tudo a nação da variedade. É a nação em que ha o prurido,

porventura mais do que em nenhuma outra, de querer uniformisar tudo, apesar de a historia e a natureza se rebellarem eternamente contra esta uniformidade». Vallés y Ribot recapitula as differenças da legislação civil das provincias de Hespanha: «darei em conclusão, que não só existem differenças essenciaes entre a legislação dos diversos antigos reinos, principados e condados, que constituem a nacionalidade hespanhola, senão que, ainda dentro de cada região, mesmo dentro de cada reino, existem profundas e notaveis differenças. E tanto é assim, que posso notar logo o já citado fôro de *troncalidad* que não sendo regra geral em Castella, não obstante rege varios povos castelhanos. Ha tambem os *giros* da Estremadura, a Commuidade dos pastos e montes em varias comarcas; e na propria Catalunha ha instituições especiaes como no Bispado de Gerona, na provincia de Tarragona e no Valle de Arau, e a cidade de Tortosa tem um Codigo completo, o seu *antigo Livro de los Costumbres*, etc.»¹

Pelo seu lado o eminente economista Firmin Caballero na sua obra sobre a *População rural* de Hespanha, determina pelos processos do trabalho agricola os diversos typos da população peninsular; Navarra e Rioja conservam o typo de primitiva população rural com o sistema beneficiario de *Caserias*; segue-se-lhe as Asturias

¹ *Discurso contra la projetada unificación de las legislaciones civiles de España*, pronunciado por D. José M. Vallés y Ribot en el Congreso catalan de juriconsultos. Barcelona, 1881.

e Galliza com os *foros* e *subforos*, a que correspondem os *empraxamentos* do Minho; Catalunha, Aragão e Balears constituem um terceiro grupo; na Andaluzia ha as *encortijadas* e a accumulção da propriedade; o atrazo da Extremadura reconhece-se pelo systema das *Encomiendas*, e Castella e Leão soffrem ainda a consequencia das devastações usadas na reconquista neogothica.

Diante d'estes factos, devem-se considerar como uma synthese politica estas palavras de D. Antonio Benevides, presidente da Academia de Historia de Madrid, antigo ministro e embaixador, proferidas no senado hespanhol em 17 de junho de 1876: «*Nós não temos nem unidade de raça, nem unidade de territorio, nem unidade de lingua, nem unidade de legislação...*» Tubino nas suas *Recherches d'Anthropologie sociale*, citando essas memoraveis palavras do antigo ministro, embaixador e academico, apresenta em seguida o grande problema historico: «Qual a razão de um tal phenomeno? Porque é que a monarchia e a religião falharam n'esta commum empreza de unificar os povos peninsulares?»¹

Os modernos estudos da Anthropologia mostrando-nos as differenças das raças; as investigações da Ethnologia comprovando a persistencia e sobrevivencia dos costumes; a Mesologia explicando a conservação dos typos sociaes do cantonalismo, e a Historia accentuando o facto positivo das duas correntes da civilização peninsu-

¹ Separata da *Revue d'Anthropologie*, n.º 1, 1877. Paris.

lar, do *unitarismo* politico (sob a acção monarcho-catholica) e do *separatismo* dos pequenos estados (que hoje começa a disciplinar-se na fórma de republica-federal), todas estas contribuições conduzem ao estabelecimento de uma politica scientifica, á qual compete a solução do futuro das instituições dos povos peninsulares.

b) Noções de Federalismo

A *unificação* dos povos faz-se pela força bruta dos reis, que procuram o seu engrandecimento amalgamando com violencia os elementos ethnicos mais incoherentes mas egualados perante a subserviencia á mesma espada; a *federação* das nacionalidades, como aggregados conscientes, faz-se por um contracto de direito baseado na alliança e na boa fé, no mutuo accordo entre a autonomia individual e o interesse geral, contracto que nasce das condições especiaes do territorio, da raça, da tradição e da solidariedade historica mais do que de qualquer ponto de vista theorico. Podemos dizer que *unificação* e *federação* são dois grãos profundamente separados da sociabilidade humana; o primeiro deriva-se de um cego empirismo tentado pela intervenção irracional de uma poderosa individualidade, emquanto o segundo é a obra consciente de uma collectividade que procura nas condições da propria existencia a garantia perpetua da sua independencia. Machiavelli, nos lucidissimos *Ensaios sobre Tito Livio*, formúla em principio politico estes dois grãos por que passam os aggregados nacionaes; diz elle que os povos, como uma multidão desconnexa,

são por si incapazes de entrarem espontaneamente em um accordo para fundarem em instituições as fórmulas da sua existencia social, e que, portanto estão dependentes da acção de uma audaciosa individualidade que lhes imprime essa cohesão; e accrescenta em seguida, que os povos tendo uma vez attingido essa concordancia que é a base immanente da solidariedade nacional, são tambem incapazes de poderem entrar em uma combinação para a destruir. É profundissimo este ponto de vista; encerra os dois grandes factos de organização politica, o que corresponde a um gráo atrazado da sociabilidade, ou da *unificação* pela violencia dos chefes, e aquelle em que os povos podem tomar conta dos seus destinos, porque têm a consciencia do intuito das suas instituições, e procuram dar-lhes a fórmula de um pacto por meio da *federação*. A historia da Europa mostra-nos que no periodo das conquistas do imperio romano soffreu tremendas invasões com o fim de uma unificação, diante da qual as raças do occidente foram amalgamadas com sangue sob a mesma extorsão administrativa; os imperadores queriam estender o seu dominio pela absorpção dos povos. A conquista dos povos italicos levou quatro seculos a conseguir, enquanto o resto do mundo foi conquistado em dois seculos. Como explicar uma tão extraordinaria differença? É porque os povos italicos, como diz Sismondi, estavam mutuamente fortalecidos com *federações*, ao passo que as outras raças ou estavam ainda em atrazados cantonalismos, ou unificadas sob o despotismo de chefes dynasticos. Este facto é eloquentissimo, e repete-se com a federação da Suissa, que desde o seculo XIII

resiste inabalavel a todos os desastres por que as nações da Europa passaram desde a Edade-média até ás infamissimas guerras napoleonicas. O pensamento romano da *unificação* reapareceu com as monarchias germanicas na tradição do Santo Imperio, e Carlos Magno fixando as invasões do norte e do sul da Europa unifica-a sob o seu sceptro transitoriamente, emquanto dura a sua existencia, desmembrando-se essa desnatural unidade em estados independentes que tinham em si as condições organicas de nações. Foi preciso que se quebrasse essa assombrosa unidade do imperio de Carlos Magno para que surgissem as nacionalidades modernas da Europa. O desenvolvimento do poder monarchico á medida que annullou o feudalismo, e portanto a independencia local, levou os reis a apprehenderem sobre as idéas da *unificação* dos estados, em parte pela tradição romana vulgarizada pelos eruditos da Renascença, e em parte pela imitação automatica da acção historica de Carlos Magno: é no seculo xvi que os reis absolutos da Europa foram geralmente desvairados por planos de unificação politica, planos que são conhecidos pelo nome de *Monarchia universal*. Carlos v, Francisco I, Henrique VIII e D. Manoel soffreram d'essa louca ambição da *Monarchia universal*, a que o papa sob a fórmula de unificação catholica não escapára. As guerras do seculo xvi, as intrigas diplomaticas, os casamentos das casas reinantes, foram motivados pelo pensamento da unificação dos estados da Europa sob uma só corôa. As guerras entre a França e a Hespanha, entre a Hespanha e os Paizes-Baixos, as invasões soffridas pela Italia, o casamento de Carlos v

em Portugal, tudo visava a fundar essa unificação soberana complementar da unificação catholica. A Fé e o Imperio era a divisa de uma unidade que destruiu a civilização e a liberdade dos estados peninsulares, e que nos entregou á unificação hespanhola sob Filippe II, perdendo Portugal a existencia autonoma de nacionalidade. A decadencia do poder real, que abdicou da sua soberania politica n'essa entidade nova dos ministros, e de sua soberania militar nos generaes em chefe, é que extinguiu da politica europêa de um modo gradual essa monomania da *Monarchia universal*. No emtanto no principio d'este seculo, Napoleão, pretendendo ser o continuador do pensamento de Cesar e de Carlos Magno, devastou a Europa, querendo estabelecer a unificação de um só imperio; e ainda na ultima metade do seculo XIX, Napoleão III, propagando a doutrina unificadora das *grandes nacionalidades*, queria que os pequenos estados fossem brutalmente incorporados ás potencias de primeira ordem, iniquidade, que como a do tio, foi a fonte das guerras selvagens que mancharão na historia o nosso tempo. N'esta ultima phase da theoria de unificação ou das *grandes nacionalidades*, a independencia de Portugal esteve em jogo, sendo submettido e incorporado á Hespanha, e, para mascarrar o assassinio de uma nação, fazia-se isso dourando o crime com o engrandecimento da dynastia dos Braganças, que ficavam imperadores da Iberia. Chegou a haver cartas, projectos de contractos, tentativas avivadas pela revolução hespanhola de 1868, e se o crime se não consummou, é porque entrára em scena um factor imprevisto, — o partido republicano hes-

panhol. Para que a corôa portugueza se fundisse na hespanhola exigia-se a Prim a extincção do partido republicano. Era um impossivel; e assim como o partido republicano apressou em França a dissolução do imperio, o partido republicano hespanhol obstou á ruina monstruosa da pequena nação portugueza. A democracia salvou-nos. O *iberismo* é uma burla patriótica dos partidos monarchicos, que elles nem mesmo sabem definir; em rigor é a fórma da *unificação monarchica* dos estados peninsulares, que só pôde interessar a uma testa coroada. O pensamento da união de Portugal á Hespanha constituindo uma só nacionalidade, é ao que na politica monarchica peninsular se chama o *iberismo*; tanto o pensamento como a sua designação são irracionaes, não só porque essa pretendida incorporação dos dois paizes não se funda sobre uma unidade primitiva, como tambem o nome de Iberia não corresponde na toponymia da península a uma cohesão de raças e estados, que andaram sempre em lucta entre si até á conquista dos romanos. Como irracional, a idéa da *união iberica* nasceu de pontos de vista subjectivos, sem apoio na realidade dos factos, e facilmente se tornou uma divisa de guerra entre os partidos politicos, quer em Hespanha como ameaça á dynastia dos Bourbons, quer em Portugal como lisonja aos Braganças, destinando-os a realisarem na península o que a casa de Saboya fez na Italia. A *união iberica* nunca se pôde fazer, apesar das conspirações e tentativas diplomaticas, e tornou-se entre os politicos dynasticos um motivo de mutuas accusações de traição á autonomia nacional, que hoje os proprios monarchicos preten-

dem atirar ao partido republicano como meio de despopularisal-o. Tal é a inconsciencia na indignidade. Já em 1861 dizia o embaixador hespanhol Pastor Dias, em um despacho para o seu governo: « Não devo passar em silencio o papel que representa em tudo isto (os conflictos e virulencias dos partidos monarchicos) o pensamento que se chama *união iberica*. Chegou a ser uma especie de espantallo com o que uns sinceramente sonham e se amedrontam. Para os demais é uma accusação de partido que continuamente uns contra outros fulminam. É um thema que cada partido varia accommodado á sua musica e á sua clave ». O desenvolvimento das ideias democraticas na Europa, e a implantação da republica em França, revela-nos que se deslocaram os polos politicos da nossa civilisação: as monarchias vão sendo eliminadas como corpo extranho, e a cohesão nacional como facto consciente toma a fórma de um contracto. A soberania nacional, como fonte de todos os poderes, significa simplesmente que passou o periodo empirico da governação do estado a titulo de privilegio de familia, e entrou n'um periodo racional e voluntario. Dá-se aqui o caso explicado pelo grande politico italiano, e uma vez tornados conscientes os actos da vida social, elles terão de ser voluntariamente coordenados, e a sua coexistencia e independencia é ao que no sentido mais geral e philosophico se chama federação.

« O federalismo destructivo das nacionalidades, torna-se a salvaguarda d'ellas quando se applica á união exterior dos Estados; e é esta a fórma definitiva em que a Europa virá repousar das suas agitações, fazendo succe-

der á divisão, que era o principio da antiga politica, a associação, que é alma da nova. O caracteristico d'este systema de conciliação sendo o deixar á acção interior de cada Estado toda a sua liberdade, destroe por isso mesmo as unicas opposições que elle poderia encontrar » ¹.

II. O Programma da Democracia

O regimen politico das Cartas constitucionaes, fundado no amalgama irracional da soberania do direito divino com a soberania da nação, só podia nascer e sustentar-se pelo sophisma de uma transigencia temporaria entre o *Absolutismo* e a *Revolução*. Foi por esta transigencia que se perverteu a obra gloriosa do fim do seculo XVIII, e que o seculo XIX se esgotou na instabilidade politica, sem ter ainda resolvido praticamente o problema social. Os povos fiaram-se n'esta obra dos ideologos; porém, a pratica de mais de meio seculo descobriu que esse accordo fôra falsificado pelo absolutismo, que, encarregado de executar o pacto, acobertou a dictadura monarchica com o parlamentarismo e com os ministerios de resistencia.

Este regimen das Cartas outorgadas, que mal se admittiria como transição, empregou todos os meios capciosos ou violentos, para conservar-se como definitivo, taes como as intervenções armadas do estrangeiro, conseguindo embaraçar todos os progressos e debilitar a nação pela

¹ Charrière, *Politique de l'Hist.*, tom. II, pag. 334.

ruina economica, pela degradação dos caracteres individuaes, até ao ludibrio da sua autonomia. O absolutismo implicito na Carta outorgada, está desmascarado, e pelo abuso das dictaduras ministeriaes as mais absurdas, é incompativel com a nação; a revolução tem constantemente disciplinado as suas aspirações em opiniões convictas, legitimas e scientificas, como as synthetisa hoje a democracia moderna. Tal é a razão de ser do Partido republicano em Portugal, e da sua solidariedade internacional com a democracia dos povos latinos.

Na expectativa de uma tremenda catastrophe nacional (perda das colonias, consignação dos rendimentos publicos a syndicatos estrangeiros, e consequentemente incorporação de Portugal como provincia da Hespanha), importa que a nação tenha um partido seu, que pugne pela sua dignidade e independencia, tirando da civilização moderna as bases de uma nova reorganização politica. Esta convicção tem sido o estimulo para a formação espontanea do Partido republicano portuguez, que se desenvolve na razão directa do desalento publico e da propagação do moderno saber, trazido na fecunda corrente europêa. Para que esse partido use da força de que dispõe, é preciso que tenha a clara intelligencia da situação que a Nação portugueza atravessa n'este momento, e pela gravidade assustadora da crise consiga o accordo das vontades.

— A situação desenha-se no simples esboço critico dos acontecimentos politicos e dissolução dos partidos monarchicos.

— A unanimidade dos espiritos, essa conseguir-se-ha

pela veracidade scientifica e oportunidade das doutrinas da Democracia, ainda no caso restricto da sua applicação á reorganisação d'esta pequena nacionalidade.

A liberdade, realisada pelas Civilisações historicas, consiste na independencia e coexistencia harmonica do *Individuo* e do *Estado*. Como synthese da Liberdade, o Estado realisa a *isonomia*, ou:

Egualdade perante a Lei (*Responsabilidade dos individuos*).

Egualdade na formação da Lei (*Suffragio universal*).

Egualdade na execução da Lei (*Delegação temporaria revogavel*).

Do pleno cumprimento d'estas funcções garantidas pelo Estado, resulta a *Autonomia* individual, ou a Liberdade em todas as manifestações activas, especulativas e affectivas.

Todas as reformas devem ser simultaneas a estes dous factores sociaes:

ORGANISAÇÃO DOS PODERES DO ESTADO

a) Do Poder Legislativo

1.º *Federação de Municipios* — Legislando em Assembleias provinciaes sobre todos os actos concernentes á Segurança, Economia e Instrucção provincial, dependendo nas relações mutuas da homologação da Assembleia nacional.

2.º *Federação de Provincias* — Legislando em Assembleia nacional, e sancionando sob o ponto de vista do interesse geral as determinações das Assembleias pro-

vincias, e velando pela autonomia e integridade da Nação.

3.º *Constituinte decennial* — Destinada á revisão periodica da Constituição politica, e a reformar a Codificação geral.

b) Do Poder Executivo

O Poder ministerial divide-se em tres grandes ramos :

1.º *A Segurança publica*, comprehende :

Força armada de terra e mar. — Policia civil e fiscal. — Justiça e Penalidade. — Garantias individuaes. — Relações internacionaes.

2.º *A Educação publica*, comprehende :

Instrucção elementar, scientifica e technica. — Relações cultuaes. — Bellas-Artes. — Salubridade. — Assistencia. — Recompensas civicas.

3.º *Economia publica*, comprehende :

Agricultura. — Industria, Commercio e Navegação. — Concessões de obras. — Correios e Telegraphos. — Arrecadações de impostos. — Estatistica e Contabilidade geral.

c) Do Poder Judicial

1.º Juizo de — Conciliação, Preparação, Arbitragem e Revisão.

2.º Juizo Cível — Singular, Collectivo e Especial.

3.º Juizo Criminal, Policial e Administrativo.

FIXAÇÃO DAS GARANTIAS INDIVIDUAES

1.º *Liberdades essenciaes*, — instrumento das garantias politicas e actos civis : (Allemanha, seculo xvi).

Liberdade de consciencia, e egualdade civil e politica para todos os cultos. — Abolição do juramento nos actos civis e politicos. — Registo civil obrigatorio para os nascimentos, casamentos e obitos. — Liberdade de imprensa, de discussão e de ensino. — Ensino elementar obrigatorio, secular e gratuito. — Secularisação dos cemiterios e criação de um Pantheon nacional para as honras civicas. — O professorado dividido em docente e examinante. — Educação progressiva da mulher, exercendo a capacidade politica em correlação com as obrigações civis a que estiver sujeita. — Abolição dos grãos e da frequencia obrigatoria nas disciplinas theoricas e superiores. — Harmónisar e simplificar os Codigos civil, criminal, administrativo, commercial e de processo com o espirito philosophico e resultados scientificos modernos.

2.º *Liberdades politicas*, ou de garantias: (Inglaterra, seculo xvii).

Suffragio universal. — Representação das minorias. — Autonomia municipal; descentralisação e administração civil das provincias ultramarinas. — Livre transitio, inviolabilidade de domicilio e abolição da prisão preventiva, excepto para o assassinio. — Liberdade de associação, de reunião e de representação (excepto para a força armada sob fórmula collectiva). — Liberdade de trabalho e de industria, e abolição dos monopolios quando não estejam subordinados á utilidade publica. — Abolição do corpo diplomatico, e conversão do consular em uma magistratura para as relações de direito internacional. — Autonomia e integridade da nação portugueza. — Extineção dos poderes hereditarios e privilegiados. — Substituição dos

titulos nobiliarchicos feudaes por um systema de recompensas civicas. — Organização militar exclusivamente defensiva. — Poder legislativo de eleição directa. — Poder executivo, de delegação temporaria do legislativo, e especializando a acção presidencial para as relações geraes do Estado. — Lei de incompatibilidades e effectividade da responsabilidade ministerial. — Proibição da accumulacão de funcções publicas. — Taxação do povo pelo povo. — Responsabilidade de todos os funcionarios ou aucto-ridades. — Direito de resistencia aos actos offensivos das leis. — Abolição do recrutamento, e serviço militar obrigatorio. — Exercito reduzido a Eschola e Quadro, e Mili-cia nacional segundo as divisões provinciaes.

3.º *Liberdades civis*, ou objecto da acção individual: (França, seculo xviii).

Extincção das ultimas fórmas senhoriaes da proprie-dade, no sentido de a tornar perfeita, como fóros, laude-mios, luctuosas, por uma lei sobre remissão forçada. — Arroteamento obrigatorio dos terrenos incultos ou a sua expropriação por utilidade publica. — Reforma do regi-men hypothecario como fórma de credito geral territo-rial. — Estabelecimento do regimen de aprendizagem e regulamentação do trabalho de menores. — Desenvolvi-mento das associações cooperativas de consummo, pro-dução, edificação e credito, pelo adiantamento pelo Es-tado de um fundo inicial. — O Estado não concorre com as industrias particulares, e as suas officinas, quando não adjudicaveis a emprezas particulares, serão escholas de artes e officios. — Substituição do systema penitenciario por colonias penaes agricolas. — Tribunaes especiaes de

medicina legal. — Abolição das loterias e de quaesquer jogos de azar, embora com fim caritativo. — Abolição completa de todas as contribuições de serviços pessoaes ou dias de trabalho; — das graças ou perdão de penalidade, mas salvo o direito de reparação ao innocente. — Revisão das pautas, no intuito de facilitar a aquisição de materias primas, e protecção ao trabalho nacional. — Abolição de todos os direitos de consummo cobrados pelo Estado. — Diminuição gradual do imposto de consummo nos generos de primeira necessidade. — Regulação do inquilinato. — Tribunaes arbitraes de classe, para os conflictos entre operarios e patrões; ampliação da competencia dos arbitros. — Reconhecimento e auxilio ás camaras syndicaes, Bolsas de trabalho e todos os meios de incorporação do proletariado na sociedade moderna. — Reconhecimento da divida publica, com o resgate da externa, e regularizando a interna como meio de capitalisação dos pequenos possuidores.

Alguns d'estes principios têm sido ensaiados pelos partidos monarchicos, fragmentariamente ou sophisticadamente, como o registo civil, a representação de minorias, a liberdade de consciencia, etc. Mas dentro de um regimen, em que a suprema magistratura se funda no privilegio pessoal do nascimento, é inevitavel a dissolução dos caracteres e a viciação de todas as instituições.

Compete á imprensa republicana e aos conferentes democraticos desenvolver estes topicos, que naturalmente constituiriam um codigo doutrinario, e que apresentamos como base de um programma destinado a dar conver-

gencia ás vontades para cooperarem na reorganisaçãõ nacional ¹.

Na vida intellectual, moral, economica e politica de uma nação é elemento impercindivel a consideraçãõ da sua grandeza territorial para poder bem coordenar todas as suas forças pela acção governativa. As differenças entre os grandes e os pequenos estados não são unicamente materiaes, mas d'estas se derivam as fórmas intensivas ou extensivas da actividade do organismo nacional. Em um pequeno estado, diz Herbert Spencer, é menor o numero das capacidades, menor o estimulo do meio social para a sua manifestaçãõ, são em menor gráo os productos da originalidade, da invenção e da iniciativa, menos vasta a sua actividade industrial, do que nos grandes estados, não pela inferioridade da raça, não pela decadencia historica, mas simplesmente pela circumstancia numerica, onde a somma extraordinaria dos elementos em acção torna para os grandes estados as probabilidades do progresso manifestações independentes da casualidade. Sob este claro ponto de vista, elevamo-nos a uma comprehensãõ mais justa do genio e da civilisação portugueza, explicando como Portugal tem acompanhado o movimento europeu, quer em litteratura quer em politica, seguindo as correntes historicas sem contudo se poder inferir d'ahi a sua inferioridade. Imitámos a litteratura da época dos trovadores, e imitámos a constitui-

¹ Publicado em 11 de Janeiro de 1891.

ção communal das cidades italianas; imitámos o gosto da Renascença e o absolutismo monarchico fundado na instituição dos exercitos permanentes; obedecemos sob o influxo tardio da Revolução franceza á transacção politica das Cartas Constitucionaes e imitámos a renovação litteraria do Romantismo. Mas esta marcha subalterna não nos desviou de nos expandirmos por iniciativa propria, quando nos destacámos com autonomia da incoherencia dos estados peninsulares, quando fortalecemos o nosso pequeno territorio, ampliando-o pelas descobertas maritimas e pelo desenvolvimento da industria colonial, quando démos á civilisação moderna por ponto de apoio o Atlantico, e por convergencia do sentimento a epopêa historica dos *Lusiadas*, emfim, quando com relação á propria Hespanha iniciámos o movimento de resistencia contra as invasões canibalescas dos exercitos napoleonicos. Se este ponto de vista da situação de pequeno estado, explica toda a nossa historia, como vêmos pelo modo como Portugal affirmou pelas navegações a sua independencia contra a assimilação na unidade hespanhola, esse mesmo ponto de vista é o mais seguro criterio para pôr em bases racionaes a politica portugueza, julgando os seus erros no passado e dando-lhe uma direcção consciente no futuro. O primeiro erro dos nossos politicos tem sido os tratados diplomaticos com uma grande potencia, a Inglaterra, tratados perpetuos, o que bastava para serem lesivos, quando pelas nossas condições de pequeno estado nunca deveriam ter passado de convenções transitorias. O segundo erro, que nos tem levado á dissolução interna, deriva-se do esquecimento completo dos

poderes publicos de que legislam para um pequeno estado, copiando o systema de administração centralista privativo e indispensavel nos grandes estados para estabelecer a cohesão sobre um vastissimo territorio. Se do primeiro erro provém a nossa decadencia como potencia colonial e a ruina das nossas industrias, do segundo deriva-se essa apathia das localidades, a corrupção das fórmas e garantias municipaes e a subserviencia completa á tutela do governo central, que faz tudo desde as eleições até á previsão economica das aposentações.

Os governos desconhecem que dirigem um pequeno estado, e d'aqui derivam-se os grandes absurdos da sua politica, laborando na desgraçada illusão de que regem os destinos de uma grande potencia. Como pequeno estado não podemos sustentar uma familia dynastica, que devora uma boa parte da riqueza publica, quer por meio de lista civil, interpretada á sua conveniencia, quer por saques a descoberto sobre o thesouro, sem nos dar em troca nenhuma vantagem social, antes pelo contrario ludibriando-nos com golpes de estado, com dictaduras ministeriaes, com pactos secretos com o estrangeiro e com a immoralidade domestica. O poder executivo reduzido á fórma presidencial democratica era mais intelligente, mais justo e mais economico. Em um pequeno estado, como notou Tocqueville: «A mediocridade das fortunas equipara aproximativamente as condições; e por isso os costumes apresentam um ár simples e pacifico». Entre nós esta base natural de ordem está perturbada; os bens particulares da casa de Bragança formam um quinto da riqueza territorial fóra dos encargos contributivos, como

um feudo permanente e immobilizado, quando toda a propriedade se tem renovado pela livre transmissibilidade. Os pequenos estados não podem subsistir com a organização feudal da propriedade, e podemos hoje concluir historicamente, que os bens da familia dos Braganças, adquiridos por doações regias, foram a causa immediata do advento d'essa familia á soberania, que rasgando as côrtes de 1641, se lançou na irresponsabilidade do absolutismo. Como pequeno estado, e, como bem notou Tocqueville, incapazes de nos lançarmos em aventuras de guerra e de aspirarmos aos vaporosos sonhos das glorias militares, Portugal não precisa de um exercito permanente, que lhe consomme na esterilidade a maior parte da receita publica, comparada com os outros encargos essenciaes do estado; que lhe impõe uma officialidade parasitica, quando não insubordinada, desviando do trabalho da terra, da industria e da constituição legitima da familia os cidadãos mais vigorosos e saudaveis, que na indolencia da caserna se tornam inconciliaveis com o regresso á vida civil. Bastava-nos que o cidadão fosse o defensor das suas garantias, como proclamava Herculano, que o exercito automatico se convertesse na guarda nacional, começando a gymnastica militar na escola, e conservando-se as armas scientificas, que na condição normal da paz se exerceriam nos trabalhos de engenharia e das grandes plantações florestaes. Como pequeno estado, dispensavamos esse apparatuso e inutil corpo diplomatico, que vive nas capitaes estrangeiras sumptuosamente em palacios, e dando bailes e jantares á custa da nossa pobreza, quando nós vivemos de emprestimos pe-

riodicos nas praças estrangeiras, e gastamos duas terças partes da receita publica em pagar os juro d'essa divida, que é uma fórma da servidão moderna. ✕

Todos os governos reconhecem, no meio dos seus disparatados arbitrios, a docilidade do povo portuguez, dizendo os partidos de opposição — o povo quer albarda, — e dizendo o rei no seu discurso da corôa, que a nação reconhece a necessidade de sacrificios. Isto revela quanto seria facil governar esta nação com juizo, se esse governo não fosse viciado por instituições abusivas. É ainda a nossa condição de pequeno estado que explica, como é que Portugal comparado com qualquer provincia de Hespanha de maior extensão, apresenta uma população mais densa, e uma maior producção da propriedade, mais riqueza, mais liberdade e uma incomparavel doçura de costumes e facilidade de relações sociaes. Se essas provincias de Hespanha hoje unificadas sob uma violenta centralisação monarchica tivessem conservado os seus fóros do tempo em que eram estados livres peninsulares, a sua propriedade e liberdade não teriam sido atrophiadas por violencias de um poder pessoal, porque formavam naturalmente a liga defensiva da federação.

De todos esses estados livres da peninsula da Edade-média é Portugal o unico que ainda conserva a sua primitiva autonomia; se a Federação d'esses estados se tivesse firmado, Portugal teria sido mais forte e a Hespanha não entraria desde o seculo XVI na sua longa decadencia. Apesar do nosso forçado isolamento contra as absorpções monarchicas da parte da Hespanha, que nos

precipitaram em um mal maior, o entregarmo-nos incondicionalmente á alliança da Inglaterra, e apesar do systema irracional dos nossos governantes, no meio da sua decadencia, do seu esgotamento, da sua apathia a situação de Portugal é mais prospera do que a situação de qualquer provincia de Hespanha. Podemos confirmar com o nosso exemplo o dito de Tocqueville: «As pequenas nações foram em todos os tempos o berço da liberdade politica». Para a peninsula hispanica nós conservamos a tradição do estado livre, o typo nacional autonomo como o elemento puro da confederação futura. É porém esta condição de pequeno estado, que nos faz sentir mais intensamente a conservação irracional de instituições criminosas, que nos desaggregam pelo seu centralismo, e que nos vendem ao estrangeiro pelo systema financeiro dos emprestimos. A nossa situação decadente justifica ainda as palavras de Tocqueville: «Quando a tyrannia se estabelece em uma pequena nação torna-se aí mais insupportavel do que em outra qualquer parte, porque se exerce em um circulo mais estreito, e abrange tudo. Não tendo um grande objecto em que se occupe, occupa-se n'uma multidão de pequenas cousas; mostra-se simultaneamente violenta e arreliadora. Do mundo politico, que é propriamente fallando o seu dominio, penetra na vida privada». Chegamos a esta situação pela via da centralisação administrativa. Consola-nos porém, diante do mal-estar profundo da sociedade portugueza nas suas relações com os governos monarchicos, a verdade formulada por Tocqueville sobre os pequenos estados; é-lhes mais facil o entenderem-se e unirem-se, porque como

diz o illustre publicista: «a liberdade fórma a condição natural das pequenas sociedades».

Quando se considera, que na marcha da politica europêa para uma perfeita constituição scientifica, os grandes estados têm de ser naturalmente divididos, Portugal é sempre apontado como o definitivo modêlo em quanto á extensão do territorio. Assim o indicou Augusto Comte, e n'esta tendencia reorganisadora e progressiva está implicito o auspicioso futuro d'esta nacionalidade.

CONCLUSÃO

Ao caracterisar o movimento de dissidencia de uma geração que se manifestára educada já *fóra do catholicismo e do romantismo*, Eça de Queiroz na biographia do auctor das Farpas fez o balanço dos seus trabalhos ao fim de doze annos, e pergunta concluindo:

«Onde estão os livros? *Esta geração tem o aspecto de ter falhado*».

Effectivamente, renovando a mesma pergunta passados vinte e sete annos comprehende-se melhor o phenomeno de uma geração que *falhou*, não correspondendo ás esperanças com que entrára galhardamente no conflicto da vida. «*Reclamava-se da revolução e para a revolução*», como diz Eça de Queiroz; ahi está implicita a causa da sua inanidade. De facto, a emancipação do catholicismo dava essa geração como derivada do grande

movimento de dissolução do poder espiritual, que tinha de ser reorganizado e substituído por uma synthese racional. A sua missão activa seria avançar da aspiração revolucionaria convertendo esses impulsos emocionaes em opiniões. Não o comprehendeu assim, por falta de uma philosophia, conservando-se no sonho illusorio de considerar a revolução como o destino definitivo da humanidade. Foi victima d'essa falsa ideia, esgotando-se na anarchia moral, como vêmos pela dispersão jornalística que absorveu todos os talentos, e na degenerescencia politica operada por uma selecção artificial entre os caracteres mais aptos para collaborarem nos sophismas e simulações liberaes de um regimen transitorio que, á custa da decadencia nacional, se prolonga além do seu momento historico.

FIM

INDICE

LIVRO II

Dissolução do Ultra-Romantismo

(Continuação)

	Pag.
Cap. II — <i>João de Deus</i> e a renovação do moderno lyrismo.	5
Cap. III — <i>Anthero de Quental</i> (Periodo de protesto da Eschola de Coimbra).....	96

LIVRO III

Programma dos trabalhos para a Geração moderna

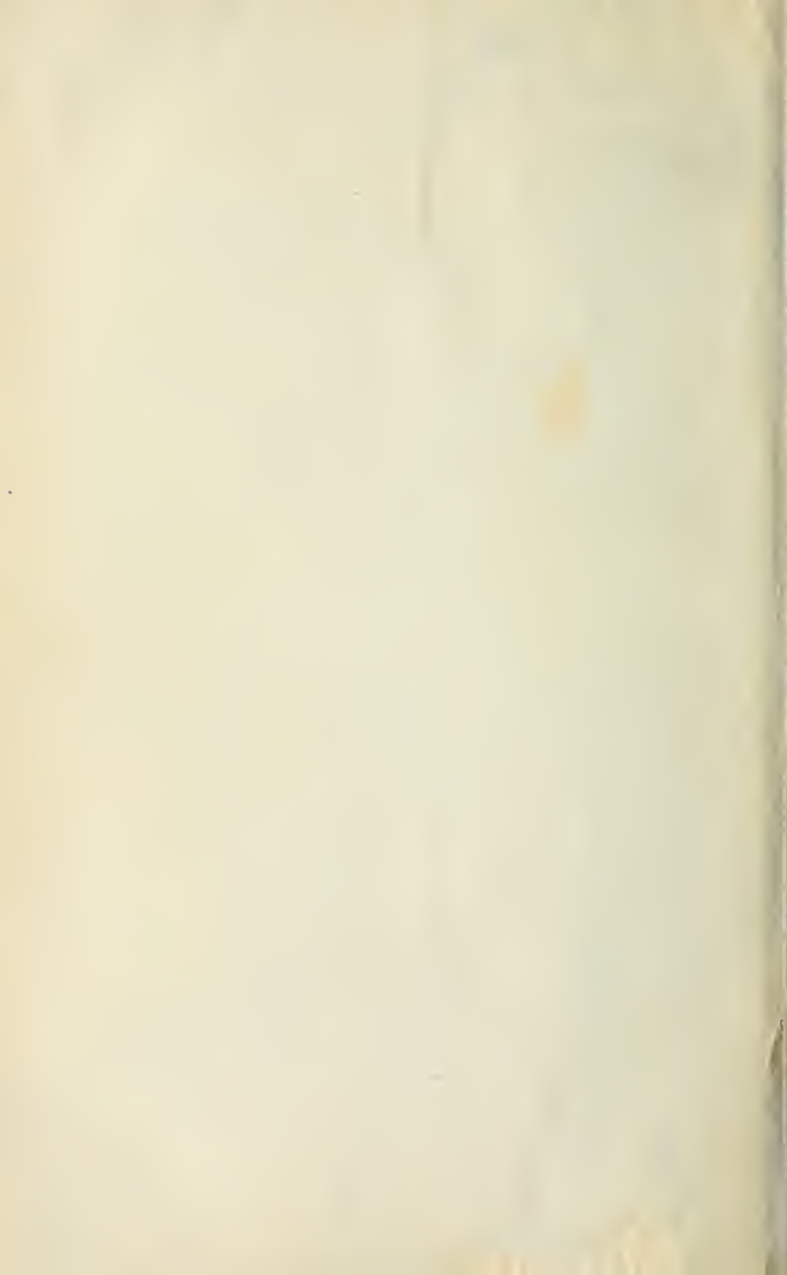
(Periodo de disciplina da Eschola de Coimbra)

Cap. I — <i>Renovação esthetica</i>	225
1.º — A Synthese poetica do seculo XIX: A Epopêa da Humanidade.....	228
2.º — <i>Eça de Queiroz</i> e o Romance realista...	293

	Pag.
Cap. II — <i>Renovação scientifica</i>	323
1.º — Estudos sobre as Tradições populares portuguezas. — Historia da Litteratura portugueza.....	326
2.º — <i>Oliveira Martins</i> , e os estudos sobre a Historia da Civilisação iberica, e de Portugal.....	346
Cap. III — <i>Renovação philosophica e politica</i>	391
1.º — Integração dos systemas philosophicos...	394
A) Deducção historica da Synthese objectiva.....	401
B) Preponderancia final da Synthese subjectiva.....	408
2.º — Applicações á disciplina affectiva, especulativa e activa.....	413
A) O Centenario de Camões e a sua influencia — Bases de reforma da instrucção publica.....	416
B) O Congresso das Associações portuguezas — A instrucção popular superior.....	436
3.º — As doutrinas politicas.....	463
A) Condições ethnicas e historicas do Federalismo peninsular.....	469
a) As duas correntes de unificação e desmembração politica.....	471
b) Noções de Federalismo.....	491
B) O Programma da Democracia.....	497
Conclusão.....	511

AVISO DOS EDITORES

O estudo do snr. Teixeira Bastos *Theophilo Braga e a sua Obra*, que devia acompanhar este livro, constitue pelos seus importantes desenvolvimentos criticos e bibliographicos um volume compacto, que fica em publicação como um natural complemento das *Modernas Ideias na Litteratura portugueza* e cuja venda se facultará tambem separadamente.







PQ
9050
B7
1892
v.2

Braga, Theophilo
As modernas ideias na
litteratura portugueza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 13 016 5